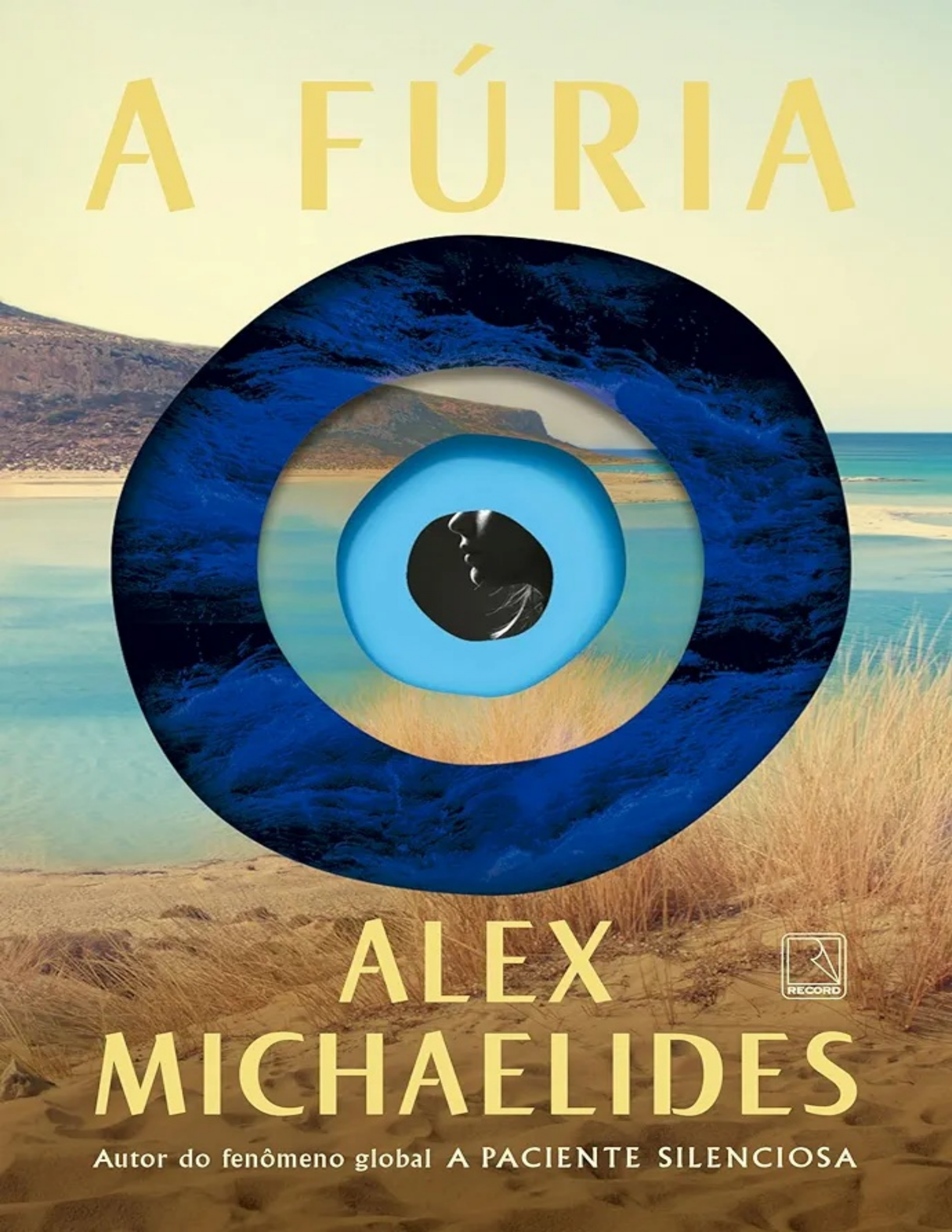
# A FÚRIA



ALEX MICHAELIDES

Autor do fenômeno global A PACIENTE SILENCIOSA

RECORD

# Indice


Folha de rosto
Aviso de direitos autorais
Dedicação
Epígrafe
Prólogo
Ato I
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21

Ato II
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7

- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22

Ato III

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15

Ato IV

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9

- Capítulo 10

Ato V

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7

Epílogo
Agradecimentos
Também por Alex Michaelides
Sobre o autor
Inscrição no boletim informativo
direito autoral

ALEX
MICHAELIDES



# THE FURY



CELADON
BOOKS
NEW YORK

Comece a ler

Índice

Sobre o autor

Página de direitos autorais



O autor e a editora forneceram este e-book apenas para seu uso pessoal. Você não pode disponibilizar este e-book publicamente de forma alguma. **A violação de direitos autorais é contra a lei. Se você acredita que a cópia deste e-book que está lendo viola os direitos autorais do autor, notifique a editora em: us.macmillanusa.com/piracy .**

*para Uma*

*ἦθος ἀνθρώπῳ δαίμων*
Caráter é destino.
—HERÁCLEITO

# Prólogo

Nunca abra um livro com o tempo.

Quem foi que disse isso? Não consigo me lembrar — algum escritor famoso, imagino.

Quem quer que fosse, eles estavam certos. O tempo é chato. Ninguém quer ler sobre o clima; particularmente na Inglaterra, onde temos muito disso. As pessoas querem ler sobre *outras pessoas* – e geralmente pulam parágrafos descritivos, na minha experiência.

Evitar o clima é um bom conselho – que agora desconsidero por minha conta e risco. Uma exceção para provar a regra, espero. Não se preocupe, minha história não se passa na Inglaterra, então não estou falando de chuva aqui. Eu traço um limite para a chuva – nenhum livro deveria começar com chuva. Sem exceções.

Estou falando do vento. O vento que gira em torno das ilhas gregas. Vento grego selvagem e imprevisível. Vento que te deixa louco.

O vento estava forte naquela noite – a noite do assassinato. Foi feroz, furioso - colidindo com árvores, avançando por caminhos, assobiando, gemendo, arrebatando todos os outros sons e correndo com eles.

Leo estava do lado de fora quando ouviu os tiros. Ele estava de quatro, nos fundos da casa, passando mal na horta jardim. Ele não estava bêbado, apenas chapado. (Mea culpa, receio. Ele nunca tinha fumado maconha antes; eu provavelmente não deveria ter dado nenhuma a ele.) Depois de uma experiência inicial semi-extática – aparentemente envolvendo uma visão sobrenatural – ele sentiu náuseas e começou a vomitar.

Só então, o vento acelerou em sua direção, lançando o som direto para ele: *bang, bang, bang.* Três tiros, em rápida sucessão.

Leo se levantou. Com a maior firmeza que pôde, lutou contra o vendaval, na direção dos tiros — para longe da

casa, ao longo do caminho, através do olival, em direção às ruínas.

E ali, na clareira, esparramado no chão... estava um corpo.

O corpo jazia numa poça cada vez maior de sangue, rodeado pelo semicírculo de colunas de mármore em ruínas que o lançavam parcialmente na sombra. Leo se aproximou cautelosamente, olhando para o rosto. Então ele cambaleou para trás, sua expressão contorcida de horror – abrindo a boca para gritar.

Cheguei naquele momento, junto com os outros, a tempo de ouvir o início do uivo de Leo, antes que o vento arrancasse o som de seus lábios e o acompanhasse, desaparecendo na escuridão.

Todos nós ficamos parados por um segundo, em silêncio. Foi um momento horrível, aterrorizante — como a cena culminante de uma tragédia grega.

Mas a tragédia não terminou aí.

Estava apenas começando.

# ATO I

*Esta é a história mais triste que já ouvi.*

— F ORD M ADOX F ORD, *O Bom Soldado*

# 1

Esta é uma história de assassinato.

Ou talvez isso não seja bem verdade. No fundo, é uma história de amor, não é? O tipo mais triste de história de amor – sobre o fim do amor; A morte do amor.

Então acho que estava certo da primeira vez.

Você pode pensar que conhece essa história. Você provavelmente leu sobre isso na época – os tablóides adoraram, se você se lembra: ILHA DO ASSASSINATO era uma manchete popular. Não é de surpreender, na verdade, já que tinha todos os ingredientes perfeitos para uma sensação na imprensa: uma ex-estrela de cinema reclusa; uma ilha grega particular isolada pelo vento... e, claro, um assassinato.

Muito lixo foi escrito sobre aquela noite. Todos os tipos de teorias selvagens e imprecisas sobre o que pode ou não ter acontecido. Evitei tudo isso. Não tive interesse em ler especulações mal informadas sobre o que poderia ter acontecido na ilha.

Eu sabia o que aconteceu. Eu estava lá.

Quem sou eu? Bem, eu sou o narrador desta história – e também uma personagem dela.

Éramos sete ao todo, presos na ilha.

Um de nós era um assassino.

Mas antes que você comece a apostar em qual de nós fez isso, sinto-me no dever de informar que isso não é um policial. Graças a Agatha Christie, todos nós sabemos como esse tipo de história deve se desenrolar: um crime desconcertante, seguido por uma investigação obstinada, uma solução engenhosa – e então, se você tiver sorte, uma reviravolta na história. Mas esta é uma história verdadeira, não uma obra de ficção. É sobre pessoas reais, em um lugar real. Na verdade, é um *porquê* – um estudo de caráter, um exame de quem somos; e por que fazemos as coisas que fazemos.

O que se segue é minha tentativa sincera e sincera de reconstruir os acontecimentos daquela noite terrível – o assassinato em si e tudo o que levou a ele. Comprometo-me a apresentar-lhe a verdade pura e nua — ou o mais próximo possível dela. Tudo o que fizemos, dissemos e pensamos.

*Mas como?* Eu ouço você perguntar. *Como isso é possível?* Como posso saber *tudo* ? Não apenas todas as ações tomadas, tudo o que foi dito e feito — mas tudo o *que não foi feito, o que não foi dito* , todos os pensamentos privados nas mentes uns dos outros?

Na maior parte do tempo, confio nas conversas que tivemos, antes e depois do assassinato – isto é, aqueles de nós que sobreviveram. Quanto aos mortos, espero que me conceda licença artística relativamente à sua vida interior. Dado que sou dramaturgo de profissão, talvez esteja mais qualificado do que a maioria para esta tarefa específica.

Meu relato também se baseia em minhas anotações — feitas antes e depois do assassinato. Uma palavra de explicação sobre isso. Já há alguns anos que tenho o hábito de manter cadernos. Eu não os chamaria de diários, eles não são tão estruturados assim. Apenas um registro dos meus pensamentos, ideias, sonhos, fragmentos de conversas que ouço, minhas observações do mundo. Os cadernos em si não são nada sofisticados, apenas Moleskines pretos. Tenho o caderno relevante daquele ano aberto agora, ao meu lado – e sem dúvida irei consultá-lo à medida que prosseguirmos.

Enfatizo tudo isso para que, se em algum momento desta narrativa eu o enganar, você entenderá que é por acidente, não de propósito - porque estou desviando desajeitadamente os acontecimentos de minha própria opinião. ponto de vista. Um risco ocupacional, talvez, quando se narra uma história na qual se desempenha um papel menor.

No entanto, farei o meu melhor para não sequestrar a narrativa com muita frequência. Mesmo assim, espero que você me permita fazer algumas digressões aqui e ali. E antes que você me acuse de contar minha história de maneira labiríntica, deixe-me lembrar que esta é uma história verdadeira — e na vida real é assim que nos comunicamos, não é? Estamos em todos os lugares:

saltamos para frente e para trás no tempo; desacelere e expanda alguns momentos; avançar rapidamente através de outros; editando conforme avançamos, minimizando falhas e maximizando recursos. Somos todos narradores não confiáveis de nossas próprias vidas.

É engraçado, sinto que você e eu deveríamos estar sentados juntos em algumas banquetas de bar, agora mesmo, enquanto lhe conto esta história — como dois velhos amigos, bebendo no bar.

*Esta é uma história para qualquer pessoa que já amou* , digo, deslizando uma bebida em sua direção — uma bebida grande, você vai precisar — enquanto se acomoda, e começo.

Peço que não interrompa muito, pelo menos não no início. Haverá muitas oportunidades para debate depois. Por enquanto, peço que você me ouça educadamente - como faria com a longa anedota de um amigo.

É hora de conhecer nosso elenco de suspeitos – em ordem de importância. E portanto, por enquanto, devo permanecer relutantemente fora do palco. Vou pairar nos bastidores, esperando minha deixa.

Comecemos — como deveríamos — pela estrela.

Vamos começar com Lana.

# 2

Lana Farrar era uma estrela de cinema.

Lana era uma grande estrela. Ela se tornou uma estrela quando era muito jovem, na época em que o estrelato ainda significava alguma coisa - antes que qualquer pessoa com conexão à Internet pudesse se tornar uma celebridade.

Sem dúvida, muitos de vocês saberão o nome dela ou já viram seus filmes. Ela fez muitos para mencionar. Se você for como eu, um ou dois deles são muito queridos em seu coração.

Apesar de se aposentar uma década antes de nossa história começar, a fama de Lana perdurou – e sem dúvida, muito depois de eu estar morto e esquecido, como se nunca tivesse existido, Lana Farrar será lembrada; e com razão. Tal como Shakespeare escreveu sobre Cleópatra, ela conquistou o seu “lugar na história”.

Lana foi descoberta aos dezenove anos pelo lendário produtor de Hollywood vencedor do Oscar, Otto Krantz - com quem ela se casou mais tarde. Até sua morte prematura, Otto dedicou sua considerável energia e influência para promover a carreira de Lana – projetando filmes inteiros como vitrines de seus talentos. Mas Lana estava destinada a ser uma estrela, com ou sem Otto.

Não era apenas seu rosto impecável, a beleza pura e luminosa de um anjo de Botticelli — aqueles olhos de um azul infinito — ou a maneira como ela se comportava ou falava; ou seu famoso sorriso. Não, havia alguma *outra* qualidade em Lana – algo intangível, o traço de uma semideusa; algo mítico, mágico - tornou-a infinita e compulsivamente assistível. Na presença de tanta beleza, tudo que você queria era olhar.

Lana fez muitos filmes quando era jovem - e havia, para ser sincero, uma leve sensação de lama sendo jogada na parede, para ver o que grudava. E embora suas comédias românticas fossem um sucesso ou um fracasso, na minha

opinião, e seus thrillers viessem e desaparecessem, o ouro finalmente foi encontrado quando Lana interpretou sua primeira tragédia. Ela foi Ophelia em uma adaptação moderna de *Hamlet* e recebeu sua primeira indicação ao Oscar. A partir daí, o sofrimento tornou-se nobremente a especialidade de Lana. Chame-os de chorosos ou chorosos, Lana se destacou como todas as heroínas românticas condenadas, de Anna Karenina a Joana D'Arc. Ela nunca pegou o cara; ela raramente conseguia sair viva – e nós a amávamos por isso.

Como você pode imaginar, Lana ganhou muito dinheiro para muitas pessoas. Quando ela tinha trinta e cinco anos, durante alguns anos financeiramente catastróficos para a Paramount, os lucros de um de seus maiores sucessos mantiveram o estúdio funcionando. É por isso que houve uma onda considerável de choque na indústria quando Lana anunciou repentinamente sua aposentadoria – no auge de sua fama e beleza, na tenra idade de quarenta anos.

Era um mistério o motivo pelo qual ela decidiu desistir – e estava destinada a continuar assim, pois Lana não ofereceu nenhuma explicação – nem naquele momento, nem nos anos seguintes. Ela nunca falou sobre isso publicamente.

Mas ela me contou — numa noite de inverno em Londres, enquanto bebíamos uísque perto do fogo, vendo flocos de neve passarem pela janela. Ela me contou toda a história e eu contei a ela sobre...

Droga. Lá vou eu de novo – já voltando à narrativa. Parece que, apesar das minhas melhores intenções, não consigo manter me livrar da história de Lana. Talvez eu devesse admitir a derrota — aceitar que estamos inseparavelmente entrelaçados, ela e eu, amarrados como um novelo de barbante emaranhado, impossível de distinguir ou desembaraçar.

Mesmo que isso seja verdade, nossa amizade veio depois. Neste ponto da história, não tínhamos nos conhecido. Naquela época, eu morava com Barbara West em Londres. E Lana, claro, estava em Los Angeles.

Lana era californiana, nascida e criada. Ela morou lá, trabalhou lá, fez a maioria de seus filmes lá. No entanto,

depois que Otto morreu e ela se aposentou, Lana decidiu deixar Los Angeles para começar de novo.

Mas para onde ir?

Tennessee Williams disse a famosa frase que não há para onde ir quando você se aposenta do cinema – a menos que vá à lua.

Mas Lana não foi à lua. Ela foi para a Inglaterra, em vez disso.

Ela se mudou para Londres com seu filho, Leo. Ela comprou para eles uma casa enorme em Mayfair, de seis andares. Ela não pretendia ficar por muito tempo — certamente não para sempre; foi uma experiência temporária em um novo estilo de vida enquanto Lana decidia o que fazer com o resto de sua vida.

O problema era que, sem sua carreira exaustiva para defini-la, Lana teve a desconfortável percepção de que não sabia quem ela era — nem o que queria fazer consigo mesma. Ela se sentiu perdida, ela me disse.

É difícil para aqueles de nós que se lembram dos filmes de Lana Farrar imaginá-la “perdida”. Na tela, ela sofreu muito, mas o fez com estoicismo, coragem interior e coragem tremenda. Ela enfrentaria seu destino sem vacilar e cairia lutando. Ela era tudo que você deseja em um herói.

Na vida real, Lana não poderia ser mais diferente de sua personagem na tela. Depois de conhecê-la intimamente, você começou a vislumbrar outra pessoa escondida atrás da fachada: um eu mais frágil e complicado. Alguém que estava muito menos seguro de si. A maioria das pessoas nunca encontrou essa outra pessoa. Mas à medida que esta história se desenrola, devemos ficar atentos a ela, você e eu. Pois ela guarda todos os seus segredos.

Essa discrepância, na falta de uma palavra melhor, entre o eu público e o privado de Lana foi algo contra o qual lutei ao longo dos anos. Eu sei que Lana também lutou contra isso. Principalmente quando ela deixou Hollywood e se mudou para Londres.

Felizmente ela não teve que lutar muito antes que o destino interviesse e Lana se apaixonasse – por um inglês; um empresário bonito e um pouco mais jovem chamado Jason Miller.

Se esta paixão foi, de facto, destino, ou apenas uma distracção conveniente – uma forma de Lana adiar, talvez indefinidamente, todos aqueles complicados dilemas existenciais sobre si própria e o seu futuro – é uma questão em aberto. Na minha cabeça, pelo menos.

De qualquer forma, Lana e Jason eram casados; e Londres tornou-se o lar permanente de Lana.

Lana gostava de Londres. Suspeito que ela tenha gostado em grande parte por causa da reserva inglesa – as pessoas de lá tendiam a deixá-la em paz. Não faz parte do caráter nacional inglês abordar ex-estrelas de cinema nas ruas, exigindo selfies e autógrafos, por mais famosos que sejam. Então, na maior parte do tempo, Lana conseguia andar pela cidade sem ser perturbada.

Ela caminhou muito. Lana gostava de caminhar – quando o tempo permitia.

Ah, o clima. Como qualquer pessoa que passa algum tempo na Grã-Bretanha, Lana desenvolveu uma preocupação nada saudável com o clima. Com o passar dos anos, isso se tornou uma fonte constante de frustração para ela. Ela gostava de Londres, mas, depois de quase dez anos morando lá, a cidade e seu clima haviam se tornado sinônimos para ela. mente. Eles estavam inextricavelmente ligados: Londres era igual *a chuva* , era igual *a chuva* , era igual *a cinza.*

Este ano foi particularmente sombrio. Era quase Páscoa e, até agora, nem um sinal de primavera havia se materializado. Atualmente, estava ameaçando chover.

Lana olhou para o céu escurecido enquanto vagava pelo Soho.

Com certeza, ela sentiu uma mancha de chuva no rosto – e outra na mão. *Droga.* Era melhor ela voltar agora, antes que piorasse.

Lana começou a refazer seus passos — e seus pensamentos. Ela voltou ao problema espinhoso sobre o qual estava refletindo. Algo a incomodava, mas ela não sabia o que era. Ela estava se sentindo ansiosa há vários dias. Ela se sentia inquieta, inquieta, como se estivesse sendo perseguida por alguma coisa e tentando escapar -

mantendo a cabeça baixa nas ruas estreitas, evitando o que a perseguia. Mas o que foi?

*Pense* , ela disse a si mesma. *Resolva isso.*

Enquanto caminhava, Lana fez um inventário de sua vida — procurando por quaisquer insatisfações ou preocupações evidentes. Foi o casamento dela? Improvável. Jason estava estressado com o trabalho, mas isso não era novidade – o relacionamento deles estava indo bem no momento. O problema não estava lá. Então onde? O filho dela? Leão? Foi a conversa deles outro dia? Foi apenas uma conversa amigável sobre o futuro dele, não foi?

Ou foi muito mais complicado?

Outra mancha de chuva a distraiu. Lana olhou ressentida para as nuvens. Não admira que ela não conseguisse pensar direito. Se ao menos ela pudesse ver o céu... ver o *sol* .

Enquanto voltava para casa, sua mente brincou com a ideia de escapar do clima. Aqui, pelo menos, algo poderia ser feito.

Que tal uma mudança de cenário? Era Páscoa no próximo fim de semana. E se eles fizessem uma viagem de última hora – em busca de sol?

Por que não ir à Grécia por alguns dias? Para a ilha?

Por que não, de fato? Isso faria bem a eles — Jason, Leo e Lana em particular. Ela poderia convidar Kate e Elliot também, pensou.

*Sim, isso seria divertido.* Lana sorriu. A promessa da luz do sol e do céu azul instantaneamente iluminou seu humor.

Ela tirou o telefone do bolso.

Ela ligaria para Kate imediatamente.

# 3

Kate estava no meio de um ensaio.

Ela deveria estrear em pouco mais de uma semana, no Old Vic – em uma nova e altamente aguardada produção de *Agamenon* , a tragédia de Ésquilo. Kate estava interpretando Clitemnestra.

Esta foi a primeira apresentação da peça no teatro real e não estava indo bem. Kate ainda estava lutando com sua performance – mais especificamente, com suas falas; o que, nesta fase final do jogo, não era um bom sinal.

“Pelo amor de Deus, Kate”, gritou o diretor, Gordon, da plateia, com seu estrondoso sotaque de Glasgow. “Abrimos em dez dias! Você não pode, pelo amor de Deus, sentar com a porra do livro e aprender as falas?

Kate estava igualmente exasperada. “Eu conheço as falas, Gordon. Esse não é o problema.”

“Então o que é? Por favor, me ilumine, amor. Mas Gordon estava sendo muito sarcástico e não esperava por uma resposta. “Continue”, ele gritou.

Cá entre nós — entre nous, como Barbara West costumava dizer — não culpo Gordon por perder a paciência.

Veja bem, apesar do imenso talento de Kate - e ela era extremamente talentosa, não nos enganemos sobre isso - ela também era caótica; bagunçado; temperamental; geralmente atrasado; muitas vezes beligerante; nem sempre sóbrio; bem como, é claro, brilhante, carismático, engraçado - e possuindo um instinto infalível para a verdade, tanto dentro quanto fora do palco. Tudo isso combinado significava — como o pobre Gordon descobrira — que ela era um maldito pesadelo para se trabalhar.

Ah... mas isso não é justo, não é? Escorregar meu julgamento sobre Kate dessa maneira — fora do radar, por assim dizer — como se você não fosse notar. Sou astuto, não sou? Jurei ser objetivo, na medida do possível, e deixar

que você decida por si mesmo. Então, devo honrar esse voto. De agora em diante, tentarei manter minhas opiniões para mim mesmo.

Vou me ater aos fatos:

Kate Crosby foi uma atriz de teatro britânica. Ela cresceu em Londres, numa família da classe trabalhadora, ao sul do rio; embora qualquer vestígio de sotaque já tivesse sido apagado por anos de escola de teatro e treinamento de voz. Kate falava com o que costumava ser conhecido como sotaque da BBC – bastante refinado e difícil de identificar – mas, é preciso dizer, seu vocabulário permaneceu tão terreno como sempre. Ela foi deliberadamente provocativa, com um toque de "fim do cais" – como disse Barbara West. *Indecente* é a palavra que eu usaria.

Havia uma história famosa sobre como Kate conheceu o rei Charles, quando ele ainda era príncipe de Gales, em um almoço beneficente que ele estava organizando. Kate perguntou a Charles a que distância ficavam os banheiros - acrescentando que ela estava tão desesperada, senhor, que se fosse necessário, ela mijaria na pia. Charles caiu na gargalhada, aparentemente; totalmente encantado. A eventual dama de Kate foi, sem dúvida, assegurada naquele momento.

Kate estava com quase quarenta anos quando nossa história começa. Ou possivelmente mais velho – é difícil saber exatamente. Como muitos atores, a data precisa de seu nascimento era uma festa móvel. Ela não parecia ter a idade dela, de qualquer maneira. Ela era adorável de se ver, tão morena quanto Lana era loira – olhos escuros, cabelos escuros. À sua maneira, Kate era tão atraente quanto sua amiga americana. Ao contrário de Lana, ela usava muita maquiagem; uso pesado de delineador e várias camadas de rímel preto grosso acentuando seus olhos grandes. O rímel nunca saiu, que eu saiba; Acho que ela apenas adicionou uma ou duas camadas diariamente.

Todo o visual de Kate era mais "atriz" do que o de Lana – muitas joias, correntes, pulseiras, cachecóis, botas, casacos grandes. É como se ela estivesse fazendo tudo o que podia para ser notada. Enquanto Lana, que em muitos aspectos era verdadeiramente extraordinária, sempre se vestia da

maneira mais simples possível – como se chamar atenção indevida para si mesma fosse de mau gosto, de alguma forma.

Kate era uma pessoa dramática; maior que a vida, com uma energia inquieta. Ela bebia e fumava constantemente. Neste e em todos os outros aspectos, suponho, Lana e Kate devem ser consideradas opostas. A amizade deles sempre foi um mistério para mim, admito. Eles pareciam ter tão pouco em comum, mas eram melhores amigos - e já o eram há muito tempo.

Na verdade, de todas as várias histórias de amor entrelaçadas nesta história, o relacionamento de Lana e Kate foi o mais antigo, o mais duradouro - e talvez o mais triste de todos.

Como é que duas pessoas tão diferentes se tornaram amigas?

Suspeito que *a juventude* teve muito a ver com isso. Os amigos que fazemos quando jovens raramente são o tipo de pessoa que procuramos mais tarde na vida. O tempo que os conhecemos confere-lhes uma espécie de nostalgia aos nossos olhos, por assim dizer; uma indulgência; um "passe livre" em nossas vidas.

Kate e Lana se conheceram há trinta anos – em um set de filmagem. Um filme independente sendo rodado em Londres: uma adaptação de *The Awkward Age* , de Henry James. Vanessa Redgrave estava fazendo o papel principal, Sra. Brook; e Lana era sua filha, a ingênua Nanda Brookenham. Kate teve o papel coadjuvante cômico da prima italiana Aggie. Kate fez Lana rir tanto fora quanto dentro das câmeras e, durante as filmagens de verão, as duas jovens se tornaram amigas. Kate apresentou Lana à vida noturna de Londres e logo elas saíam todas as noites, passando por momentos difíceis - aparecendo de ressaca no set; às vezes, sem dúvida, conhecendo Kate, ainda bêbada.

É como se apaixonar, não é, quando você faz um novo amigo? E Kate foi a primeira amiga íntima de Lana. Seu primeiro aliado na vida.

Onde eu estava? Perdoe-me, está se mostrando uma coisa bastante complicada de se manter, uma narrativa linear. Devo me esforçar para dominá-lo, ou nunca chegaremos à ilha — muito menos ao assassinato.

O ensaio da Kate, é isso.

Bem, ele lutava fracamente e ela continuava tropeçando em seus discursos. Mas não porque ela não conhecesse as falas. Ela conhecia as falas. Ela simplesmente não se sentia confortável no papel – ela se sentia perdida.

Clitemnestra é uma personagem icônica. A femme fatale original. Ela matou o marido e a amante dele. Um monstro – ou uma vítima, dependendo de como você olha para isso. Que presente para um ator. Algo em que cravar os dentes. Você pensaria assim, de qualquer maneira. Mas o desempenho de Kate permaneceu incruento. Ela parecia incapaz de invocar o fogo grego necessário em sua barriga. De alguma forma, ela precisava penetrar na pele, no coração e na mente do personagem; descobrir uma pequena fenda de conexão que lhe permitiria habitá-la. Atuar, para Kate, foi um processo mágico e turvo. Mas agora não havia mágica, apenas lama.

Eles cambalearam até o fim. Kate fez cara de corajosa, mas se sentiu péssima. Graças a Deus ela tinha alguns dias de folga agora, para a Páscoa, antes dos ensaios técnicos e gerais. Alguns dias para se reagrupar, repensar – e orar.

Gordon anunciou no final do ensaio que queria que todos tivessem as palavras perfeitas depois da Páscoa. “Ou não serei responsável por minhas ações. Está claro?" Ele dirigiu isso a todo o elenco, mas todos sabiam que ele se referia a Kate.

Kate deu-lhe um grande sorriso e um beijo fingido na bochecha. “Gordon, amor. Não se preocupe, está tudo sob controle. *Promessa* ."

Gordon revirou os olhos, não convencido.

Kate foi aos bastidores pegar suas coisas. Ela ainda estava se mudando para o camarim da estrela, e estava uma bagunça: malas meio desfeitas, maquiagem e roupas por toda parte.

A primeira coisa que Kate fazia em qualquer camarim era acender a vela de jasmim que ela sempre comprava, para dar sorte e para banir aquele cheiro abafado de ar viciado, madeira velha, carpete, tijolo exposto úmido nos

bastidores - sem falar nos cigarros furtivos que ela usava. sopra pela janela.

Depois de reacender a vela, Kate remexeu na bolsa e tirou um frasco de comprimidos. Ela apertou um Xanax em sua mão. Ela não queria a pílula inteira, só um pouquinho, uma *mordidinha* — para aliviar sua ansiedade. Ela quebrou ao meio e depois mordeu uma moeda. Ela deixou o fragmento da pílula amarga se dissolver em sua língua. Ela gostou bastante do sabor químico áspero disso; ela imaginou que o gosto desagradável significava que estava funcionando.

Kate olhou pela janela. Estava a chover. Não parecia pesado – poderia melhorar em breve. Ela iria dar um passeio ao longo do rio. Uma caminhada seria boa. Ela precisava clarear a cabeça. Ela tinha tanta coisa em mente; ela se sentia bastante tonta com tudo isso... Tanta coisa pela frente — tanta coisa para pensar, para se preocupar — mas ela não suportava encarar isso agora.

Talvez uma bebida ajudasse. Ela abriu a pequena geladeira embaixo da penteadeira e tirou uma garrafa de vinho branco.

Ela serviu-se de um copo e sentou-se na penteadeira. E ela acendeu um cigarro, estritamente contra as regras do teatro, punível com a morte, mas foda-se — do jeito que as coisas estavam, essa era a última vez que ela atuaria naquele teatro; ou qualquer outro, vamos lá.

Ela lançou um olhar de ódio para o roteiro. Ele olhou para ela da penteadeira. Ela estendeu a mão e virou-o para baixo. *Que desastre.* O que a fez pensar *que Agamenon* era uma boa ideia? Ela devia estar chapada quando concordou com isso. Ela se encolheu, visualizando as críticas cruéis. O crítico de teatro *do Times* já a odiava; ela teria um dia de campo destruindo-a. O mesmo aconteceria com aquele bastardo do *Evening Standard* .

Seu telefone tocou – uma distração bem-vinda de seus pensamentos. Ela estendeu a mão e verificou a tela. Foi Lana.

Kate respondeu. "Ei. Você está bem?"

“Eu estarei”, disse Lana. “Eu descobri que o que todos nós precisamos é de um pouco de sol. Você virá?"

"O que?"

“Para a ilha... na Páscoa?” Lana continuou antes que Kate pudesse responder. “Não diga não. Seremos só nós. Você, eu, Jason e Leo. E Agathi, claro... Não tenho certeza se vou perguntar ao Elliot — ele tem me irritado ultimamente. Bem, o que você me diz?

Kate fingiu deliberar. Ela jogou a ponta do cigarro pela janela, na chuva que caía.

“Estou reservando meu voo agora.”

# 4

A ilha de Lana foi um presente. Um presente de amor.

Foi dado a ela por Otto, como presente de casamento. Um presente ridiculamente extravagante, é certo, mas aparentemente era típico de Otto. Segundo todos os relatos, ele era um personagem e tanto.

A ilha ficava na Grécia, na parte sul do Mar Egeu, em um grupo solto de ilhas conhecidas como Cíclades. As famosas das quais você já ouviu falar – Mykonos e Santorini – mas a maioria das ilhas é desabitada; e inabitável. Alguns são de propriedade privada, como o que Otto comprou para Lana.

A ilha não custou tanto quanto você imagina. Além dos sonhos mais loucos da maioria das pessoas comuns, é claro, mas, considerado em seu próprio contexto – no que diz respeito às ilhas – não era tão caro para comprar ou manter.

Para começar, era minúsculo – uns duzentos acres de tamanho – apenas uma rocha. E considerando que seus novos proprietários eram um produtor de cinema de Hollywood e sua musa, Otto e Lana administravam uma família bastante humilde. Eles contrataram apenas um funcionário em tempo integral – um zelador – o que já era uma história; uma anedota que Otto adorava contar, deliciando-se, como fazia, com as idiossincrasias dos gregos. Ele ficou totalmente cativado por eles. E aqui, longe da Grécia continental, é preciso dizer, os ilhéus podiam ser bastante excêntricos.

A ilha habitada mais próxima era Mykonos – a vinte minutos de barco. Então, naturalmente, foi para lá que Otto foi em busca de um zelador para a ilha de Lana. Mas encontrar um foi mais difícil do que o esperado. Parecia que ninguém estava preparado para viver na ilha, nem mesmo pelo generoso salário oferecido.

Não era só porque o zelador teria que suportar uma vida isolada e solitária. Havia também um mito – uma história

de fantasma local – de que a ilha era assombrada desde a época romana. Foi considerado azar pisar na ilha, quanto mais morar lá. Muitos supersticiosos, esses habitantes de Mykon.

No final, só houve um voluntário para o trabalho: Nikos, um jovem pescador.

Nikos tinha cerca de vinte e cinco anos e viúvo recentemente. Ele estava silencioso e sombrio. Lana me disse que achava que ele estava gravemente deprimido. Tudo o que ele queria, disse a Otto, era ficar sozinho.

Nikos mal era alfabetizado e falava apenas um inglês ruim, mas ele e Otto conseguiam se fazer entender, muitas vezes empregando gestos elaborados com as mãos. Nenhum contrato foi feito, apenas um aperto de mão.

E, a partir daí, durante todo o ano, Nikos viveu sozinho na ilha. Zelador da propriedade — e jardineiro não oficial. Não havia muito jardim, inicialmente. Ele morou lá por alguns anos antes de começar a cultivar vegetais – mas quando o fez, teve sucesso imediato.

No ano seguinte, Otto, inspirado pelos esforços de Nikos, providenciou a importação de um pequeno pomar de Atenas - pendurado em cordas, suspenso em helicópteros - macieiras, pereiras, pessegueiros e cerejeiras, todas plantadas num jardim murado. Eles também prosperaram. Tudo parecia florescer nesta ilha de amor.

Parece uma felicidade, não é? Idílico, eu sei. Mesmo agora, é tão tentador romantizar isso. Ninguém quer a realidade; todos nós queremos uma fada história – e era assim que a história de Lana parecia para o mundo exterior. Uma vida encantada e mágica. Mas se há uma coisa que aprendi é que as coisas raramente são o que parecem.

Uma noite, anos depois, Lana me contou a verdade sobre ela e Otto; como o casamento de conto de fadas deles não era tudo o que diziam ser. Talvez seja inevitável; junto com a personalidade grandiosa de Otto, sua generosidade, impulso incansável e ambição vieram outras qualidades menos atraentes. Ele era muito mais velho que Lana, para começar, e tinha uma atitude paternal e até patriarcal em relação a ela. Ele controlava as ações dela, ditava o que ela comia e o que vestia, criticava incansavelmente qualquer

escolha que ela pudesse fazer, minava-a, intimidava-a — e, quando bêbada, abusava emocionalmente e até fisicamente.

Não posso deixar de suspeitar que, se eles tivessem ficado juntos por mais tempo, Lana acabaria se rebelando, à medida que envelhecia e se tornava mais independente. Certamente, um dia, ela o teria deixado?

Nunca saberemos. Apenas alguns anos depois de casados, Otto teve um ataque cardíaco fatal em uma primavera - no aeroporto LAX, entre todos os lugares. Ele estava indo encontrar Lana na ilha, para descansar, por ordem do médico. Infelizmente ele nunca chegou ao seu destino.

Após a morte de Otto, Lana ficou longe da ilha por vários anos. As memórias e associações eram muito perturbadoras para ela. Mas, com o passar do tempo, ela conseguiu se lembrar da ilha e de todos os bons momentos que compartilharam, sem muita dor. Então ela decidiu voltar.

A partir de então, Lana visitava-a pelo menos duas vezes por ano, às vezes com mais frequência. Principalmente depois que ela se mudou para a Inglaterra — e precisou de um refúgio contra o clima.

Antes de prosseguirmos, devo contar-lhe sobre a ruína. Ele desempenha um papel importante em nossa história, como você verá.

A ruína era meu lugar favorito na ilha. Um semicírculo de seis colunas de mármore quebradas e desgastadas em uma clareira, cercadas por Oliveiras. Um local atmosférico; fácil de imbuir com magia. Um local perfeito para contemplação. Muitas vezes eu sentava em uma das pedras, apenas respirava e ouvia o silêncio.

A ruína eram os restos de um antigo complexo de vilas de mais de mil anos atrás. Pertenceu a uma rica família romana. Tudo o que restou foram aquelas colunas quebradas – que, segundo disseram a Lana e Otto, já abrigaram um teatro íntimo, um pequeno auditório, usado para apresentações privadas.

Uma bela história – embora um pouco artificial, na minha opinião. Não pude deixar de suspeitar que foi

inventado por um corretor de imóveis excessivamente zeloso, na esperança de despertar a imaginação de Lana. Se sim, funcionou. Lana ficou instantaneamente cativada: desde então ela sempre chamou a ruína de “o teatro”.

Por um tempo, ela e Otto reviveram essa antiga tradição: encenando esquetes e peças teatrais nas ruínas nas noites de verão, escritas e representadas pela família e seus convidados. Uma prática que foi misericordiosamente abandonada muito antes de eu ir para a ilha. A perspectiva de ter que me entregar a estrelas de cinema visitantes em seus dramas amadores é, francamente, mais do que eu poderia suportar.

Além das ruínas, havia apenas algumas estruturas na ilha – ambas bastante recentes: a casa de um zelador, onde Nikos residia; e a casa principal.

A casa ficava no meio da ilha — um monstro de arenito, com mais de cem anos. Tinha paredes amarelo-claras, telhado de terracota vermelha e persianas de madeira verdes. Otto e Lana acrescentaram, ampliando, reformando as áreas mais degradadas. Construíram uma piscina e uma pousada no jardim; e um cais de pedra na praia mais acessível, onde guardavam a lancha.

É difícil descrever o quão adorável a ilha é – *era* ? Estou lutando um pouco com meus tempos aqui. Não tenho certeza de onde estou: o presente ou o passado? Eu sei onde estaria se tivesse alguma chance. Eu daria tudo para estar de volta lá agora.

Posso imaginar tudo com muita clareza. Se eu fechar os olhos, posso estar lá: no terraço de casa, com uma bebida gelada na mão, olhando aquilo visualizar. A maior parte é bastante plana, então você pode ver um longo caminho: além das oliveiras, até as praias e enseadas e as águas cristalinas azul-turquesa. A água, quando calma, é azul e vítrea, quase translúcida. Mas, como a maioria das coisas na vida, tem mais de uma natureza. Quando o vento sopra, o que acontece com frequência, as ondas e correntes agitadas agitam toda a areia do fundo do mar, tornando a água turva, escura e perigosa.

O vento assola aquela parte do mundo. Acontece o ano todo; não continuamente, porém, ou com a mesma intensidade - mas de vez em quando fica furioso e rasga a

água, destruindo as ilhas. A avó de Agathi costumava chamar o vento Egeu *de to menos* , que significa “a fúria” em inglês.

A propósito, a ilha também tem nome.

A ilha foi chamada de Aura, em homenagem à deusa grega do “ar da manhã” ou da “brisa”. Um nome bonito, que desmentia a ferocidade do vento e da própria deusa.

Aura era uma divindade menor, uma ninfa, uma caçadora, companheira de Ártemis. Ela não gostava muito de homens e os matava por esporte. Quando ela deu à luz dois meninos, ela comeu um deles antes que Artemis rapidamente levasse embora o outro.

Aliás, era assim que os habitantes locais falavam do vento — como monstruoso e devorador. Não admira que tenha entrado nos seus mitos, nas suas histórias; personificado pela Aura.

Tive a sorte de nunca ter experimentado isso pessoalmente – quero dizer, o vento. Visitei a ilha durante vários anos e sempre fui abençoado com um clima excepcionalmente dócil – muitas vezes escapando de um vendaval por um ou dois dias.

Mas não este ano. Este ano, a fúria me alcançou.

# 5

No final das contas, Lana me convidou para ir à ilha, apesar de ter dito a Kate que eu a estava irritando.

A propósito, sou Elliot, caso você não tenha adivinhado.

E Lana só estava brincando quando disse isso. Esse é o tipo de relacionamento que ela e eu tivemos. Brincamos muito. Mantivemo-lo leve, como as bolhas num copo de Bollinger.

Não que me tenham oferecido champanhe, ou mesmo cava, no meu voo para a Grécia. Ao contrário de Lana e sua família, presumivelmente — que viajavam para a ilha da mesma forma que Lana viajava para todos os lugares, em um jato particular. Meros mortais como eu voavam em voos comerciais; ou, na maioria das vezes, hoje em dia, infelizmente, companhias aéreas de baixo custo.

E é aqui, num balcão de check-in claramente prático no Aeroporto de Gatwick, que entro nesta história. Como você sabe, estive esperando impacientemente para me apresentar. Agora, finalmente, podemos nos conhecer adequadamente.

Espero não ser decepcionante como narrador. Gosto de pensar que sou considerada uma companhia decente – bastante divertida; bastante direto e bem-humorado; até mesmo ocasionalmente profundo - isto é, depois de eu ter pago algumas bebidas para você.

Tenho cerca de quarenta anos, um ou dois anos a mais ou a menos. Disseram-me que pareço mais jovem. Isso se deve à minha recusa em crescer, sem dúvida — muito menos envelhecer. Ainda me sinto como uma criança por dentro. Não é todo mundo?

Tenho estatura média, talvez um pouco mais alta. Tenho uma constituição esguia, mas não tão magra como costumava ser. Eu costumava desaparecer se virasse de lado. Isso tinha muito a ver com cigarros, é claro. Agora tenho tudo sob controle, apenas um baseado ou um cigarro

ocasional, mas durante meus vinte e trinta e poucos anos, meu Deus, eu tinha um forte hábito de fumar. Eu costumava viver apenas de fumaça e café. Eu era magro, nervoso, nervoso e ansioso. Que alegria devo ter sentido por estar por perto. Já me acalmei, felizmente.

Essa é a única coisa boa que direi sobre envelhecer. Finalmente estou me acalmando.

Tenho olhos e cabelos escuros, como o meu velho. Aparência mediana, eu diria. Alguns me descreveram como bonito; mas não me considero dessa maneira — a menos que esteja sob boa iluminação.

Barbara West sempre disse que as duas coisas mais importantes na vida são a iluminação e o tempo. Ela estava certa. Se a luz for muito forte, vejo apenas minhas falhas. Odeio meu perfil, por exemplo, e o jeito que meu cabelo fica preso em um ângulo estranho na parte de trás, e meu queixo pequeno. É sempre um choque desagradável quando me vejo no espelho lateral do vestiário de uma loja de departamentos, com meu cabelo feio, nariz grande e sem queixo. Eu não tenho aparência de estrela de cinema, digamos assim. Ao contrário dos outros nesta história.

Eu cresci fora de Londres. Quanto menos se falar sobre minha infância, melhor. Vamos dispensar isso com o mínimo de palavras possível, certo? Que tal três?

*Era escuridão.* Isto resume tudo.

Meu pai era um bruto; minha mãe bebeu. Juntos, eles viviam cercados de sujeira, miséria e feiúra — como duas crianças bêbadas brigando numa sarjeta.

Não se sinta mal por mim; este não é um livro de memórias de miséria. Apenas uma simples declaração de fato. É uma história bastante familiar, eu suspeito. Como todos também muitos filhos, suportei uma educação caracterizada por longos períodos de abandono e negligência, tanto física como emocional. Raramente fui tocado ou brincado comigo, mal segurado por minha mãe – e a única vez que meu pai colocou a mão em mim foi com raiva.

Acho isso mais difícil de perdoar. Não a violência física, você entende, que logo aprendi a aceitar como parte da vida, mas a falta de *toque* — e suas repercussões para mim, mais tarde, como adulto. Como posso colocar isso? Isso me

deixou desacostumado - até com medo? - do toque de outra pessoa. E tornou os relacionamentos íntimos, emocionais ou físicos, extremamente difíceis.

Mal podia esperar para sair de casa. Meus pais eram estranhos para mim; parecia inconcebível que eu fosse parente deles. Eu me senti como um alienígena, um extraterrestre, adotado por uma forma de vida inferior – sem escolha a não ser fugir e encontrar outros da minha própria espécie.

Se isso parece arrogante, me perdoe. É exatamente quando você passa anos abandonado na ilha deserta da infância, preso com pais raivosos, alcoólatras, infinitamente sarcásticos, cheios de desprezo; que nunca o encorajam, que o intimidam e menosprezam, zombam de você por amar o aprendizado ou a arte; que ridicularizam qualquer coisa remotamente sensível, emocional ou intelectual... então você cresce um pouco irritado, um pouco irritadiço e na defensiva.

Você cresce determinado a defender seu direito de ser – o quê, exatamente? *Diferente?* Um *indivíduo* ? Uma *aberração* ?

Caso eu esteja falando com um jovem agora, deixe-me dar-lhe algo em que se agarrar: não se desespere por ser diferente. Por essa mesma diferença, inicialmente tal fonte de vergonha, tão humilhante e dolorosa, um dia se tornará uma medalha de honra e orgulho.

A realidade é que hoje em dia tenho orgulho de ser diferente – graças a Deus sou. E mesmo quando eu era criança e cheio de auto-aversão, senti que havia outro mundo lá fora. Um mundo melhor, onde eu poderia pertencer. Um mundo mais brilhante – além da escuridão, iluminado por holofotes.

Do que estou falando? *O teatro* , claro. Pense naquele momento em que o auditório escurece, a cortina brilha, o público limpa a garganta coletiva, acalmando-se, formigando de antecipação. É mágico, puro e simples; mais viciante do que qualquer droga que já experimentei. Eu sabia desde muito jovem – ao vislumbrá-lo em viagens escolares para ver peças da Royal Shakespeare Company, do National Theatre ou das matinês do West End – que tinha que pertencer a este mundo.

Também entendi, com a mesma clareza, que se quisesse ser aceito por este mundo, se quisesse me encaixar, teria que mudar.

*Quem eu era* simplesmente não era bom o suficiente. Eu tive que me tornar outra pessoa.

Parece absurdo escrever isso agora – até mesmo doloroso – mas eu acreditei naquela época, de todo o coração. Acreditei que tinha que mudar tudo em mim: meu nome, minha aparência, como me comportava, como falava, o que falava, pensava. Para fazer parte deste admirável mundo novo, eu precisava me tornar uma pessoa diferente – uma pessoa melhor.

E eventualmente, um dia, consegui.

Bem, quase... restaram alguns traços do antigo eu; como uma mancha de sangue no chão de madeira – deixando uma marca vermelha pálida, não importa o quanto você esfregue.

A propósito, meu nome completo é Elliot Chase.

Eu me gabo de que meu nome talvez não seja desconhecido para você – se você é um frequentador de teatro? Se você não sabe o nome, talvez já tenha ouvido falar da minha peça — ou visto? *Os Miserabilistas* foram um grande sucesso, em ambos os lados do Atlântico. Ficou um ano e meio na Broadway, ganhando diversos prêmios. Fui até indicado ao Tony, ele diz modestamente.

Nada mal para um dramaturgo iniciante, hein?

É claro que houve os inevitáveis comentários sarcásticos e mal-intencionados e as histórias maliciosas, espalhadas por um número surpreendente de escritores amargos, mais velhos e mais consagrados, invejosos do imediato sucesso crítico e comercial desse jovem; me acusando de todos os tipos de coisas desagradáveis, desde plágio até roubo total.

Suponho que seja compreensível. Sou um alvo fácil. Veja, por muitos anos, até a morte dela, morei com Barbara West, a romancista.

Ao contrário de mim, Barbara dispensa apresentações. Eles provavelmente a ensinaram para você na escola. Os contos estão sempre no currículo; embora, na minha opinião impopular, ela seja superestimada.

Bárbara era muitos anos mais velha que eu quando nos conhecemos e sua saúde estava piorando. Fiquei com ela até o fim.

Eu não a amava, caso você esteja se perguntando. Nosso relacionamento era mais transacional do que romântico. Eu era seu acompanhante; servo; motorista; Facilitador; saco de pancadas. Certa vez, pedi que ela se casasse comigo, mas ela recusou. Ela também não consentiria em uma parceria civil. Então não éramos amantes ou parceiros; nem éramos amigos – pelo menos não no final.

Barbara me deixou a casa dela em testamento, no entanto. Aquela velha mansão apodrecida em Holland Park. Era enorme e horrível, e eu não tinha dinheiro para administrá-lo – então vendi-o e vivi feliz com o dinheiro arrecadado por vários anos.

O que ela não me deixou foram os royalties de qualquer um de seus livros mais vendidos, o que teria me dado segurança financeira para o resto da vida. Em vez disso, ela os dispersou entre várias instituições de caridade e primos de segunda mão na Nova Escócia que ela mal conhecia.

Essa deserdação de Bárbara foi seu último ato de despeito comigo, num relacionamento dominado por pequenas crueldades. Eu não poderia perdoá-la por isso. Foi por isso que escrevi a peça, baseada na nossa vida juntos. Um ato de vingança, você poderia dizer.

Eu não sou cabeça quente. Quando fico com raiva, não fico furioso – sento-me em silêncio, muito imóvel, armado com caneta e papel – e planejo minha vingança com uma precisão gelada. Eu a espetei com aquela peça, expondo nosso relacionamento como uma farsa e Bárbara como a velha tola e vaidosa que ela era.

Cá entre nós, admito, fiquei ainda mais encantado com a fúria indignada que causou entre os fãs devotos de Barbara em todo o mundo do que com seu sucesso comercial.

Bem, talvez isso não seja bem verdade.

Nunca esquecerei aquela noite em que minha peça estreou no West End. Lana estava no meu braço, como minha acompanhante. Por um momento, experimentei como deve ser ser famoso. Câmeras piscando, aplausos estrondosos – e aplausos de pé. Foi a noite de maior

orgulho da minha vida. Muitas vezes me lembro disso hoje em dia e sorrio.

O que parece um bom lugar para terminar esta digressão. Voltemos à nossa narrativa central – de volta a mim e a Kate, e à nossa viagem da chuvosa Londres à ensolarada Grécia.

# 6

Avistei Kate no aeroporto de Gatwick antes que ela me visse. Mesmo a essa hora da manhã, ela estava linda, embora um tanto desgrenhada.

Seu rosto caiu ligeiramente quando ela me notou no balcão de check-in. Ela fingiu não me ver, indo direto para o final da fila. Mas acenei e chamei o nome dela em voz alta — vezes suficientes para que outras pessoas se virassem. Ela não teve escolha a não ser olhar para cima e me reconhecer. Ela fingiu surpresa e fixou um sorriso no rosto.

Kate veio e me encontrou na frente. Seu sorriso não vacilou.

“Elliot, oi. Eu não vi você.

“Não foi? Engraçado, vi você imediatamente. Eu sorri. "Bom dia. Gostaria de esbarrar em você aqui.

“Estamos no mesmo voo?”

"Parece que sim. Podemos sentar juntos e conversar uma boa e velha fofoca.

"Não posso." Kate ergueu o roteiro contra o peito como um escudo. “Eu preciso trabalhar em minhas falas. Eu prometi a Gordon.

“Não se preocupe, vou testar você neles. Podemos trabalhar até lá. Agora, dê-nos o seu passaporte.”

Kate não tinha escolha, nós dois sabíamos disso - se ela se recusasse a sentar comigo, começaria o fim de semana com uma nota ruim. Então o sorriso dela permaneceu firme e ela me entregou seu passaporte. Fizemos o check-in juntos.

Porém, assim que decolamos e o avião emergiu acima das nuvens, ficou óbvio que Kate não tinha intenção de praticar suas falas. Ela enfiou o roteiro na bolsa.

“Você se importa se não o fizermos? Estou com uma terrível dor de cabeça."

"Ressaca?"

"Sempre."

Eu ri. “Eu conheço uma cura para isso. Um pouco de vodca.

Kate balançou a cabeça. “Não posso tomar vodca a esta hora da manhã.”

“Bobagem, isso vai te acordar. Como um soco na cara.”

Ignorando os protestos de Kate, fiz sinal para um comissário de bordo que passava e pedi alguns copos de gelo - gelo sendo a única coisa oferecida de graça neste voo - e embora ele me tenha lançado um olhar engraçado, ele não recusou. . Então peguei na minha bolsa um punhado de garrafas de vodca em miniatura que contrabandeei para o avião. Dada a falta de escolha de bebidas alcoólicas nos aviões hoje em dia, sem falar no custo exorbitante, acho mais conveniente – e econômico – viajar sozinho.

Se isso parece irremediavelmente debochado, garanto que as garrafas eram minúsculas. Além disso, se Kate e eu formos forçados a passar o resto desta longa viagem juntos, nós dois provavelmente precisaríamos de um anestésico.

Coloquei um pouco de vodca nos dois copos plásticos. Levantei meu copo. “Um brinde a um fim de semana divertido. Saúde."

“De baixo para cima.” Kate bebeu a vodca de uma só vez e estremeceu. "Eca."

“Isso vai curar sua dor de cabeça. Agora, conte-me sobre *Agamenon* . Como tá indo?"

Kate forçou um sorriso. "Oh. Muito bom. *Ótimo* ."

"É isso? *Bom* ."

"Por que?" Kate deixou cair o sorriso e olhou para mim, desconfiada. “O que você ouviu?”

"Nada. Nada mesmo."

“Elliot, fale logo.”

Eu hesitei. “É apenas um boato, só isso... que você e Gordon não estão exatamente se dando bem.”

"O que? Isso é besteira absoluta.”

“Achei que devia ser.”

“Uma porcaria total.” Kate abriu outra minigarrafa de vodca. Ela refrescou o copo. “Gordon e eu nos damos como uma casa em chamas.” Ela bebeu a bebida.

“Estou aliviado em ouvir isso. Mal posso esperar pela primeira noite. Lana e eu estaremos lá, na primeira fila, torcendo por você.” Eu sorri para ela.

Kate não sorriu de volta. Ela olhou para mim por um momento – um olhar hostil e silencioso. Não suporto uma pausa constrangedora, então preenchi-a com uma anedota sobre um amigo em comum passando por um divórcio absurdamente vingativo, envolvendo ameaças de morte, hackeamento de e-mails e todo tipo de insanidade. Uma história longa e complicada, que exagerei para efeito cômico.

Durante todo o tempo em que falei, Kate me observou com expressão inexpressiva. Pude ver que ela não achou a mim nem a história engraçada.

Ao olhar nos olhos dela, vi sua mente... e li seus pensamentos:

*Deus, eu gostaria que ele calasse a boca. Elliot acha que ele é tão engraçado, tão espirituoso – ele pensa que é Noël Coward. Mas ele não é. Ele é apenas um idiota—*

Kate não gostava muito de mim, como você deve ter adivinhado.

Digamos apenas que ela era imune ao meu charme particular. Ela achava que escondia bem sua antipatia, mas como a maioria das atrizes – especialmente aquelas que gostam de se considerar enigmáticas – ela era incrivelmente fácil de ler.

Conheci Kate muito antes de conhecer Lana. Kate era uma das favoritas de Barbara West, tanto dentro como fora do palco, e era frequentemente convidada para ir à casa em Holland Park, para os famosos saraus; eufemisticamente conhecido como “jantares”, mas na verdade devassos e gratuitos para centenas de pessoas.

Kate me intimidou mesmo então. Eu ficava nervoso quando ela me procurava em uma festa - espalhando cinzas de cigarro e bebida em seu rastro - pegando meu braço, me levando para o lado, me desencaminhando, me fazendo rir ao zombar impiedosamente dos outros convidados. Senti que Kate estava se alinhando comigo como outra pessoa de fora. *Não sou como os outros, amor* , ela parecia estar dizendo. *Não se deixe enganar pelas vogais lapidadas, não sou nenhuma senhora.*

Ela queria que eu soubesse que ela era tão impostora quanto eu — a única diferença é que eu tinha vergonha do meu passado, não do meu presente. Ao contrário de Kate, eu queria desesperadamente mudar minha antiga pele, ocupar meu papel atual e me encaixar com os outros convidados. Ao me incluir em todas as suas piadas, em todas as cutucadas, piscadelas e comentários, Kate estava me deixando claro que eu não estava conseguindo.

Para ser sincero, embora eu tenha medo de criticar Lana, já que ela nunca me deu um motivo (então isso não é realmente uma crítica), eu ria com mais frequência com Kate. Kate estava sempre tentando rir — sempre procurando a piada em tudo; sempre arco e sarcástico. Enquanto Lana — bem, Lana era séria em muitos aspectos — extremamente direta, sempre sincera. Eles eram como óleo e água, aqueles dois, realmente eram.

Ou talvez seja apenas uma diferença cultural? Todos os americanos que conheci tendiam a ser diretos, quase diretos. Eu respeito isso – há uma espécie de pureza nessa honestidade. ("Arranhe um ianque e você encontrará um puritano", Barbara West costumava dizer. "Não se esqueça que todos eles caíram no maldito *Mayflower* .") Isto é, ao contrário de nós, britânicos - patologicamente educados, quase servis, sempre concordando com você na sua cara, apenas para reclamar de você cruelmente no momento em que você virar as costas.

Kate e eu éramos criaturas muito mais parecidas; se não fosse por Lana, poderíamos ter acabado como amigos. Essa é a minha única censura a Lana e a toda a sua bondade para comigo; que ela acidentalmente ficou entre mim e Kate. Assim que Lana e eu começamos a nos aproximar, Kate começou a me ver como uma ameaça. Eu podia ver isso nos olhos dela: uma nova hostilidade, uma competitividade pela atenção de Lana.

Independentemente do que ela sentia por mim, eu achava Kate fascinante e obviamente talentosa — mas também complicada e volátil. Ela me deixou desconfortável, ou talvez *cauteloso* seja uma palavra melhor – a maneira como você se sente perto de um gato imprevisível e mal-humorado, capaz de atacar você sem aviso prévio. Não acredito que você possa realmente ser amigo de alguém se

essa pessoa o assusta. Como você pode ser você mesmo? Se você tem medo, não pode ser autêntico.

E, *sim* , eu estava com medo de Kate. Eu tinha bons motivos para estar, como aconteceu.

Ah. Eu revelei isso muito cedo? Possivelmente.

Mas aí está, eu já disse. Devo deixá-lo assim.

Aterrissamos no aeroporto de Mykonos – uma pista de pouso glorificada, que fazia com que tudo parecesse ainda mais exótico. Depois pegamos um táxi até o Porto Velho de Mykonos, para pegar o táxi aquático até a ilha.

Já era fim de tarde quando chegamos ao porto. Era coisa de cartão-postal: barcos de pesca azuis e brancos, redes emaranhadas como novelos de lã; o som da madeira rangendo na água; o leve cheiro de gasolina na brisa do mar. Os movimentados cafés à beira-mar estavam lotados; havia sons de conversas e risadas; e os fortes aromas de café grego lamacento e lula frita. Adorei tudo – parecia tão vivo; parte de mim queria ficar aqui para sempre.

Mas meu destino — ou devo dizer meu destino? — estava em outro lugar. Então, entrei no táxi aquático atrás de Kate.

Começamos nossa viagem através da água. O céu estava ficando violeta enquanto atravessávamos. Estava ficando mais escuro a cada segundo.

Logo a ilha apareceu à frente, uma massa escura de terra ao longe. Era quase ameaçador à luz do crepúsculo. Sua beleza austera nunca deixou de me encher de algo semelhante ao espanto.

*Lá está ela,* pensei. *Aura.*

# 7

Enquanto Kate e eu nos aproximávamos da ilha, outra lancha estava saindo dela.

Estava sendo dirigido por Babis – um homem baixo, bronzeado e careca, na casa dos sessenta anos, elegantemente vestido. Ele dirigia o restaurante Yialos em Mykonos – e, sujeito a um acordo de décadas iniciado por Otto, Agathi telefonava antecipadamente com uma lista de compras, que Babis entregava; bem como providenciar para que a casa seja arejada e limpa. Fiquei feliz por ter sentido falta dele — ele era chato e esnobe, na minha opinião.

Ao passar por nós, Babis diminuiu a velocidade do barco. Ele fez um show performático curvando-se profunda e cerimoniosamente para Kate. Três faxineiras idosas estavam sentadas na traseira do barco, ao lado de uma pilha de cestas de compras vazias. Enquanto ele se curvava, as velhas trocaram olhares inflexíveis pelas suas costas.

*Aposto que eles o odeiam* , pensei. Eu estava prestes a comentar isso com Kate, mas uma olhada para ela me disse para ficar quieto. Ela nem tinha notado Babis. Ela estava olhando para frente, para a ilha, com uma carranca profunda no rosto. Ela ficou cada vez mais taciturna à medida que a viagem avançava. Claramente algo estava em sua mente. Eu me perguntei o que era.

Chegamos em Aura e carregamos nossas malas em um silêncio cansado pela longa entrada de automóveis.

Ali, no final do caminho, ficava a casa. Estava tudo iluminado, um farol de luz, rodeado de escuridão.

Lana e Leo nos receberam calorosamente. O champanhe foi aberto; e além de Leo, todos nós bebemos um copo. Lana perguntou se gostaríamos de desfazer as malas e nos refrescar antes do jantar.

Pedi o mesmo quarto de sempre: na casa principal, o quarto ao lado do de Lana. Kate solicitou a casa de veraneio; onde ela dormiu tão bem, no verão passado.

Lana acenou com a cabeça para Leo. "Querido, você pode ajudar Kate com as malas?"

Leo, sempre galante, já estava de pé.

Mas Kate recusou. “Está tudo bem, amor. Eu não preciso de ajuda. Sou um velho duro. Eu posso administrar. Vou terminar minha bebida.

Naquele momento, Jason entrou, olhando para o telefone, carrancudo profundamente. Ele estava prestes a dizer algo para Lana quando viu Kate e parou. Ele não me viu.

"Ah é você." Jason deu a Kate um sorriso que parecia um pouco forçado. “Não sabia que você estava vindo.”

“Ta-da.”

“Querido, eu disse que convidei Kate”, disse Lana. “Você esqueceu, só isso.”

“Quem mais está aqui?” Jason suspirou. “Meu Deus, Lana, eu te disse, preciso trabalhar.”

“Ninguém vai incomodar você, eu prometo.”

"Contanto que você não tenha convidado aquele idiota do Elliot."

“Olá, Jason,” eu disse, atrás dele. “Adorável ver você também.”

Jason ficou surpreso e teve a graça de parecer envergonhado. Kate caiu na gargalhada. Lana riu também. Agathi também.

Todos nós fizemos isso, exceto Jason.

E então eu venho para Jason.

Posso também admitir que é impossível escrever sobre ele com qualquer coisa que se aproxime da objetividade. Farei o meu melhor, é claro. Mas é difícil. Basta dizer que Jason não era minha preferência. O que é uma maneira muito inglesa de dizer que não suportava aquele homem.

Jason era um cara engraçado. E não quero dizer divertido. Ele era bonito – bem constituído, com um queixo forte, olhos azuis claros e cabelos escuros. Mas seus modos pessoais eram um enigma constante para mim. Eu não sabia se ele estava sendo deliberadamente *brusco* – essa é uma palavra educada – e não me importava que ele

estivesse sendo rude. Ou se ele simplesmente não estava consciente de como fazia as outras pessoas se sentirem. Infelizmente, suspeito do primeiro.

Agathi, em particular, se ressentia da maneira como Jason falava com ela. Ele usou um tom tão condescendente com ela, como se estivesse se dirigindo a uma criada, quando estava claro que ela era muito mais do que isso. Ela olhava para ele: *eu estava aqui antes de você* , seus olhos gritavam, *e estarei aqui depois de você.*

Mas Agathi nunca falava fora de hora. Ela nunca criticou Jason para Lana - que permaneceu cega para todos os seus defeitos. Lana tinha o hábito teimoso de sempre ver o melhor em todos — até mesmo nas piores pessoas.

“Tudo bem”, disse Kate. “Vou desfazer as malas. Vejo vocês no jantar.

Ela bebeu o resto do champanhe. Então ela pendurou a bolsa no ombro. Ela saiu da cozinha.

Com o peso das malas, Kate desceu os estreitos degraus de pedra até o nível inferior.

A casa de veraneio ficava no final da piscina. A piscina era de mármore verde, cercada por ciprestes. Otto projetou-o para combinar com a arquitetura original da casa principal.

Kate gostava de ficar aqui, longe da casa principal, pois lhe oferecia privacidade, um lugar afastado, onde ela pudesse se refugiar.

Ela entrou na casa de veraneio e deixou cair as malas no chão. Ela considerou desfazer as malas, mas era muito esforço. Ela prendeu a respiração.

Kate sentiu vontade de chorar, de repente. Ela estava se sentindo emocionada o dia todo; e agora mesmo, a visão de Lana e Leo juntos — tão felizes na companhia um do outro, com um carinho tão fácil e íntimo — a fez sentir uma pontada de tristeza, misturada com inveja — e estranhamente chorosa.

Por que isso aconteceu? Por que, quando Leo pegou a mão da mãe, ou tocou seu ombro, ou beijou docemente sua bochecha, Kate teve vontade de chorar? Porque ela mesma se sentia tão desesperadamente sozinha?

Não, isso foi besteira. Era mais do que isso, e ela sabia disso.

Era estar aqui, na ilha — era isso que a incomodava. Estar aqui, sabendo o que ela veio fazer. Foi um erro? Uma ideia errada? Possivelmente… Provavelmente.

*Tarde demais agora* , ela pensou. *Vamos, Katie, controle-se.*

Algo era necessário para acalmar seus nervos. O que ela trouxe com ela? Klonopin? Xanax? De repente, ela se lembrou do presentinho que ela mesma havia deixado na última vez que esteve na ilha. Ainda poderia estar aqui?

Kate correu até a estante, passando os dedos pelas lombadas. Ela encontrou o livro amarelo surrado que procurava:

*As Portas da Percepção,* de Aldous Huxley.

Ela pegou da prateleira. Ele caiu aberto na página direita, revelando um saquinho achatado de cocaína. Seus olhos se iluminaram. *Bingo.*

Sorrindo consigo mesma, Kate esvaziou a cocaína na mesa de cabeceira. Então ela pegou seu cartão de crédito e começou a cortá-lo.

# 8

Na cozinha, Agathi usava uma faca pequena e afiada para estripar habilmente uma dourada. Ela retirou as entranhas cinzentas e escuras da pia. Sangue vermelho escuro misturado com água corrente enquanto ela lavava a cavidade.

Ela praticamente podia sentir as mãos da avó trabalhando nas dela; seu espírito guiando seus dedos enquanto ela executava esse movimento familiar. Sua *yiayia* esteve em seus pensamentos durante toda a tarde — em sua mente, a velha era inseparável desta parte do mundo. Ambos tinham uma leve selvageria, um toque de magia. Havia rumores de que sua avó era uma bruxa. E Agathi podia sentir a presença dela aqui. Ela podia senti-la à luz do sol e ao som do mar — e ao estripar um peixe.

Ela fechou a torneira, secou a dourada com papel de cozinha e colocou o peixe num prato.

Agathi tinha quarenta e cinco anos. Ela tinha um rosto forte, olhos negros, maçãs do rosto acentuadas – uma aparência muito helênica, na minha opinião. Uma mulher bonita, que raramente se preocupava com maquiagem. Seu cabelo estava sempre puxado para trás e preso. Um olhar severo, talvez - mas Agathi tinha pouca vaidade e ainda menos tempo livre, que não desperdiçava com a aparência. Ela deixou isso para outros.

Ela considerou o peixe. Eles estavam do lado grande. *Três deveriam ser suficientes* , ela pensou. Mas ela verificaria com Lana, só para garantir.

*Lana parece mais feliz* , ela pensou. *Bom.*

Lana estava com um humor estranho recentemente. Distante, inacessível. Algo obviamente a estava incomodando. Agathi sabia que não devia perguntar. Ela era uma pessoa discreta e nunca dava sua opinião a menos que fosse solicitada - mesmo assim, apenas sob coação.

Agathi era o único membro da família atento o suficiente para perceber essa mudança recente em Lana. Os outros – os dois homens da casa – passaram pouco tempo contemplando o humor de Lana. O egoísmo de Leo que Agathi desculpou por causa de sua juventude. Jason, ela achou mais difícil perdoar.

Agathi estava determinada a que Lana passasse alguns dias tranquilos e agradáveis na ilha. Não há razão para pensar que ela não faria isso.

Até agora, eles tiveram sorte com o clima. Nenhum sinal de vento perturbador. O mar não poderia estar mais calmo na travessia. Quase não havia ondulação na superfície.

A chegada deles foi mais acidentada – no sentido logístico. Agathi era uma governanta formidável e fazia tudo funcionar como um relógio. Mas hoje as coisas estavam atrasadas. Ao chegarem, encontraram Babis na cozinha, com as compras ainda por desempacotar; os faxineiros ainda trabalham na casa, esfregando o chão e arrumando as camas. Babis ficou visivelmente envergonhado e pediu desculpas. Lana foi gentil, é claro, insistindo que a culpa foi dela por avisar tão rapidamente. Ela agradeceu a todos os faxineiros individualmente, e as velhinhas sorriram para ela, adorando, maravilhadas. Lana e Leo foram nadar e Jason retirou-se taciturno para o escritório, armado com seu laptop e telefone.

Agathi ficou sozinha com Babis — o que era desconfortável, claro. Mas ela se manteve firme. Que idiota pomposo aquele homem era! Obsequioso a Lana, rastejando, praticamente rastejando o chão. E, ao mesmo tempo, ele sibilava para sua equipe, em grego, ditatorial e desdenhoso, como se fossem sujeira.

Agathi, ele odiava acima de tudo. Para ele, ela sempre seria a garçonete de seu restaurante. Ele nunca a perdoou pelo que aconteceu naquele verão — a primeira vez que Otto e Lana apareceram para almoçar em Yialos, em busca de uma babá; e o destino decretou que Agathi servisse sua mesa. Lana gostou instantaneamente de Agathi. Eles a contrataram na hora e ela se tornou indispensável para eles. Quando a visita terminou, perguntaram se ela gostaria de morar com eles, como babá, em Los Angeles. Ela disse que sim, sem nem pensar duas vezes.

Você pode pensar que foi o fascínio de Hollywood que fez Agathi aceitar tão rapidamente – mas você está errado. Ela não se importava para onde fosse, desde que estivesse com Lana. Ela estava completamente sob o feitiço de Lana, naquela época. Ela teria ido para Timbuktu, se Lana pedisse.

Então, Agathi mudou-se para Los Angeles com a família e depois para Londres. E ela se formou, à medida que Leo cresceu, de babá a cozinheira, governanta, assistente e - ela estava se lisonjeando aqui? - confidente e melhor amiga de Lana? Talvez isso estivesse ultrapassando ligeiramente o limite; mas não muito. Num sentido prático e cotidiano, Agathi era mais próximo dela do que qualquer outra pessoa.

Sozinho na cozinha com Babis, Agathi sentia um enorme prazer em examinar lentamente e meticulosamente a longa lista de compras, item por item, insistindo para que ele verificasse se tudo estava lá. Ele achou isso insuportável; e houve muitos suspiros pesados e batidas de pés. Quando Agathi sentiu que já o havia torturado o suficiente, ela o soltou. Então ela começou a guardar todas as compras e planejar as próximas refeições.

Enquanto ela se servia de uma xícara de chá, a porta dos fundos se abriu.

Nikos estava parado ali, na sombra da porta. Ele segurava uma adaga e um gancho de aparência feroz em uma das mãos. Na outra mão, ele tinha um saco de ouriços-do-mar pretos e molhados.

Agathi olhou para ele. "O que você quer?" ela disse em grego.

"Aqui." Nikos estendeu os ouriços-do-mar. "Para ela."

"Oh." Agathi pegou a sacola.

“Você sabe como limpá-los?”

"Eu sei."

Nikos permaneceu por um momento. Ele parecia estar tentando espiar por cima do ombro dela, para ver quem mais poderia estar na cozinha.

Agathi franziu a testa. “Quer mais alguma coisa?”

Nikos balançou a cabeça.

“Então eu tenho trabalho a fazer.” Ela fechou a porta com firmeza na cara dele.

Ela jogou o saco de ouriços no balcão. Ela olhou para eles por um momento. Comidos crus, eram uma iguaria local e Lana os adorava. Foi bastante gentil da parte de Nikos, sim; e Agathi não se incomodou com o esforço extra que seria necessário para prepará-los. Mas esse gesto dele a incomodou. Algo sobre isso a deixou nervosa.

Havia algo estranho, ela pensou, na maneira como ele olhava para Lana. Agathi percebeu isso antes, quando Nikos os cumprimentou no cais. Lana não tinha notado.

Mas Agathi sim. E ela não gostou nem um pouco.

# 9

Nikos afastou-se pela porta dos fundos.

Ele estava pensando em como era estranho, depois de meses de solidão, estar novamente perto de outras pessoas.

De certa forma, parecia quase uma invasão – como se a sua ilha estivesse sitiada. *Sua ilha.* Que absurdo pensar nesta ilha como sua. Mas ele não pôde evitar.

Nikos viveu uma existência solitária em Aura durante quase vinte e cinco anos. Ele era praticamente autossuficiente, caçando e cultivando tudo o que precisava. Ele tinha uma horta nos fundos de sua casa, algumas galinhas – e uma abundância de peixes no mar. Ele só voltava a Mykonos para o essencial atualmente; como tabaco, cerveja, ouzo. Sexo, ele dispensava.

Se ocasionalmente ele se sentisse sozinho, precisando de companhia humana – de outras vozes e risadas – ele visitaria a taverna frequentada pelos habitantes locais. Ficava do outro lado da cidade, em relação ao porto de Mykonos; longe dos bilionários e dos seus iates. Nikos ficava sentado sozinho no bar, bebendo uma cerveja. Ele não falava, mas ouvia, mantendo um ouvido atento às fofocas locais. Os outros bebedores, além de cumprimentá-lo com um aceno de cabeça, principalmente o deixaram sozinho. Eles sentiram que Nikos estava diferente agora – suas décadas de isolamento o transformaram em um estranho.

Ele os ouvia fofocando sobre Lana, os velhos, sentados em suas mesinhas com jogos de gamão e delicados copos de ouzo. Muitos deles se lembraram de Otto; e, de maneira bastante curiosa, referiu-se a Lana, em grego, como “a sereia da tela”. Eles ficaram intrigados com aquela estrela de cinema americana reclusa, dona daquela ilha assombrada — uma propriedade, é preciso dizer, que lhe trouxera pouca e preciosa felicidade; e muita dor.

*Aquela ilha está amaldiçoada* , alguém disse. *Marque minhas palavras. Isso acontecerá novamente. Em pouco tempo, este novo marido seguirá o caminho do antigo.*

*Ele não tem dinheiro* , disse outra pessoa — *o marido é um homem sustentado, pago pela esposa.*

*Bem, ela é rica o suficiente* , disse outro. *Eu gostaria que o meu pagasse por mim.*

Isso rendeu risadas.

Até que ponto isso era verdade sobre Jason, Nikos não sabia — nem se importava. Ele apreciou a situação de Jason. Quem poderia competir com a riqueza que Lana possuía? Tudo o que Nikos tinha para lhe oferecer eram as próprias mãos. Mas pelo menos ele era um homem de verdade – não um homem falso, como Jason.

Nikos não gostou de Jason à primeira vista. Nikos se lembrou da primeira vez que Jason visitou Aura, mal-humorado, de terno e óculos escuros, inspecionando a ilha com ar de proprietário.

Nikos continuou a observá-lo de perto, durante vários anos, muitas vezes quando Jason não tinha ideia de que estava sendo observado. Nikos concluiu que Jason era uma fraude. Seu último “hobby”, por exemplo, fingir ser um caçador – essa foi a maior piada até agora. Nikos teve que fazer um esforço para não rir, vendo Jason manusear as armas tão desajeitadamente, mirando tão mal; mas tão cheio de bravatas, como um menino arrogante fingindo ser um homem.

Quanto à sua matança – pássaros patéticos e desprezíveis que não valiam o esforço de depenagem de Agathi. Sem falar no desperdício de balas.

Um homem assim não merecia Lana.

Ela era a única que Nikos não se importava de estar aqui. Afinal, era a ilha dela. Ela pertencia a este lugar; ela ganhou vida aqui. Ela sempre estava mortalmente pálida ao chegar, precisando desesperadamente de sol. Então, em poucos dias, a ilha iria exercer a sua magia sobre ela – ela nadaria no seu mar, comeria os seus peixes e os frutos da sua terra. E florescer como uma flor. A coisa mais linda que ele já tinha visto. Um lembrete visceral de que a Natureza – embora gloriosa e sustentadora – não era a mesma coisa que uma mulher.

Nikos não conseguia se lembrar da última vez que foi tocado. Muito menos beijado.

Ele passou muito tempo sozinho. Às vezes ele se perguntava se estava enlouquecendo. Disseram, na taberna, que o vento te enlouquecia. Mas não foi o vento.

Foi a solidão.

Se ele deixasse Aura, para onde ele poderia ir? Ele não poderia mais ficar perto de outras pessoas por muito tempo. A sua única opção era o mar: viver num barco, navegar pelas ilhas. Mas ele não possuía um barco grande o suficiente – e nunca poderia comprar um que servisse mais do que uma viagem de pesca.

Não, ele deveria resignar-se a nunca sair da ilha, até morrer. E provavelmente nem então. Afinal, levariam vários meses até que seu corpo fosse descoberto. A essa altura, muito provavelmente, ele seria dilacerado, comido, devorado pelos outros habitantes da ilha – como aquele besouro morto do lado de fora da porta da cozinha, desmembrado e levado por uma longa fila de formigas industriosas.

Sua mente parecia girar em torno da morte atualmente. A morte estava por toda parte em Aura, ele sabia disso.

Ao se afastar de casa, pegando o atalho por entre as árvores, Nikos viu algo que o fez parar.

Um enorme ninho de vespas.

Ele olhou para ele. O ninho era enorme, o maior que ele já tinha visto. Estava na base de uma oliveira, numa cavidade formada pelas raízes. Uma grande massa de vespas rodopiantes – como uma bola ondulante de fumaça preta, girando sobre si mesma. De certa forma, foi lindo.

Seria uma loucura perturbar um ninho desse tamanho. Além disso, ele não queria destruí-lo. Não era certo matá-los. As vespas tinham tanto direito de estar aqui quanto qualquer outra pessoa. Eles foram uma bênção, na verdade – eles comeram os mosquitos. Ele esperava que a família não o visse e exigisse que fosse destruído.

A coisa a fazer, ele decidiu, era guiar as vespas para longe da casa principal – e com sorte não ser picado ao fazê-lo. Um prato de carne fora de sua casa deve bastar:

carne bovina picada ou coelho esfolado. As vespas tinham um carinho especial por coelhos.

Só então ele ouviu um barulho. Ele parou. Ele olhou por entre as árvores e viu que Kate havia pulado na piscina.

Nikos ficou ali, invisível na escuridão, observando-a nadar.

Depois de um tempo, Kate pareceu sentir a presença dele. Ela parou de nadar. Ela olhou em volta, tentando ver além das luzes, na escuridão. "Quem é esse? Quem está aí?"

Nikos estava prestes a continuar andando – então ouviu alguns passos nas sombras. Outra pessoa apareceu: Jason, descendo os degraus. Ele caminhou até a beira da piscina.

Jason ficou ali, olhando para Kate na água. Seu rosto estava inexpressivo, como uma máscara. Kate nadou até ele.

Ela sorriu. “Você deveria pular, a água está linda.”

Jason não sorriu de volta. "O que você está fazendo aqui?"

"O que você quer dizer?"

"Você sabe o que eu quero dizer. Por quê você está aqui?"

Kate riu. "Você obviamente não está satisfeito em me ver."

"Eu não sou."

“Isso não é muito legal.”

“Kate—”

Kate mostrou a língua para ele e submergiu com um respingo. Ela nadou debaixo d’água, encerrando a conversa.

Jason se virou e voltou para casa.

Nikos hesitou por um momento, ponderando sobre o que acabara de ver. Ele foi embora — então teve uma sensação repentina e estranha. Ele congelou.

Ele não estava sozinho. Alguém também estava aqui, no escuro, observando Kate.

Nikos olhou em volta, apertando os olhos, tentando enxergar na escuridão. Ele não conseguia ver ninguém. Ele ouviu com atenção – e só houve silêncio. Mas ele poderia jurar que alguém estava escondido ali.

Ele hesitou por um momento. Então, sentindo-se nervoso, ele se virou e correu de volta para sua cabana.

# 10

Depois de tomar banho, levei algumas taças de champanhe para Lana no quarto dela. Ela estava sozinha. Ela estava sentada à penteadeira, de roupão. Lana estava ainda mais linda, pensei, sem maquiagem.

Conversamos um pouco, antes que a porta fosse aberta. Jason entrou na sala. Ele me notou e parou. "Oh. Você está aqui. Sobre quem vocês dois estão fofocando?

Lana sorriu. "Ninguém que você conhece."

“Contanto que não seja eu.”

"Por que?" Eu disse. "Consciência pesada?"

Ele olhou para mim. "O que diabos isso quer dizer?"

Lana riu, mas percebi que ela estava irritada. “Jasão. Ele está brincando.

“Bem, ele não é engraçado.” Jason acrescentou, com um esforço hercúleo de humor: “Ever”.

Eu sorri. “Felizmente, milhares de espectadores em todo o mundo discordam de você.”

“Uh-huh.” Ele não sorriu de volta.

Hoje em dia, a boa vontade de Jason para comigo estava totalmente esgotada... o melhor que eu poderia esperar era que ele permanecesse civilizado e não se tornasse realmente violento.

Ele estava com ciúmes de mim — porque eu forneci a Lana algo que ele não conseguia entender e era incapaz de fornecer. O que é que foi isso? Bem, na falta de uma palavra melhor, vamos chamar isso de amizade. Jason não conseguia compreender um mundo em que um homem e uma mulher pudessem ser amigos tão íntimos.

Embora Lana e eu não fôssemos apenas amigas, éramos almas gêmeas.

Mas Jason também não conseguia entender isso.

“Elliot teve uma ideia brilhante”, disse Lana. “Vamos jantar em Mykonos amanhã. O que você acha?"

Jason fez uma careta. "Não, obrigado."

"Por que não? Vai ser divertido."

"Onde? Só não diga Yialos."

"Por que não?"

"Ah, pelo amor de Deus." Jason suspirou. "Yialos é uma produção completa. Achei que viemos aqui para relaxar.

Não pude resistir a intervir. "Ah, vá em frente, Jason. Pense em como a comida é boa em Yialos. Que delícia.

Jason me ignorou. Mas ele não se opôs mais, sabendo que não tinha escolha. "Qualquer que seja. Eu preciso de um banho."

"Essa é a minha deixa, então. Eu vou embora. Vejo vocês dois lá embaixo.

Fui até a porta e saí. Fechei atrás de mim.

Então — e eu normalmente não admitiria isso, mas como é você, vou ser honesto — pressionei meu ouvido na porta. Você não faria o mesmo? Eles certamente estariam falando sobre mim. Fiquei curioso para ouvir o que Jason disse no momento em que virei as costas.

A conversa deles era fraca, mas audível através da porta.

Lana parecia irritada. "Não entendo por que você não consegue ser educado com ele."

"Porque ele está sempre na porra do seu quarto, é por isso."

"Ele é um dos meus melhores amigos."

"Ele está apaixonado por você."

"Não, ele não é."

"Claro que ele é. Por que outro motivo ele nunca teve namorada desde aquela velha que assassinou?

Uma pausa. "Isso não é engraçado, Jason."

"Quem disse que eu estava brincando?"

"Querido, você quer alguma coisa? Ou apenas para começar uma briga?

Houve outra pausa, enquanto Jason se acalmava. Ele continuou em um tom mais gentil. "Eu preciso falar com você."

"OK. Mas deixe Elliot. Quero dizer."

"Multar." Jason falou em voz baixa. Tive que pressionar meu ouvido com força contra a porta para captar suas palavras. "Não é nada sério... preciso que você assine algo."

"Agora? Não pode esperar?

“Eu preciso enviá-lo hoje à noite. Só vai demorar um segundo.”

Lana fez uma pausa. “Achei que não fosse sério.”

“Não é.”

“Então qual é a pressa?”

“Sem pressa.”

“Então vou ler amanhã.”

“Você não precisa ler”, disse Jason. “Estou apenas mudando as coisas. Vou te dar a essência.”

“Ainda preciso ler. Vamos enviar por e-mail para Rupert, e ele pode dar uma olhada – então assino mais tarde. Como é isso?

"Esqueça." Jason parecia furioso.

Ele não explicou, mas eu não precisava de explicação. Mesmo a vários metros de distância, através do carvalho maciço, eu sabia exatamente o que ele estava fazendo. Pela sua hesitação e pela mudança na sua voz, percebi que a simples menção do nome do advogado dela o tinha desanimado. Jason percebeu que seu pequeno esquema, fosse ele qual fosse, não iria funcionar.

"Está bem. Não importa. Isso pode esperar."

"Você tem certeza?"

"Sim. Sem problemas. Eu vou tomar um banho."

Com isso, eu escapei da porta. Eu poderia imaginar o que aconteceu a seguir.

Imaginei Jason entrando no banheiro – e no momento em que ficou sozinho, sua máscara sorridente caiu de seu rosto. Ele se olhou no espelho. Havia desespero em seus olhos. Foi um erro, ele se perguntou, falar assim com Lana? Ele havia despertado suas suspeitas?

Ele deveria ter esperado até que ela tomasse alguns drinques, então colocou os papéis na frente dela e fez com que ela os assinasse. *Sim, na verdade, isso ainda pode funcionar.*

Mais tarde, depois do jantar, ele tentaria novamente — quando ela estivesse mais relaxada. Ele teve que continuar enchendo o copo dela. Seja extremamente gentil com ela. E conhecendo Lana, ela poderia mudar de ideia e sugerir assinar ela mesma os papéis – para agradá-lo. Esse era exatamente o tipo de coisa que ela poderia fazer.

Sim, tudo ainda pode dar certo. *Respire* , Jason disse a si mesmo, *respire e fique calmo* .

Jason ligou o chuveiro. A água estava muito quente e bateu em seu rosto, em sua pele, queimando-o.

Que alívio sentir aquela dor, uma distração bem-vinda de todos os seus pensamentos... de tudo o que ele tinha que fazer... de tudo o que estava por vir.

Ele fechou os olhos e queimou.

# 11

Pouco depois, Kate entrou na cozinha. Ela estava sem fôlego e um pouco chapada. Ela esperava que os outros não notassem.

Sentada em um banquinho, ela observou Lana e Agathi prepararem o jantar. Lana estava fazendo uma salada verde com folhas verdes picantes de rúcula que cresciam abundantemente por toda a ilha. Agathi mostrou a Lana o prato de dourada que ela havia limpo.

“Acho que três é o suficiente, não é?”

Lana assentiu. “Três é suficiente.”

Kate pegou uma garrafa de vinho e serviu uma taça para ela e Lana.

Logo eles se juntaram a Leo, recém-saído do banho. Ele parecia corado e seu cabelo estava molhado, pingando na camiseta.

Leo tinha dezessete anos agora, quase dezoito. Ele parecia uma versão masculina mais jovem de Lana – como um jovem deus grego. O filho adolescente de Afrodite — qual era o nome dele? — Eros. Ele parecia como Eros devia ter parecido. Cabelos loiros, olhos azuis, atléticos e magros. E uma alma gentil também, como a mãe.

Lana olhou para ele. “Querida, seque o cabelo. Você vai pegar um resfriado.

“Vai secar em um segundo. A umidade é zero lá fora. Você precisa de alguma ajuda?"

“Você pode pôr a mesa?”

“Onde vamos comer? Dentro ou fora?"

“Que tal lá fora? Obrigado."

Kate observou Leo com aprovação. “Você não é *lindo* , Leo. Quando você ficou tão bonito? Quer um pouco de vinho?

Leo balançou a cabeça enquanto recolhia jogos americanos e guardanapos. “Eu não bebo.”

“Vamos, então, sente-se e conte tudo.” Kate deu um tapinha no banco ao lado dela e chamou-o. “Quem é a garota de sorte? Qual o nome dela?"

"Quem?"

"Sua namorada."

“Eu não tenho namorada.”

“Mas você *deve* estar saindo com alguém. Vá em frente... conte-nos. Qual o nome dela?"

Leo pareceu mortificado, murmurou algo ininteligível e saiu correndo da cozinha.

"O que está errado?" Kate virou-se para Lana, perplexa. “Não me diga que ele é solteiro? Ele não pode estar. Ele é *maravilhoso* ."

"Então você disse."

“Bem, ele é. Deveria estar transando como um louco, na idade dele. O que há de errado com ele? Você se preocupa que ele esteja um pouco...?” Kate parou e lançou um olhar significativo para Lana. *"Você sabe."*

"Não." Lana deu-lhe um sorriso interrogativo. "O que?"

“Eu não sei... *anexado* ...”

"Apegado? A quem?"

"A *quem* ?" Kate riu. "Para você, meu amor."

"Meu?" Lana pareceu genuinamente surpresa. “Não acho que Leo seja particularmente apegado a mim.”

Kat revirou os olhos. “Lana, Leo está apaixonado por você. Ele sempre foi.

Lana deixou isso de lado. “Se ele estiver, ele vai superar isso. Vou me arrepender quando ele fizer isso.

“Você acha que ele pode ser gay?”

Lana encolheu os ombros. “Eu não tenho ideia, Kate. E se ele estiver?

“Talvez eu devesse perguntar a ele.” Kate sorriu e serviu-se de outro copo, entusiasmada com a ideia. “De um jeito meio 'irmã mais velha', sabe? Vou falar com ele por você.

Lana balançou a cabeça. “Por favor, não.”

"Por que não?"

“Eu não acho que você seja do tipo irmã mais velha.”

Kate considerou isso. “Não, acho que também não.”

Ambos riram.

"O que é tão engraçado?" Eu disse enquanto entrava na cozinha.

“Não importa”, disse Kate, ainda rindo. Ela ergueu o copo para Lana. "Saúde."

Houve muitas risadas naquela noite. Éramos um grupo alegre – você nunca imaginaria que seria a última vez que estaríamos juntos assim.

O que poderia acontecer no espaço de algumas horas, você poderia perguntar, o que poderia dar tão errado a ponto de terminar em assassinato?

É difícil dizer. Alguém consegue identificar o momento preciso em que o amor se transforma em ódio? Tudo acaba, eu sei disso. Especialmente felicidade. Especialmente amor.

Perdoe-me, me tornei um cínico. Eu costumava ser tão idealista quando jovem – até romântico. Eu costumava acreditar que o amor durava para sempre. Agora, eu não. Agora, só tenho certeza de uma coisa: a primeira metade da vida é puro egoísmo; a segunda metade, toda tristeza.

Faça-me o favor por um momento, se quiser - deixe-me ficar aí e desfrutar desta última lembrança feliz.

Jantamos ao ar livre, sob as estrelas. Sentamo-nos sob a pérgula, iluminados à luz de velas e rodeados por jasmim trepador de cheiro adocicado.

Começamos com os ouriços-do-mar salgados, preparados na hora por Agathi. Comidos crus com um toque forte de limão, nunca foram do meu agrado - mas se você fechar os olhos e engolir rápido, pode fingir que são ostras. Depois, a dourada grelhada e o bife fatiado, várias saladas e legumes com alho - e a pièce de résistance: as batatas fritas de Agathi.

Kate não tinha muito apetite, então comi por dois, empilhando meu prato bem alto. Elogiei a culinária de Agathi; cuidadoso ao elogiar com tato os esforços de Lana também. Mas suas saladas saudáveis não se comparavam àquelas batatas decadentes, cultivadas na terra vermelha da própria Aura, douradas e escorrendo óleo. Foi uma refeição perfeita, aquela última ceia.

Depois, sentamos perto da fogueira. Conversei com Lana, enquanto Leo jogava gamão com Jason.

Então Kate de repente exigiu o cristal de Agathi. Ela entrou em casa para buscá-lo.

Devo contar-lhe sobre o cristal. Mantinha um status quase mítico dentro da família. Um dispositivo rudimentar de leitura da sorte, pertencera à avó de Agathi e supostamente tinha qualidades mágicas.

Era um pingente – um cristal branco opaco, no formato de um pequeno cone, como uma pinha bebê, preso a uma corrente de prata. Você segurou a corrente com a mão direita, balançando o cristal na palma aberta da mão esquerda. Você fez uma pergunta - formulando-a de forma que pudesse ser respondida com sim ou não.

O cristal balançaria em resposta. Se se movesse como um pêndulo, em linha reta, a resposta seria não. Se girasse em círculo, a resposta seria sim. Absurdo em sua simplicidade — mas com uma tendência enervante de fornecer resultados precisos. As pessoas consultariam sobre seus planos e intenções. *Devo aceitar este trabalho? Devo me mudar para Nova York? Devo me casar com esse homem?* A maioria relatava infalivelmente — meses, às vezes anos, depois — que o cristal estava certo em sua previsão.

Kate acreditava apaixonadamente na magia do cristal, daquele jeito ingênuo que às vezes fazia, com uma fé infantil. Ela estava convencida de que era o artigo genuíno – um oráculo grego.

Todos nós nos revezamos naquela noite - fazendo perguntas secretas - exceto Jason, que não estava interessado. Ele não ficou muito tempo. Ele perdeu a paciência quando Leo o venceu no gamão - e invadiu a casa, de mau humor.

Quando nós quatro ficamos sozinhos, a atmosfera tornou-se mais alegre. Enrolei um baseado. Lana nunca fumou maconha, mas esta noite ela quebrou uma regra fundamental e deu uma tragada; Kate também.

Leo pegou seu violão e tocou algo que havia escrito. Um dueto, para Lana e ele. Era uma música bonita; mãe e filho tinham vozes doces que se complementavam. Mas Lana estava chapada e sempre se esquecia das palavras. Então ela começou a rir, o que Kate e eu achamos hilário – para grande irritação de Leo.

Como devemos ter sido irritantes com ele, esse sério garoto de dezessete anos; esses adultos idiotas e chapados se comportando como adolescentes. Não conseguíamos parar de rir, nós três, agarrados um ao outro, balançando para frente e para trás de tanto rir.

Estou feliz por ter essa memória. Nós três, rindo. Estou feliz que esteja imaculado.

É difícil acreditar que em vinte e quatro horas um de nós estaria morto.

# 12

Antes de contar sobre o assassinato, tenho uma pergunta para você.

*O que vem primeiro: caráter ou destino?*

Esta é a questão central em qualquer tragédia. O que tem precedência: livre arbítrio ou destino? Os terríveis acontecimentos do dia seguinte seriam inevitáveis, ordenados por algum deus malévolo? Estávamos condenados ou havia esperança de escapar?

Esta questão tem me assombrado ao longo dos anos. Caráter ou destino? O que você acha? Vou te dizer o que penso. Tendo deliberado longa e arduamente, acredito que são a mesma coisa.

Mas não acredite apenas na minha palavra. O filósofo grego Heráclito disse:

"Caráter *é* destino."

E se Heráclito estiver certo, então a tragédia que nos esperava em poucas horas foi uma consequência direta do nosso caráter – de quem éramos. Correto? Então, se *quem você é* determina o que acontece com você, a verdadeira questão é:

O que determina *quem você é* ?

O que determina seu *personagem* ?

A resposta, parece-me, é que toda a minha personalidade – toda a minha valores e opiniões sobre como progredir no mundo, ter sucesso ou ser feliz podem ser rastreados diretamente até o mundo sombrio e esquecido da minha infância, onde meu caráter foi forjado por todas as coisas com as quais aprendi a me conformar; ou mesmo rebelar-se contra - mas mesmo assim foi definido por.

Levei muito tempo para perceber isso. Quando eu era jovem, resistia a pensar na minha infância, ou no meu caráter, aliás. Talvez isso não seja surpreendente. Certa vez, meu terapeuta me disse que todas as crianças

traumatizadas, e os adultos que elas se tornam, tendem a se concentrar exclusivamente no mundo exterior. Uma espécie de hipervigilância, suponho. Olhamos *para fora* , não para dentro – examinando o mundo em busca de sinais de perigo – é seguro ou não? Crescemos com tanto medo de incorrer em raiva, por exemplo, ou em desprezo, que agora, como adultos, se vislumbramos um bocejo abafado enquanto conversamos com alguém, um olhar de tédio ou irritação em seus olhos, sentimos uma desintegração horrível e assustadora por dentro. – como um tecido desgastado sendo rasgado – e rapidamente redobramos nossos esforços para entreter e agradar.

A verdadeira tragédia é, claro, olharmos sempre para fora, concentrarmo-nos tão intensamente na experiência da outra pessoa que perdemos o contacto com a nossa própria. É como se vivêssemos a vida inteira fingindo ser nós mesmos, como impostores *que se fazem passar por* nós mesmos, em vez de sentir *que sou realmente eu, que sou assim.*

É por isso que, hoje em dia, me forço repetidamente a voltar à minha própria experiência: *eles não estão se divertindo?* Mas *eu sou? Eles* não *gostam de mim?* Mas *eu gosto deles?*

Então, com esse espírito, faço a pergunta: *eu gosto de você?*

Claro que eu faço. Você é um pouco quieto, mas um ótimo ouvinte. E todos nós amamos um bom ouvinte, não é? Deus sabe que passamos a vida inteira sem sermos ouvidos.

Comecei a fazer terapia aos trinta e poucos anos. A essa altura, senti que já tinha distância suficiente do meu passado para começar a olhar para ele com segurança; semicerrá-lo através dos dedos. Eu escolhi a terapia de grupo não apenas porque era mais barato mas, sinceramente, porque gosto de observar as pessoas. Estive tão sozinho durante toda a minha vida; Gosto de estar perto de outras pessoas e de vê-las interagir – em um espaço seguro, apresso-me em acrescentar.

Minha terapeuta se chamava Mariana. Ela tinha olhos escuros curiosos, cabelos escuros longos e ondulados –

acho que ela poderia ser grega, ou meio grega. Ela era sábia e muito gentil, na maior parte. Mas ela também podia ser brutal.

Lembro-me de uma vez que ela disse algo assustador – isso confundiu minha cabeça por um longo tempo. Olhando para trás, acho que mudou toda a minha vida.

"Quando somos jovens", disse Mariana, "e temos medo – quando somos envergonhados e humilhados – alguma coisa acontece. O tempo *para* . Ele congela naquele momento. Uma versão nossa está presa, nessa idade – para sempre."

"Preso onde?" perguntou Liz, uma do grupo.

"Preso *aqui* ." Mariana bateu na lateral da cabeça. "Uma criança assustada está escondida em sua mente – ainda insegura; ainda não ouvido e não amado. E quanto mais cedo você entrar em contato com essa criança e aprender a se comunicar com ela, mais harmoniosa será sua vida."

Devo ter ficado em dúvida porque Mariana desferiu o golpe mortal diretamente em mim:

"Afinal, foi para isso que ele criou você, não foi, Elliot? Um corpo adulto forte, para cuidar dele e dos seus interesses? Para cuidar dele, protegê-lo? Você deveria libertá-lo, mas acabou se tornando seu carcereiro."

Estranho, isso. Ouvir uma verdade que você sempre soube, em seu coração, mas nunca colocada em palavras. Então, um dia, alguém aparece e explica para você: *Esta é a sua vida – aqui está, dê uma olhada* . Se você ouve, depende de você.

Mas eu ouvi. Eu ouvi alto e claro.

*Uma criança aterrorizada presa dentro da minha mente. Uma criança que não vai embora.*

De repente tudo fez sentido. Todos os sentimentos desconfortáveis que experimentei na rua, ou em situações sociais, ou se tivesse que discordar de alguém, ou me afirmar – o mal-estar no estômago, o medo de contato visual – isso não tinha nada a ver comigo, nada a ver com o aqui e agora. Eram sentimentos antigos que foram deslocados no tempo. Eles pertenciam a um garotinho há muito tempo, que já teve muito medo, foi atacado e incapaz de se defender.

Achei que o tinha deixado para trás, anos atrás. Achei *que* estava comandando minha vida. Mas eu estava errado.

Eu ainda estava sendo comandado por uma criança assustada. Uma criança que não sabia a diferença entre o presente e o passado – e, como um viajante involuntário do tempo, estava sempre tropeçando entre eles.

Mariana tinha razão: era melhor tirar o garoto da cabeça e colocá-lo no colo.

Seria muito mais seguro para nós dois.

Caráter *é* destino. Lembre-se disso, para mais tarde.

Lembre-se do garoto também.

E não me refiro apenas à criança que há em mim, mas à criança que há em *você* .

“Eu sei que dizer para você se amar é um grande pedido”, costumava dizer Mariana. “Mas aprender a amar, ou, pelo menos, ter compaixão pela criança que você foi, é um grande passo na direção certa.”

Você pode rir disso. Você pode revirar os olhos. Você pode pensar que isso soa californiano e auto-indulgente, cheio de autopiedade. Você pode dizer que é feito de um material mais forte. Possivelmente, você é. Mas deixe-me dizer uma coisa, meu amigo: o auto-escárnio é apenas uma defesa contra sentir dor. Se você rir de si mesmo, como poderá se levar a sério? Como você vai sentir tudo o que passou?

Assim que vi a criança em mim, comecei a ver crianças nas outras pessoas – todas vestidas como adultos, fingindo ser adultas. Mas agora eu via através das apresentações, as crianças assustadas abaixo. E quando você pensa em alguém quando criança, é impossível sentir ódio. A compaixão surge e -

*Você é um hipócrita, Elliot. Um maldito mentiroso.*

Isso é o que Lana diria agora – se ela estivesse olhando meu ombro, lendo isso. Ela ria - e me criticava pelas minhas besteiras:

*E Jasão?* Lana diria. *Onde está sua compaixão por ele?*

Bom ponto. Onde está minha compaixão por Jason?

Fui injusto? Deturpando-o? Torcendo a verdade, tornando-o deliberadamente desagradável?

Possivelmente. Suspeito que minha empatia por Jason será limitada para sempre. Não consigo ver além de suas

ações terríveis. Não consigo ver o coração do homem — todas as coisas que ele suportou quando criança; as coisas ruins, as indignidades; as crueldades que o fizeram acreditar que a única maneira de ter sucesso na vida era ser egoísta, implacável, mentiroso e trapaceiro.

Isso é o que Jason pensava que era ser homem. Mas Jason não era um homem.

Ele era apenas uma criança, brincando de faz de conta.

E as crianças não deveriam brincar com armas.

# 13

*Bang, bang, bang.*

Acordei com um susto. Que diabos foi esse barulho?

Parecia um tiro. Que horas eram? Verifiquei meu relógio. Dez da manhã

Outro tiro.

Sentei-me na cama, alarmado. Então ouvi Jason lá fora, xingando de aborrecimento, pois ele perdeu outro pássaro.

Era Jason, caçando, só isso.

Afundei na cama com um gemido. *Jesus* , pensei. *Que jeito de acordar.*

E assim chegamos ao dia do assassinato.

O que posso dizer sobre aquele dia terrível? Na verdade, se eu soubesse como isso iria acabar e os horrores que traria, nunca teria saído da cama.

Do jeito que aconteceu, devo confessar que dormi profundamente, sem ser perturbado por pesadelos ou premonições do que estava à espreita.

Sempre dormi bem no Aura. A ilha estava tão quieta. Tão pacifico. Não há bêbados ou caminhões de lixo para perturbar seu sono. Não, foi preciso Jason, com uma arma, para fazer isso.

Saí da cama, as lajes frias de pedra no chão acordaram meus pés. Fui até a janela e abri as cortinas. A luz do sol inundou. Olhei para o céu azul claro, as fileiras ordenadas de altos pinheiros verdes e as oliveiras azuis e prateadas, as flores rosa da primavera e as nuvens de borboletas amarelas. Ouvi por um momento um coro de cigarras e cantos de pássaros; respirando os aromas pesados de terra, areia e mar. Foi glorioso. Eu não pude deixar de sorrir.

Decidi trabalhar um pouco antes de descer. Sempre me senti inspirado quando estive na ilha. Então sentei-me à mesa e abri meu caderno. Esbocei algumas ideias para um drama em que estava trabalhando.

Depois tomei um banho rápido e desci. O cheiro forte de café me atraiu para a cozinha, onde uma panela fresca estava no fogão. Eu me servi de uma xícara.

Nenhum sinal dos outros. Eu me perguntei onde eles estavam.

Então, olhando pela janela, notei Leo e Lana lá fora. Eles estavam trabalhando duro no jardim.

Ajudado por Nikos, Leo estava cavando um pedaço de terra em um velho canteiro de flores. Nikos estava fazendo a maior parte do trabalho, esforçando-se. Seu colete estava encharcado de suor. Lana estava agachada ali perto, colhendo tomates cereja e colocando-os em uma cesta de vime.

Servi-me de outra xícara de café. Então fui me juntar a eles.

Saí de casa e desci os degraus irregulares de pedra até o nível inferior. Ao passar pelo pomar murado, olhei para dentro, para as fileiras de pessegueiros e macieiras. Eles tinham flores brancas e rosa nos galhos e pequenas flores amarelas crescendo entre as raízes.

A primavera, ao que parecia, ainda por chegar à Inglaterra, estava em plena floração em Aura.

“Bom dia”, eu disse, ao chegar perto de Leo e Lana.

“Elliot, querido. Aqui” – Lana colocou um tomate cereja em minha boca – “algo doce para começar o dia.”

“Não sou doce o suficiente?” Eu ri, com a boca cheia.

"Quase. Não exatamente.

“Hum.” O tomate era realmente doce e delicioso. Peguei outro da cesta de Lana. "O que está acontecendo?"

“Estamos plantando uma nova horta. Nosso novo projeto.”

“O que há de errado com o antigo?”

“Isto é para Leo. Ele precisa de seu próprio terreno. Lana sorriu para mim com uma pitada de diversão. “Ele é vegano agora, você sabe.”

“Ah.” Eu sorri de volta. "Você mencionou isso, sim."

“Vamos cultivar *tudo.* ” Leo gesticulou com entusiasmo para a terra desenterrada.

"Quase tudo." Lana sorriu.

“Couve e couve-flor, brócolis, espinafre, cenoura e rabanete... o que mais?”

“Batatas”, disse Lana. “Para que possamos parar de roubar o Nikos. A propósito, eles estavam tão deliciosos ontem à noite. Obrigado."

Ela dirigiu isso para Nikos com um sorriso. Ele descartou o elogio, envergonhado.

“Espaço para um pouco de maconha?” Perguntei.

"Não." Leo balançou a cabeça. "Eu não acho."

Lana piscou para mim. "Veremos."

Olhei na direção da casa de veraneio. "Onde está a senhora?"

“Ainda dormindo.”

“E Jasão?”

Antes que Lana pudesse responder, a resposta veio: um tiro alto. E então outro tiro – logo atrás da casa.

Eu pulei da minha pele. *"Jesus."*

“Desculpe”, disse Lana. “É Jason.”

“Atirar em pessoas?”

“Apenas pombos, até agora.”

“É assassinato.” Leo fez uma careta. “É um ato de violência. É nojento e ofensivo. É *nojento* ."

A voz de Lana assumiu uma qualidade paciente, mas tensa, fazendo-me acho que eles já tiveram essa discussão antes. “Bem, querido, eu sei disso, mas ele gosta disso, e nós comemos tudo o que ele mata, então não vai para o lixo.”

“ *Eu* não como. Prefiro morrer de fome.”

Sabiamente, Lana mudou de assunto. Ela tocou o braço de Leo e lançou-lhe um olhar suplicante. “Leo, você pode fazer um milagre e ressuscitar os mortos? Lembre a Kate que o piquenique foi ideia dela, certo? Agathi trabalhou muito nisso. Ela esteve cozinhando a manhã toda.

Leo suspirou. Ele cravou a pá na terra. Ele não parecia entusiasmado com a tarefa. “Niko, terminaremos mais tarde, certo?”

Nikos assentiu.

Enquanto Lana me mostrava onde as lâmpadas iriam, olhei para Nikos, por cima do ombro dela. Ele fez uma pausa na escavação por um momento. Ele recuperou o fôlego e enxugou a testa.

Quantos anos Nikos tinha então? Eu me pergunto. Ele devia ter quase quarenta e poucos anos, mas seu cabelo, antes preto, estava com mechas brancas, seu rosto bronzeado e profundamente enrugado.

Ele era um homem estranho. Ele só falava diretamente com Agathi e Lana ou ocasionalmente com Leo. Ele nunca falou comigo, embora eu já tivesse estado na ilha várias vezes. Ele parecia cauteloso comigo, de alguma forma, como se eu fosse indomável.

Ao olhar para ele, notei algo estranho. Ele estava olhando para Lana com uma expressão estranha. Foi bastante intenso e completamente inconsciente.

Ele estava olhando para ela com adoração, fascinação – com um leve meio sorriso nos lábios. Ele parecia mais jovem, de alguma forma, quase infantil.

*Nossa* , pensei, enquanto o observava olhar para ela. *Ele está apaixonado por ela.*

Não sei por que fiquei surpreso. Fazia todo o sentido, pensando bem. Coloque-se no lugar dele - imagine ficar preso em uma pequena ilha o ano todo, privado de qualquer companhia, masculina ou feminina, apenas para ter uma deusa aparecendo em sua costa a cada poucos meses. Claro que ele estava apaixonado por ela.

Todos nós éramos. Todos nós — Otto, Agathi; eu, Jasão. Metade do mundo. Até Kate, ao mesmo tempo, ficou totalmente obcecada. E agora, Nikos também estava. Ele não tinha chance contra os encantos de Lana, pobre coitado. Ele estava enfeitiçado, como todos nós.

Mas os feitiços não duram para sempre, você sabe. Um dia, o feitiço se quebra, o encantamento acaba; a ilusão acabou.

E nada resta além do ar rarefeito.

# 14

Kate acordou com alguém batendo na porta.

Ela esfregou os olhos, desorientada. Ela levou um segundo para descobrir onde estava: na ilha, na casa de veraneio. Sua cabeça latejava. Outra batida na porta a fez gemer.

“Pare com isso, pelo amor de Deus”, ela gritou. "Quem é esse?"

“É Léo. Acordar."

"Vá embora."

“Já passa das onze. Levante-se, você está atrasado para o piquenique.”

“Que piquenique?”

Leo riu. “Você não se lembra? Foi ideia sua. Mamãe diz para se apressar.

Kate não tinha ideia do que ele estava falando.

E então, vagamente, vagamente, começou a voltar à sua mente – uma lembrança de planos bêbados superexcitados, idealizados na noite anterior, de fazer um piquenique na praia. A ideia de comida naquele momento a fez sentir-se fisicamente enjoada.

Leo bateu novamente.

Kate perdeu a paciência. "Dê-me um maldito minuto!"

“Quantos minutos você precisa?”

"Quinhentos mil."

“Você pode ter cinco. Então vamos sem você.

"Vá *agora. Por favor saia. ”*

Leo suspirou pesadamente. Seus passos recuaram.

Xingando baixinho, Kate sentou-se, balançando os pés cansadamente para o lado da cama. Sua cabeça estava pesada e ela se sentia tonta. *Cristo* , ela se sentia áspera. A última parte da noite foi um borrão total. Ela havia dito algo que não deveria? Fez algo estúpido? Seria típico dela se trair em um deslize de embriaguez. Isso não deve acontecer. Ela deve manter o foco.

*Idiota* , ela pensou, *tome mais cuidado.*

Ela tomou um banho rápido para acordar. Sua cabeça estava doendo — mas ela não tinha aspirina. Então ela tomou meio Xanax. Não havia nada para engolir, exceto os restos de uma garrafa de champanhe da noite anterior. Sentindo-se bastante sórdida, ela colocou um cigarro na boca. Então ela pegou seus óculos escuros e, de repente, o roteiro de *Agamenon.*

Assim armada, Kate saiu da casa de veraneio.

Enquanto caminhava para a praia, Kate passou pela casa de Nikos.

A casa estava em perfeita harmonia com o ambiente. Construída em pedra e madeira, tinha um cacto alto e verde crescendo do lado de fora da porta da frente, cobrindo parcialmente uma parede. Enormes e espinhosas folhas de cactos espalhadas ao longo do caminho. Ivy estava crescendo em outra parede, um emaranhado de folhas e caules. Uma velha rede de corda estava suspensa entre duas oliveiras retorcidas e tortas.

Kate diminuiu a velocidade ao passar e espiar a cabana. Algo atraiu sua atenção. O que foi isso?

O cheiro ou aquele som? *O que foi aquele barulho?*

Um zumbido alto, como o de uma colmeia — mas o cheiro não era de mel. Era um fedor repugnante e arrepiante – de repente tão revoltante que a mão de Kate voou para cobrir o nariz. Cheirava a carne estragada; carne podre, apodrecendo ao sol.

Então ela viu a origem – tanto do som quanto do fedor.

Uma nuvem negra de vespas zumbindo em volta de um toco de madeira. Na madeira, restos de uma carcaça ensanguentada de um pequeno animal. Um coelho, talvez. Estava cheio de formigas e vespas, brigando por ele, devorando-o.

Kate sentiu-se mal ao olhar para aquilo. Ela estava prestes a sair quando notou uma figura na janela, olhando para ela.

Nikos estava parado ali. Ele estava sem camisa. Ele estava olhando diretamente para Kate. Inexpressivo, seus olhos azuis fixos nela.

Kate sentiu um arrepio involuntário. Ela continuou andando e não olhou para trás.

# 15

Leo nos aconselhou a desistir de esperar por Kate, então fomos para a praia sem ela. Lana caminhava um pouco à frente, carregada de toalhas. Leo e eu o seguimos, carregando a pesada cesta de piquenique, cada um segurando uma alça.

Das diversas praias de Aura, esta foi a minha preferida. Era o menor; Agathi chamou-lhe *diamandi* – "o diamante" – e era uma joia, uma praia perfeita em miniatura.

A areia era fofa, grossa e branca como açúcar. Os pinheiros cresciam quase até a beira da água, deixando cair um fino tapete de agulhas verdes na areia, que estalava sob seus pés. O mar era cristalino onde era raso; mais longe, tornou-se verde, água-marinha, turquesa; e, finalmente, um azul profundo e escuro.

Anos atrás, Otto mandou construir uma jangada de madeira um pouco mais longe – uma plataforma elevada, balançando nas ondas, acessível por uma escada de corda. Muitas vezes eu nadava até a jangada, mantendo a cabeça acima da água, um livro preso entre os dentes; suba, deite-se ao sol e leia.

Naquela manhã, estacionamos a cesta de piquenique à sombra de uma árvore e depois Lana e eu fomos nadar. A temperatura da água estava bastante revigorante, mas não muito frio para a época do ano. Lana nadou até a jangada e eu a segui.

Sozinho na praia, Leo abriu a tampa da cesta e investigou seu conteúdo.

Foi realmente um banquete preparado por Agathi: legumes assados recheados com arroz e carne picada, folhas de videira recheadas, diferentes tipos de queijos locais, sanduíches de salmão defumado, melões doces e cerejas.

Além das frutas, não havia muita comida vegana para Leo. Ele procurou desanimado no cesto – até que, no fundo,

encontrou-o. Embrulhada em filme plástico, com a etiqueta *L* , havia uma pequena pilha de sanduíches de tomate e pepino em pão integral, sem manteiga.

*Não é muito apetitoso* , pensou ele. Obviamente, um ataque passivo-agressivo de Agathi às suas necessidades dietéticas. Mas melhor do que nada, então ele pegou um sanduíche.

Então Leo sentou-se à sombra de um pinheiro. Ele almoçou enquanto lia seu livro - *An Actor Prepares.* Ele estava achando isso chato, é certo. Stanislávski era muito mais pesado do que Leo esperava — mas estava determinado a perseverar.

Lana ainda não sabia disso, mas Leo acabara de enviar suas inscrições para escolas de teatro no Reino Unido e nos Estados Unidos. Ele esperava que ela não se importasse, mas na verdade, dada a conversa que tiveram outro dia em Londres, ele não tinha tanta certeza. Ele planejava falar com ela sobre isso neste fim de semana. *Se algum dia eu tiver a chance* , pensou ele, *com Kate e Elliot aqui, monopolizando-a a cada segundo.*

Um tiro distante o distraiu de repente. Então outro.

Leo fez uma careta. Aqueles pobres pássaros, baleados para diversão daquele psicopata. Isso irritou tanto Leo que ele ficou com medo de fazer algo drástico.

Talvez ele devesse.

Talvez fosse hora de tomar uma posição — defender uma posição deliberada. Nada excessivo – algo sutil, mas eficaz. Mas o que?

A resposta veio a ele imediatamente.

*As armas.*

E se Jason descobrisse que suas armas estavam faltando — e ninguém soubesse onde elas estavam? Ele iria queimar um fusível. Ele perderia a cabeça.

*Sim* , pensou Leo, sorrindo, *é isso. Quando voltarmos para casa, vou esconder as armas em algum lugar onde ele nunca as encontre. Isso lhe servirá bem.*

Satisfeito com sua decisão, Leo terminou seu sanduíche. Depois caminhou pela areia, de volta ao cesto, em busca de cerejas.

# 16

Jason estava sozinho nas ruínas. Ele tinha ido até lá com um rifle, para praticar a pontaria.

Seu alvo era uma lata. Estava equilibrado sobre uma das colunas em ruínas e, até então, permanecia ileso.

Ele ficou aliviado por estar sozinho. A conversa estúpida dos amigos de Lana o irritava na melhor das hipóteses. E agora, quando ele tinha tanta coisa em mente, era quase insuportável.

Nesse momento, um pequeno pássaro, um pombo-torcaz, pousou em uma das colunas quebradas. Parecia alheio a Jason parado ali. Ele segurou a arma em suas mãos. *Ok* , ele disse para si mesmo. *Foco.*

Ele mirou cuidadosamente e...

“Jasão.”

Distraído, ele atirou – mas sua mira estava errada. O pássaro voou para longe, ileso. Ele se virou, furioso.

“Tenho uma arma na mão, pelo amor de Deus! Não se assuste comigo desse jeito.

Kate sorriu. “Você não vai atirar em mim, amor.”

“Não aposte nisso.” Jason olhou por cima do ombro dela. "Onde estão os outros?"

“Acabamos de sair da praia. Eles estão de volta em casa, tomando banho. Ninguém me viu, se é isso que você quer dizer.

"O que você está fazendo? Por quê você está aqui?"

“Lana me convidou.” Kat encolheu os ombros.

“Você deveria ter dito não.”

“Eu não queria dizer não. Eu queria vê-la.

"Por que?"

"Ela é minha amiga."

"É ela?"

"Sim. Você parece esquecer isso às vezes. Kate sentou-se numa placa baixa de mármore e acendeu um cigarro. "Nós precisamos conversar."

"A respeito?"

“Lana.”

“Eu não quero falar sobre Lana.”

“Ela sabe, Jason.”

"O que?" Ele olhou para Kate por um segundo. "Você contou para ela?"

Kate balançou a cabeça. "Não. Mas ela sabe. Eu posso dizer.

Jason estudou o rosto de Kate por um segundo. Para seu alívio, ele decidiu que não acreditava nela. Ela estava sendo dramática, como sempre. “Você está imaginando.”

"Eu não sou."

Houve silêncio por um segundo. Jason desviou o olhar, brincando com a arma nas mãos. Quando ele falou novamente, sua voz tinha um tom diferente: suspeita.

“É melhor você não dizer nada, Kate. Quero dizer."

"Isso é uma ameaça?" Kate deixou cair o cigarro e enterrou-o na terra com o pé. “Querido, que romântico.”

Jason olhou dentro de seus olhos escuros, brilhantes e magoados – eles tinham um leve brilho, indicando que ela estava bebendo. Mas ela não estava bêbada – não do jeito que estava na noite passada.

Ele também podia ver seu próprio rosto refletido nos olhos de Kate. Seu rosto infeliz. Por um segundo, Jason considerou abandonar suas defesas? Ele quase caiu de joelhos, enterrou a cabeça no colo de Kate e desabafou? ele mesmo, contando a ela a verdade sobre o terrível problema em que estava? Como seu malabarismo com o dinheiro de outras pessoas havia desmoronado, todas as bolas rolando por entre seus dedos — como ele precisava de uma injeção financeira enorme, dinheiro que ele não tinha, mas, principalmente, Lana tinha; e, sem isso, ele quase certamente iria para a cadeia?

A ideia disso, da prisão, de estar enjaulado como um pássaro, fez o coração de Jason bater forte no peito. Ele faria qualquer coisa para evitar isso. Ele sentiu tanto medo, como um garotinho – ele teve vontade de chorar. Mas ele não o fez.

Em vez disso, ele apoiou a arma contra uma coluna. Ele se abaixou, alcançou a cintura de Kate e a colocou de pé.

Ele se inclinou para frente e beijou-a nos lábios.

“Não faça isso,” Kate sussurrou. "Não."

Ela tentou se afastar, mas ele não deixou. Jason a beijou novamente.

Desta vez, Kate deixou.

Enquanto se beijavam, Jason teve uma sensação estranha — uma espécie de sexto sentido, talvez? — de que estavam sendo observados.

*É Nikos? Ele está nos observando?*

Jason se afastou por um segundo – e olhou em volta. Mas não havia ninguém lá. Apenas as árvores e a terra. E o sol, claro, branco, deslumbrante, ardendo no céu.

Isso o cegou ao olhar para aquilo.

# 17

Quase imediatamente, o tempo começou a mudar.

O sol desapareceu atrás de uma nuvem, lançando-nos numa penumbra sombria. E o vento, que vinha aumentando o dia todo, primeiro como um sussurro, e agora como um lamento, começou a soprar em nossa direção, furioso, através da água; rasgando o chão, sacudindo arbustos e arbustos, sacudindo folhas pontiagudas de cactos, fazendo os galhos das árvores balançarem e rangerem.

Tínhamos planejado nos aventurar em Mykonos, para jantar no restaurante Yialos. Agathi alertou contra isso, por causa do vento, mas decidimos ir mesmo assim. Jason insistiu que havia saído de lancha em um tempo pior do que aquele. Mesmo assim, eu estava me sentindo um pouco desconfortável e, antes de sairmos para aquela noite escura e ventosa, pensei em tomar uma bebida forte — para ter coragem holandesa, pode-se dizer.

Entrei na sala. Examinei o armário de bebidas, embora chamá-lo de *armário* fosse um eufemismo.

Que bar lindo e perfeitamente abastecido. Tinha tudo que você precisava: shakers, colheres, batedeiras e todo tipo de parafernália; bebidas espirituosas e misturadores caros; limas, limões, azeitonas - uma geladeira para vinho e um pequeno freezer para gelo. Com ingredientes tão perfeitos, como resistir a fazer um martini?

Você sabe, tenho ideias rígidas sobre como um martini deve ser feito. Controversamente, prefiro vodka, não gim. Deve estar gelado e *extremamente* seco. O vermute é originário de Milão; e Noël Coward certa vez fez a famosa piada de que o mais próximo que um martini deveria chegar do vermute era um aceno de copo na direção geral da Itália. Concordo, e tive o cuidado de adicionar apenas uma ou duas gotas, para um mero *sussurro* de vermute. Felizmente, era um vermute excelente - francês, não

italiano - e mantido refrigerado na geladeira, como deveria ser.

Então abri uma garrafa de vodca. Joguei um pouco de gelo na coqueteleira e comecei a trabalhar. Alguns momentos depois, despejei o líquido espesso e branco-gelo em um pequeno copo triangular. Mergulhei um palito de prata numa azeitona e coloquei-o delicadamente na bebida; então segurei-o contra a luz e admirei-o.

Foi realmente o *martini perfeito.* Eu me parabenizei. Eu estava prestes a levá-lo aos lábios quando parei, distraído pela visão mais estranha.

Atrás de mim, refletido na porta espelhada do armário de coquetéis, vi Leo — passando sorrateiramente pela porta da sala — segurando uma braçada de armas.

Larguei minha bebida e fui até a porta. Eu espiei.

Leo estava carregando as armas até o final da passagem. Ele foi até o grande baú de madeira que estava no chão, perto da porta da cozinha. Com uma mão, ele abriu o baú. Então ele baixou cuidadosamente as armas no peito. Ele os manuseava com desagrado, como se cheirassem mal. Ele fechou a tampa.

Leo ficou ali por um momento, contemplando seus esforços. Ele parecia satisfeito. Então ele saiu andando, assobiando para si mesmo.

Eu hesitei. Então saí da sala. Segui pelo corredor para verificar a sala que Jason chamava de “sala de armas”. Era uma sala bastante inútil, perto da porta dos fundos; anteriormente uma sala de bagagens, para lama sapatos e guarda-chuvas – que, neste clima seco, raramente eram usados. Jason a limpou, instalou suportes para armas e manteve sua parafernália de caça lá. Ele tinha três ou quatro armas – incluindo um rifle, uma espingarda semiautomática e algumas pistolas.

Todos os porta-armas estavam vazios.

Deixei escapar uma risada silenciosa. Jason não gostaria *nada disso.* Ele iria pirar. Por mais que eu gostasse da perspectiva, sabia que não poderia deixar as coisas assim. Eu me perguntei se deveria contar a Lana. Decidi refletir sobre isso enquanto tomava meu coquetel.

Voltei para a sala e voltei para o meu martini perfeito. Mas, tendo perdido o frio, o martini estava

decepcionantemente quente.

Na verdade, uma decepção.

# 18

No caminho para o restaurante, o clima no barco estava tenso.

Jason tinha uma carranca fixa e determinada enquanto tentava dirigir a lancha através das grandes ondas negras. Lana ficou em silêncio e não parecia feliz. Eu me perguntei se eles teriam brigado. Kate estava sentada ao lado dela, também parecendo taciturna, fumando um cigarro atrás do outro, olhando para as ondas.

Eu era o único com bom humor. Eu já tinha bebido alguns martínis e estava imensamente ansioso para jantar. Em vez de viajar num silêncio miserável, virei-me para Leo, que estava sentado ao meu lado. Tive que gritar para ser ouvido por cima do vento.

“Então, Leão. O que é tudo isso que ouvi sobre você querer ser ator?

Leo me lançou um olhar surpreso. “Quem te contou isso?”

“Sua mãe, é claro. Não posso dizer que estou surpreso.”

"Você não está?" Leo parecia desconfiado. "Por quê?"

“Bem, você conhece o velho ditado.” Pisquei para ele. “'A maçã nunca apodrece longe da árvore.'”

Eu ri, mas Leo franziu a testa.

"Isso é uma piada? Eu não entendo.

Ele me lançou um olhar desconfiado e depois se virou para olhar a ilha brilhante ao longe.

“Estamos quase lá”, eu disse. “Lindo, não é?”

*Linda* é a palavra. Chegar a Mykonos à noite é uma experiência encantadora, quase alucinatória. À medida que você se aproxima, a ilha brilha com luzes brancas cintilantes, iluminando os edifícios com cúpulas brancas que sobem e descem ao longo das curvas das colinas.

*Yialos* significa “beira-mar”. Apropriadamente, o restaurante ficava ao longo da muralha do porto. Desembarcamos no cais privado. Fiquei aliviado por estar

fora do barco oscilante e em terra firme. Subimos os degraus de pedra até o restaurante.

Era um local pitoresco: as mesas ficavam à beira da água, com toalhas de linho branco, e iluminadas por lanternas penduradas nos ramos das oliveiras. Podíamos ouvir a maré batendo no paredão de pedra.

Assim que Babis nos viu, ele correu. Ele estalou os dedos para seu bando de garçons, todos de luvas, gravata-borboleta e jaquetas brancas reluzentes. Nas outras mesas, as pessoas se viraram e olharam. Senti Leo se contorcer ao meu lado; mesmo depois de uma vida inteira assim, ele ainda não gostava da atenção — quem poderia culpá-lo? — e naquela noite havia muita atenção.

Yialos era um restaurante caro e pretensioso, atendendo a uma clientela extremamente rica e sofisticada. Mesmo assim, o aparecimento inesperado de Lana da água, como o nascimento de uma Afrodite moderna, deixou todos ansiosos. Todos pararam e olharam.

Lana estava luminosa naquela noite – diamantes brilhando em seus cabelos, nas orelhas e no pescoço. Ela usava um vestido branco, simples, mas caro, perfeitamente ajustado ao seu corpo, que refletia a luz e a fazia brilhar como uma espécie de bela aparição.

Você tinha que se maravilhar com o espetáculo, realmente. Então, para coroar tudo, um garotinho, de cerca de sete ou oito anos, cambaleou até ela. Ele havia sido enviado por seus pais. O menino ergueu timidamente o guardanapo e pediu um autógrafo a Lana.

Lana sorriu e obedeceu graciosamente, assinando o nome dela no guardanapo com a caneta de Babis. Então ela se abaixou e beijou a bochecha do menino. Ele ficou vermelho brilhante. Todo o restaurante explodiu em aplausos espontâneos e encantados.

O tempo todo, Kate estava ao meu lado. Eu podia sentir sua irritação crescente. A raiva irradiava dela como calor corporal.

Isso é algo que você deveria saber sobre Kate: ela tinha um temperamento bastante forte. Isso era bem conhecido entre seus colegas de teatro — todos os quais, em algum momento, suportaram o peso de um de seus acessos de raiva. Uma vez provocada, sua fúria era assustadora,

incandescente e incendiária – até se extinguir. Então ela seria tomada pelo remorso e desesperada para reparar o dano que havia causado — o que, infelizmente, nem sempre era possível.

E agora, senti que Kate estava ficando mais furiosa a cada segundo. Seu temperamento estava levando a melhor sobre ela, eu poderia dizer. Quando ela chamou minha atenção, ela parecia positivamente assassina.

Então ela disse, em voz alta, num sussurro teatral, audível para a maior parte do restaurante: “Ninguém quer *meu* autógrafo? Multar. *Vá se foder, então.* ”

Babis pareceu horrorizada e rapidamente decidiu que ela estava brincando. Ele riu muito e muito. Ele nos guiou até a nossa mesa, arrulhando e bajulando Lana – curvando-se tão profundamente que corria o risco de cair.

À mesa, Kate fez questão de puxar a cadeira e sentar-se – antes que um garçom pudesse ajudá-la.

“Não, obrigada, cara”, disse Kate ao garçom. “Eu não preciso de nenhuma ajuda. Nenhum tratamento especial para mim. Eu não sou uma *estrela de cinema* . Apenas uma pessoa normal.”

Lana também recusou ajuda para sentar. Ela sorriu. “Eu também sou uma pessoa, Kate.”

"Não, você não é." Kate acendeu um cigarro e deu um longo suspiro teatral. " *Jesus.* Você nunca *fica* enjoado disso?

“Cansado de quê?”

"Cansado disso . " Kate apontou para as outras mesas. “Não é possível jantar sem quinhentas pessoas aplaudindo?”

Lana abriu o cardápio e o estudou. “Quase quinhentos. Apenas algumas mesas. Isso os deixou felizes. Não me custou muito atender.”

“Bem, isso me custou.”

“Foi isso?” Lana olhou para cima. Seu sorriso estava vacilante. “Isso custou muito para você, Kate?”

Kate a ignorou e virou-se para Babis. “Eu preciso de uma bebida. Champanhe?"

"Mas é claro." Babis fez uma reverência e olhou para Lana. “E para Madame?”

Lana não respondeu; ela parecia não ouvi-lo. Ela continuou olhando para Kate com uma expressão estranha e confusa.

Leo a cutucou. “Mãe? Podemos fazer o pedido, por favor?

“Sim”, disse Jason. “Pelo amor de Deus, vamos acabar com essa farsa.”

“Espere um segundo”, eu disse, examinando o cardápio. “Ainda não sei o que quero. Adoro pedir em restaurantes gregos, e você? Quero *tudo* — todos os setenta e cinco pratos.”

Isso fez Lana sorrir, e ela se recuperou. Ela pediu para a mesa.

Deve-se dizer que uma das habilidades mais cativantes de Lana era ordenar bem — com generosidade excessiva, geralmente demais; e ela sempre insistia em pagar a conta, o que fazia dela a anfitriã perfeita para mim. Ela escolheu uma seleção de molhos e saladas, lulas e lagostas locais, almôndegas e purê de batatas; e a especialidade da casa, um robalo grande, assado em crosta de sal flamejante, aberto por Babis à mesa: teatral e delicioso.

Tendo anotado a ordem, Babis partiu, curvando-se enquanto avançava, despachando garçons para buscar nossa comida e bebidas. Apareceu champanhe; um copo foi servido para todos, exceto Leo.

“Eu gostaria de fazer um brinde.” Levantei meu copo. “Para Lana. Para agradecê-la por sua incrível generosidade e por...

Kate bufou, revirando os olhos. “Eu não estou participando desta apresentação.”

"Desculpe?" Eu fiz uma careta. "Eu não entendo."

“Resolva isso.” Kate bebeu o champanhe. “Está se divertindo, não é? Está se divertindo?

Para minha surpresa, percebi que Kate estava dirigindo isso para mim. Sua voz era sarcástica. Quando olhei nos olhos dela, vi uma raiva ardente.

Aparentemente, eu acidentalmente tropecei na linha de fogo dela. Uma rápida olhada para Lana me disse que ela também viu isso. Dei um sorriso tranquilizador para Lana – para mostrar que eu sabia cuidar de mim mesma.

Então me virei para Kate. “Sim, estou, obrigado, Kate. Estou me divertindo muito.

“Ah, que bom.” Kate acendeu um cigarro. “Gostando do show?”

“Muito mesmo. Depois de um início lento, está melhorando enormemente. Mal posso esperar para ver o final. Aposto que você tem algo realmente espetacular planejado.”

“Eu farei o meu melhor. Você é um público tão bom. Kate sorriu perigosamente. “Sempre observando, não é, Elliot? Sempre tramando. O que está acontecendo em sua pequena mente? Hum? Que planos você está tramando?

Eu não sabia por que Kate estava me atacando daquele jeito. Eu duvidava que ela mesma soubesse. Ela não tinha motivos para ficar com raiva de mim; Achei que ela devia estar atacando porque presumiu que eu não reagiria. Bem, ela estava errada. Se há uma coisa que aprendi é que você deve se defender.

*Ninguém adora capacho* , costumava dizer Barbara West. *Eles apenas limpam os pés nele.* Deus sabe que Barbara me pisoteou durante anos. Aprendi essa lição da maneira mais difícil.

“Você está de mau humor esta noite, Kate.” Bebi meu champanhe. "O que está acontecendo? Por que você está determinado a arruinar isso?

“Você realmente quer que eu responda isso? Eu posso, se você quiser.

“Kate,” Lana disse em voz baixa. "Pare com isso. Agora."

As duas mulheres se entreolharam por um momento. Os olhos de Lana disseram que ela estava farta. Para minha surpresa, a intervenção foi bem sucedida; Kate recuou involuntariamente.

Então Kate fez um movimento repentino – e por uma fração de segundo pensei que ela estava prestes a atacar a mim ou a Lana por cima da mesa, ou algo maluco assim – mas ela não o fez.

Ela se levantou, aos trancos e barrancos, com os pés instáveis. “Eu... eu preciso do banheiro.”

“Vai passar pó no nariz?” Perguntei.

Kate não respondeu. Ela foi embora.

Olhei para Lana. “Qual é o problema com ela?”

"Não sei." Lana encolheu os ombros. "Ela está bêbada."

“Isso não é tudo que ela é. Não se preocupe, tenho a sensação de que ela voltará do banheiro com um humor muito melhor.”

Mas eu estava errado. Kate voltou para a mesa num estado muito pior. Ela estava chapada, claramente, agitada, ansiosa por uma briga - não apenas comigo - qualquer um de nós serviria.

Leo e Jason sabiamente mantiveram a cabeça baixa e comeram rápido. Eles queriam ir o mais rápido possível. Mas os pratos continuavam chegando, um número aparentemente interminável, então me concentrei na comida.

Suspeito que fui o único que gostou da refeição. Lana apenas pegou seu prato. Kate não tocou em nada – ela fumou e bebeu, olhando malévola ao redor da mesa. Após um longo silêncio desconfortável, Lana tentou desviar Kate com um elogio:

“Eu amo esse lenço que você está usando. Um vermelho tão profundo.”

“É um *xale* .” Kate jogou-o por cima do ombro, com desprezo, e depois contou uma longa e grandiosa história sobre como o xale foi feito para ela por um órfão que ela patrocinou em Bangladesh, para agradecer a Kate por tê-la feito estudar. “Não é *moda* , então sei que você nunca tocaria nisso, mas eu adoro isso.”

“Na verdade, acho que é bastante bonito.” Lana estendeu a mão e tocou a ponta dele. “Um trabalho tão delicado. Ela é muito talentosa.”

“Ela é *inteligente* , o que é mais importante. Ela vai ser médica.”

"Graças à *você* . Você é maravilhosa, Kate.

Essa tentativa de pacificar Kate foi como bajular uma criança mal-humorada — *Ah, você é inteligente, muito bem* — e foi desajeitada da parte de Lana. Mas eu poderia dizer que ela ficou abalada com essa mudança repentina em Kate. Todos nós éramos.

Se eu tivesse que selecionar um momento daquele fim de semana em que tudo deu errado, foi ali, no restaurante. De alguma forma, uma linha indefinível foi cruzada – e navegamos de um lugar de normalidade para um território

desconhecido: para uma terra de ninguém escura e sem amigos, da qual não havia retorno seguro.

Durante todo o tempo que estivemos ali sentados, pude ouvir o vento uivando na água. Estava ganhando velocidade; toalhas de mesa tremulavam; velas soprando. Abaixo de nós, as ondas batiam no paredão.

*É melhor irmos logo* , pensei. *Ou teremos problemas para voltar.*

Segurei meu guardanapo de linho branco com a mão direita e pendurei-o na beirada da parede, acima da água. Eu abri meus dedos e deixei passar

O guardanapo foi arrancado dos meus dedos pelo vento. Ele dançou no céu noturno por um momento.

Então foi engolido pela escuridão.

# 19

Como Agathi previu, o vento piorou no caminho de volta.

A lancha balançava sobre enormes ondas negras enquanto o vento cuspia maresia salgada em nós. A viagem pareceu durar uma eternidade. Quando finalmente voltamos para casa, estávamos encharcados e muito abalados.

Sempre cavalheiro, Leo encontrou toalhas para todos. Enquanto nos enxugamos, Jason fez uma tentativa débil de encerrar a noite. Um ataque preventivo, você poderia dizer. Honestamente, ele deveria saber melhor. Qualquer tentativa de “administrar” Kate, de mandá-la para a cama como uma criança travessa, estava fadada ao fracasso. Kate não era o tipo de pessoa a ser gerenciada.

“Que tal encerrarmos a noite?” Jasão disse. “Estou exausto.”

“Ainda não”, disse Kate. “Vou tomar uma bebida antes de dormir.”

"Você não teve o suficiente?"

"Não. Aquele passeio de barco me deixou completamente sóbrio. Preciso de outra bebida.

“Boa ideia”, eu disse. "Eu também. Qualquer coisa em dobro, por favor.

Saí pelas janelas francesas até a varanda. Estava protegido do pior vento pelo muro de pedra que o rodeava.

Usávamos muito a varanda: tinha vários sofás, mesinhas de centro, fogueira e churrasqueira. Liguei a fogueira e usei a chama para acender a ponta do meu baseado – que eu havia enrolado na esperança de repetir a alegria da noite anterior. Infelizmente, quão longe isso parecia agora. Como uma vida diferente.

Leo me seguiu para fora. Ele acenou com a cabeça para o baseado. “Posso comer um pouco?”

Fiquei um pouco surpreso com o pedido. Ele não bebia álcool e presumi que não aprovava a maconha. Eu

considerei isso.

"Hum. Suponho que você já tenha idade suficiente.

“Tenho quase dezoito anos. *Todos* os meus amigos fumam. Não é grande coisa."

“Não conte para sua mãe.” Entreguei-lhe o baseado. Acenei com a cabeça para Kate na sala de estar. “Eu não ficaria por aqui se fosse você. A menos que você queira um lugar ao lado do ringue.

Leo assentiu. Ele levou a ponta do baseado aos lábios e inalou profundamente. Ele segurou a fumaça nos pulmões por um momento. Depois exalou lentamente, conseguindo não tossir, o que me impressionou. Ele me entregou o baseado.

Então, sem dizer mais nada, Leo virou-se e desceu os degraus de pedra, afastando-se da casa.

*Cara sensato* , pensei. Enfrentar o vendaval era infinitamente mais seguro do que aguentar o humor atual de Kate. Mesmo assim, ele deveria ter cuidado ao pisar.

“Tenha cuidado”, gritei para ele. “O vento está realmente aumentando.”

Leo não respondeu. Ele apenas continuou andando.

# 20

Leo caminhou em direção à água, para observar as ondas, enquanto o vento atacava a costa. Ele seguiu o caminho sinuoso até a praia.

O baseado estava atingindo-o agora. Ele podia sentir seus sentidos aumentarem. Uma deliciosa sensação de formigamento. Embora Leo desaprovasse o álcool (afinal, ele passou a infância testemunhando seus piores efeitos nos amigos de sua mãe), ele ficou curioso sobre a maconha. Seu professor de teatro na escola, Jeff, a quem Leo admirava profundamente, disse que ficar chapado era bom para um ator.

“Isso abre câmaras na mente”, disse Jeff. “Weed abre portas para salas que deveriam ser exploradas.”

Isso parecia intrigante – criativo e inspirador. Leo não tentou apenas porque não teve oportunidade. Ele estava mentindo quando disse que todos os seus amigos fumavam. Leo não tinha tantos amigos, e os que ele tinha eram tão responsáveis e cumpridores das regras quanto ele. Eu fui o único réprobo em sua vida.

*Tio malvado Elliot.* Muito bom, fico feliz em atender.

Infelizmente, o que Leo estava vivenciando agora, depois de uma tragada no baseado, ele não poderia descrever como revelador. Ele se sentiu suave e gostou do sensação do vento soprando entre seus dedos e pelos cabelos. Mas nada mais, nada profundo ou espiritual.

Leo tirou os sapatos e os deixou na areia. Ele andava descalço nas ondas agitadas, com o vento assobiando em seus ouvidos.

Ele perdeu a noção do tempo enquanto caminhava – parecia desaparecer, como se tivesse sido levado pelo vendaval. Ele se sentiu estranhamente em paz; em harmonia com o vento e as ondas agitando o mar.

Então, de repente, uma nuvem escura surgiu na frente da lua, permanecendo ali. Tudo foi jogado na sombra.

Como se as luzes tivessem sido apagadas.

Leo sentiu algo atrás dele. Um par de olhos na parte de trás da cabeça – e uma sensação de arrepio na parte de trás do pescoço, fazendo-o estremecer.

Ele se virou – mas não conseguiu ver ninguém. Apenas a praia vazia — e as árvores negras, tremendo ao vento. Ninguém estava lá. Ele estava prestes a se virar quando viu.

Estava sempre em frente, no fundo da praia, à sombra das árvores. O que foi isso? Não parecia totalmente humano. Leo espiou, tentando entender o que estava vendo. Seria algum tipo de animal? As pernas eram de cabra, ou algo parecido, mas estava em pé. E na cabeça... eram chifres?

Leo lembrou-se do lendário fantasma da ilha. Era isso que ele estava testemunhando? Ou algo mais sinistro? Algo maligno... uma espécie de *demônio* ?

Naquele instante, ele sentiu uma premonição terrível – Leo sabia, com total e absoluta certeza, que algo terrível estava para acontecer, muito, muito em breve – algo horrível e mortal; e ele seria impotente para evitá-lo.

*Pare com isso. Você está chapado e paranóico,* disse a si mesmo. *Isso é tudo.*

Leo fechou os olhos e esfregou-os, tentando não ver o que estava vendo. Então, felizmente, o vento veio em seu auxílio – soprando as nuvens da lua. O luar iluminou a cena como um holofote, dissolvendo instantaneamente a fantasia de Leo.

O monstro revelou nada mais ser do que uma coleção de vários galhos e folhagens interconectados. A imaginação hiperativa de Leo juntou os pontos e montou um demônio. Não era real, apenas um truque de luz. Mesmo assim, ele estava completamente assustado.

E então... Leo agarrou seu estômago. Ele gemeu.

De repente, ele estava se sentindo mal.

# 21

Enquanto estávamos no restaurante, Agathi cuidou dos dois pombos-torcazes de aparência desprezível que Jason havia abatido naquela tarde.

Ela sentou-se à mesa da cozinha e começou a depenar os pássaros, lenta e pacientemente. Ela fazia isso desde menina, quando sua avó a ensinou. Ela relutou em aprender no início – parecia desagradável, até mesmo horrível.

*Não seja boba, menina* , disse a avó, pegando as mãos de Agathi e colocando-as firmemente sobre o pássaro. *Não é agradável, macio sob os dedos?*

Ela estava certa, aconteceu — e arrancando essas penas, aproveitando a sensação, o movimento rítmico, confortada pela lembrança de seu *yiayia* , Agathi entrou em transe meditativo, ouvindo o vento. Aquele vento era como a ira de Deus. Aparecendo do nada – um raio vindo de um céu azul claro. Nenhum aviso. *A fúria* — era assim que sua avó chamava. E ela estava certa.

Agathi lembrou-se de como a velha observava os ventos fortes da janela da cozinha. Ela batia palmas de alegria, aplaudindo, enquanto galhos eram arrancados das árvores e arremessados no ar. Como quando criança, Agathi costumava acreditar que sua avó era de alguma forma responsável pelos violentos vendavais; que ela os havia conjurado, por meio de um de seus feitiços, por meio de uma de suas poções mágicas borbulhando no fogão.

Os olhos de Agathi ficaram subitamente molhados de lágrimas. Ela sentia muita falta dela – ela daria qualquer coisa para ter a velha bruxa de volta, enterrar-se naqueles braços ossudos.

*Pare com isso* , ela pensou. *Pare de pensar tanto no passado.*

Qual era o problema com ela? Ela se recompôs e enxugou as lágrimas dos olhos, deixando penugens e traços

de penas em suas bochechas. Ela estava cansada, pensou, só isso. Depois de depenar os pássaros, ela preparou uma xícara de chá de menta e subiu para dormir.

Ela queria dormir antes que a família voltasse do restaurante. Anos de experiência deram a Agathi faro para problemas – ela sentia que algo estava no ar. Se houvesse algum drama, ela não queria participar dele.

No final, Agathi adormeceu assim que encostou a cabeça no travesseiro. O chá de menta permaneceu na mesinha de cabeceira, intocado.

Ela não tinha certeza do que a acordou.

A princípio, enquanto dormia, ela percebeu vozes lá embaixo — vozes abafadas, levantadas em discussão. Então ela sonhou que Jason estava procurando por Lana, chamando seu nome.

De repente, Agathi percebeu que não era um sonho. Foi real.

“Lana!” Jason gritou.

Agathi abriu os olhos. Ela acordou instantaneamente. Ela escutou. Não houve mais gritos. Apenas silêncio.

Ela saiu da cama. Ela foi até a porta e abriu uma fresta. Ela espiou.

Com certeza, no final do corredor ela viu Jason. Ele estava saindo do quarto de Lana.

Então Kate subiu as escadas. Ela e Jason conversaram em voz baixa, quase inaudível. Agathi esforçou-se para ouvir.

“Não consigo encontrar Lana”, disse Jason. “Estou preocupado com ela.”

"Quanto a *mim* ?"

“Você não teve atenção suficiente por uma noite?” Jason lançou a Kate um olhar de desprezo. "Ir para a cama-"

Ele tentou passar por ela e eles brigaram por um segundo. Ele a jogou de lado com possivelmente mais força do que pretendia. Kate perdeu o equilíbrio, agarrando-se ao corrimão em busca de apoio.

“Você é patético”, disse Jason.

Agathi fechou a porta silenciosamente. Ela ficou ali por um momento, sentindo-se desconfortável. Seu instinto foi

vestir o roupão e sair em busca de Lana. No entanto, algo a impediu. Melhor não se envolver. *Volte a dormir* , disse Agathi a si mesma.

Houveram noites semelhantes a esta ao longo dos anos, muitas cenas dramáticas, muitas vezes envolvendo Kate, e eram sempre resolvidas amigavelmente na manhã seguinte. Sem dúvida Kate ficaria sóbria e pediria desculpas por tudo o que havia feito. Lana a perdoaria.

Tudo continuaria como antes.

*Sim* , pensou Agathi, bocejando. *Apenas vá para a cama.*

Ela se deitou e tentou dormir. Mas o vento continuava batendo as venezianas da janela contra a parede externa. Isso a impediu de entrar em um sono profundo.

Por fim, ela saiu da cama e fechou as venezianas. Depois disso, ela dormiu profundamente por cerca de uma hora – talvez mais – até que mais uma vez seu sono foi interrompido.

As venezianas batiam na parede:

*Bang, bang, bang.*

Abrindo os olhos, Agathi percebeu de repente que não poderiam ser as venezianas batendo. Ela os havia trancado. Ela levou um segundo para entender o que acabara de ouvir.

Foi um tiroteio.

O coração de Agathi acelerou quando ela saiu correndo do quarto e desceu correndo. Ela saiu correndo pela porta dos fundos.

O vento estava forte, mas ela mal percebeu. Ela ouviu outros passos próximos, pés descalços batendo no chão, mas ela não olhou em volta. Ela se concentrou em correr, correndo na direção do som.

Ela tinha que chegar lá, tinha que provar a si mesma que estava imaginando, que estava errada, que nada de terrível havia acontecido.

Finalmente chegou à clareira além do olival. Ela alcançou a ruína.

E no chão havia um corpo.

O corpo de uma mulher – numa poça de sangue. O rosto estava na sombra. Três ferimentos de bala na frente do vestido. Um xale vermelho escuro em volta dos ombros; vermelho ficando preto, enquanto encharcava sangue.

Leo chegou pouco antes de Agathi. Ele olhou para o corpo, como se precisasse ter certeza de quem era. Então ele soltou um grito horrível e estrangulado.

Cheguei então – na mesma hora que Jason. Corri e me ajoelhei ao lado do corpo, agarrando o pulso, sentindo desesperadamente o pulso. Foi difícil — Leo estava no meu caminho, embalando-a; ele não iria desistir. Ele estava coberto de sangue, enterrando o rosto nos cabelos dela, agarrado a ela, soluçando. Eu tentei e não consegui desembaraçá-la dele.

Jason tentou assumir o comando. Mas ele parecia perdido e com medo. "O que aconteceu? *Que porra aconteceu?* Eliot?

"Ela se foi." Eu balancei minha cabeça. "Ela se foi…."

*"O que?"*

"Ela está morta." Abaixei seu pulso, lutando contra as lágrimas. “Lana está morta.”

# ATO II

*Todo assassino é provavelmente um velho amigo de alguém.*

—A GATHA C HRISTIE, *O misterioso caso de Styles*

# 1

Ainda não consigo acreditar que ela se foi.

Mesmo agora, depois de todo esse tempo, não parece real. Às vezes penso que se fechasse os olhos, poderia estender a mão e tocá-la, como se ela estivesse sentada ao meu lado. Mas Lana não está aqui. Ela está em uma galáxia diferente, a anos-luz fora de alcance, ficando mais distante a cada segundo.

Li em algum lugar que o inferno sempre foi mal representado. Não é um poço ardente, cheio de tormentos ardentes. Na verdade, o inferno é apenas uma *ausência* , um banimento da presença de Deus. Ser afastado Dele é o próprio inferno. E então estou no inferno. Condenado a viver para sempre em algum lugar vazio — longe do brilho de Lana, longe de sua luz.

*Eu sei, eu sei* – devo acabar com essa autopiedade sentimental. Não faz bem a ninguém, muito menos a Lana. É *de mim* que sinto pena, deste pobre coitado que deve viver sem ela.

Em certo sentido, ainda a possuo. Lana vive para sempre, imortalizada em seus filmes; eternamente jovem, eternamente belo - enquanto nós, mortais, ficamos mais velhos, mais feios e mais tristes a cada dia. Mas essa é a diferença entre duas e três dimensões, não é? Como Lana existe agora, preservada em celulóide, ela só pode ser contemplada. Não tocado. Não mantido; não beijou.

Então, parece que Barbara West estava certa no final (embora de uma forma totalmente diferente do que ela queria dizer) quando um dia me disse com maldade: “Querido, espero que você não esteja se apaixonando por Lana Farrar. Os atores simplesmente não são capazes de amar. É muito melhor você pendurar uma foto dela na parede e dar uma punheta nela.

Curiosamente, tenho uma fotografia de Lana aqui comigo na minha mesa enquanto escrevo. Ainda é uma

publicidade antiga – um pouco envelhecida, enrolada nas bordas, desbotada e amarelada. Foi tirada alguns anos antes de eu conhecer Lana. Antes de arruinar a vida dela e a minha.

Mas não, isso não é justo.

Minha vida já estava arruinada.

# 2

Ok, tenho algo para lhe contar.

Antes de prosseguir, antes de revelar quem cometeu o assassinato — e, mais importante, *por quê* —, tenho que fazer uma confissão.

É sobre Lana.

Há tanta coisa que eu poderia dizer sobre ela. Eu poderia te dizer o quanto eu a amava. Eu poderia relembrar nossa amizade, presenteando vocês com histórias e anedotas. Eu poderia romantizá-la, mitificá-la — pintar para você uma impressão lisonjeira de artista, idealizada de forma irreconhecível.

Mas isso seria um desserviço para você – e para Lana. O que é necessário, se eu tiver estômago para isso, é um retrato com "verrugas e tudo", como o famoso que Oliver Cromwell exigiu. O que é necessário é a verdade.

E a verdade é que, por mais que eu a amasse, Lana não era exatamente a pessoa que eu acreditava que ela fosse. Ela tinha muitos segredos, ao que parece, até mesmo das pessoas mais próximas dela. Até de mim.

Mas não vamos julgá-la com muita severidade por isso. Todos nós guardamos segredos dos nossos amigos, não é? Eu sei o que faço.

O que me leva à minha confissão.

Acredite, não é fácil. Eu odeio puxar o tapete debaixo de você assim. Tudo que peço é que você me ouça.

Aqui, no bar imaginário da minha mente, onde estou conversando com você, vou pedir outra bebida – e dizer para você se preparar. Também quero um — não um martini perfeito como antigamente; só um gole rápido de vodca, coisa barata que queima a garganta.

Eu preciso disso, você vê, para acalmar meus nervos.

Quando comecei a escrever este relato, prometi-lhe que contaria apenas a verdade. Mas a questão é que, revendo o

que escrevi, me ocorre que posso tê-lo enganado em alguns pontos, aqui e ali.

Não lhe contei nenhuma mentira de verdade, garanto - é um pecado de *omissão* , só isso.

Eu não lhe contei nada além da verdade.

Só que não tudo.

Fiz isso por um motivo honroso: o desejo de proteger meu amigo; para não trair sua confiança. Mas a menos que eu o faça, você nunca entenderá o que aconteceu na ilha.

Portanto, devo corrigir esse erro. Devo lhe contar coisas que você precisa saber, preencher certas lacunas. Devo revelar todos os segredos de Lana.

E o meu também, por falar nisso.

Essa é a parte complicada da honestidade. Ela corta nos dois sentidos, aquela espada; é por isso que sou tão cauteloso ao usá-lo.

Aqui vai.

Para começar, devo voltar no tempo.

Você se lembra de quando encontrou Lana pela primeira vez, nas ruas de Londres?

Voltemos lá, por um momento. Voltemos àquele dia miserável no Soho – e às chuvas que levaram Lana a tomar a decisão espontânea de fugir do clima inglês, por alguns dias na ensolarada Grécia.

Suponho que minha primeira e mais grave omissão, quando comecei a contar essa história, foi permitir que você presumisse que, depois de tomar essa decisão, Lana telefonou imediatamente para Kate no Old Vic - para convidá-la para ir à ilha.

Mas, na verdade, passaram-se vinte e quatro horas antes que Lana fizesse aquela ligação.

Vinte e quatro horas, durante as quais, como verão, muita coisa aconteceu.

# 3

Lana estava andando pela Greek Street, apropriadamente, quando teve a ideia de ir para a ilha. Mas no momento em que ela pegou o telefone para ligar para Kate, para convidá-la para ir à ilha, a chuva começou a cair forte. Um dilúvio repentino.

Lana rapidamente devolveu o telefone ao bolso e correu para casa.

Não havia ninguém em casa quando ela entrou. Ela se enxugou o melhor que pôde. Ela tomaria banho, decidiu, depois de tomar uma xícara de chá.

Lana só adquiriu o hábito de beber chá desde que se mudou para Londres. Incontáveis xícaras reconfortantes de chá quente neste clima úmido e deprimente faziam todo o sentido. Ela preparou um bule de Earl Grey e sentou-se no banco da janela; vendo a chuva cair lá fora.

A mente de Lana voltou ao mesmo caminho de antes. De volta ao que a estava incomodando. Ela estava determinada a resolver isso. Se ela continuasse intrigada com isso, ela tinha certeza de que a resposta seria descoberta por si mesma.

Mais uma vez, Leo surgiu em sua mente. Por que? Isso estava ansioso sentindo que tem algo a ver com ele? Com aquela conversa estranha que tiveram alguns dias antes, aqui, nesta cozinha?

“Mãe, tenho uma coisa para lhe contar”, disse Leo.

Lana se preparou. "Prossiga."

Ela não sabia o que estava esperando – alguma confissão típica de adolescente envolvendo sexualidade, vício ou religião? Nenhuma dessas possibilidades a incomodava. Eles resolveriam isso juntos, como sempre fizeram. Lana nunca deu ao filho nada além de 100% de apoio em qualquer coisa que ele fizesse.

"Eu quero ser um ator."

Lana ficou surpresa. Isso foi um choque. Não apenas as palavras que saíram da boca de Leo – o que ela não havia previsto – mas também sua reação, que foi instantânea e violentamente hostil. De repente ela sentiu raiva.

"Que diabos você está falando?"

Leo olhou para ela sem expressão. Ele não sabia como responder. Ele parecia prestes a explodir em lágrimas. A conversa piorou a partir daí. A resposta de Lana o surpreendeu e magoou. Leo não perdeu tempo em dizer isso a ela: ela estava sendo “tóxica” — e ele não entendia por quê.

Lana tentou explicar que era seu dever como mãe tentar dissuadi-lo. Atuar foi um desperdício de todas as vantagens e oportunidades que lhe foram dadas. Uma educação extraordinária, uma aptidão e inteligência académica naturais; bem como os contatos de sua mãe – muitos dos números das pessoas mais influentes do mundo estavam no telefone dela, a apenas uma ligação de distância.

Não seria muito melhor para Leo ir para a universidade – aqui na Grã-Bretanha ou nos Estados Unidos – e se qualificar como algo mais substancial? No ano passado, ele manifestou interesse na legislação dos direitos humanos – certamente algo assim lhe serviria melhor? Ou remédio? Ou psicologia ou filosofia? Qualquer coisa... menos um *ator* .

Lana estava se agarrando a qualquer coisa aqui, e ela sabia disso.

E Léo também fez isso. Ele lançou-lhe um olhar frio de desprezo. "O que você está falando? Você é um hipócrita. *Você é* um ator. E papai também estava no ramo.

“Leo, seu pai era produtor. Um homem de negócios. Se você dissesse que queria se mudar para Los Angeles e trabalhar na produção, seria totalmente diferente...

"Oh sério? Você ficaria nas nuvens?

“Eu não ficaria nas nuvens, mas seria mais feliz.”

“Não acredito que você está dizendo isso...” Leo revirou os olhos. Ele estava respirando pesadamente. Ele estava ficando com raiva agora, Lana sabia. Ela não queria que isso saísse do controle. Ela baixou a voz e tentou acalmá-lo.

“Querido, ouça. O que aconteceu comigo simplesmente não acontece. Eu tive uma sorte incrível. Você sabe quantos atores desempregados existem em Los Angeles? Suas chances são de uma em um milhão. Um em *dez* milhões.”

"Oh, entendi. Eu não sou talentoso o suficiente? Isto é o que você pensa?"

Lana quase perdeu a paciência. “Leo, não tenho absolutamente nenhuma ideia se você é talentoso ou não. Até este momento, você não manifestou interesse em atuar. Você nunca participou de uma *peça* ...

"Um jogo?" Leo piscou, perplexo. “O que isso tem a ver com isso?”

Lana quase riu. “Bem, bastante, imagino...”

“Não estou interessado em peças! Quem disse alguma coisa sobre peças? Quero ser uma *estrela de cinema...* como você.

*Ai meu Deus* , pensou Lana. *Isso é um desastre.*

Percebendo que a situação era muito mais séria do que ela pensava inicialmente, Lana procurou meu conselho. Ela me ligou assim que ficou sozinha. Lembro-me de como ela parecia tensa e ansiosa ao telefone.

Olhando para trás, eu provavelmente poderia ter sido mais solidário. Pude entender por que Lana estava decepcionada — como Barbara West costumava dizer: “Uma atriz é um pouco mais que uma mulher. Um ator, um pouco menos que um homem.”

Achei, sabiamente, que Lana não acharia aquela piada engraçada no momento.

“Bem, Leo encontrou sua vocação”, eu disse. "Isso é bom. Você deveria estar satisfeito.

“Não seja sarcástico.”

"Eu não sou. Não é exatamente disso que o mundo precisa: de outro ator?”

“ *Estrela de cinema* ”, Lana corrigiu, miseravelmente.

“Desculpe, estrela de cinema.” Eu ri. “Lana, meu amor, se Leo quer ser uma estrela de cinema, deixe. Ele vai ficar bem.

"Como você pode dizer aquilo?"

“Ele é seu filho, não é?”

“O que isso tem a ver com isso?”

Procurei a analogia certa. “Bem, você não compra um cavalo sem olhar a égua na boca, não é?”

“Significando o quê? Isso é uma piada?" Lana parecia irritada. “Eu não entendo.”

“O que significa que todos os agentes em Londres e Los Angeles estarão se esforçando para tê-lo, uma vez que saibam de quem ele é filho. De qualquer forma”, continuei, antes que ela pudesse contestar, “ele tem *dezessete anos* . Ele mudará de ideia em aproximadamente vinte e cinco minutos.”

"Não. Não Leão. Ele não é assim.

“Bem, ele não vai morrer de fome, de qualquer maneira. Não com os bilhões de Otto no banco.”

A voz de Lana ficou mais tensa. “Não bilhões. Isso é uma coisa estúpida de se dizer, Elliot. E qualquer dinheiro que seu pai reservou para ele não tem nada a ver com isso.”

Lana encerrou a ligação logo depois disso. Ela foi legal comigo pelos próximos dias. Eu poderia dizer que toquei em um ponto sensível.

Ela não queria que Leo dependesse de sua herança. Justo. O trabalho era importante, Lana acreditava, por vários motivos. Durante anos, ela definiu-se apenas através do seu trabalho, obtendo dele uma intensa satisfação: um sentimento de autoestima, um sentido de propósito – para não mencionar a fortuna que fez para si e para os outros.

Um dia, Leo herdaria tudo; bem como o dinheiro de seu pai. Ele seria extremamente rico. Mas não até que ela estivesse morta.

Em sua mente, Lana não parava de voltar à última coisa que Leo lhe dissera: sua despedida, ao sair da cozinha. Era como uma faca, enfiada entre suas costelas.

Leo parou na porta e lançou-lhe um olhar de soslaio.

"Por que você fez isso?"

"Fazer o que?"

“Desista de atuar. Por que você desistiu?

"Eu já te disse." Lana sorriu. “Eu queria uma vida real, não uma vida de mentira.”

“Isso não significa nada.”

“Isso significa que estou mais feliz agora.”

“Você sente falta disso”, disse Leo. Esta não foi uma pergunta, mas uma afirmação.

"Não, eu não." Lana continuou sorrindo. "De jeito nenhum."

"Mentiroso."

Leo se virou e saiu. Lana parou de sorrir.

*Mentiroso.*

Leão estava certo. Lana era uma mentirosa. Ela estava mentindo para Leo – e para si mesma.

Finalmente ela entendeu por que aquela conversa a incomodava tanto. Esse era o segredo que a perseguia pelo Soho. Finalmente a alcançou.

*Sinto falta disso* , ela pensou. *Claro que sinto falta. Sinto falta disso todos os dias.*

A ironia é que Leo não tinha ideia de que ele próprio era a causa da aposentadoria de Lana. Ela nunca disse isso a ele. Lana contou a poucas pessoas por que ela desistiu. Eu era um deles.

Quando Otto morreu, Leo tinha seis anos. E o mundo inteiro de Lana desmoronou. Mas ela tinha que continuar, pelo bem de Leo. Então, ela se recompôs da única maneira que sabia: através do trabalho. Ela se jogou no trabalho. Embora sua carreira tenha crescido cada vez mais - e ela tenha feito um de seus filmes de maior sucesso, *The Loved One* , que finalmente lhe rendeu um Oscar - Lana não estava feliz. Ela tinha a horrível sensação de que estava estragando tudo como mãe. Assim como sua própria mãe estragou tudo.

Lana sabia que estava na posição privilegiada de não precisar trabalhar. Então por que não se aposentar e se dedicar à criação do filho? Por que não colocá-lo em primeiro lugar — como ela nunca havia sido colocada em primeiro lugar?

Então foi isso que ela fez. Ela desistiu.

Isso soa irreverente? Como se Lana tomasse decisões que mudariam sua vida no lançamento de uma moeda? Garanto que ela não fez isso. Suspeito que ela vinha refletindo sobre isso há anos. A morte repentina e inesperada de Otto forçou a mão de Lana. Bastava olhar para Leo agora para ver que a aposta dela havia valido a pena. Sim, Leo era um adolescente ocasionalmente temperamental, mas era bem-humorado, inteligente e

gentil; e responsável. Ele se preocupava com outras pessoas e com o planeta em que vivia.

Lana estava orgulhosa do resultado de Leo. Ela tinha certeza de que isso se devia ao fato de ela ter tido as prioridades certas. Ao contrário de Kate, que era solteira, não tinha filhos e passava de um relacionamento desastroso e autodestrutivo para outro.

Lana pensou em Kate por um momento. Ela estava ensaiando *Agamenon* no Old Vic. Kate estava no auge de sua profissão, extremamente realizada em termos criativos, ainda escalada para papéis principais. Lana estava com inveja? Talvez.

Mas não havia como voltar atrás. E se ela voltasse a trabalhar agora? Parecendo mais velha, sentindo-se mais velha, inevitavelmente convidando a comparações desfavoráveis com seu eu mais jovem? Qualquer tipo de retorno envolveria compromisso – e provavelmente terminaria em decepção. Imagine uma produção desastrosa, ou até medíocre? Isso seria devastador para ela.

Não, Lana fez sua escolha — e foi recompensada com um filho feliz e bem ajustado; um marido que ela amava; um casamento que funcionou. Tudo isso teve uma enorme importância.

*Sim.* Ela assentiu para si mesma. *Esse é o fim da história, bem aqui.*

Parecia poético, de alguma forma, depois de uma vida tão agitada e turbulenta, que Lana acabasse aqui, tomando chá calmamente, observando o chuva. Lana Farrar era uma senhora idosa casada – mãe e um dia, esperançosamente, avó.

Ela se sentiu calma. Aquela horrível sensação de ansiedade a deixou. *Isso é o que significa estar contente. Tudo está perfeito, exatamente como está.*

Foi particularmente cruel da parte do destino selecionar aquele momento preciso – exatamente quando Lana atingiu essa epifania sobre sua vida – para Agathi entrar na sala....

E o mundo de Lana desmoronará.

# 4

O dia de Agathi começou sem intercorrências.

Terça-feira era sempre movimentada para ela; o dia em que ela fez algumas tarefas. Ela gostava de passear por Mayfair, com uma longa lista na mão.

Ao sair de casa naquela manhã, parecia um lindo dia para estar ao ar livre. O sol brilhava e o céu estava limpo. Mais tarde, assim como Lana, Agathi foi pega por uma tempestade. Mas, ao contrário do seu patrão, ela foi sábia o suficiente para levar um guarda-chuva.

Agathi foi até a farmácia e entregou uma receita para Lana. Depois foi à lavanderia local, dirigida por Sid, um homem notoriamente espinhoso, na casa dos sessenta anos. Ele era civilizado com Agathi, porém, ao contrário do resto de sua clientela, por causa da associação dela com Lana, a quem ele adorava.

Sid sorriu para Agathi quando ela entrou e chamou-a para o início da fila. “Com licença, querido”, disse ele ao cliente no início da fila. “Vou servir esta senhora primeiro. Ela está com pressa... ela trabalha para *Lana Farrar* , você sabe.

Agathi estremeceu ligeiramente, envergonhada, ao passar pela fila de clientes que esperavam, nenhum dos quais ousou objetar.

Sid apontou para as roupas penduradas no corrimão. Eles estavam embrulhados em plástico, prontos para uso. “Aqui estão, as roupas de Sua Majestade. Tudo agradável e confortável caso haja uma mudança no tempo. Parece chuva.

"Você acha? Parece um belo dia para mim.

Sid franziu a testa. Ele não gostou de ser contrariado. "Não. Acredite em mim. Estará irritado em meia hora.

Agathi assentiu. Ela pagou pelas roupas e estava prestes a sair quando Sid a deteve de repente.

"Espere um segundo. Quase esqueci. Cabeça como uma peneira. Espere-"

Sid abriu uma pequena gaveta. Ele cuidadosamente tirou uma pequena e brilhante joia. Um brinco. Ele deslizou-o sobre o balcão.

— Foi pego no terno do Sr. Farrar. Dentro da lapela.

*É o Sr.* Miller *, não* Farrar, pensou Agathi. Mas ela não corrigiu Sid.

Ela olhou para o brinco. Uma delicada coisa prateada, em forma de meia lua crescente; com uma corrente de três diamantes pendurada.

Ela agradeceu. Ela pegou o brinco e saiu.

Enquanto caminhava para casa, Agathi se perguntou se deveria ou não contar a Lana sobre o brinco. Um dilema tão estúpido; tão pequeno, tão trivial. E ainda ...

O que teria acontecido se ela tivesse jogado o brinco numa lata de lixo, ali na rua? Ou colocou-o na gaveta da cabeceira, ao lado do cristal da avó, e esqueceu-se dele? E se ela nunca mencionou isso para Lana? E se ela tivesse mantido a boca fechada?

Bem, eu não estaria sentado aqui agora, conversando com você, estaria? Tudo seria diferente. O que me faz pensar que o verdadeiro herói da nossa história – ou quero dizer *vilão* ? – é Agathi. Pois foram suas ações e a decisão que ela estava prestes a tomar que determinaram todos os nossos destinos. Ela não tinha ideia de que estava segurando a vida e a morte na palma da mão.

Só então, a chuva começou a cair.

Agathi abriu o guarda-chuva e correu para casa. Quando ela voltou para casa, ela entrou e seguiu pelo corredor. Ela estava sacudindo as gotas de chuva das roupas embrulhadas em plástico, murmurando consigo mesma em grego, irritada, quando entrou na cozinha.

Lana sorriu. “Você também foi pego pela chuva? Eu estava... fiquei encharcado.

Agathi não respondeu. Ela colocou a roupa lavada a seco nas costas de uma cadeira. Ela parecia infeliz.

Lana olhou para ela. "Querido, você está bem?"

"Huh? Oh eu estou bem."

"O que é? Algo está errado?"

"Não." Agathi encolheu os ombros. "Não é nada. Nada. Só isso." Ela tirou o brinco do bolso.

"O que é?"

Agathi foi até Lana. Ela abriu o punho. Ela revelou o brinco.

“A lavanderia encontrou. Estava preso na jaqueta de Jason, dentro da lapela. Ele pensou que devia ser seu.

Agathi não olhou para Lana ao dizer isso. Lana também não olhou para ela.

"Deixe-me ver." Lana estendeu a palma da mão.

Agathi deixou cair o brinco na mão. Lana fingiu olhar para ele.

“Não sei dizer.” Lana deu um leve bocejo, como se a conversa a aborrecesse. “Vou verificar mais tarde.”

“Posso verificar para você”, disse Agathi rapidamente. "Me devolva."

Ela estendeu sua mão-

*Lana, devolva para ela. Dê o brinco a Agathi - deixe-a cobri-lo levante e tire isso da sua vida. Tire isso da cabeça, Lana. Esqueça, distraia-se, pegue o telefone, me ligue – vamos jantar, ou dar um passeio, assistir a um filme – e então essa terrível tragédia será evitada....*

Mas Lana não devolveu o brinco para Agathi. Lana simplesmente fechou os dedos em volta dele.

E o destino de Lana estava selado.

Mas não apenas o seu destino. O que eu estava fazendo, me pergunto, naquele exato momento? Almoçando com um amigo? Ou visitando uma galeria de arte ou lendo um livro? Eu não tinha a sensação de que toda a minha vida havia descarrilado. Nem Jason, suando em seu escritório, nem Leo, se emocionando na aula de teatro, nem Kate, esquecendo suas falas no ensaio.

Nenhum de nós tinha a menor ideia de que algo tão monstruoso havia acontecido, reescrevendo todos os nossos destinos, desencadeando uma série de acontecimentos que terminariam, quatro dias depois, em assassinato.

Foi aqui que tudo começou.

Foi aqui que a contagem regressiva começou.

# 5

A reação de Lana foi extrema, admito.

Só faz sentido se você a conhece. E você já a conhece, não é? Um pouco, de qualquer maneira. Portanto, o que acontece a seguir pode não surpreendê-lo.

Lana permaneceu calma a princípio - ela foi para o quarto e sentou-se à penteadeira. Ela olhou para o brinco em sua mão. Não era dela, ela poderia dizer isso de relance. Mesmo assim, ela pensou que já tinha visto isso em algum lugar antes. Mas onde?

*Não é nada* , ela pensou. *Aconteceu na lavanderia. Uma confusão. Esqueça.*

Mas ela não conseguia esquecer. Ela sabia que estava sendo irracional e paranóica, mas não conseguia esquecer. O brinco significava algo muito maior em sua psique, entende? Um mau presságio que ela temia.

Sua vida já havia desmoronado uma vez – quando Otto morreu. Lana achava que nunca iria se recuperar ou encontrar o amor. Então, quando ela conheceu Jason, parecia que ela estava tendo uma segunda chance. Ela mal podia acreditar. Ela se sentiu segura e feliz – e amada.

Lana era profundamente romântica. Ela estava desde que era uma garotinha; desde aquela infância fria e vazia, amaldiçoada por uma mãe que não dava a mínima se Lana viveria ou morreria. A pequena Lana preencheu o espaço vazio com sonhos românticos – visões de contos de fadas de fuga e estrelato; e, o mais importante, amor.

“Tudo que eu sempre quis foi amor”, ela certa vez admitiu para mim, encolhendo os ombros. “Todo o resto foi apenas… *incidental* .”

Lana amava Otto – mas não estava *apaixonada* por ele. Quando ele morreu, foi como perder um pai, não um amante. O que ela experimentou com Jason foi ferozmente físico, intenso e excitante. Lana deixou-se voltar a ser uma

menina, uma adolescente, obcecada, embriagada de luxúria.

E isso aconteceu tão rápido. Num momento, ela estava sendo apresentada a ele por Kate – e, no momento seguinte, ela estava andando pelo corredor.

Como eu gostaria de ter agarrado Lana pelos ombros naquela primeira noite — a noite em que ela conheceu Jason — e sacudi-la com força. *Pare com isso* , eu teria dito. *Viva na realidade. Não transforme esse estranho que você não conhece em um príncipe de conto de fadas. Olhe atentamente para ele – você não vê que ele não é real? Não se deixe enganar pelos olhos brilhantes, pelo sorriso exagerado, pela risada falsa. Você não vê que é uma atuação? Você não consegue ver sua mente desesperada e mercenária?*

Mas eu não disse nada disso para Lana. Mesmo se eu tivesse, duvido que ela tivesse ouvido uma palavra. O amor, ao que parece, é surdo e também cego.

Agora, sentada diante do espelho da penteadeira, olhando para o brinco, Lana começou a sentir-se estranhamente tonta — como se estivesse na beira de um penhasco, vendo o chão desmoronar à sua frente, caindo, caindo, caindo no chão. as rochas e o mar agitado abaixo. Tudo estava caindo – tudo, toda a sua vida, caindo nas ondas.

Jason estava dormindo com outra mulher? Isso foi possível? Ele não a desejava mais? O casamento deles foi uma farsa? Ela era indesejada?

*Mal amada?*

Neste preciso momento, é justo dizer, Lana perdeu a cabeça. Ela se enfureceu, tremeu e estremeceu — e o quarto também, quando ela o destruiu. Ela vasculhou todas as coisas de Jason freneticamente – gavetas, armários, ternos, bolsos, roupas íntimas, meias, procurando por qualquer coisa. escondido, qualquer tipo de pista. Ela quase vacilou quando olhou o saco de banho dele no banheiro, convencida de que encontraria preservativos. Mas não, nada. Nem havia nada remotamente obscuro ou sinistro em seu escritório — nenhum recibo de cartão de crédito nas gavetas, nenhuma conta incriminatória. Sem segundo brinco. Nada. Ela sabia que estava ficando louca.

Para o bem de sua sanidade, ela deve tirar isso de sua mente.

*Jason ama você* , disse Lana a si mesma, *você o ama — e confia nele* . *Acalmar.*

Mas ela não conseguia se acalmar. Mais uma vez ela se viu andando de um lado para o outro — mais uma vez sentindo-se perseguida por algo incognoscível.

Ela olhou pela janela. Tinha parado de chover.

Ela pegou seu casaco e saiu.

# 6

Lana caminhou por cerca de uma hora. Ela caminhou com determinação até o Tâmisa. Ela se concentrou na sensação física de caminhar e em tentar não pensar, tentando não deixar sua mente enlouquecer.

Ao se aproximar do rio, Lana passou por um ponto de ônibus e viu um pôster em um outdoor. Ela parou. Ela olhou para ele. O rosto de Kate olhava para ela em preto e branco – sangue vermelho respingado nele – e o título da peça: *AGAMEMNON* .

*Kate* , ela pensou. Kate iria aconselhá-la. Kate saberia o que fazer.

Quase como um reflexo, Lana fez sinal para um táxi preto que passava. Ele parou com um barulho de freios. Ela falou pela janela aberta com o motorista.

“O Old Vic, por favor.”

Lana sentiu que estava se acalmando enquanto o táxi atravessava a ponte em direção ao teatro na margem sul. Em sua mente, ela já conseguia imaginá-los rindo disso – Kate dizendo para ela não ser boba, que ela estava imaginando coisas; que era um absurdo que Jason fosse dedicado a ela. Ao imaginar essa conversa, Lana sentiu uma súbita onda de afeto por Kate – sua amiga mais antiga e querida. Graças a Deus por Kate.

Ou isso é besteira? Lana suspeitava secretamente de alguma coisa? Por que mais correr para o teatro assim? Vou te contar uma coisa: depois de décadas sendo estilizada e fotografada, modelando uma peça ou outra, Lana desenvolveu uma memória fotográfica em relação a roupas e joias. Acho difícil acreditar que ela achasse o brinco familiar, mas fosse estranhamente incapaz de lembrar onde o tinha visto — ou em quem. Talvez eu esteja errado. Mas suponho que nunca saberemos com certeza.

Quando Lana chegou ao Old Vic, ela já havia se acalmado; convencida de que tudo estava em sua mente,

ela estava apenas sendo paranóica.

Lana bateu na janela da porta do palco, presenteando o velho na cabine com seu famoso sorriso.

Seu rosto se iluminou quando ele a reconheceu. "Tarde. Procurando pela senhorita Crosby, não é?

"Isso mesmo."

“Ela está ensaiando no momento. Vou ligar para você. Ele baixou a voz, confidencialmente. “Mesmo que você não esteja na lista.”

Lana sorriu novamente. "Obrigado. Vou esperar no camarim dela, se estiver tudo bem?

“Muito bem, senhorita.” Ele apertou um botão.

Com um zumbido alto, a porta do palco foi destrancada. Lana hesitou por um segundo. Então ela abriu a porta e entrou.

# 7

Lana seguiu pelo corredor estreito e abafado até chegar ao camarim da estrela.

Ela bateu na porta. Sem resposta. Então ela abriu cautelosamente. A sala estava vazia. Ela entrou, fechando a porta atrás dela.

Não era uma sala grande. Tinha um sofá surrado encostado em uma parede, um banheiro estreito — essencialmente um cubículo — e uma penteadeira grande e bem iluminada. Típico de Kate, estava uma bagunça, com malas e roupas meio desfeitas por toda parte.

Lana respirou fundo. Então ela começou – finalmente – a ser honesta consigo mesma. Com isso quero dizer que ela começou rápida e metodicamente a vasculhar os pertences de Kate. Mesmo fazendo isso, Lana permaneceu mentalmente dissociada de suas ações. Ela permaneceu calma e distante, como se suas mãos estivessem operando além de seu controle, seus dedos vasculhando as sacolas e caixas por vontade própria. Nada a ver com ela.

De qualquer forma, a busca não rendeu nada.

*Que alívio* , ela pensou. *Agradeça a Cristo por isso.*

É claro que ela não encontrou nada: *não havia nada para ser encontrado.* Tudo estava bem. Isso tudo estava na cabeça dela.

Então ela notou a grande bolsa preta de maquiagem sobre a penteadeira. Ela congelou. Como ela não viu isso? Estava bem ali.

Lana estendeu a mão, com dedos trêmulos. Ela abriu o zíper da bolsa – abrindo-a...

E ali, dentro da bolsa... estava um brinco de meia lua crescente, brilhando para ela.

Lana tirou o outro brinco do bolso. Ela comparou os dois brincos, mas não houve necessidade. Eles eram obviamente idênticos.

A porta do camarim se abriu de repente atrás dela.

“Lana?”

Lana colocou um brinco de volta na bolsa de maquiagem. Sua mão fechou-se em torno do outro brinco. Ela rapidamente se virou.

Kate entrou sorrindo. "Olá, amor. Oh, *merda* , não fizemos planos, não é? Ainda não posso fugir por horas. Hoje é um maldito desastre. Eu poderia felizmente assassinar Gordon.”

“Não, Kate, sem planos. Eu estava passando pelo teatro. Pensei em dizer oi.

"Você está bem?" Kate olhou para ela, preocupada. “Lana, você não parece bem. Você quer um pouco de água? Aqui, sente-se...

"Não, obrigado. Você sabe, eu não me sinto bem. Andei demais, eu... eu deveria ir.

"Tem certeza? Devo pegar um táxi para você?

“Eu posso administrar.”

"Você vai ficar bem?"

"Estou bem. Te ligo mais tarde.

Antes que Kate pudesse protestar, Lana saiu correndo do camarim.

Ela saiu do teatro. Ela não parou até estar na rua. Seu coração batia forte no peito. Ela sentiu como se sua cabeça pudesse explodir. Ela estava achando difícil respirar. Ela entrou em pânico; ela tinha que voltar para casa.

Lana viu um táxi passando e fez sinal para ele. Ao acenar para o táxi, ela percebeu que ainda estava com o brinco na mão.

Ela abriu a mão e olhou para ele.

O brinco estava tão fundo em sua palma que lhe tirou sangue.

# 8

Ao retornar para Mayfair, Lana ficou em estado de choque.

A dor física na palma da mão, onde o brinco havia cravado em sua mão, era sua única sensação. Ela se concentrou nele, sentindo-o pulsar e pulsar.

Quando chegasse em casa, ela sabia, teria que enfrentar o marido. Ela não tinha ideia do que dizer ou como dizer. Então, por enquanto, ela não diria nada. Jason certamente perceberia o quão chateada ela estava, mas ela faria o possível para esconder isso.

Era típico de Jason, porém, quando finalmente voltou naquela noite, não perceber que havia algo errado. Ele estava preocupado com seus próprios problemas — em uma tensa ligação de negócios enquanto entrava na cozinha; em seguida, enviando e-mails em seu telefone, enquanto Lana preparava dois bifes para o jantar.

Era interessante, pensou Lana, como seus sentidos estavam aguçados. Tudo parecia tão vívido — o cheiro dos bifes, o chiado, a sensação da faca em sua mão enquanto ela cortava uma salada — como se seu cérebro tivesse desacelerado até chegar ao segundo presente. *Agora* era tudo com que ela conseguia lidar. Ela não ousou pensar no futuro. Se o fizesse, cairia no chão da cozinha.

Lana conseguiu continuar e a noite passou como qualquer outra. Algumas horas depois do jantar, eles subiram. Lana observou Jason se despir e ir para a cama. Ele logo adormeceu.

Mas Lana estava bem acordada. Ela saiu da cama. Ela ficou acima de Jason, observando-o.

Ela não sabia o que fazer. Ela teve que confrontá-lo. Mas como? O que ela poderia dizer? Que ela suspeitava que ele tivesse um caso com a melhor amiga dela? Com base no que? Um *brinco* ? Foi ridículo. Jason provavelmente riria — e ofereceria uma explicação perfeitamente inocente.

Se isso fosse um filme, ela pensou — como uma daquelas comédias românticas de algodão doce que ela costumava fazer —, Kate teria conhecido Jason secretamente para ajudá-lo a escolher um presente de aniversário para Lana — ou talvez um presente de aniversário? em um momento de intensa comédia física, o brinco de Kate ficou preso na lapela de sua jaqueta.

Aí está, perfeitamente inócuo.

Mas Lana não acreditou. Enquanto observava Jason dormir, ela começou a admitir a verdade para si mesma. A verdade é que ela sabia, há algum tempo, que havia algo – algum tipo de sentimento – entre Kate e Jason. Talvez sempre tenha estado lá, desde o início. Desde o princípio?

Kate conheceu Jason primeiro, você vê. Eles até saíram algumas vezes. Na noite em que Lana conheceu Jason, ele estava lá como acompanhante de Kate.

Você pode imaginar o que aconteceu: no instante em que Jason viu Lana, como tantos outros antes dele, ele caiu; e a partir daí, só tive olhos para ela. Kate gentilmente se afastou. Tudo foi resolvido de forma bastante amigável. Kate deu sua bênção a Lana e garantiu que ela não tinha ressentimentos; que não houve nada sério entre eles.

Mesmo assim, Lana se sentiu culpada por isso. Talvez essa culpa tenha sido o que a cegou. Talvez fosse por isso que ela continuava ignorando sua suspeita incômoda de que, apesar de todos os seus protestos, os olhos de Kate sempre permaneciam ali. em Jason quando ele estava na sala; e ela lhe fazia elogios estranhos e inesperados; ou flerte com ele depois de alguns drinks e tente fazê-lo rir. Estava tudo ali, tudo que Lana precisava saber, bem na sua frente.

Ela fechou os olhos para isso.

Mas, agora, seus olhos estavam abertos.

Lana se vestiu rapidamente e saiu correndo do quarto. Ela tateou pelo corredor escuro e subiu os degraus até o terraço, onde guardava um maço secreto de cigarros e um isqueiro, protegidos das intempéries, numa caixa de lata. Ela raramente recorria ao fumo atualmente. Mas agora ela precisava de um cigarro.

Lana subiu no telhado e abriu a caixa. Ela tirou o maço de cigarros. Suas mãos tremiam quando ela acendeu um.

Ela respirou fundo, tentando se acalmar.

Enquanto Lana fumava, ela olhou para os telhados, para as luzes de Londres e para as estrelas brilhando acima.

Então, espiando por cima da borda, ela olhou para a calçada abaixo. Ela jogou a ponta do cigarro pela beirada. A brasa vermelha desapareceu na escuridão.

Lana sentiu uma vontade repentina de segui-lo.

Seria tão fácil, ela pensou – apenas alguns passos, e ela estaria no limite – seu corpo caindo, batendo contra a calçada. Então tudo estaria acabado.

Que alívio isso seria. Ela não teria que enfrentar nenhum dos horrores que estavam por vir: a dor, a traição, a humilhação. Ela não queria sentir nada disso.

Lana deu um pequeno passo em direção à borda. Então outro ...

Ela ficou bem na beira do telhado. *Mais um passo — e tudo estará acabado — sim, sim, faça isso...* Ela levantou o pé ...

Então o telefone dela vibrou no bolso.

Uma pequena distração, mas o suficiente para acordá-la do transe. Lana se afastou da beirada, recuperando o fôlego.

Ela pegou o telefone e olhou para ele. Foi uma mensagem de texto. Adivinha de quem?

*Atenciosamente* , naturalmente.

Quer uma bebida?

Lana hesitou. Então — finalmente — ela fez exatamente o que deveria ter feito primeiro.

Ela veio me ver.

# 9

É aqui que minha história começa.

Se eu fosse o herói desta história, em vez de Lana, começaria a narrativa aqui mesmo – com Lana batendo na minha porta às onze e meia da noite.

Este foi o meu *incidente incitante* , como é conhecido na técnica dramática. Cada personagem tem um – pode ser tão incomum ou violento quanto um tornado, levando você para um mundo diferente, ou tão comum quanto um amigo aparecendo inesperadamente uma noite.

Costumo aplicar estrutura teatral à minha própria vida, você sabe. Acho isso extremamente útil. Você ficaria surpreso com a frequência com que as mesmas regras se aplicam.

Aprendi como estruturar uma história por meio de um aprendizado ardente: anos escrevendo compulsivamente uma porcaria atrás da outra; vomitando-os, um após o outro, uma linha de produção de dramas impossíveis de representar, cada um pior que o anterior - construção afetada, diálogo fútil sem fim, folha após folha de personagens passivos e inúteis sem fazer nada - até que aprendi lenta e dolorosamente meu ofício.

Considerando que morei com um escritor mundialmente famoso, você poderia pensar que Barbara West teria sido a pessoa óbvia para me orientar. Fazer você acha que ela me deu alguma dica útil ou encorajamento? Não nunca. Sua posição padrão, é preciso dizer, era a de ser cruel. A propósito, ela só fez um comentário sobre minha escrita - depois de ler uma pequena peça que escrevi: “Eca, seu diálogo fede”. Ela me devolveu. “Pessoas reais não falam assim.”

Nunca mais mostrei nada a ela.

Ironicamente, o melhor professor que já tive foi um livro que encontrei na estante de Barbara West. Um volume antigo e de aparência obscura, publicado no início da

década de 1940. *As Técnicas de Dramaturgia* , do Sr. Valentine Levy.

Li-o numa manhã de primavera, sentado à mesa da cozinha. Ao lê-lo, tive um momento luminoso – finalmente, as coisas fizeram sentido. Finalmente, alguém explicou a narrativa em palavras que eu pude entender.

Tanto o teatro quanto a realidade, disse Levy, se resumiam a apenas três palavras: *motivação* ; *intenção* ; e *objetivo* .

Cada personagem tem um *objetivo* – querer ser rico, digamos. Isto é cumprido por uma *intenção* destinada a alcançá-lo – como trabalhar duro, casar com a filha do patrão ou roubar um banco. Até agora, tão simples. O componente final é o mais importante e, sem ele, os personagens permanecem bidimensionais.

Precisamos perguntar *por quê.*

*Por que* não é uma pergunta que costumamos fazer com frequência. Não é uma pergunta fácil de responder – requer autoconsciência e honestidade. Mas se quisermos compreender a nós mesmos ou a outras pessoas – reais ou fictícias – devemos explorar nossa *motivação* com toda a diligência de um Valentine Levy.

*Por que queremos algo? Qual é o nosso motivo?*

Segundo o Sr. Levy, só há uma resposta:

“Nossa motivação é remover *a dor* .”

Aí está. Tão simples, mas tão profundo.

Nossa motivação é sempre a dor.

É óbvio, realmente. Todos nós estamos tentando escapar da dor e seja feliz. E todas as ações que tomamos para atingir esse objetivo – nossas *intenções* – são a matéria da história.

Isso é contar histórias. É assim que funciona.

Então, se considerarmos aquele momento em que Lana apareceu no meu apartamento, você pode ver como minha motivação foi a dor. Lana estava com muita dor naquela noite – fiquei angustiado só de testemunhar isso. E minha tentativa equivocada de aliviar o sofrimento dela — e o meu próprio — era minha intenção. E meu objetivo? Para ajudar Lana, é claro. Eu consegui? Bem, é aí que o teatro diverge da realidade, infelizmente.

Na vida real, as coisas não funcionam exatamente como você planejou.

Lana estava uma bagunça quando chegou em minha casa. Ela mal conseguia se controlar; e não demorou muito - apenas alguns drinques - para destravar as comportas, e então ela desmoronou completamente.

Eu nunca tinha visto nada assim antes. Eu nunca tinha visto Lana perder o controle. Não direi que não foi assustador; mas então, emoções incontidas são sempre angustiantes de se ter por perto, não é? Principalmente quando é de alguém que você ama.

Entramos na minha sala de estar – um cômodo pequeno, abarrotado principalmente de livros; uma grande estante cobrindo toda uma parede. Sentamos nas duas poltronas perto da janela. Começamos com martinis, mas logo Lana estava bebendo vodca pura em um copo.

Sua história era confusa e incoerente – saindo em pedaços, em pedaços desconexos, ocasionalmente ininteligíveis através das lágrimas. Depois de contar tudo, ela exigiu minha opinião – se eu acreditava que era possível que Kate e Jason estivessem tendo um caso.

Hesitei, relutante em responder. Minha hesitação falou mais eloqüentemente do que qualquer palavra.

"Não sei." Evitei os olhos de Lana.

Lana me lançou um olhar consternado. “Meu Deus, Elliot. Você é um péssimo ator. Você *sabia* ?" Ela afundou na poltrona, esgotada por isso confirmação de seus piores medos. “Há quanto tempo você sabe? *Por que você não me contou?”*

“Porque não tenho certeza. É apenas um sentimento... E, Lana, não cabe a mim dizer nada.

"Por que não? Você é meu amigo, não é? Meu unico amigo." Ela enxugou as lágrimas dos olhos. “Você não acha que Kate plantou isso, acha? O brinco? Então eu encontraria?

"O que? Você está brincando? Claro que não."

"Por que não? É exatamente o tipo de coisa que ela faria.”

“Eu não acho que ela tenha cérebro, francamente. Não acho que nenhum deles seja particularmente brilhante. Ou gentil.

Lana encolheu os ombros. "Não sei."

"Eu faço." Entrando no meu tema, abri outra garrafa de vodca, enchendo nossos copos novamente. “'O amor não é o amor que se altera quando ocorre alteração.' O amor não consiste em casos amorosos, mentiras e fugas.”

Lana não respondeu. Tentei de novo, porque era importante.

"Escute-me. O amor é respeito mútuo e constância – e *amizade* . Como você e eu. Peguei a mão dela e segurei. “Esses dois idiotas são muito superficiais e egoístas para saber o que é o amor. O que quer que eles tenham, ou pensem que têm, *não durará* . Isso não é amor. Ele irá quebrar sob a menor pressão. Vai desmoronar.”

Lana não disse nada. Ela olhou para o espaço, desolada. Eu senti que não poderia alcançá-la. Vê-la assim era insuportável. De repente, senti raiva.

“Que tal eu pegar um taco de beisebol e dar uma surra nele para você?” Eu estava apenas meio brincando.

Lana conseguiu esboçar um sorriso. "Sim por favor."

“Diga-me o que você quer – *qualquer coisa* – e eu farei.”

Lana ergueu os olhos e olhou para mim com olhos vermelhos. "Eu quero minha vida de volta."

"OK. Então você deve confrontá-los. Vou te ajudar. Mas você deve fazer isso. Para o bem da sua sanidade. Sem mencionar seu respeito próprio.

“Confrontá-los? Como faço isso?"

“Convide-os para a ilha.”

"O que?" Lana pareceu surpresa. "Para a Grécia? Por que?"

“Eles não serão capazes de fugir de Aura. Eles ficarão presos. Onde melhor para uma conversa? Um confronto?

Lana pensou sobre isso por um segundo. Ela assentiu. "OK. Eu vou fazer isso."

“Você vai confrontá-los?”

"Sim."

"Na ilha?"

Lana assentiu. "Sim." Então ela me lançou um olhar repentino e assustado. “Mas, Elliot, depois de confrontá-

los, e então?”

“Bem” – eu dei a ela um pequeno sorriso – “isso é com você, não é?”

# 10

No dia seguinte, eu estava na cozinha da Lana, bebendo champanhe.

Lana estava ao telefone com Kate. Eu estava observando de perto.

"Você virá? Para a ilha... na Páscoa?

Fiquei impressionado. Lana estava apresentando uma performance impecável, conseguida com um mínimo de ensaio, sem nenhum indício da perturbação da noite anterior. Ela parecia e parecia fresca, leve e despreocupada.

“Seremos só nós. Você, eu, Jason, Leo. E Agathi, claro... não tenho certeza se vou perguntar ao Elliot, ele tem me irritado ultimamente.

Ela piscou para mim enquanto dizia isso. Eu mostrei minha língua para ela.

Lana riu e depois voltou sua atenção para Kate. "Bem, o que você me diz?"

Nós dois prendemos a respiração.

Lana respirou fundo e sorriu. "Ótimo. Ótimo. OK. Tchau." Ela encerrou a ligação. "Ela está vindo."

"Bom trabalho." Eu aplaudi.

Lana fez uma leve reverência. "Obrigado."

Levantei meu copo. “A cortina sobe. E então começa."

# 11

Nos dias seguintes, a vida continuou a ter um sabor teatral para Lana.

Era como se ela estivesse participando de uma improvisação prolongada – permanecendo “no personagem” de manhã até a noite, fingindo ser outra pessoa.

Exceto que a pessoa que ela fingia ser era *ela mesma* .

“Respiração profunda, ombros para baixo, grande sorriso” – esse foi o mantra que Otto a ensinou a recitar para si mesma antes de um teste. Serviu bem a Lana agora.

Ela estava agindo como se ainda fosse a mesma pessoa de alguns dias atrás. Agindo como se ela não estivesse com o coração partido – como se ela não estivesse desesperada e cheia de dor.

Muitas vezes penso que a vida é apenas uma performance. Nada disso é real. É uma simulação de realidade, só isso. Somente quando alguém ou algo que amamos morre é que acordamos da peça – e vemos como tudo é artificial – essa realidade construída que habitamos.

De repente percebemos que a vida não é de forma alguma duradoura ou permanente; não existe futuro – e nada do que fazemos importa. E na desolação, nós uivamos, gritamos e xingamos os céus, até que, em algum momento, fazemos o inevitável: comemos, nos vestimos e escovamos os dentes. Continuamos com os movimentos da vida semelhantes a marionetes, por mais desequilibrado que pareça fazê-lo. Então, muito lentamente, a ilusão assume novamente o controle — até esquecermos que somos atores de uma peça.

Até que a próxima tragédia aconteça – para nos acordar.

E, tendo acabado de ser acordada, Lana sentiu-se hiperconsciente de quão performativos eram todos os seus relacionamentos – quão frágeis e falsos eram cada sorriso

dela; e quão mal ela estava agindo. Felizmente, ninguém pareceu notar.

O que mais doeu foi como foi fácil enganar Jason. Ela tinha certeza de que ele sentiria sua dor – como algo tão simples como passar por ele, conversar com ele, era incrivelmente difícil para ela. Olhar em seus olhos era assustador. Certamente, todos os seus sentimentos estavam ali, à vista, para ele ver?

Mas ele não viu. *Ele sempre foi assim?* Lana se perguntou. *Tão indiferente? Ele deve pensar que sou um tolo. Ele não deve ter consciência alguma....*

No entanto - e certamente Lana tinha que reconhecer esta possibilidade - talvez não houvesse nada na consciência de Jason porque ele era *inocente* ?

Eu não tinha certeza disso, mas suspeitava que, enquanto ela arrumava os pertences para a viagem à ilha, Lana começou a pensar naquelas horas na minha casa como um pesadelo. A histeria, as lágrimas, os votos de vingança – nada disso era real, apenas psicose induzida pela vodca.

*Aquilo* era real, naquele momento, as roupas em suas mãos, roupas que ela havia selecionado e comprado para o homem que amava. Lana poderia sentir-se escorregando, deslizando de volta — de volta à ignorância?

*Negação* é a palavra que eu usaria.

Lana devia saber disso, pensei, e foi por isso que ela me evitou nos dias seguintes. Ela ignorou minhas ligações e permaneceu monossilábica em seus textos. Eu entendi. Não se esqueça, Lana e eu éramos tão próximos que eu praticamente conseguia ler a mente dela.

É claro que ela se ressentiu de me contar sobre o caso; me dizer tornou isso real. E agora, tendo descarregado sobre mim todas as suas suspeitas e tristezas, Lana pretendia deixá-lo ali, no meu apartamento.

Ela queria esquecer tudo isso.

Que coisa boa, então, eu estava lá para lembrá-la.

# 12

Desde o momento em que pousei em Aura, senti que Lana estava me evitando.

Ela era amigável, é claro, mas havia certa distância em seus modos. Uma frescura. Invisível para os outros; mas eu senti isso.

Subi para o meu quarto e desfiz as malas. Eu gostava muito daquele quarto. Tinha papel de parede verde desbotado, móveis de pinho e uma cama de dossel. Cheirava a madeira velha, pedra e linho limpo. Ao longo dos anos, tornei-o meu, deixando intencionalmente partes de mim para trás - meus livros favoritos nas prateleiras, minha loção pós-barba, protetor solar, óculos de natação e calção de banho, todos esperando fielmente por mim.

Ao desfazer as malas, me perguntei qual deveria ser meu próximo passo. Decidi que a melhor maneira de lidar com a situação seria confrontar Lana e lembrá-la do motivo de estarmos aqui. Ensaiei um pequeno discurso, destinado a tirá-la da negação e trazê-la de volta à realidade.

Tentei falar com ela a noite toda, mas não consegui ficar sozinho com ela. Fiquei convencido de que ela estava tentando me evitar. Observei-a cuidadosamente durante o jantar. Eu a estudei, tentando ler sua mente.

Fiquei maravilhado por ter sido a mesma mulher que — há apenas três dias — estava histérica no meu sofá. Agora ela estava habilmente empunhando um faca, não para enfiar no coração do marido inútil, mas para servir-lhe outra fatia de bife. E com um sorriso tão convincente no rosto, tão sincero, uma expressão tão descontraída e feliz, que até eu quase me deixei levar.

A capacidade de negação de Lana era simplesmente de tirar o fôlego, pensei. Muito provavelmente, a menos que eu interviesse, ela navegaria durante todo o fim de semana como se nada tivesse acontecido.

Kate, por outro lado, parecia estar fazendo tudo o que podia para ser provocativa. Ela estava sendo ainda menos discreta do que o normal.

O negócio do cristal, por exemplo.

Depois do jantar, estávamos sentados perto da fogueira e Kate deu um pulo com um pedido repentino. “O cristal de Agathi. Cadê?"

Lana hesitou. “Tenho certeza de que Agathi já está dormindo. Isso pode esperar?

"Não. É incrivelmente urgente. Vou entrar furtivamente e pegar no quarto dela. Não vou acordá-la.

“Querido, você não vai encontrar. Provavelmente está no fundo de uma gaveta em algum lugar.”

Isso era uma mentira. Lana sabia perfeitamente que o cristal nunca estava longe da pessoa de Agathi; sempre na mesa de cabeceira ao lado dela enquanto ela dormia.

“Agathi ainda está acordado.” Leo acenou com a cabeça para a casa. “A luz dela está acesa.”

Kate entrou na casa, um pouco instável, mas claramente determinada. Ela voltou alguns minutos depois – segurando o cristal triunfantemente.

"Entendi."

Kate estava sentada perto da fogueira, as chamas iluminando seu rosto. Ela balançou o cristal na palma da mão esquerda. Brilhava à luz do fogo. Seus lábios se moveram enquanto ela sussurrava uma pergunta silenciosa.

Adivinhei o que Kate estava perguntando. Sem dúvida alguma variante de *Ele a deixará por mim?* ou *devo terminar com ele?*

Inacreditável, não é? Que insensibilidade — exibir seu caso com Jason na cara de Lana daquele jeito. Que estupidez da parte dela se sentir tão segura, tão acima de qualquer suspeita.

Ou estou sendo injusto? Estaria Kate bêbada demais para filtrar seus pensamentos — sem saber o que estava dizendo, o quão perto estava de revelar seu segredo?

Ou essa exibição foi para benefício de Jasão — como uma ameaça velada? Um aviso para ele de que ela estava no limite? Nesse caso, ela estava perdendo o fôlego. Jason não

foi nem um pouco afetado. Ele parecia mais preocupado com o fato de Leo vencê-lo no gamão.

Kate observou o cristal começar a se contorcer no ar. Ele balançava para frente e para trás, para frente e para trás, para frente e para trás – como um metrônomo, em uma linha reta e nítida.

A resposta à sua pergunta foi um firme não.

O rosto de Kate ficou nublado. Ela parecia magoada. Então ela agarrou o cristal com o punho e parou de balançar. Ela empurrou para Leo. “Aqui, você pode tentar.”

Leo ergueu os olhos do jogo de gamão e balançou a cabeça. "Não. Já superei isso. Eu descobri como funciona.

"Você fez? Como é isso?"

"É *você* . Você nem sabe que está fazendo isso. Sua mão faz com que ele se mova do jeito que você quiser.”

"Não, amor." Kat suspirou. "Você está errado. Ou eu teria obtido uma resposta diferente.”

Qual foi a pergunta que Kate fez ao cristal?

Muitas vezes me perguntei, ao longo dos anos. Eu me perguntei até que ponto isso afetou as próximas vinte e quatro horas. E todas as coisas perversas que Kate fez.

Tudo o que aconteceu foi por ordem do cristal? Será que Kate simplesmente se rendeu à sua decisão – aonde quer que ela levasse?

Mesmo que ela soubesse, você sabe, não acredito que Kate tivesse ideia de onde isso iria terminar. Como ela poderia?

Foi muito mais longe do que qualquer um de nós jamais poderia ter imaginado.

# 13

Só tive oportunidade de falar a sós com Lana na manhã seguinte.

Tínhamos acabado de chegar à pequena praia com a cesta de piquenique. Arrumamos as toalhas e cobertores na areia. Esperei até que Leo estivesse um pouco longe e então fiz a minha jogada.

“Lana,” eu disse em voz baixa. “Podemos conversar?”

"Mais tarde." Ela me dispensou. “Vou nadar.”

Eu a observei caminhar até a beira da água. Eu fiz uma careta. Não tive escolha a não ser segui-lo.

A água era plana como vidro; Lana nadou até a jangada. Nadei atrás dela.

Quando cheguei à jangada, subi a escada e subi na plataforma – e me joguei de costas, com falta de ar.

Lana estava em melhor forma do que eu, quase sem fôlego. Ela ficou ali sentada, abraçando os joelhos, olhando para o horizonte ao longe.

“Você está me evitando,” eu disse, quando finalmente recuperei o fôlego.

“Estou?”

"Sim. Por que?"

Lana não respondeu por um segundo. Ela encolheu os ombros. “Você não consegue adivinhar?”

“Não, a menos que você me diga. Eu não sou vidente.

Eu tinha decidido que a melhor maneira de lidar com Lana agora era bancar o bobo. Então eu dei a ela um olhar inocente e esperei.

Finalmente, ela falou. “Naquela noite no seu apartamento…”

"Sim."

“Nós conversamos muito.”

“Eu sei que sim.” Dei de ombros. “Agora você está me evitando. O que devo fazer com isso?

“Eu preciso saber uma coisa.” Lana me estudou por um segundo. "Por que você está fazendo isso?"

"Fazendo o que? Tentando ajudar você? Encontrei seu olhar diretamente. “Eu sou sua amiga, Lana. Eu te amo."

Lana olhou para mim por um momento, como se não acreditasse em mim.

Senti uma pontada de irritação. Isso não é loucura? Em todos esses anos, nunca houve uma palavra cruzada ou um desentendimento — uma amizade de adoração mútua, livre de qualquer conflito — até que me envolvi nos problemas de seu casamento.

*Nenhuma boa ação fica impune* , pensei. Quem disse isso? Eles estavam certos.

Eu estava em uma posição complicada, eu sabia. Não devo pressioná-la com muita força. Eu arrisquei perdê-la. Mas eu não consegui me conter.

"Desculpe. Não posso ficar parado e ver você ser abusado. Não está tudo bem deixar que eles te tratem assim.

Sem resposta.

“Lana.” Eu fiz uma careta. “Responda-me, pelo amor de Deus.”

Mas Lana não me respondeu. Ela simplesmente se levantou e mergulhou da jangada. Ela desapareceu na água.

Após o piquenique, voltamos para casa.

Mas Lana não entrou.

Ela permaneceu na varanda, agindo como se a subida dos degraus a tivesse cansado e estivesse recuperando o fôlego. Eu sabia melhor. Ela estava observando Kate, no nível inferior.

Kate estava se afastando da casa de veraneio, na direção do olival – em direção às ruínas.

Eu sabia o que se passava na mente de Lana. Eu fingi bocejar. "Eu vou tomar um banho. Te vejo daqui a pouco."

Lana não respondeu. Entrei na sala de estar e parei logo depois da porta. Fiquei ali por um momento. Então voltei para fora. E Lana tinha ido embora. Tal como eu esperava, ela descia os degraus para o nível inferior.

Eu a segui, mantendo distância, para que ela não visse. Eu não precisava ter me preocupado; Lana não olhou para trás nenhuma vez. Nem Kate, enquanto caminhava por entre as árvores, felizmente inconsciente de que estava sendo seguida não por uma, mas por duas pessoas.

Na clareira, Lana se escondeu atrás de uma árvore. Fiquei um pouco mais atrás, a uma distância segura. Nós dois assistimos a cena se desenrolar nas ruínas.

Jason e Kate conversaram um pouco. Então Jason largou a arma e se aproximou de Kate. Eles começaram a se beijar.

Deve ter sido estranho para Lana vê-los se beijando. Imaginei todas as suas defesas desmoronando naquele momento – sua negação, ilusão, sua projeção de sua raiva em mim – desintegrando-se em pó. Como você pode negar o que está bem na sua frente?

As pernas de Lana cederam de repente. Ela caiu no chão. Ela caiu de quatro no chão. Parecia que ela estava ajoelhada em oração, mas ela estava chorando.

Foi uma visão lamentável. Meu coração estava com ela.

Mas seria desonesto não admitir que parte de mim ficou aliviada. Pois se Lana precisava de mais provas do que um brinco, então o destino acabara de fornecê-las.

Jason sentiu os olhos de Lana sobre ele. Ele olhou para cima. Mas ele ficou cego pela luz do sol e não a viu ali.

Lana se virou e saiu cambaleando das ruínas. Ela voltou pelo olival, em direção à casa. Ela estava andando rápido. Eu segui.

Tive uma sensação desconfortável sobre o que ela poderia fazer a seguir.

# 14

Lana circulou atrás da casa. Ela entrou pela porta dos fundos.

Ela correu pelo corredor e entrou na sala de armas de Jason. Ele havia levado algumas armas consigo, mas algumas ainda estavam lá, na prateleira.

Lana estendeu a mão e pegou uma arma.

Ela saiu do quarto e marchou pelo corredor até a sala. Ela saiu pelas janelas francesas e foi para a varanda. Ela ficou junto ao muro baixo, com vista para o nível inferior.

Abaixo dela, Jason estava voltando para casa, segurando alguns pombos florestais mortos. Lana ergueu lentamente a arma e apontou-a diretamente para ele.

Ela pretendia matar Jason? Ou apenas assustá-lo?

Não sei até que ponto Lana estava consciente do que estava fazendo. Ela estava tão espancada mentalmente, tão desestabilizada. Talvez um antigo e primitivo instinto de sobrevivência tivesse se instalado – uma necessidade de sentir uma arma nas mãos? Se houvesse um machado por perto, como Clitemnestra, ela poderia tê-lo apanhado. Do jeito que estava, ela segurava uma arma.

*Vá em frente* , pensei, *faça isso. Aperte o gatilho. Fogo-*

Mas nesse momento Leo apareceu no nível inferior, caminhando em direção à piscina. Lana imediatamente abaixou a arma, escondendo-a nas costas.

Leo olhou para cima e viu sua mãe. Ele acenou. Lana forçou um sorriso e acenou de volta.

Acordada do transe, Lana virou-se e correu de volta para casa. Ela seguiu pela passagem. Mas ela não devolveu a arma. Ela continuou andando, passou pela sala de armas e levou a arma para cima.

No quarto, Lana estava sentada à penteadeira. Ela se olhou no espelho – com a arma na mão. Ela se sentiu bastante

assustada com o que viu.

Então, ao ouvir a porta se abrir, ela enfiou a arma na gaveta. Ela se olhou no espelho e viu Agathi entrar, sorrindo.

"Oi. Há alguma coisa que você precisa?

"Não." Lana balançou a cabeça.

“Alguma ideia sobre o jantar?”

"Não. Talvez saiamos. Não consigo pensar agora... vou tomar banho.”

“Vou cuidar disso para você.”

“Eu posso administrar.”

Agathi assentiu. Ela observou Lana por um momento. Não era típico de Agathi oferecer uma opinião não solicitada. Mas ela estava prestes a abrir uma exceção.

“Lana. Você está bem? Você não está, está?

Lana não respondeu.

“Podemos sair agora mesmo, se você quiser.” Agathi deu a Lana um sorriso encorajador. "Deixe-me levá-lo para casa."

"Lar?" Lana parecia confusa. "Onde é isso?"

“Londres, é claro.”

Lana balançou a cabeça. “Londres não está em casa.”

"Então onde?"

"Não sei. Eu não sei para onde ir. Não sei o que fazer.”

Ela acordou. Ela entrou no banheiro. Ela abriu as torneiras e preparou o banho.

Quando voltou para o quarto, alguns minutos depois, Agathi não estava mais lá. Mas ela havia deixado algo para trás.

O pingente de cristal estava ali, na penteadeira, brilhando à luz do sol.

Lana atendeu. Ela olhou para ele. Ela não acreditava em magia; mas ela não sabia mais em que acreditar. Ela balançou o pingente na palma da mão.

Ela olhou para ele, seus lábios se movendo enquanto ela murmurava uma pergunta silenciosa.

Quase imediatamente, o cristal começou a se contorcer, sacudir e dançar no ar.

Um pequeno movimento circular – que crescia cada vez mais, acima da palma da mão estendida – cada vez mais amplo e mais alto... um círculo, girando no ar.

Do lado de fora da casa, no chão, uma folha solitária se movia.

A folha foi levantada no ar por uma força invisível – girando-a em círculo. O círculo foi ficando maior e mais largo, mais alto e mais alto... à medida que os ventos apareciam...

E *a fúria* começou.

# 15

*A fúria* era um nome adequado, pensei, dado o humor de Kate.

Ela estava ansiosa por brigar durante todo o jantar em Yialos. Agora que estávamos de volta em casa, ela parecia decidida a encontrar um.

Achei melhor ficar fora do caminho dela. Então fiquei do lado de fora, perto das janelas francesas, fumando o baseado. Desse ponto de vista seguro, observei o drama se desenrolar na sala de estar.

Kate estava se servindo de outra dose grande de uísque. Jason foi até ela. Ele ficou lá sem jeito e falou em voz baixa.

"Você já bebeu o suficiente."

“Este é para você.” Kate entregou-lhe o copo cheio de uísque. "Pegue."

Ele balançou sua cabeça. "Não. Eu não quero isso.

"Por que não? Vá em frente, beba.

"Não."

“Acho”, disse Lana com firmeza, “que todos deveríamos ir para a cama”. Ela olhou para Kate por um momento; um olhar de advertência, se é que alguma vez vi um. E por um segundo, pareceu que Kate iria recuar.

Mas não. Kat aceitou o desafio. Ela arrancou o xale vermelho, girando-o no ar como uma bandeira vermelha em uma tourada, e jogou-o no encosto do sofá.

Então ela levou o copo de uísque aos lábios e bebeu tudo de uma só vez.

Lana estava com cara de pôquer, mas eu poderia dizer que ela estava furiosa. “Jason, podemos subir? Estou me sentindo cansado.”

Kate estendeu a mão e agarrou o braço de Jason. “Não, Jasão. Fique ali mesmo."

“Kate—”

“Estou falando sério”, disse Kate. “Não vá. Você vai se arrepender se for.

“Vou correr esse risco.”

Ele tirou a mão de Kate de seu braço – uma má jogada, pensei. Eu sabia que isso iria enfurecê-la. Eu tinha razão.

“ *Foda-se* .”

Jason pareceu surpreso. Ele não esperava esse nível de raiva. Meu coração se compadeceu com ele, quase.

Eu entendi agora. A raiva de Kate a traiu: toda essa farsa era para o benefício *de Jason* , não para mim ou para Lana. Era com Jason que Kate estava brava.

Lana também entendeu isso. Ela tinha o instinto enervante de um grande ator. Ela sabia que essa era a deixa dela.

Como sempre, ela subestimou sua entrega: “Jason. Tome uma decisão, por favor.

"O que?"

"Você deve escolher." Lana acenou com a cabeça para Kate, sem tirar os olhos de Jason. "Eu ou ela."

"O que você está falando?"

“Você sabe muito bem do que estou falando.”

Houve uma pequena pausa. O rosto de Jason era um espetáculo para ser visto – como testemunhar um acidente de carro em câmera lenta. Preso entre essas duas mulheres, isso estava prestes a acabar mal para ele. A menos que ele conseguisse de alguma forma evitar isso.

O que Jason fez a seguir seria muito revelador. Barbara West uma vez me contou um velho truque de escrita – onde você dá valor a uma pessoa ou objeto específico, incluindo-os em uma escolha entre duas alternativas. O que você está preparado para abrir mão de algo nos diz tudo sobre o quanto você valoriza aquilo.

Jason tinha uma escolha clara aqui – entre Kate e Lana. Estávamos prestes a descobrir — se tivéssemos alguma dúvida — quem ele mais valorizava.

Bárbara teria adorado isso, pensei. Exatamente o tipo de situação que ela roubaria e colocaria em um livro.

Pensar em Barbara me fez sorrir – o que foi lamentável, pois percebi que Jason estava olhando para mim, com uma expressão de fúria no rosto. “Que porra é essa? Você acha isso *engraçado* , seu idiota malvado?

"Meu?" Eu ri. “Acho que sou o menor dos seus problemas, cara.”

Com isso, Jason perdeu a paciência. Ele saltou em minha direção, investindo contra mim, agarrando-me pela garganta. Ele me prendeu na parede e levantou o primeiro, como se fosse me dar um soco na cara.

“Pare com isso! Pare com isso. Kate estava batendo nas costas dele. "Deixe-o em paz! Jasão...

Eventualmente, Jason me deixou ir. Recuperei o fôlego e ajustei o colarinho com toda a dignidade que pude reunir.

"Me sinto melhor agora?"

Jason não respondeu. Ele olhou para mim. Então, lembrando-se de suas prioridades, ele se virou — para apelar para Lana.

“Lana. Ouvir-"

Mas Lana não estava lá. Ela tinha ido.

# 16

Nikos estava em sua casa, sentado na poltrona junto à lareira. Ele estava bebendo ouzo e ouvindo o vento lá fora.

Ele gostava de ouvir o vento, em todos os seus diferentes estados de espírito. Esta noite, estava furioso. Outras noites, gemia como um velho com dores; ou chorou como uma criança perdida na tempestade. Às vezes, Nikos conseguia se convencer de que era uma garota lá fora, perdida no vendaval, chorando. Ele saía e olhava para a noite, para a escuridão — só para ter certeza. Mas era sempre o vento, pregando peças.

Ele se serviu de outro ouzo. Ele estava um pouco bêbado; sua mente estava tão turva quanto o ouzo em seu copo. Ele recostou-se na cadeira e pensou em Lana. Ele imaginou como seria se ela morasse aqui, em Aura, com ele. Esta era uma fantasia favorita dele.

Ele tinha certeza de que Lana seria feliz aqui. Ela sempre ganhava vida na ilha – era como se uma luz brilhasse dentro dela no momento em que ela descia do barco. E se ela estivesse aqui, Lana poderia resgatá-lo de sua solidão. Ela seria como a chuva caindo sobre a terra seca; um gole de água fresca, para saciar seus lábios secos e salgados.

Nikos fechou os olhos, mergulhando em devaneios eróticos. Ele imaginou acordar de madrugada, na cama com Lana - ela estava de frente para ele, os cabelos dourados espalhados no travesseiro... como eram macios, como ela tinha um cheiro doce, como flor de laranjeira. Ele tomaria seu corpo macio em seus braços, acariciaria seu pescoço, beijaria sua pele. Ele pressionava os lábios contra a boca dela....

Nikos estava meio excitado, meio bêbado, meio adormecido — e pensou que estava sonhando quando abriu os olhos... e lá estava ela.

Lana.

Nikos piscou. Ele se sentou, subitamente bem acordado.

Lana estava parada ali, na porta. Ela estava lá, na realidade, não na imaginação dele. Ela estava linda, toda vestida de branco. Ela parecia uma deusa. Mas uma deusa triste. Um assustado.

“Nikos,” Lana disse em um sussurro. "Eu preciso de sua ajuda."

# 17

Jason, Kate e eu ficamos sozinhos na sala. Esperei para ver quem falaria primeiro. Era Kate, parecendo castigada.

“Jasão. Podemos falar?" Sua voz tinha um vazio. Sua raiva desapareceu, extinguiu-se — nada restou além de cinzas. “Jasão?”

Jason olhou para Kate – e olhou através dela. Um olhar arrepiante, pensei. Como se ela não existisse. Ele se virou e saiu da sala.

Kate de repente parecia uma garotinha prestes a chorar. Senti pena dela, apesar de tudo.

"Você quer uma bebida?"

Kate balançou brevemente a cabeça. "Não."

"Estou fazendo um para você de qualquer maneira."

Fui até o armário de bebidas e preparei algumas bebidas para nós. Conversei um pouco sobre o tempo, para dar a Kate uma chance de se recompor. Mas eu poderia dizer que ela não estava ouvindo.

Estendi o copo na frente dela por uns bons vinte segundos antes que ela o visse.

"Obrigado." Kate pegou a bebida, colocando-a distraidamente na mesa à sua frente. Ela pegou seus cigarros.

Esfreguei meu pescoço. Estava dolorido onde Jason o agarrou. Eu fiz uma careta. “Sabe, Kate, você realmente deveria ter vindo até mim. Eu poderia ter te esclarecido. Eu poderia ter avisado você.

"Me avisou? Sobre o que?"

“Ele não vai deixar Lana por você. Não se iluda.”

“Não estou me iludindo.” Kate bateu violentamente o cigarro apagado na mesa. Ela plantou na boca e acendeu.

"Eu acho que você é."

"Você sabe tudo sobre isso."

Kate fumou por um momento – notei que sua mão tremia. Então, de repente, ela apagou o cigarro no cinzeiro.

“A questão é” – ela se virou para mim, com uma centelha de sua antiga raiva – “por que *você* se importa? Por que você está tão interessado no casamento de Lana? Mesmo que eles se separem, ela dificilmente se casará com *você* .”

Kate estava brincando. Mas então ela viu o brilho de dor em meus olhos. Ela ofegou. "Oh meu Deus. É *isso* que você acha? Você realmente acha... que *você* e *Lana* ...?

Kate não conseguiu terminar a frase – ela foi tomada pelo riso. Risada cruel e zombeteira.

Esperei até que ela parasse de rir. Então eu disse, friamente: “Estou tentando ajudar. Isso é tudo."

"Não, não, você não está." Kate balançou a cabeça. “Não posso me enganar, Maquiavel. Mas você receberá seu castigo no final. Apenas espere."

Eu ignorei isso. Eu estava determinado a que ela me ouvisse. Foi importante.

“Estou falando sério, Kate. Não coloque Jason em uma posição onde ele tenha que escolher entre vocês. Você vai se arrepender."

“Foda-se.”

Mas sua repreensão foi apenas tímida – sua mente estava claramente em Jason. Seus olhos estavam na porta.

Então ela tomou uma decisão repentina. Ela se levantou e saiu correndo.

Sozinho na sala, tentei imaginar o que poderia acontecer a seguir.

Kate obviamente tinha ido procurar Jason. Mas Jason não estava interessado em Kate – ele havia deixado isso bem claro agora há pouco.

A prioridade de Jason era Lana. Ele tentaria reconquistá-la. Ele a confortaria; assegure-a de que nada estava acontecendo entre ele e Kate. Ele mentiria, insistiria em sua inocência e juraria que nunca havia sido infiel.

E Lana? O que ela faria? Essa foi a questão chave. Tudo dependia disso.

Tentei imaginar a cena. Onde eles estavam? Na praia, talvez? Não, *junto às ruínas* — um cenário mais romântico —, um encontro à meia-noite junto às colunas iluminadas pelo luar. Eu tive uma noção de como Lana poderia

interpretar. Pensando bem, tive certeza de tê-la visto desempenhar um papel semelhante em um de seus filmes. Ela seria estóica e abnegada – que melhor maneira de apelar aos melhores instintos de seu protagonista? Ao seu senso de honra e dever?

Ela daria a Jason uma recepção fria no início, depois lentamente permitiria que sua reserva enfraquecesse. Ela não o advertiria. Não, ela se culparia — lutando contra as lágrimas enquanto falava; ela era boa nisso.

Finalmente, ela olhava para Jason com seu olhar especial; aquele que ela reservou para close-ups: arregalando aqueles enormes olhos hipnóticos, vulneráveis, cheios de dor, mas tremendamente corajosos – "assalto para a câmera", como Barbara West chamou – mas extremamente eficaz.

Antes que ele percebesse, Jason estaria enfeitiçado, arrebatado pelo desempenho de Lana, de joelhos, implorando por perdão, prometendo ser um homem melhor - e falando sério. Kate desapareceria no fundo de sua mente. *O fim.*

Por um momento de desespero, pensei em correr pessoalmente para encontrar Lana e Jason — e tentar intervir. Mas não. Eu tinha que ter fé em Lana.

Afinal, era perfeitamente possível que ela me surpreendesse.

# 18

"Bem?" Lana disse. “Você fará isso?”

Nikos olhou para ela, surpreso. Ele não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Ele não conseguia acreditar nas palavras que acabaram de sair da boca de Lana – ou no que ela acabara de pedir que ele fizesse.

Ele se sentiu incapaz de responder, então não o fez.

"O que você quer?" ela disse.

Novamente, nenhuma resposta.

Lana enfiou a mão no pescoço e desfez a corrente de diamantes. Ela o enrolou na palma da mão. Ela estendeu a pilha brilhante de pedras.

"Pegue isso. Venda. Compre o que quiser. Lendo a mente dele daquele jeito dela, ela acrescentou: “Um barco. É isso que você quer, não é? Você pode comprar um barco com isso.”

Nikos ainda não respondeu.

Lana franziu a testa. “Você está insultado? Não fique. É uma troca justa. Diga-me o que você quer, para fazer o que eu peço.

Ele não estava ouvindo. Tudo o que Nikos conseguia pensar era em como ela era linda. Antes que ele percebesse, as palavras saíram de sua boca:

"Me beija."

Lana olhou para ele como se não tivesse ouvido. "O que?"

Nikos não respondeu.

Lana procurou seus olhos, confusa. “Eu não entendo – é isso? Esse é o seu preço?

Ele não respondeu. Ele não falou nem se moveu. Ele apenas ficou lá.

Houve uma pausa.

Então Lana deu um pequeno passo à frente. Seus rostos estavam a centímetros de distância. Eles se olharam nos olhos. Lana nunca tinha notado seus olhos antes. Eles

tinham uma espécie de beleza, ela percebeu; uma luz azul clara. Um pensamento maluco surgiu em sua cabeça: *eu deveria ter me casado com Nikos. Então eu poderia ter vivido aqui e sido feliz.*

Então ela se inclinou para frente e pressionou os lábios na boca dele.

Enquanto se beijavam, Nikos, que estava seco por dentro, pegou fogo – e foi engolfado. Ele nunca conheceu um sentimento como esse. Ele nunca mais seria o mesmo, ele sabia disso.

"Eu farei isso," ele sussurrou, entre beijos. "Eu farei o que você quiser."

Lana saiu da casa de Nikos e seguiu pela trilha. Ela atravessou o olival e entrou na clareira, até as ruínas.

A ruína era protegida dos piores ventos pelas oliveiras cerradas que a rodeavam. Lana sentou-se numa coluna quebrada por um momento. Ela fechou os olhos e ficou ali sentada, imersa em pensamentos.

Então, na vegetação rasteira, atrás dela, um galho quebrou sob os pés. Lana abriu os olhos e virou a cabeça para ver quem era.

Três tiros soaram.

Momentos depois, Lana estava caída no chão, em uma poça de sangue.

# 19

Leo foi o primeiro a chegar às ruínas. Ele foi seguido por Agathi — então Jason e eu aparecemos.

Ao nos reunirmos ao redor do corpo de Lana, o tempo pareceu parar por um momento. Manteve-nos suspensos – enquanto tudo ao nosso redor se movia. O vento rodopiava e gritava, as árvores balançavam; enquanto ficamos parados, congelados, mantidos num estado atemporal, incapazes de pensar ou sentir.

Durou apenas alguns segundos, mas pareceu uma eternidade – até que Kate apareceu e quebrou o feitiço. Ela parecia desorientada e confusa. Sua expressão mudou de confusão para descrença, para horror.

"O que *aconteceu* ?" ela continuou dizendo. *"Meu Deus-"*

De alguma forma, sua chegada nos estimulou a agir. Ajoelhei-me ao lado de Leo. “Precisamos deitá-la. Leão? Você tem que deixá-la ir...

Leo a embalou para frente e para trás, chorando. Tentei persuadi-lo a soltá-la. “Vamos, Leo, por favor...”

“Coloque-a no chão, Leo”, disse Jason. Perdendo a paciência, ele fez um movimento repentino em sua direção.

Leo reagiu como se tivesse sido mordido por uma cobra. Ele gritou com Jason, seu rosto manchado de sangue era uma visão horrível. *“Afaste-se dela! Fugir!"*

Jason se assustou e recuou. “Basta colocá-la no chão, pelo amor de Deus.”

Lancei a Jason um olhar exasperado. “Eu vou lidar com ele. Chame uma ambulância!"

Jason assentiu, procurando o telefone nos bolsos. Ele o encontrou e o destrancou, entregando-o às mãos de Agathi. “Ligue para a estação em Mykonos. Digamos que precisamos de uma ambulância – e da polícia. Eles precisam estar aqui *agora* !”

Agathi assentiu, atordoada. "Sim Sim-"

“Vou pegar uma arma. Espere aqui. Não se mova.”

Com isso, Jason começou a correr de volta para casa. Kate hesitou e depois correu atrás dele.

Agathi e eu conseguimos fazer com que Leo entregasse o corpo de Lana. Nós cuidadosamente a colocamos no chão. Leo olhou para cima com os olhos arregalados. Ele falou com uma voz estrangulada.

"As *armas* ."

"O que?"

Mas Leo já estava de pé – e correndo atrás dos outros.

# 20

Kate correu para dentro de casa. Ela olhou em volta, mas não conseguiu ver Jason em lugar nenhum.

“Jasão?” ela sussurrou. “Jasão—”

De repente, ele apareceu – emergindo da sala de armas. Ele olhou para ela, com uma expressão estranha e confusa no rosto. “Eles se foram.”

Kate não sabia o que ele queria dizer. "O que?"

"As armas. Eles não estão lá.

"O que você quer dizer? Onde eles estão?"

“Eu não sei, porra. Alguém os levou.

Eles ouviram passos no final do corredor. Eles olharam para cima.

Leo estava parado ali, olhando para eles. Ele era uma visão assustadora – coberto de sangue, selvagem, miserável. Ele parecia fora de si.

“As armas”, disse Leo. "EU-"

Jason ficou tenso. "O que?"

“Eu os mudei. Eu os escondi. Era para ser uma piada, eu...

Mas Jason já estava sobre ele, agarrando-o. "Onde eles estão? *Diga-me!* ”

"Jason, deixe-o ir!" Kate disse.

“Onde estão as armas?”

"Deixe ele ir!"

Jason o soltou e Leo caiu no chão, encostado na parede, chorando, abraçando os joelhos.

*"Ela está morta!"* Leo gritou. *“Você nem se importa?”*

Ele cobriu o rosto com as mãos. Kate foi até ele e o puxou para seus braços. “Querido, shh, shh. Por favor, conte-nos. Onde estão as armas?

Leo levantou uma mão e apontou para o baú de madeira. *"Lá."*

Jason avançou até o peito. Ele abriu a tampa.

Ele fez uma careta. "Isso é uma piada?"

"O que?" Leo se levantou e foi até lá. Ele olhou para dentro.

O baú estava vazio.

Leo ficou surpreso. “Mas... eu os coloquei lá...”

"Quando?"

"Antes do jantar. Alguém os moveu.

"Quem? Por que alguém faria aquilo?"

Kate franziu a testa quando algo lhe ocorreu. “Onde está Nikos?”

“Estou aqui”, disse uma voz atrás deles.

Eles se viraram. Nikos estava parado na porta. Ele estava segurando uma arma.

Houve uma breve pausa, então Jason disse cautelosamente: — Lana levou um tiro.

Nikos assentiu. "Sim eu sei."

Jason olhou para a arma na mão de Nikos. “Onde você conseguiu isso?”

“Esta é a minha arma.”

"Tem certeza? Todos os meus estão desaparecidos.

Nikos encolheu os ombros. "É meu."

Jason estendeu a mão. "Bem, é melhor você dar para mim."

Nikos balançou a cabeça – um não definitivo. Jason decidiu não pressioná-lo por isso. Em vez disso, disse lenta e enfaticamente: “Precisamos fazer uma busca na ilha. Você entende? Há um intruso. Ele está armado e perigoso. Precisamos encontrá-lo.

Então entrei – o portador de más notícias. Eu não sabia como dizer; então eu simplesmente descobri.

“Agathi falou com a polícia em Mykonos.”

Jason olhou para cima. "E? Quando eles chegam aqui?

"Eles não são."

"O que?"

“Eles não estão vindo. É o vento. Eles não conseguem atravessar um barco.”

Kate olhou para mim. Seu rosto se contraiu. “Mas eles têm que... eles devem...”

“Eles disseram que vai se acalmar ao amanhecer... Eles vão tentar então.”

“Mas... isso será em *cinco horas.* ”

"Eu sei." Eu balancei a cabeça. “Até então, estamos por nossa conta.”

# 21

Foi decidido que Jason, Nikos e eu deveríamos procurar um intruso na ilha. Eu disse a eles que era uma perda de tempo.

“Isso é uma loucura. Você realmente acha que alguém pousou aqui – com esse tempo? Isso é impossível!"

“Que outra opção existe?” Jason olhou para mim. “Alguém está aqui e vamos encontrá-lo. Agora mova-se.”

E assim, armados com lanternas movidas a bateria, nos aventuramos noite adentro.

Começamos a patrulhar o caminho através do olival, iluminando a escuridão com nossos fachos de luz. As oliveiras eram densas, revelando apenas teias de aranha e ninhos de pássaros.

Enquanto caminhávamos, Jason ficava olhando para a arma na mão de Nikos. Jason claramente não confiava nele. Para ser honesto, eu não confiava em nenhum deles com uma arma – eu ficava de olho neles tanto quanto eles ficavam um no outro.

Seguimos em direção ao litoral e começamos a vasculhar as praias. Foi uma tarefa árdua, com o vento a atacar-nos enquanto caminhávamos. A fúria era implacável, cortando nossos rostos, jogando areia em nós; gritando em nossos ouvidos, nos desequilibrando sempre que podia. Mas perseveramos e demoramos pouco mais de uma hora, seguindo o caminho de terra que serpenteava ao redor do perímetro da ilha, subindo e descendo ao longo da costa.

Finalmente, chegamos ao lado norte da ilha: um penhasco escarpado que descia até a água abaixo – onde era impossível alguém atracar um barco; e não havia lugar para se esconder entre as rochas nuas.

Finalmente, o que eu disse anteriormente tornou-se evidente para os outros. Não havia barco; nenhum intruso.

Ninguém mais estava nesta ilha.

Ninguém, mas nós seis.

# 22

Talvez este seja um bom momento para fazer uma pausa – e fazer um balanço, antes de prosseguirmos.

Estou ciente das convenções deste gênero. Eu sei o que deve acontecer a seguir. Eu sei o que você está esperando. Uma investigação de assassinato, um desfecho, uma reviravolta.

É assim que deveria acontecer.

Mas como avisei no início, não é assim que as coisas vão acontecer.

Assim, antes de a nossa história se desviar totalmente desta sequência familiar de acontecimentos – antes de darmos uma série de reviravoltas sombrias – vamos considerar como uma narrativa alternativa pode desenrolar-se.

Imaginemos, por um momento, um detetive – uma versão grega do belga de Agatha Christie, talvez? Ele aparece na ilha, algumas horas depois, quando o vento diminui.

Sendo um homem mais velho, ele desce cautelosamente do barco da polícia, auxiliado por um oficial subalterno. Ele é alto e magro, com cabelos grisalhos e um pequeno bigode preto bem aparado. Seus olhos são escuros e penetrantes. “Sou o inspetor Mavropoulos, da polícia de Míconos”, diz ele com forte sotaque grego.

Seu nome, Agathi nos informa, significa “melro” – mensageiro da morte.

Parecendo uma ave de rapina, o inspetor empoleira-se na cabeceira da mesa da cozinha. Depois que ele e seus oficiais bebem suas xícaras de café grego, devorando os biscoitos doces inventados por Agathi, o inspetor inicia sua investigação.

Tirando algumas migalhas do bigode, ele pede para ver todos nós – um por um – para um interrogatório.

Durante estas entrevistas, Mavropoulos estabelece rapidamente os factos.

A ruína, onde foi encontrado o corpo de Lana, fica a cerca de doze minutos a pé da casa principal – ao longo do caminho, através do olival. O assassinato em si ocorreu à meia-noite – quando os tiros foram ouvidos. O corpo foi encontrado logo depois.

Como Leo foi o primeiro a aparecer nas ruínas, ele é o primeiro a ser entrevistado por Mavropoulos.

“Meu garoto”, ele diz gentilmente, “sinto muito por sua perda. Receio ter de lhe pedir que deixe a sua dor de lado por um momento e responda às minhas perguntas da forma mais clara possível. Onde você estava quando ouviu os tiros?

Leo explica que estava vomitando – na horta recém-cavada em que ele e Nikos estavam trabalhando. O inspetor presume que Leo estava doente por causa do álcool - e Leo decide não desiludi-lo, suspeitando que a maconha ainda pode ser ilegal na Grécia.

O inspetor, com pena do estado emocional bruto de Leo, não o pressiona – e o libera após algumas perguntas.

O próximo a ser entrevistado é Jason. Suas respostas parecem a Mavropoulos evasivas e até estranhas. Jason insiste que, à meia-noite, ele estava do outro lado da ilha, perto das falésias. Quando pressionado por um motivo, Jason afirma que estava procurando por Lana, pois não conseguiu encontrá-la em nenhum lugar da casa. Os penhascos parecem um lugar estranho para fazer buscas, mas o inspetor não faz comentários – por enquanto.

Ele simplesmente observa que Jason não tem álibi.

Nem Kate, sozinha na casa de veraneio.

Nem Agathi, dormindo na cama.

Nem Nikos, cochilando em sua cabana.

E onde eu estava? você pergunta. Bebendo na sala, mas você só tem a minha palavra. Na verdade, nenhum de nós pode provar onde estávamos.

O que significa que qualquer um de nós seis poderia ter feito isso.

Mas por que faríamos isso?

Por que algum de nós mataria Lana? Todos nós amamos Lana.

Pelo menos eu fiz. Embora não tenha certeza se o inspetor Mavropoulos compreende totalmente o conceito de *almas gêmeas* , faço o possível para explicar a ele que não tive motivo para assassinar Lana.

O que não é estritamente verdade.

Não lhe conto, por exemplo, que Lana me deixou uma fortuna em testamento.

Como posso saber disso? Ela me contou, quando eu estava negociando a venda da casa que Barbara West me deixou em Holland Park. Lana perguntou por que eu estava vendendo a casa e eu disse que, além disso, detestava o lugar e todas as suas lembranças, o resultado final era que precisava de algum dinheiro. Eu precisava de algo para viver – caso contrário, acabaria na miséria na rua. Eu estava brincando, mas Lana parecia séria. Ela me disse que não deixaria isso acontecer — que sempre cuidaria de mim, enquanto vivesse; e ela me deixou sete milhões de libras em seu testamento.

Fiquei impressionado com sua generosidade e profundamente comovido. Lana, talvez arrependida de sua indiscrição, pediu-me que esquecesse o que ela havia dito — em particular, pediu que eu nunca mencionasse isso a Jason. A implicação tácita era que Jason ficaria furioso. Claro que sim - Jason era ganancioso, mesquinho e mesquinho. O oposto de Lana e eu, na verdade.

Saber dessa herança não fez a menor diferença nos meus sentimentos. Certamente não planejei o assassinato de Lana, se é isso que você está pensando.

Mas você pode pensar o que quiser — essa é a diversão de um mistério de assassinato, não é? Você pode apostar no cavalo que escolher.

Se eu fosse você, apostaria meu dinheiro em Jason.

Todos sabemos o quão desesperado ele estava, o quanto precisava de dinheiro – o que ele não admite a Mavropoulos. Mas Jason tem um ar de culpa grudado nele como fumaça de cigarro. Qualquer inspetor que se preze deve perceber isso e suspeitar.

E Kate? Bem, o motivo dela não era financeiro – no caso de Kate, seria um crime passional, não seria? Mas permanece a questão se Kate realmente mataria Lana para

roubar seu marido. Não estou convencido de que ela faria isso.

Também não estou convencido de que Agathi seja um suspeito realista. Ela também receberia uma herança, como eu — e, como eu, seria intensamente leal. Não há razão para pensar que ela machucaria Lana. Ela amava Lana; talvez até um pouco demais.

Quem sobrou?

Não considero Leo seriamente. Você? Será que um filho mataria a mãe que adorava simplesmente porque ela não o deixou ir para a escola de teatro? Embora, para ser justo, tenha certeza de que as pessoas cometeram assassinatos por motivos menos convincentes. E se fosse Leo, seria uma surpresa suficientemente chocante; um final dramático para nossa história.

Mas um detetive de poltrona mais experiente provavelmente escolherá Nikos – obscuro desde o início, cada vez mais obcecado por Lana, isolado e excêntrico.

Ou Nikos é um suspeito óbvio demais? Uma versão da ilha grega de “o mordomo fez isso”?

Mas então, quem sobrou?

Apenas uma outra solução é possível. Um truque que a própria Christie às vezes usava. Um estranho: alguém cujo nome não constava da lista de seis suspeitos. Alguém que desembarcou ilegalmente na ilha, apesar do mau tempo, armado com uma arma e com vontade de matar. Alguém do passado de Lana?

Foi possível? Sim. Provável? Não.

Mas não vamos descartar totalmente esta ideia – não até que o Inspetor Mavropoulos tenha chegado à sua conclusão; quando ele pede que todos nos reunamos para a solução do assassinato.

O inspetor nos reúne na sala da casa principal — ou nas ruínas, se estiver se sentindo particularmente teatral. Seis cadeiras, dispostas em fila, em frente às colunas.

Sentamo-nos e observamos Mavropoulos andar de um lado para outro, conduzindo-nos através de sua investigação, de todas as reviravoltas que seu pensamento deu. Por fim, ele deduz que, para imensa surpresa de todos, o assassino é...

Bem, isso é o máximo que posso ir, no momento.

Tudo o que foi dito acima é o que poderia ter acontecido – se esta história estivesse sendo escrita por uma mão mais firme que a minha – pela caneta implacável e inabalável de Agatha Christie.

Mas minha mão não está firme. É fraco e extremamente errático; como eu. Desorganizado e sentimental. Você não poderia imaginar características piores para um escritor de mistério. Felizmente sou apenas um amador – nunca ganharia a vida com isso.

A verdade é que nada disso aconteceu da maneira que acabei de descrever.

Não havia inspetor Mavropoulos, nenhuma investigação, nada tão ordenado, metódico ou seguro. Quando a polícia finalmente chegou, já era dia e a identidade do assassino era bem conhecida. A essa altura, havia um caos.

A essa altura, todo o inferno havia começado.

Então o que aconteceu? Permita-me encher seu copo e eu lhe direi.

A verdade, como dizem, muitas vezes é mais estranha que a ficção.

# ATO III

*Não é incomum que os melhores escritores sejam mentirosos. A maior parte do seu ofício é mentir ou inventar e eles mentem quando estão bêbados, ou para si mesmos, ou para estranhos.*

—ERNEST H EMINGWAY _ _

# 1

Neste ponto, eu suponho - como aquele pobre coitado que foi alvo de sermões do Antigo Marinheiro, forçado a suportar sua estranha história - você deve estar se perguntando em que diabos se meteu, concordando em ouvir minha história.

Só fica mais estranho, infelizmente.

Eu gostaria de saber o que você sente por mim agora. Você está um pouco encantado, até mesmo seduzido, como Lana costumava ficar? Ou, como Kate, você me acha irritante, dramatizante, autoindulgente?

Todos os itens acima estão provavelmente mais próximos da verdade.

Mas gostamos de manter as questões morais simples, não é? Bom/ruim, inocente/culpado. Isso é bom na ficção; a vida real não é tão clara. Os seres humanos são criaturas complexas, com tons de claro e escuro operando em todos nós.

Se parece que estou tentando me justificar, garanto que não estou. Estou bem ciente de que, à medida que prosseguirmos e você ouvir o resto desta história, poderá não aprovar minhas ações. Isso é bom. Não busco sua aprovação.

O que procuro – não, o que exijo – é a sua *compreensão* .

Caso contrário, minha história nunca tocará seu coração. Permanecerá um thriller de dois centavos que você pode comprar em um aeroporto para devorar na praia - apenas para descartar, esquecido, quando chegar em casa. Não permitirei que minha vida seja reduzida a polpa. Não senhor.

Se você quiser entender o que se segue — se algum dos eventos incríveis que estou prestes a relatar fizer algum sentido para você — preciso explicar algumas coisas sobre mim. Algumas coisas eu senti que não poderia revelar a você quando nos conhecemos. Por que não? Eu queria que

você me conhecesse um pouco melhor, suponho. Eu esperava que você pudesse desculpar algumas das minhas características menos atraentes.

Mas agora isso me dominou: esse desejo de me desabafar. Eu não poderia parar agora, mesmo que quisesse. Como o Antigo Marinheiro, preciso tirar isso do peito.

Devo avisá-lo que o que se segue é, às vezes, difícil de aceitar. Certamente é difícil escrever sobre isso. Se você pensou que o assassinato de Lana foi o clímax desta história sórdida, você estava redondamente enganado.

O verdadeiro horror ainda está por vir.

Mais uma vez, devo voltar no tempo. Desta vez não para a rua Soho, em Londres, mas muito, muito mais longe.

Vou lhe contar sobre Lana e eu — sobre nossa amizade; coisa estranha e extraordinária que era. Mas isso é apenas a ponta do iceberg, para ser franco. Meu relacionamento com Lana Farrar começou muito antes de nos conhecermos.

Tudo começou quando eu era outra pessoa.

# 2

É engraçado, sempre que o romancista Christopher Isherwood escrevia sobre sua versão mais jovem, era sempre na terceira pessoa.

Ele escreveria sobre “ele” – um garoto chamado “Christopher”.

Por que? Porque, eu acho, isso permitiu que ele tivesse empatia por si mesmo. É muito mais fácil sentir empatia pelas outras pessoas, não é? Se você vir um menino assustado na rua, intimidado, envergonhado, desrespeitado por um pai abusivo, você imediatamente sentirá simpatia por ele.

Mas no caso da nossa própria infância, é difícil ver isso com tanta clareza. Nossa percepção é obscurecida pela necessidade de obedecer, justificar e perdoar. Às vezes, é necessário um estranho imparcial, como um terapeuta qualificado, para nos ajudar a ver a verdade – que quando crianças estávamos sozinhos e com medo em um lugar assustador, e ninguém prestava atenção à nossa dor.

Não podíamos admitir isso para nós mesmos naquela época. Era muito assustador – então varremos o objeto para debaixo de um tapete enorme, na esperança de que desaparecesse. Mas isso não aconteceu. Permaneceu lá, permanecendo para sempre, como lixo nuclear.

Já é hora, você não acha, de levantar o tapete e dar uma boa olhar? Embora, por uma questão de segurança, tome emprestada a técnica de Christopher Isherwood.

O que se segue é a história da criança – não a minha.

Os primeiros anos do garoto não foram felizes.

Ter um filho foi sem dúvida um inconveniente para seus pais. Uma experiência fracassada, que nunca mais será repetida. Eles lhe forneceram comida e abrigo, mas pouco

mais lhe deram – além de lições ocasionais sobre embriaguez e brutalidade.

Casa estava ruim. A escola era pior. O garoto não era popular. Ele não era esportivo, nem legal, nem inteligente. Ele era tímido, retraído e solitário. Os únicos colegas que falavam com ele com alguma regularidade eram os valentões – uma gangue de quatro garotos malvados de sua turma. Ele os apelidou de Neandertais.

Os neandertais esperavam pelo garoto todas as manhãs nos portões da escola e esvaziavam seus bolsos, pegando o dinheiro do almoço, empurrando-o, fazendo-o tropeçar e pregando outras peças. Eles gostavam de chutar bolas de futebol na cabeça dele - tentando derrubá-lo - enquanto lhe lançavam insultos, como *esquisito* e *aberração* , ou pior.

E quando ele estava de bruços no chão, sempre havia, nas suas costas, um coro de risadas. Risos infantis agudos. Zombando e malévolo.

Li em algum lugar que o riso tem origem maligna - pois requer um objeto de ridículo, um idiota, um tolo. Um valentão nunca é alvo de suas próprias piadas, não é?

O líder dos Neandertais era um verdadeiro brincalhão, chamado Paul. Ele era popular, dessa forma, crianças malvadas podem ser. Ele era um brincalhão, um brincalhão. Ele sentou-se no fundo da classe, zombando tanto de professores quanto de alunos.

Demonstrando uma compreensão precoce da guerra psicológica, Paul decidiu que nenhum de seus colegas tinha permissão para falar com o garoto. Ele foi considerado leproso – muito nojento, muito nojento, muito fedorento, e muito estranho para ser conversado, reconhecido ou tocado. Ele deve ser evitado a qualquer custo.

A partir de então, as meninas adorariam sair correndo, em acessos de risos e gritos excitados, se a criança se aproximasse delas no parquinho. Os meninos faziam caretas e faziam barulho de vômito se passassem por ele nas escadas. Bilhetes cruéis, desejando-lhe mal, foram deixados em sua mesa para que ele os encontrasse. E sempre, pelas costas, aquela risada estridente e zombeteira.

Houve tréguas ocasionais dessa miséria.

Quando ele tinha doze anos, ele participou de uma peça pela primeira vez. Uma produção escolar daquele glorioso e velho cavalo de guerra americano — *Our Town* , de Thornton Wilder. Possivelmente uma escolha estranha de peça para uma escola abrangente fora de Londres, mas sua professora de teatro, Cassandra, veio dos Estados Unidos. Ela provavelmente estava com saudades de casa quando decidiu apresentar esta carta de amor para uma pequena cidade americana em Basildon, Essex.

O garoto gostava de Cassandra. Ela tinha uma cara de cavalo amigável e usava um colar de contas de âmbar com moscas pré-históricas presas nelas. Ela deu a ele alguns dos momentos mais próximos da felicidade que ele já conheceu.

Ela o escalou (presumivelmente sem ironia) como Simon Stimson, um cínico maestro alcoólatra que acaba se enforcando. O garoto aproveitou o papel ao máximo. Angústia existencial, sarcasmo, desespero - ele não tinha ideia do que suas falas significavam literalmente, mas acredite em mim, ele entendeu a essência.

Naquela primeira noite de apresentação, o garoto foi aplaudido pela primeira vez na vida. Ele nunca tinha conhecido nada parecido – parecia uma onda de carinho, de amor, inundando o palco, encharcando-o. O garoto fechou os olhos e bebeu.

Mas então ele abriu os olhos e viu Paul e os outros neandertais sentados na última fila, rindo, fazendo caretas e gestos obscenos. Suas expressões vingativas lhe disseram que haveria um preço a pagar por seu breve momento de felicidade.

Ele não teve que esperar muito. Na manhã seguinte, no intervalo vez, ele foi arrastado para o vestiário masculino. Disseram-lhe que seria punido por se exibir. Por pensar que ele era especial.

Um Neandertal ficou de guarda na porta, certificando-se de que não fossem incomodados. Os outros dois empurraram o garoto para baixo, de joelhos, e o mantiveram ali, perto do mictório fedorento.

Paul enfiou a mão no armário. Ele produziu, com um floreio mágico, uma grande caixa de leite.

*Estou guardando isso há semanas,* disse ele, *preparando-o – para uma ocasião especial.*

Ele abriu um pouco a caixa, cheirando-a cautelosamente — depois fez uma cara de nojo, como se fosse vomitar. Os outros meninos riram em antecipação.

*Prepare-se* , disse Paulo. Ele rasgou a caixa — e estava prestes a virá-la de cabeça para baixo, sobre a cabeça do garoto — quando de repente teve uma ideia melhor.

Ele estendeu a caixa para o garoto. "Faz você."

O garoto balançou a cabeça, tentando não chorar.

"Não. Por favor… não, por favor…”

“É o seu castigo. Faça isso."

"Não-"

*"Faça isso."*

Eu gostaria de poder dizer que o garoto revidou. Mas ele não o fez. Ele pegou a caixa que estava sendo colocada em suas mãos.

E, lenta e cerimoniosamente, sob a supervisão de Paul, o garoto despejou o conteúdo na cabeça. Leite podre, lodo branco, lamacento, verde e malcheiroso escorregou pelo seu rosto – cobrindo seus olhos, enchendo sua boca. Ele engasgou com isso.

Ele podia ouvir os meninos rindo; gritando. Suas risadas estridentes eram quase tão cruéis quanto o próprio castigo.

*Nada pode ser pior do que isso* , pensou ele. A vergonha, a humilhação, a raiva borbulhando por dentro – nada poderia ser tão ruim.

Ele estava errado, é claro. Ele tinha muito mais para cair.

Ao escrever isso, sinto muita raiva. Tanta indignação em seu nome. Até embora seja tarde demais, e mesmo que seja só eu, estou feliz que alguém finalmente tenha empatia por ele. Ninguém mais o fez – muito menos ele mesmo.

Heráclito estava certo, veja bem: *caráter é destino.* Outras crianças que tiveram infâncias mais bem-sucedidas, educadas para respeitar e defender-se, poderiam ter reagido ou pelo menos alertado as autoridades. Mas no caso do garoto, infelizmente, toda vez que ele levava uma surra, ele sentia que merecia.

Ele começou a faltar à escola depois disso. Ele ficava sozinho na cidade, no shopping ou ia ao cinema.

E foi lá, no escuro, que ele encontrou Lana Farrar pela primeira vez.

Lana era apenas alguns anos mais velha que ele; pouco mais do que uma criança. Foi um dos primeiros filmes de Lana que ele viu, *Starstruck* , um fracasso precoce - uma comédia romântica sem graça sobre uma estrela de cinema que se apaixona por um paparazzo, interpretado por um ator com idade suficiente para ser seu pai.

O garoto ignorava todas as piadas sexistas e situações cômicas inventadas. Tudo o que ele podia ver era ela. Aqueles olhos, aquele rosto — projetado na tela, a dez metros de altura — o rosto mais lindo que ele já tinha visto. Como todo diretor de fotografia que trabalhou com ela descobriu, Lana não tinha ângulos ruins; apenas planos perfeitos – o rosto de uma deusa grega.

Ela lançou um feitiço sobre a criança naquele momento. Ele nunca se recuperou.

Ele continuou voltando ao cinema. Só para vê-la, para olhar para ela. Ele assistiu a todos os filmes que ela fez — e Deus sabe que ela os produziu naqueles primeiros dias. Sua qualidade variável pouco lhe interessava. Ele alegremente assistiu a todos eles, de novo e de novo.

O garoto estava em seu pior momento quando encontrou Lana. Ele estava perto do desespero. E ela deu-lhe beleza. Ela lhe deu alegria. Não foi muito, talvez. Mas foi o suficiente para sustentá-lo; para mantê-lo vivo.

Ele ficava sentado sozinho, no meio do cinema, na décima quinta fila, e olhava para Lana no escuro.

Ninguém podia ver, mas havia um sorriso em seu rosto.

# 3

Nada dura para sempre. Nem mesmo uma infância infeliz.

Os anos passaram; e o garoto cresceu. À medida que ele crescia, uma enxurrada de hormônios sinalizava surtos de crescimento em todos os tipos de lugares peculiares.

A necessidade de fazer a barba foi algo que o deixou angustiado durante meses. Ele olhava desanimado para sua barba cada vez maior no espelho; vagamente consciente de que aprender a fazer a barba era uma espécie de antigo rito de passagem masculino – um momento de união entre pai e filho, iniciando o menino na idade adulta. A ideia de compartilhar esse rito com seu próprio pai o fez sentir-se fisicamente doente.

O garoto decidiu contornar o constrangimento indo até a loja da esquina e comprando lâminas de barbear e espuma de barbear – que ele mantinha escondidos como pornografia, na gaveta de cabeceira.

Ele se permitiu fazer uma pergunta ao pai. Ele sentiu que era bastante inócuo.

“Como você não se corta?” ele disse, casualmente. “Quando você está se barbeando, quero dizer, você se certifica de que a navalha não está muito afiada?”

Seu pai lançou-lhe um olhar de desprezo. “É uma navalha cega que corta você, idiota, não uma navalha afiada.”

Isso encerrou a conversa. Então, sem nenhum outro recurso naquela era pré-internet, o garoto contrabandeou a espuma e as lâminas de barbear para o banheiro. Através de tentativas e erros sangrentos, ele aprendeu sozinho como ser um homem.

Ele saiu de casa logo depois disso. Ele fugiu poucos dias depois de completar dezessete anos.

Ele foi para Londres, como Dick Whittington, em busca de fama e fortuna.

O garoto queria ser ator. Ele presumiu que tudo o que precisava fazer era comparecer a um dos testes para convocação de gado anunciados nas últimas páginas do *The Stage* e seria descoberto e catapultado para o estrelato. Não funcionou bem assim.

É fácil perceber porquê, olhando para trás. Não importava que ele não fosse um ator muito bom — muito constrangido e pouco natural —, ele não era bonito o suficiente para se destacar na multidão. Ele tinha uma aparência maltrapilha, mais desleixado a cada dia que passava.

Não que ele pudesse ver isso naquele momento. Se tivesse feito isso, ele poderia ter engolido seu orgulho, ido para casa com o rabo entre as pernas – e sofrido muito menos.

Do jeito que estava, o garoto se assegurou de que o sucesso estava chegando. Ele só teve que aguentar mais um pouco, só isso.

Infelizmente, ele logo ficou sem o pouco dinheiro que tinha. Ele agora estava sem um tostão e expulso do albergue da juventude em King's Cross onde estava hospedado.

Foi aí que as coisas ficaram muito ruins, muito rápido.

Você não pensaria nisso, agora está gentrificado e limpo – todo aço reluzente e tijolos expostos – mas naquela época, meu Deus, King's Cross era *difícil* . Um lugar sombrio, cheio de perigos – um submundo Dickensiano, habitado por traficantes de drogas, prostitutas e crianças sem-teto.

Agora estremeço pensar nele ali, sozinho, tão espetacularmente mal equipado para sobreviver. Ele agora estava desamparado e dormindo em bancos de parques – até que sua sorte mudou, durante uma tempestade, quando encontrou refúgio no Cemitério de Euston.

Ele escalou o muro até o cemitério, em busca de abrigo. Ele descobriu, ao longo de um lado da igreja, um bunker subterrâneo – um espaço escavado de concreto – grande o suficiente para duas ou três pessoas se deitarem confortavelmente. Bem, o mais confortável possível em uma cripta vazia — pois era isso que era. Mas forneceu um nível de proteção. Para o garoto, isso foi um pequeno milagre.

Ele estava um pouco desequilibrado, a essa altura. Ele estava com fome, assustado, paranóico – e cada vez mais isolado do mundo. Ele se sentia sujo, como se fedesse — provavelmente fedia — e não gostava de ficar muito perto das pessoas.

Mas ele estava desesperado – e então fez algumas coisas por dinheiro que ele –

Não, não consigo escrever sobre isso.

Sinto muito, não quero ser tímido. Tenho certeza de que você tem algumas coisas que prefere não me contar. Todos nós temos um ou dois esqueletos em nosso armário – por assim dizer. Deixe isso ser meu.

Na primeira vez que fez isso, sentiu-se totalmente desassociado e apagado, como se estivesse acontecendo com outra pessoa.

Na segunda vez foi muito pior; então fechou os olhos e pensou na louca que morava na escadaria da igreja, gritando para que os transeuntes se jogassem nos braços de Jesus. Imaginou-se jogando-se nos braços de Jesus e sendo salvo. Mas de alguma forma a salvação parecia muito distante.

Depois, sentindo-se oprimido e com medo, o garoto ficou sentado a noite toda até o amanhecer; segurando uma xícara de café na estação Euston. Tentando não pensar, tentando não sentir.

Ele ficou ali sentado durante a hora do rush da manhã — um garoto abandonado e deprimido, ignorado pelo mar de passageiros. Ele contou os minutos até os bares abrirem e ele poder pegar uma bebida.

Finalmente, o pub sombrio do outro lado da rua abriu as portas, oferecendo refúgio aos perdidos e desanimados.

O garoto entrou e sentou-se no bar. Ele pagou em dinheiro por uma vodca – foi a primeira vez que ele provou vodca, pensando bem. Ele bateu de volta, estremecendo quando aquilo queimou em sua garganta.

Então ele ouviu uma voz rouca no final do bar:

“O que uma coisa bonita como você está fazendo em uma merda como essa?”

Este foi - pensando bem - o primeiro e último elogio que ela lhe fez.

O garoto ergueu os olhos e lá estava Barbara West. Uma mulher mais velha, enrugada, cabelos tingidos de vermelho, excesso de rímel. Ela tinha os olhos mais escuros e penetrantes que ele já vira; penetrante, brilhante e assustador.

Bárbara riu — uma risada distinta, uma gargalhada rouca. Ela ria facilmente, ele descobriu, principalmente de suas próprias piadas. A criança passaria a odiar a risada dela. Mas naquele dia, ele apenas se sentiu indiferente. Ele encolheu os ombros e bateu no copo vazio em resposta à pergunta dela.

"Como é?"

Bárbara entendeu a dica, acenando para o barman. "Dê-lhe outro, Mike. Eu também, enquanto você está nisso. Duplas."

Bárbara tinha ido ao pub naquela manhã logo depois de autografar livros na livraria Waterstones, vizinha, porque era alcoólatra. Caráter é destino; e sem a necessidade de Bárbara de um gim-tônica às 11h , ela e a criança nunca teriam se conhecido. Eles eram de dois mundos diferentes, aqueles dois. E estavam destinados, no final, apenas a causar danos um ao outro.

Eles tomaram mais algumas bebidas. Bárbara manteve os olhos nele o tempo todo, avaliando-o. Ela gostou do que viu. Depois de mais um drinque na estrada, ela chamou um táxi. Ela levou a criança para casa com ela.

Era para ser apenas por uma noite. Mas uma noite levou a outra, e a outra – e ele nunca mais foi embora.

Sim, Barbara West o usou, aproveitando-se dessa criança desesperada em seu momento de necessidade. Ela era de fato uma predadora; mesmo que, ao contrário do seu alcoolismo, isso não fosse imediatamente aparente. Ela foi um dos seres humanos mais sombrios que já encontrei. Tenho medo de pensar o que ela teria acabado com sua vida se não tivesse talento para escrever romances.

Mas não vamos subestimar o garoto aqui. Ele entendia perfeitamente no que estava se metendo. Ele sabia o que Bárbara queria e ficou feliz em atendê-lo. Na verdade, ele conseguiu o melhor negócio. Em troca de seus serviços, ele recebeu não apenas um teto sobre sua cabeça, mas

também uma educação, da qual precisava com a mesma urgência.

Naquela casa em Holland Park ele tinha acesso a uma biblioteca particular. Um mundo cheio de livros. “Posso ler um?” ele disse, olhando para eles com admiração.

Bárbara pareceu surpresa com o pedido dele. Talvez ela duvidasse que ele soubesse ler. "Faça sua escolha." Ela encolheu os ombros.

Ele escolheu aleatoriamente um livro da estante: *Hard Times* .

"Ah, eca, Dickens." Bárbara fez uma careta. “Tão *sentimental* . Ainda assim, suponho que você precise começar de algum lugar.

Mas o garoto não achou Dickens sentimental. Ele o achou maravilhosamente divertido. E engraçado e profundo. Então ele leu *David Copperfield* em seguida; e seu prazer cresceu, junto com seu apetite. Não apenas por Dickens, mas por tudo o que encontrou nas prateleiras de Bárbara — devorando todos os grandes autores que conseguiu encontrar.

Cada dia passado naquela casa era uma lição – não apenas dos seus livros, mas da própria Bárbara; e do círculo em que ela frequentava – o salão literário que ela administrava em sua sala de estar.

Com o passar do tempo e a criança foi exposta cada vez mais à vida dela, ele manteve os olhos e os ouvidos abertos. Ele tentou absorver o máximo que pôde das conversas dos convidados; o que todas essas pessoas sofisticadas disseram e como o disseram. Memorizava frases, opiniões e gestos, praticando-os quando estava sozinho, diante de um espelho; experimentando-as, como roupas desconfortáveis que ele estava determinado a vestir.

Não se esqueça que o garoto era um aspirante a ator. E, francamente, este foi o seu único papel, que ele ensaiou incansavelmente e meticulosamente ao longo dos anos – até aperfeiçoá-lo até à perfeição.

Então, um dia, olhando-se no espelho, não viu nenhum vestígio do garoto.

Alguém estava olhando para ele.

Mas quem era essa nova pessoa? A primeira coisa que ele precisava fazer era encontrar um nome para ele. Ele

roubou um de uma peça na estante de Barbara, de *Private Lives,* de Noël Coward.

Bárbara achou isso hilário, é claro. Mas apesar de zombar dele, ela concordou. Ela preferia esse novo nome, disse ela, porque era menos hediondo do que o verdadeiro. Mas entre você e eu, acho que a ideia apenas apelou ao seu senso de perversidade.

Naquela noite, tomando uma garrafa de champanhe, ele foi batizado de Elliot Chase.

Eu nasci.

E então, no timing perfeito, Lana apareceu.

# 4

Esqueci muitas coisas em minha vida embriagada. Inúmeros nomes e rostos, lugares onde estive, cidades inteiras, caíram no vazio da minha mente. Mas algo que nunca esquecerei até morrer – gravado para sempre em minha mente, gravado em meu coração – é o momento em que conheci Lana Farrar.

Barbara West e eu tínhamos ido ver uma peça de Kate. Foi uma nova tradução de *Hedda Gabler* no National. Foi a primeira noite e, embora a produção fosse pretensiosa, na minha humilde opinião, foi recebida com grande aclamação e anunciada como um triunfo.

Depois houve uma festa de primeira noite - à qual Bárbara concordou, a contragosto, em comparecer. Qualquer má vontade da parte dela era pura besteira, acredite. Se houvesse bebida e comida de graça, Bárbara era sempre a primeira da fila. Especialmente em uma festa de teatrais amorosos, que faziam fila para dizer a ela o quanto sua escrita significava para eles e geralmente beijavam sua bunda. Ela adorou tudo isso, como você pode imaginar.

De qualquer forma, eu estava ao lado dela, entediado de morte, escondendo um bocejo, olhando preguiçosamente para um grupo heterogêneo de atores e aspirantes a atores, produtores, jornalistas e assim por diante.

Então notei, do outro lado da sala, um grande grupo de pessoas, admiradores e parasitas, reunidos em torno de alguém – uma mulher, a julgar pelo vislumbre que tive no meio da multidão agitada. Estiquei o pescoço para ver quem era, mas seu rosto continuava obscurecido pelos corpos em movimento que a cercavam. Finalmente, alguém se moveu, uma lacuna foi criada – e vislumbrei momentaneamente seu rosto.

Eu não conseguia acreditar no que via. Era realmente ela? Certamente não.

Estiquei o pescoço para ver melhor, mas não precisava disso. Era ela.

Sentindo-me entusiasmado, virei-me e cutuquei Bárbara. Ela estava no meio de uma palestra para um dramaturgo de aparência infeliz, sobre por que ele não teve maior sucesso comercial.

“Bárbara?”

Bárbara dispensou minha interrupção. “Estou falando, Elliot.”

"Lá. Olhar. É Lana Farrar.”

Ela grunhiu. "Então?"

"Então, você a conhece, não é?"

“Nós nos encontramos uma ou duas vezes.”

“Apresente-me a ela.”

"Certamente não."

"Prossiga. Por favor." Olhei para Bárbara, esperançoso.

Ela sorriu. Nada gratificou mais Bárbara do que recusar um pedido sincero. “Acho que não, pato.”

"Por que não?"

“Você não deve raciocinar por quê. Vá e me traga outra bebida.

“Pegue a porra da sua própria bebida.”

Num raro ato de rebelião, eu a deixei. Eu sabia que ela ficaria furiosa e me faria pagar por isso mais tarde, mas não me importei.

Atravessei a sala, direto até Lana.

O tempo pareceu desacelerar quando me aproximei dela. Eu senti como se estivesse saindo da realidade, entrando em um estado elevado. Devo ter aberto caminho no meio da multidão; Eu não me lembro. Eu estava alheio a todos, menos a ela.

Eu me encontrei ali, no círculo interno, parado ao lado dela. Fiquei olhando para ela, pasmo, enquanto ela ouvia educadamente a conversa de um homem. Mas ela não poderia deixar de me notar ali. Ela olhou para mim.

“Eu te amo”, eu disse.

Estas foram as primeiras palavras que disse a Lana Farrar.

As pessoas ao seu redor ficaram todas assustadas. Eles começaram a rir.

Felizmente, Lana também riu. "Eu também te amo."

E foi assim que tudo começou. Continuamos conversando a noite toda, o que significa que consegui evitar interrupções de possíveis concorrentes. Eu a fiz rir, zombando da produção exagerada que acabamos de ser forçados a suportar. Deixei escapar que Kate era uma amiga em comum; uma descoberta que fez Lana relaxar visivelmente na minha companhia.

Mesmo assim, tive um trabalho difícil para mim. Eu tive que convencer Lana de que eu não era um estranho, ou fã obsessivo, ou perseguidor em potencial. Tive de convencê-la de que era igual, pelo menos em intelecto — se não em fama ou fortuna. Eu queria muito impressioná-la. Eu precisava que ela gostasse de mim. Por que? Acho que não me conhecia, para ser honesto. Vagamente, inconscientemente, eu queria mantê-la sob controle. Mesmo assim, ao que parece, eu não suportaria deixá-la ir.

Lana foi cautelosa no início, mas receptiva à minha conversa. Bem, nem sempre sou perspicaz — posso lhe fornecer uma resposta espirituosa, mas apenas se você me der três dias para escrevê-la. Porém, naquela noite, milagrosamente, todas as estrelas se alinharam a meu favor. Pela primeira vez, minha timidez não levou a melhor sobre mim.

Pelo contrário, eu estava confiante, lúcido, lubrificado com a quantidade certa de vinho, e me vi falando de maneira inteligente, divertida e até espirituosa sobre uma variedade de assuntos - falei com conhecimento de causa sobre teatro, por exemplo, sobre peças que foram atualmente, o que estava por vir, e recomendou alguns menos conhecidos produções para Lana que eu disse que valiam a pena ver. E sugeri algumas exposições e galerias das quais ela nunca tinha ouvido falar. Em outras palavras, fiz uma atuação completamente convincente da pessoa que sempre quis ser: um homem da cidade confiante, sofisticado e perspicaz. Esse é o homem que vi refletido nos olhos de Lana. Aos olhos dela, naquela noite, eu brilhei.

Barbara West finalmente cedeu e se juntou a nós, toda sorridente, cumprimentando Lana como uma velha amiga. Lana foi perfeitamente civilizada com Bárbara, mas tive a sensação de que Lana não gostava dela, o que era inteiramente a favor de Lana.

Quando Bárbara foi ao banheiro, nos deixando sozinhos, Lana aproveitou para perguntar sobre nosso relacionamento. “Vocês são um casal?”

Devo confessar que fui um pouco evasivo. Eu disse que era “parceiro” de Bárbara e deixei por isso mesmo.

Eu entendi por que Lana estava perguntando.

Ela era solteira quando nos conhecemos, sabe, Jason ainda não havia aparecido em cena. Suspeitei que Lana estava se certificando de que ela estava “segura” comigo; determinar que eu era propriedade de outra pessoa - e, portanto, menos propenso a atacar ou fazer qualquer movimento repentino. Imagino que ela tenha recebido muito disso.

No final da noite, combinamos de nos encontrar novamente no domingo, para um passeio à beira do rio. Pedi o número da Lana, quando Bárbara não estava olhando.

Para minha total alegria, ela me deu.

Quando Barbara e eu saímos da festa naquela noite, não consegui parar de sorrir. Eu senti como se estivesse andando no ar.

Bárbara, por outro lado, estava de mau humor. “Que produção de merda. Dou três semanas, antes que eles acabem com seu sofrimento.”

“Ah, não sei.” Olhei para o pôster de Kate como Hedda Gabler, segurando uma pistola. Eu sorri. “Eu me diverti muito.”

Bárbara me lançou um olhar venenoso. “Sim, eu sei que você fez. Eu *vi* ."

Ela não fez mais comentários – por enquanto.

Bárbara esperou muito tempo para que eu pagasse pelo meu comportamento insolente naquela noite. Mas ela me fez pagar no final, como você verá.

Oh sim. Ela me fez pagar caro.

# 5

É difícil para mim escrever sobre minha amizade com Lana.

Há muito a dizer. Como posso descrever, numa série de vinhetas bem escolhidas, o lento e complicado processo do crescente vínculo de confiança e afeto entre nós?

Talvez eu devesse selecionar um único momento de nossos anos juntos, como você escolhe uma carta aleatória de um baralho em um truque de mágica, para evocar a mais leve sensação de como foi. Por que não?

Nesse caso, escolho nosso primeiro passeio juntos – uma tarde de domingo, no final de maio. Explica tudo; sobre o que veio depois, quero dizer. E como duas pessoas, tão próximas em todos os aspectos, puderam, no final, se entender tão mal.

Encontrámo-nos na margem sul, para um passeio ao longo do Tâmisa. Apareci com uma rosa vermelha que comprei na barraca do lado de fora da estação.

Percebi imediatamente, pela expressão de Lana quando lhe entreguei a rosa, que isso foi um erro.

“Espero que isso não signifique que estamos começando com o pé esquerdo”, disse ela.

“Que pé é esse?” Eu disse, estupidamente. "Esquerda ou direita?"

Lana sorriu e deixou por isso mesmo. Mas isso não foi tudo.

Caminhamos um pouco. Depois nos sentamos do lado de fora de um pub, num banco à beira do rio. Cada um de nós tomou uma taça de vinho.

Ficamos ali em silêncio por um momento. Lana brincou com a rosa nos dedos. Finalmente, ela falou.

“Bárbara sabe que você está aqui?”

“Bárbara?” Eu balancei minha cabeça. “Garanto que ela se interessa muito pouco pelas minhas idas e vindas. Por

que?"

Lana encolheu os ombros. "Eu só estava curioso."

"Você estava com medo que ela viesse também?" Eu ri. “Você acha que Bárbara está nos espionando por trás daqueles arbustos? Com um par de binóculos e uma arma? Eu não deixaria isso passar por ela.

Lana riu. Sua risada, tão familiar para mim por causa de seus filmes, me fez sorrir.

“Não se preocupe”, eu disse. "Você me tem só para você."

Isso foi desajeitado. Eu me encolho agora, lembrando disso.

Lana sorriu, mas não respondeu. Ela brincou com a rosa por um momento. Então ela o ergueu e inclinou a cabeça para olhar para a rosa e para mim ao mesmo tempo.

"E isto? O que isto significa?"

"Nada. É apenas uma rosa.”

“Bárbara sabe que você comprou uma rosa para mim?”

Eu ri. "Claro que não. Isso não significa nada. É apenas uma flor. Lamento que isso tenha deixado você desconfortável.

"Não é isso." Ela desviou o olhar por um momento. "Não importa. Devemos ir?"

Terminamos nosso vinho e saímos do pub.

Continuamos caminhando ao longo do Tâmisa. Enquanto caminhávamos, Lana olhou para mim e disse baixinho: “Não posso lhe dar o que você quer, você sabe. Não posso lhe dar o que você está procurando.”

Eu sorri, embora estivesse nervoso. "O que estou olhando? Você quer dizer amizade? Não estou procurando nada.”

Lana deu um meio sorriso. “Sim, você é, Elliot. Você está procurando por amor. Qualquer um pode ver isso.”

Eu podia sentir minhas bochechas ficando vermelhas. Desviei o olhar, envergonhado.

Lana, com muito tato, prosseguiu a conversa. Chegamos ao fim da nossa caminhada.

E foi isso: com o mais leve dos toques, Lana me deixou saber com firmeza e educação que ela não pensava em mim como um amante em potencial. Ela me despachou para o reino da amizade.

Ou assim pensei na época. Olhando para trás agora, não tenho tanta certeza. Muito do modo como interpretei aquele momento foi influenciado pelo meu passado e por quem eu pensava que era; e as lentes distorcidas através das quais eu via o mundo. Eu me senti tão convencido de que era indesejável - se é que isso é uma palavra. É como eu me sentia desde que era criança. Feio, pouco atraente. Indesejado.

Mas e se por um segundo eu tivesse deixado de lado minha bagagem emocional obcecada por mim mesma que insistia em carregar comigo?

E se eu tivesse realmente ouvido o que Lana estava dizendo?

Bem, então eu poderia ter descoberto que as palavras dela tinham pouco a ver comigo e tudo a ver com ela.

Olhando retrospectivamente, posso ouvir o que Lana estava dizendo. Ela estava dizendo que estava triste, que estava perdida; e ela estava sozinha – ou ela nunca estaria sentada ali comigo, uma relativa estranha, numa tarde de domingo. Quando ela me acusou de querer amor, o que ela realmente quis dizer foi que eu queria ser salvo. *Não posso salvar você, Elliot* , Lana estava dizendo. *Não quando preciso me salvar.*

Se eu tivesse percebido isso na época — se não estivesse tão cego, tão medroso, se tivesse tido mais coragem — bem, eu poderia ter agido de maneira muito diferente naquele momento.

E então, talvez, esta história teria tido um final mais feliz.

# 6

A partir daí comecei a acompanhar Lana em seus passeios por Londres.

Caminhávamos durante horas e passávamos muitas tardes felizes atravessando pontes, caminhando ao longo de canais, perambulando por parques – descobrindo pubs antigos e peculiares escondidos, ao redor e às vezes até embaixo da cidade.

Muitas vezes penso nessas caminhadas. Sobre todas as coisas sobre as quais conversamos — e sobre as coisas que não falamos. Todas as coisas que foram contornadas, ignoradas, descartadas. As coisas que não percebi.

Eu te disse anteriormente que Lana sempre viu o que há de melhor em você, fazendo com que você esteja à altura do desafio e tente ser essa pessoa: encarnar a melhor versão possível de si mesmo. Bem, isso também era verdade para ela. Lana estava tentando ser a pessoa que eu queria que ela fosse, posso ver isso agora. Nós dois atuando um para o outro. Fico muito triste em escrever isso. Às vezes olho para trás e me pergunto se foi só isso: uma performance?

Mas, não, isso não é justo. Era bastante real, no fundo. À sua maneira, Lana era uma fugitiva do passado tanto quanto eu — ou, para dizer de forma menos poética, igualmente fodida. Não foi isso que trouxe nós juntos em primeiro lugar? O que nos conectou? O fato de estarmos ambos tão perdidos?

Eu não conseguia ver nada disso naquela época. Minha onisciência é inteiramente retrospectiva. Sento-me aqui agora, sabendo o que sei, e olho para o passado, tentando ver o fim no começo, e juntar todas as pistas e sinais ocultos que perdi então; quando eu era jovem, apaixonado e fascinado.

A verdade é que eu não queria ver a mulher triste e ferida caminhando ao meu lado. A pessoa danificada e

assustada. Eu investi muito mais em seu desempenho e na máscara que ela usava. Eu apertava um pouco os olhos enquanto olhava para Lana, para não ver as rachaduras nele.

Às vezes, enquanto caminhávamos, eu perguntava a Lana sobre seus filmes antigos. Ela foi tão rápida em rejeitá-los que admito que isso feriu meus sentimentos – todos esses filmes que eu adorava e já tinha visto tantas vezes.

“Você fez muita gente feliz. Incluindo eu. Você deveria estar orgulhoso disso.

Lana encolheu os ombros. “Eu não sei sobre isso.”

"Eu faço. Eu era um fã.”

Isso foi até onde eu fui. Eu não queria deixá-la desconfortável. Eu não queria revelar a extensão do meu... meu o quê? Sejamos gentis; não vamos chamar isso de obsessão. Vamos chamar isso de amor – pois era isso que era.

E assim, nos tornamos amigos. Mas éramos apenas amigos, realmente?

Eu não tenho tanta certeza.

Mesmo um homem tão - estou lutando para encontrar adjetivos inofensivos aqui - pouco ameaçador, pouco viril, tão tímido quanto eu, não está imune à beleza. Desejar. Não havia uma tensão não reconhecida entre nós, mesmo naquela época? Foi tão sutil, um frisson fino como uma teia de aranha; um sussurro de sexualidade. Mas estava lá, pendurado como uma teia de aranha no ar ao nosso redor.

Quanto mais perto Lana e eu nos tornamos, menos tempo passamos fora. Passamos a maior parte do tempo na casa dela – aquela enorme mansão de seis andares em Mayfair.

Deus, sinto falta daquela casa. Apenas o cheiro – a fragrância entrando pela porta. Eu costumava parar no vasto corredor, fechar os olhos — e respirar, absorver. O cheiro é tão evocativo, não é? É semelhante ao *paladar* : ambos os sentidos são máquinas do tempo, transportando você - além do seu controle, até mesmo contra a sua vontade - para algum lugar do seu passado.

Hoje em dia, se cheiro um pedaço de madeira polida ou pedra fria, estou de volta lá, naquela casa, com seu perfume frio de mármore veneziano, carvalho escuro polido, lírios, lilás, incenso de sândalo - e sinto uma explosão de energia. contentamento; um brilho quente em meu coração. Se eu pudesse engarrafar esse cheiro e vendê-lo, ganharia uma fortuna.

Tornei-me um elemento permanente lá. Eu me senti parte da família. Era uma sensação desconhecida, mas maravilhosa. O som de Leo praticando seu violão em seu quarto; os cheiros sedutores que emanavam da cozinha, onde Agathi fazia sua mágica; e - na sala - Lana e eu: conversando, jogando cartas ou gamão.

*Que mundano* , eu ouço você dizer. *Quão trivial.* Talvez... eu não nego. A domesticidade é uma característica peculiarmente britânica. Nunca se diga que a casa de um inglês não é o seu castelo. Tudo que eu queria era estar seguro dentro daquelas paredes, com a ponte levadiça de Lana firmemente erguida.

Eu ansiava por amor, seja lá o que isso significasse, durante toda a minha vida. Eu ansiava que outro ser humano me visse, me aceitasse, cuidasse de mim. Mas quando eu era jovem, investi tanto nessa pessoa *falsa* que queria ser, nesse falso eu. Eu simplesmente não era capaz de me relacionar com outro ser humano – nunca deixei ninguém chegar perto o suficiente. Eu estava sempre atuando e qualquer carinho que recebia parecia curiosamente insatisfatório. Foi para uma performance, não para mim.

Esses são os obstáculos loucos pelos quais as pessoas danificadas passam: tão desesperadas para receber amor – mas quando ele nos é dado, não pode ser sentido. Isso porque não precisamos de amor por uma criação artificial, uma *máscara* . O que precisamos, o que ansiamos desesperadamente, é amor a única coisa que nunca mostraremos a ninguém: a criança feia e assustada que temos dentro de nós.

Mas com Lana foi diferente. Mostrei a criança para ela.

Ou pelo menos, deixei que ela o visse.

# 7

Meu terapeuta costumava citar às vezes aquela famosa frase de *O Mágico de Oz.*

Você sabe um pouco. É onde o Espantalho, confrontado pela escura e assustadora Floresta Assombrada, diz:

“Claro, não sei, mas acho que vai escurecer antes de clarear.”

Mariana quis dizer isso metaforicamente, referindo-se ao processo de terapia. Ela estava certa: as coisas ficam mais escuras antes de ficarem mais claras; antes do amanhecer terapêutico.

Curiosamente - como um aparte - tenho uma teoria favorita de que todas as pessoas na vida correspondem a um dos personagens de *O Mágico de Oz* . Há Dorothy Gale, uma criança perdida, em busca de um lugar ao qual pertencer; um Espantalho inseguro e neurótico, em busca de validação intelectual; um Leão valentão, realmente um covarde, com mais medo do que todos os outros. E o Homem de Lata, sem coração.

Durante anos, pensei que era um Homem de Lata. Eu acreditava que estava faltando algo vital dentro de mim: um coração; ou a capacidade de amar. O amor estava lá fora, em algum lugar, além de mim, no escuro. Passei minha vida tateando por isso - até conhecer Lana. Ela me mostrou que eu já tinha um coração. Eu simplesmente não sabia como usá-lo.

Mas então, se eu não fosse o Homem de Lata... quem era eu?

Para minha consternação, percebi que devia ser o próprio Mágico de Oz. Eu era uma *ilusão* – um truque de magia, operado por um homem assustado, encolhido atrás de uma cortina.

Quem é você? Eu me pergunto. Pergunte a si mesmo honestamente; e você pode se surpreender com a resposta. Mas você será honesto?

Essa é a verdadeira questão, eu acho.

“Uma criança assustada está escondida dentro da sua mente, ainda insegura; ainda não ouvido e não amado.

Na noite em que ouvi Mariana proferir essas palavras, minha vida mudou para sempre.

Durante anos, fingi que minha infância não aconteceu. Eu tinha apagado isso da minha memória – ou pensei que tinha apagado – e perdi o garoto de vista. Até aquela nevoenta noite de janeiro em Londres, quando Mariana o encontrou novamente para mim.

Depois daquela sessão de terapia, fiz uma longa caminhada. Estava muito frio. O céu estava branco e as nuvens pesadas. Parecia que poderia nevar. Caminhei de Primrose Hill até a casa de Lana em Mayfair.

Eu precisava queimar a energia nervosa. Eu precisava pensar – em mim; e o garoto, preso na minha cabeça.

Imaginei-o, pequeno e assustado, tremendo; definhando subdesenvolvido, subnutrido - acorrentado na masmorra da minha mente. Enquanto eu caminhava, todos os tipos de lembranças começaram a voltar para mim. Todas essas injustiças; as crueldades que eu havia esquecido deliberadamente – todas as coisas que ele suportou.

Eu fiz uma promessa ao garoto, naquele momento. Uma promessa, um compromisso – chame como quiser. De agora em diante eu iria ouvi-lo, cuidaria dele. Ele não era feio, nem estúpido, nem inútil. Ou não amado. Ele era *amado* , pelo amor de Deus - eu o amava.

De agora em diante, eu seria o pai de que ele precisava — tarde demais, eu sei, mas antes tarde do que nunca. E desta vez, eu o mencionaria corretamente.

Enquanto caminhava, olhei para baixo – e lá estava ele, o garotinho, andando ao meu lado. Ele estava lutando para acompanhar, então diminuí a velocidade.

Estendi a mão e segurei a mão dele.

*Está tudo bem* , eu sussurrei. *Está tudo bem agora. Estou aqui. Você está seguro, eu prometo.*

Cheguei na casa da Lana tremendo de frio, assim que começou a nevar. Ninguém estava em casa, exceto Lana. Sentamos perto do fogo, bebendo uísque, observando a neve cair lá fora. Contei a ela sobre minha — não sei qual é a palavra certa — *epifania* , como podemos chamá-la?

Demorei um pouco para explicar tudo para ela. Enquanto falava, lutei contra o medo de não conseguir me fazer entender. Mas eu não precisava ter me preocupado. Enquanto Lana ouvia e a neve caía, foi a primeira vez que a vi chorar.

Nós dois choramos naquela noite. Contei a ela todos os meus segredos — quase todos — e Lana me contou os dela. Todos os segredos sombrios dos quais ambos tínhamos tanta vergonha, todos os horrores que acreditávamos que tinham de ser mantidos escondidos — todos eles vieram à tona naquela noite, sem vergonha, sem julgamento, sem autoconsciência — apenas abertura, apenas verdade.

Parecia a primeira conversa *real* que tive com outro ser humano. Não sei como descrever – pela primeira vez, me senti vivo. Não atuando na vida, você entende, não fingindo, não fingindo, não *quase* vivendo... mas apenas *vivendo* .

Esta também foi a primeira vez que vi a outra Lana – a pessoa secreta que ela mantinha escondida do mundo e que eu não queria encontrar. Agora eu a descobri, em toda a sua vulnerabilidade nua, ao ouvir a verdade sobre sua infância: sobre aquela garota triste e solitária e as coisas terríveis que aconteceram com ela. Eu ouvi a verdade sobre Otto e os anos assustadores do seu casamento. Parecia que ele era apenas um em uma longa fila de homens que a tratavam mal.

Jurei para mim mesmo que seria diferente. Eu seria a exceção. Eu protegeria Lana, cuidaria dela, amaria-a. Eu nunca a trairia. Eu nunca a decepcionaria.

Estendi a mão através do sofá e apertei a mão dela.

“Eu te amo”, eu disse.

"Eu também te amo."

Nossas palavras pairavam no ar como fumaça.

Inclinei-me para frente, ainda segurando a mão dela – enquanto, muito lentamente, olhando em seus olhos, me

aproximava cada vez mais... até que nossos rostos se encontraram.

Meus lábios estavam contra os dela.

Eu a beijei, suavemente, nos lábios.

Foi o beijo mais doce que eu já conheci. Tão inocente, tão terno – tão cheio de amor.

Nos dias seguintes, passei muito tempo pensando naquele beijo e no que ele significava. Parecia um reconhecimento final da tensão de longa data entre nós – o cumprimento de uma antiga promessa tácita.

Foi, como o Sr. Valentine Levy poderia ter dito, a conclusão de um objetivo profundamente acalentado da minha parte. E qual era esse objetivo?

*Para ser amado ,* é claro. Finalmente me senti amado.

Lana e eu estávamos destinados a ficar juntos. Isso estava claro para mim agora. Isso foi mais profundo do que qualquer coisa que eu jamais imaginei.

Este foi o meu destino.

# 8

Vou te contar uma coisa que nunca contei a ninguém.

Eu ia pedir a Lana em casamento.

Agora eu entendi, veja bem: era para lá que estávamos indo durante todo esse tempo; derivando, lenta mas seguramente, em território romântico. Talvez não grandes chamas de paixão, que, aliás, sopram frias tão rápido quanto quentes. Quero dizer uma brasa lenta e constante de afeto verdadeiro e profundo e respeito mútuo. Isso é o que dura. Isso é amor.

Lana e eu passávamos quase todos os segundos do dia juntos. O próximo passo, pareceu-me — a progressão lógica — seria sair da casa de Barbara West e ir morar com Lana. Para nos casarmos e vivermos felizes para sempre.

O que há de errado nisso? Se você tivesse um filho, você iria querer isso para ele, não é? Viver em um mundo de beleza, prosperidade; segurança. Para ser feliz, seguro – e amado. Por que é errado eu querer isso para mim? Eu teria sido um bom marido.

Falando em maridos, já vi muitas fotos de Otto — e ele também não era uma pintura a óleo, acredite.

Sim, mantenho minha reivindicação. Apesar da discrepância entre nossas aparências e nossos saldos bancários, Lana e eu formamos um ótimo casal. Não sexy ou glamoroso, talvez, como ela e Jason. Mas menos constrangido e mais contente.

Como duas crianças, felizes como amêijoas.

Decidi proceder formalmente – como você faria em um filme antigo. Achei que algum tipo de declaração romântica seria apropriada: uma confissão dos meus sentimentos; a história de uma amizade que virou amor, esse tipo de coisa. Pratiquei um pequeno discurso – concluindo com uma proposta de casamento.

Até comprei um anel – uma coisa barata, admito; uma faixa prateada simples. Foi o melhor que pude pagar. Minha intenção era substituí-lo por algo mais valioso, um dia, quando meu navio chegasse. Mas mesmo sendo apenas um adereço, como um símbolo de meu afeto, aquele anel era tão significativo ou significativo quanto qualquer ilha que Otto pudesse comprar para ela. .

Numa sexta-feira à noite, com o anel de noivado no bolso, fui encontrar Lana na inauguração de uma galeria em South Bank.

Meu plano era levá-la furtivamente para o telhado, sob as estrelas, e propor casamento acima do Tâmisa. Qual poderia ser o cenário mais adequado, tendo em conta todos os nossos passeios à beira rio?

Mas quando cheguei à galeria, Lana não estava lá. Kate estava, no entanto, prestigiando o bar.

"Olá", ela disse, me lançando um olhar engraçado. "Eu não sabia que você estava vindo. Onde está Lana?

"Eu estava prestes a fazer a mesma pergunta."

"Ela está atrasada, como sempre." Kate apontou para o homem alto parado ao lado dela. "Conheça meu novo amigo. Ele não é diabolicamente bonito? Jason, este é Elliot.

Só então Lana chegou. Ela veio e foi apresentada a Jason. E então... bem, você sabe o resto.

Lana agiu completamente fora do personagem naquela noite. Ela era toda por cima de Jason, flertando descaradamente com ele. Ela se jogou nele. E ela estava sendo tão estranha comigo, tão fria e desdenhosa. Ela rejeitou todas as minhas tentativas de falar com ela – como se eu não existisse.

Saí da galeria me sentindo confuso e desanimado. O anel duro e frio estava no meu bolso e eu o revirei nos dedos. Eu me vi cedendo a um sentimento familiar de desespero, uma sensação de inevitabilidade.

Eu podia ouvir a criança soluçando na minha cabeça: *Claro, claro que ela não queria você. Ela está envergonhada por você. Você não é bom o suficiente para ela, não percebe isso? Ela se arrependeu de ter beijado você. E esta noite foi a maneira dela de colocar você no seu lugar.*

*É justo* , pensei. Talvez fosse verdade. Talvez eu nunca tenha tido chance com Lana. Ao contrário de Jason, eu não era uma sedutora experiente. Exceto mulheres idosas, aparentemente.

Meu carcereiro estava me esperando quando voltei para casa. Ela havia escrito a noite toda e agora relaxava com um grande uísque na sala de estar.

"Bem, como foi?" Bárbara serviu-se de outra bebida. “Conte-me todas as fofocas. Quero um relatório completo.

“Sem fofoca. Muito aborrecido."

"Oh vamos lá. Algo deve ter acontecido. Trabalhei duro o dia todo, ganhando o pão de cada dia. Pelo menos você pode me entreter um pouco antes de dormir.”

Eu não estava com vontade de ser indulgente com ela e permaneci monossilábico. Bárbara percebeu minha infelicidade. E, como um verdadeiro predador, não resistiu em atacar.

"Qual é o problema, querida?" Ela olhou para mim.

"Nada."

“Você está muito quieto. Algo está errado?"

"Nada."

"Tem certeza? Conte-me sobre isso. O que é?"

“Você não entenderia.”

“Oh, aposto que posso adivinhar.” De repente, Bárbara riu, cheia de alegria — como uma criança travessa se deliciando com uma brincadeira maldosa.

Eu me senti inexplicavelmente nervoso. "O que é tão engraçado?"

“É uma piada particular. Você não entenderia.

Eu sabia que não deveria reagir. Ela estava tentando me provocar, mas não adiantava brigar com Bárbara. Aprendi com uma experiência amarga que você nunca vence uma discussão com um narcisista. Não funciona assim. Sua única vitória é partir.

“Vou para a cama.”

"Espere." Ela engoliu a bebida. “Ajude-me lá em cima.”

Bárbara já andava com uma bengala, o que dificultava subir escadas. Eu a apoiei com um braço. Ela segurou o corrimão com a outra mão. Subimos lentamente as escadas.

“A propósito”, disse Bárbara. “Eu vi seu amigo hoje. Lana. Tomamos chá e tivemos uma conversa agradável e

aconchegante.”

"Você fez?" Isso não fazia sentido. Eles não eram amigos. "Onde foi que?"

“A casa de Lana, naturalmente. Nossa, não é ótimo? Eu não tinha ideia de que você era tão ambicioso, pato. Não deves mirar muito alto. Lembre-se do que aconteceu com Ícaro.”

"Icaro?" Eu ri. "O que você está falando? Quantos uísques você bebeu?

Bárbara sorriu, mostrando os dentes. “Oh, você está certo em estar com medo. Eu também estaria, se fosse você. Eu tive que acabar com isso, sabe.

Chegamos ao topo da escada. Bárbara soltou meu braço e eu devolvi a bengala para ela. Tentei parecer divertido.

“Uma parada para quê?”

“Para você, pato. Eu tive que esclarecer a pobre garota. Ela não merece você. Poucos o fazem.”

Olhei para ela, sentindo-me assustado. “Bárbara. O que é que você fez?"

Ela riu, deliciando-se com minha angústia. Enquanto ela falava, ela martelou a bengala no chão, sublinhando o ritmo da sua fala. Ela estava claramente saboreando cada palavra.

“Eu contei a ela tudo sobre você”, disse Bárbara. “Eu disse a ela seu nome verdadeiro. Eu disse a ela o que você era, quando te encontrei. Eu disse a ela que mandei seguir você, que sei o que você faz à tarde e o resto. Eu disse a ela que você é perigoso, um mentiroso, um sociopata — e que está atrás do dinheiro dela, assim como está atrás do meu. Eu disse a ela que peguei você mexendo com minha medicação não uma, mas duas vezes recentemente. 'Se alguma coisa acontecer comigo em um futuro próximo, Lana', eu disse, 'você não deve se surpreender.'”

Bárbara tamborilou com a baqueta no chão enquanto ria.

“A pobre menina ficou *horrorizada* . Você sabe o que ela disse? 'Se tudo isso é verdade', ela gritou, 'como você *suporta* viver com ele na mesma casa?'”

Falei em voz baixa, monótona e inexpressiva. Eu me senti estranhamente cansado. "E o que você disse?"

Bárbara se empertigou e falou com dignidade. “Simplesmente lembrei a Lana que sou uma escritora. “Eu o mantenho por perto”, eu disse, “não por piedade ou afeição, mas para *estudar* — como um objeto de fascínio repulsivo. Da mesma forma que alguém pode manter um réptil em uma gaiola.'”

Ela riu e bateu repetidamente com a bengala no chão, como se estivesse aplaudindo seu humor.

Eu não disse nada.

Mas deixe-me dizer, eu odiei Bárbara naquele momento. Eu a odiei tanto.

Eu poderia tê-la matado.

Seria tão fácil, pensei, chutar aquele bastão dela e desequilibrá-la.

Então, apenas um leve toque a faria cair para trás escada abaixo – seu corpo caindo escada abaixo, um por um, até o fundo... até que seu pescoço quebrou, com um estalo, no chão de mármore.

# 9

Você seria perdoado por pensar, depois de tudo que Barbara West contou a ela sobre mim, que Lana nunca mais falaria comigo. As amizades fracassaram com menos.

Felizmente, Lana era feita de material forte. Imagino como ela reagiu ao assassinato do caráter de Bárbara; aquela tentativa cruel de me desacreditar aos olhos dela e destruir nossa amizade.

"Barbara", disse Lana, "a maior parte do que você disse sobre Elliot não é verdade. O resto eu já sabia. Ele é meu amigo. E eu amo ele. Agora saia da minha casa.

É assim que gosto de imaginar, de qualquer maneira. A verdade é que houve uma certa frieza entre Lana e eu depois disso.

Foi pior porque nunca falamos sobre isso. Nem uma vez. Eu só tinha a palavra de Bárbara de que a conversa havia ocorrido. Você acredita nisso? Lana nunca mencionou isso. Muitas vezes pensei em tocar no assunto, forçando-a a enfrentar o assunto. Eu nunca fiz. Mas eu odiava que agora houvesse segredos entre nós, assuntos a serem evitados – nós, que havíamos compartilhado tanto.

Felizmente, Barbara West morreu logo depois. Sem dúvida, o universo suspirou de alívio com sua morte – eu certamente o fiz. Quase imediatamente, Lana começou a me ligar novamente e nossa amizade foi retomada. Parecia que Lana havia decidido enterrar as palavras venenosas de Bárbara junto com a própria velha bruxa.

Mas já era tarde demais para mim e Lana.

Tarde demais para "nós".

A essa altura, Jason e Lana haviam embarcado em seu "romance turbulento" – como o *Daily Mail* o chamava sem fôlego. Eles se casaram alguns meses depois.

Sentado na igreja, assistindo à cerimônia de casamento, tive plena consciência de que não era o único convidado com o coração partido.

Kate estava sentada bem ao meu lado, chorosa e um pouco embriagada. Fiquei impressionado por ela ter sido descarada - no verdadeiro estilo Kate - e comparecer ao casamento de cabeça erguida; apesar de ter perdido vergonhosamente seu amante para sua melhor amiga.

Talvez ela não devesse ter ido. Talvez o que Kate devesse ter feito, pelo bem de sua saúde mental – e isso vale para mim também – fosse se afastar e se distanciar de Lana e Jason. Mas Kate não poderia fazer isso. Ela os amava demais para desistir de qualquer um deles. Essa é a verdade.

E depois que Lana se casou com Jason, Kate tentou enterrar seus sentimentos por Jason e deixar o passado para trás.

Se ela teve sucesso é uma questão em aberto.

# 10

Posso muito bem confessar tudo. Eu já sabia do caso de Kate e Jason há algum tempo.

Eu descobri por acaso. Era uma tarde de quinta-feira. Acontece que eu estava no Soho, para... bem, vamos marcar um encontro, e cheguei um pouco adiantado. Então, pensei em ir a um pub para tomar uma bebida rápida.

Ao virar na Greek Street, adivinhe quem vi saindo da Coach & Horses?

Kate estava saindo do pub, parecendo um tanto furtiva, olhando da esquerda para a direita.

Eu estava prestes a chamar o nome dela quando Jason apareceu, logo atrás dela; com aquele mesmo olhar tímido.

Eu os observei do outro lado da rua. Qualquer um deles poderia ter me visto — se tivessem olhado para cima. Mas eles não o fizeram. Eles mantiveram a cabeça baixa, despedindo-se sem dizer uma palavra um ao outro. Eles correram em direções opostas.

*Olá* , pensei. *O que está acontecendo aqui?*

Que comportamento estranho. Sem falar que é informativo. Isso me contou algo que eu não sabia antes: que Jason e Kate se conheceriam independentemente de Lana.

Lana sabia disso? Eu me perguntei. Fiz uma nota mental para refletir mais sobre isso – e pensar na melhor maneira de usar isso em meu favor.

Eu não tinha perdido as esperanças, você vê. Eu ainda amava Lana. Eu ainda acreditava que, um dia, nos casaríamos. Não havia dúvida sobre isso em minha mente. Obviamente ela agora estava casada com Jason — o que tornava as coisas mais complicadas — mas meu *objetivo* , como diria o Sr. Levy, permanecia o mesmo.

Quando Lana e Jason se casaram, presumi — como todo mundo — que isso não iria durar. Achei que depois de alguns meses casada com um chato como Jason, Lana

voltaria a si. Ela acordaria com o erro terrível que cometeu - e me veria lá, esperando por ela. Comparado a Jason, eu pareceria tão suave e sofisticado quanto Cary Grant em um filme antigo — recostado num piano, cigarro em uma mão, martini na outra, espirituoso, modesto, caloroso, adorável — e, assim como Cary , eu pegaria a garota no final.

Mas, para minha surpresa, o casamento deles perdurou. Mês após mês, ano após ano. Foi uma tortura para mim. Sem dúvida foi a pura beleza de Lana que manteve tudo funcionando. Jason teria testado a paciência de um santo; e Lana era claramente algo mais que uma santa. Um mártir, talvez?

Portanto, para mim, esse encontro surpresa com Kate e Jason no Soho foi nada menos que uma intervenção divina.

Eu tive que aproveitar ao máximo.

Decidi que seria uma boa ideia começar a seguir Kate.

O que faz com que pareça mais dissimulado do que realmente era. Você não precisava ser George Smiley para espionar Kate Crosby. Ela não era discreta; você não a perdeu no meio da multidão - enquanto eu sempre derreto no fundo.

Kate estava aparecendo em uma revivificação de sucesso de *Deep Blue Sea de Rattigan* , que foi transferida para o Prince Edward Theatre no Soho. Então era apenas uma questão de ficar à espreita do outro lado da rua, em frente à porta do palco, observando das sombras; esperando a peça terminar e Kate aparecer e dar autógrafos para a multidão de fãs.

Então, quando Kate saiu e seguiu pela rua, eu a segui.

Não precisei ir muito longe — apenas da porta do palco até a porta do pub. Kate dobrou a esquina e entrou pela porta lateral - sim, você adivinhou - do Coach & Horses. Olhando por uma das janelas estreitas do pub, vi Jason esperando por ela em uma mesa de canto, com algumas bebidas. Kate o cumprimentou com um longo beijo.

Fiquei chocado. Não tanto pela revelação de que eram amantes – o que, para ser franco, tinha uma espécie de inevitabilidade sórdida – mas pela sua total e inacreditável falta de discrição. Eles estavam brigando um com o outro

naquela noite - mais bêbados e mais bagunceiros à medida que a noite avançava. Eles estavam tão alheios ao ambiente que me senti seguro o suficiente para sair da janela e me aventurar dentro do pub.

Sentei-me do outro lado do bar, pedi uma vodca tônica e assisti a tudo de lá. Apropriadamente, um velho querido estava sentado ao piano vertical, cantando o refrão de “If Love Were All” de Noël Coward: “Eu acredito que quanto mais você ama um homem, / Quanto mais você confia / Quanto mais você' estamos fadados a perder.”

Quando eles finalmente saíram do pub, eu os segui. Eu os observei se beijando em um beco por um momento.

Depois de ter visto o suficiente, peguei um táxi e fui para casa.

# 11

A partir de então, mantive um registro detalhado em meu caderno de tudo o que vi: todas as datas, horários e locais de seus encontros clandestinos. Eu escrevi tudo. Tive a sensação de que poderia ser útil mais tarde.

Muitas vezes, durante a minha vigilância, eu ponderava sobre a natureza precisa do caso de Kate e Jason – o que eles ganharam com isso (além do óbvio) – e por que eles estavam tão empenhados em seguir um caminho que, para mim, parecia destinado ao desastre. .

Às vezes, eu aplicava o sistema de Valentine Levy ao caso deles, decompondo-o em termos de motivação, intenção e objetivo. Como sempre, a motivação foi fundamental.

Presumivelmente, o motivo de Jason para embarcar no caso tinha a ver com tédio, atração sexual ou egoísmo? Talvez isso seja cruel.

Se eu fosse generoso, poderia dizer que Jason achou mais fácil conversar com Kate - Lana era maravilhosa, mas o hábito dela de sempre ver o que há de melhor em você o deixou determinado a enfrentar esse desafio. Kate, por outro lado, era muito mais cínica em sua visão da natureza humana e, portanto, muito mais fácil de confiar — não que Jason fosse totalmente honesto com ela.

Mas, sinceramente, acredito que o verdadeiro motivo da infidelidade de Jason estava nos lugares mais sombrios. Ele gostava de pensar que era poderoso. Ele era competitivo e agressivo — não conseguia nem perder uma partida de gamão sem perder o controle, pelo amor de Deus.

Então, o que acontece quando um homem assim se casa com uma mulher como Lana? Uma mulher infinitamente mais poderosa em todos os aspectos? Será que ele não desejaria punir aquela mulher; esmagá-la, quebrá-la - e chamar isso de amor? Seu caso com Kate foi um ato de *vingança* da parte de Jason. Um ato de ódio; não amor.

O motivo de Kate para prosseguir com o caso foi bem diferente. Isso me lembra o que Barbara West costumava dizer: que a traição emocional é muito pior do que a infidelidade sexual. “Dane-se outra mulher, tudo bem”, ela dizia. “Mas leve-a para jantar, segure a mão dela, conte-lhe suas esperanças e sonhos – então você *me ferrou* .”

E era exatamente isso que Kate queria de Jason — conversas em jantares, mãos dadas e romance apaixonado — um caso de amor. Kate queria que Jason deixasse Lana e ficasse com ela. Kate continuou pressionando-o sobre isso.

Jason continuou adiando-a. Quem poderia culpá-lo? Ele tinha muito a perder.

Certa noite, tarde da noite, segui Kate até um bar em Chinatown. Ela conheceu uma amiga lá – uma ruiva chamada Polly. Sentaram-se perto da janela e conversaram.

Fiquei do outro lado da rua, espreitando nas sombras. Eu não precisava me preocupar com a possibilidade de eles me verem — Polly e Kate estavam absortas em uma conversa animada. A certa altura, Kate estava chorando.

Eu não precisava ser capaz de ler lábios para entender o que estava sendo dito. Eu conhecia Polly muito bem. Ela era a gerente de palco de Gordon - e eles estiveram envolvidos em um longo caso. Todos sabiam disso — exceto a esposa de Gordon.

Polly era uma pessoa problemática, em muitos aspectos. Mas eu gostei dela. Ela foi franca e direta - então eu poderia imaginar como a conversa dela com Kate acabou. Kate confidenciou-lhe, sem dúvida esperando por um ouvido solidário. De onde eu estava, não parecia que ela estava recebendo um.

“Acabe com isso”, Polly estava dizendo. “Termine *agora* .”

"O que?"

“Kate. Escute-me. Se ele não deixar sua esposa *agora* , nunca o fará. Isso apenas se arrastará indefinidamente. Dê-lhe um ultimato. Trinta dias para deixá-la – um mês – ou você acaba com isso. *Promete-me* ."

Suspeito que essas palavras passaram a assombrar Kate. Porque trinta dias se passaram e ela não seguiu o conselho

de Polly. Com o passar do tempo, a realidade do que Kate estava fazendo começou a penetrar. Sua consciência começou a atormentá-la.

Isso não deveria ser uma surpresa. A menos que eu tenha estragado espectacularmente o meu trabalho, deveria estar perfeitamente claro que, apesar dos seus muitos defeitos, Kate era fundamentalmente uma boa pessoa – com consciência e coração. Essa traição prolongada de sua amiga mais antiga — a crueldade hedionda que ela representava — começou a atormentar Kate.

Sua culpa cresceu, obcecando-a – até que ela ficou obcecada em "limpar o ar", como ela mesma disse. Ela queria conversar com Lana e Jason. Uma conversa franca e aberta entre os três. O que, nem é preciso dizer, Jason estava determinado a evitar.

Pessoalmente, acho que a intenção de Kate foi ingênua, na melhor das hipóteses. Só Deus sabe o que ela imaginou que aconteceria. Uma confissão, seguida de lágrimas, depois perdão e reconciliação? Ela realmente achava que Lana lhes daria sua bênção? Que tudo terminaria feliz? Kate deveria ter pensado melhor. A vida não funciona assim.

No final das contas, parece que Kate também era romântica. E era exatamente isso que ela e Lana, tão diferentes em todos os outros aspectos, tinham em comum.

Ambos acreditavam no amor.

O que, como você verá, provou sua queda.

# 12

Considerando o quão indiscretos Kate e Jason estavam sendo, eu sabia que não poderia ser o único que sabia sobre o caso deles. O mundo do teatro em Londres não é grande. A fofoca sobre os dois devia ser abundante.

Certamente seria apenas uma questão de tempo até que isso voltasse para Lana?

Não necessariamente – apesar de toda a sua fama e de suas caminhadas envolventes por Londres, Lana viveu uma vida tranquila. Seu círculo social era pequeno. Suspeitei que apenas uma pessoa naquele círculo sabia a verdade, ou pelo menos a tinha adivinhado: Agathi. E ela nunca diria uma palavra.

Não, coube a mim dar a má notícia à Lana. Não é uma tarefa invejável. Mas como fazer isso? Uma coisa estava clara: Lana não deveria receber notícias diretamente de mim. Ela pode questionar meus motivos. Ela pode decidir suspeitar – e se recusar a acreditar em mim. Isso seria catastrófico.

Não, devo ser totalmente independente deste negócio desagradável. Só então eu poderia aparecer como seu salvador – seu deus ex machina em armadura brilhante – para resgatá-la e carregá-la em meus braços.

De alguma forma, tive que arquitetar a descoberta do caso por parte de Lana. invisível, indetectável; fazendo-a acreditar que havia descoberto tudo sozinha. É mais fácil falar do que fazer, eu sei. Mas sempre gostei de desafios.

Comecei com a abordagem mais simples e direta. Tentei inventar um encontro coincidente, “acidental”, onde Lana e eu esbarrávamos inesperadamente com a dupla culpada, em flagrante delito, por assim dizer.

Seguiu-se um período de alta comédia - ou baixa farsa, dependendo do seu gosto - enquanto eu tentava levar Lana para o Soho sob vários pretextos. Mas este foi um esforço

inútil e, na melhor tradição das farsas, não levou a lado nenhum rapidamente.

A razão óbvia era que era impossível manobrar Lana Farrar em qualquer lugar de forma discreta. A única vez que consegui convencê-la a entrar no Coach & Horses, no momento em que a peça de Kate estava terminando, a chegada de Lana causou um pequeno tumulto de bêbados joviais, cercando-a, implorando para que ela autografasse seus tapetes de cerveja. Se Kate e Jason tivessem se aproximado do pub, eles teriam visto todo esse circo muito antes de nós os vermos.

Fui forçado a ficar mais ousado em meus métodos. Comecei a inserir comentários em nossas conversas: frases cuidadosamente ensaiadas que eu esperava que fossem registradas e permanecessem na mente de Lana. *Não é engraçado como Jason e Kate têm exatamente o mesmo senso de humor, eles estão sempre rindo juntos.*

Ou então... *eu me pergunto por que Kate não está namorando ninguém, já faz um tempo, não é?*

E, uma tarde, repreendi Lana por não me convidar para almoçar no Claridge's - então, quando ficou óbvio que Lana não tinha ideia do que eu queria dizer, fiquei confuso, ignorando o assunto, dizendo que Gordon viu Kate e Jason comendo lá - e presumi que Lana estava com eles - mas Gordon devia estar errado.

Lana apenas olhou para mim com aqueles olhos azuis claros, imperturbável, livre de qualquer suspeita, e sorriu. “Não poderia ser Jason. Ele odeia o Claridge's.

Numa peça, todas as minhas pequenas dicas teriam ficado com Lana, criando uma pátina subliminar geral de suspeita, impossível para ela ignorar. Mas o que funciona no palco, aparentemente, não funciona na vida real.

Mesmo assim, perseverei. Não sou nada senão persistente - embora ocasionalmente absurdo. Por exemplo, comprei um frasco do perfume de Kate – um perfume floral distinto, com notas de jasmim e rosa. Se isso não fizesse Lana pensar em Kate, nada faria. Eu mantinha o frasco no bolso e, sempre que estava em casa, fingia que estava indo ao banheiro — e corria pelo corredor até a lavanderia, para borrifar generosamente o perfume nas camisas de Jason.

Quanto contato direto Lana teve com a lavanderia de Jason era questionável. Mas mesmo que Agathi sentisse o cheiro e fizesse a ligação, pensei, isso poderia ajudar.

Roubei alguns fios de cabelo compridos do casaco de Kate, quando estávamos ambas na casa de Lana para jantar; em seguida, prendeu-os cuidadosamente na jaqueta de Jason. Eu brinquei com a ideia de deixar camisinhas na sacola de banho de Jason, mas decidi não fazer isso, pois parecia muito óbvio.

Foi difícil encontrar o equilíbrio certo — uma dica muito sutil e que passou despercebida; demais e eu entregaria o jogo.

O brinco provou ser perfeito.

E tão simples de projetar. Eu não tinha ideia de que funcionaria tão bem ou provocaria a reação que causou. Tudo o que fiz foi sugerir que Lana e eu fizéssemos uma visita surpresa à casa de Kate; e roubei um brinco do quarto de Kate – que prendi na lapela do terno de Jason, na casa de Lana. Lana fez o resto sozinha, com uma ajudinha de Agathi — e de Sid, o faxineiro.

O fato de Lana ter reagido tão violentamente ao brinco sugere que ela já suspeitava secretamente do caso. Você não acha?

Ela simplesmente não queria admitir para si mesma.

Bem, agora ela não tinha escolha.

# 13

Isso nos traz de volta àquela noite em meu apartamento. Na noite em que Lana apareceu, perturbada, depois de encontrar o brinco.

Ela sentou-se à minha frente na poltrona; olhos vermelhos, manchados de lágrimas, encharcados de vodca. Ela me contou sobre suas suspeitas de que Jason e Kate estavam dormindo juntos. Confirmei seus temores, dizendo que também suspeitava disso.

Eu estava me sentindo triunfante. Meu plano funcionou. Foi difícil esconder minha excitação. Foi preciso um esforço para não sorrir. Mas minha alegria durou pouco.

Quando, com muito tato, sugeri que Lana iria deixar Jason, ela pareceu perplexa.

“Deixando ele? Quem disse alguma coisa sobre deixá-lo?

Agora foi a minha vez de parecer perplexo. “Não vejo que outra opção você tem.”

“Não é tão simples, Elliot.”

"Por que não?"

Lana olhou para mim, os olhos cheios de lágrimas de perplexidade, como se a resposta fosse cegamente óbvia.

*“ Eu o amo ”*, disse ela.

Eu não pude acreditar. Olhando para ela, percebi, cada vez mais horror que todos os meus esforços tenham sido em vão. Lana não iria deixá-lo.

*Eu amo ele.*

Tive uma sensação de mal-estar no estômago, como se fosse vomitar. Eu estava perdendo meu tempo. As palavras de Lana destruíram todas as minhas esperanças. Ela não iria deixá-lo.

*Eu amo ele.*

Cerrei minha mão em punho. Eu nunca senti tanta raiva antes. Eu queria bater nela. Eu queria dar um soco nela. Tive vontade de gritar.

Mas não o fiz. Fiquei ali sentado, parecendo solidário, e continuamos conversando. O único sinal externo da minha angústia era o punho cerrado ao meu lado. Durante todo o tempo que conversamos, minha mente estava acelerada.

Eu entendi meu erro agora. Ao contrário do marido, Lana claramente quis dizer seus votos. *Até que a morte nos separe.* Lana poderia muito bem excluir Kate de sua vida, mas ela não estava disposta a abandonar Jason. Ela o perdoaria. Seria necessário mais do que a revelação de um caso para acabar com o casamento.

Se eu quisesse me livrar de Jason, teria que ir muito mais longe. Eu tive que destruí-lo.

Finalmente, Lana bebeu até morrer e desmaiou no meu sofá. Fui até a cozinha fazer uma xícara de chá – e pensar. Enquanto esperava a chaleira ferver, sonhei acordada em me esgueirar por trás de Jason, armado com uma de suas próprias armas, apontando-a para ele — e estourando seus miolos. Senti uma onda repentina de excitação ao imaginar isso; um estranho e perverso sentimento de orgulho; a maneira como você se sente enfrentando um valentão - que é exatamente o que Jason era.

Infelizmente, era apenas uma fantasia. Eu nunca iria até o fim com isso. Eu sabia que nunca iria escapar impune. Eu tive que pensar em algo mais inteligente do que isso. Mas o que?

*Nossa motivação é eliminar a dor* , disse Valentine Levy.

Ele estava certo. Eu tive que agir – caso contrário, nunca estaria livre dessa dor. Eu estava com muita dor: acredite, me senti tão perto do desespero, parado ali na cozinha às 3 da manhã me senti frustrado. Vencido.

Mas não, não totalmente vencido.

Pensar no Sr. Levy despertou uma associação em minha mente. O início de uma ideia.

*Se isso fosse uma peça* , pensei de repente, *o que eu faria?*

*Sim* , e se eu abordasse o meu dilema nesses termos, como se estivesse encenando uma obra teatral, um drama?

Se eu estivesse escrevendo uma peça e estes fossem meus personagens, eu usaria meu conhecimento sobre eles para prever suas ações – e provocar suas reações. Para moldar o seu destino, sem que eles saibam.

Será que eu não poderia, da mesma forma, na vida real, inventar uma série de eventos que - sem que eu levantasse um dedo - terminassem na morte de Jason? Por que não? Sim, era arriscado e poderia falhar – mas esse elemento de perigo é a essência do teatro ao vivo, não é?

Minha única hesitação nisso foi Lana. Eu não queria mentir para ela. Mas decidi — e julgue-me com severidade por isso, se quiser — que era para o bem dela.

Afinal, o que eu estava fazendo? Nada além de libertar a mulher que eu amava de um criminoso infiel e desonesto – e substituí-lo por um homem decente e honesto. Ela estaria muito melhor sem ele. Ela estaria *comigo* .

Sentei-me na minha mesa. Acendi a lâmpada verde. Tirei meu caderno da gaveta de cima. Abri e virei para uma nova página. Peguei um lápis, apontei e comecei a traçar.

Enquanto escrevia, pude sentir Heráclito parado acima de mim, observando por cima do meu ombro, balançando a cabeça em aprovação. Pois mesmo que meu plano tenha dado tão errado, mesmo que tenha terminado em tal desastre, ali – no desenho do enredo, em sua concepção – ele foi lindo.

Essa é a minha história, em poucas palavras. Uma história de fracasso lindo e bem-intencionado – terminando em morte. O que é uma boa metáfora para a vida, não é?

Bem, minha vida, pelo menos.

Aí está. Estou ciente de que este foi um longo aparte. É, no entanto, parte integrante da minha narrativa.

Mas isso não depende de mim, não é? É o que *você* pensa que conta.

E você não diz nada, não é? Você apenas fica aí sentado, ouvindo, julgando silenciosamente. Estou tão consciente do seu julgamento. Não quero aborrecê-lo ou perder o interesse. Não quando você já me deu tanto do seu tempo.

O que me lembra algo que Tennessee Williams costumava dizer. Seu conselho de redação para aspirantes a dramaturgos:

*Não seja chato , querido* , ele dizia. *Faça o que for preciso para manter a coisa funcionando. Explodir uma bomba no palco, se for preciso. Mas não seja chato.*

Ok, querido, então aí vem aquela bomba.

# 14

Voltemos à ilha — e à noite do assassinato.

Pouco depois da meia-noite, houve três tiros nas ruínas.

Poucos minutos depois, todos chegamos à clareira. Seguiu-se uma cena caótica, enquanto eu tentava medir o pulso de Lana e desembaraçá-la dos braços de Leo. Jason deu seu telefone a Agathi – para chamar uma ambulância e a polícia.

Jason voltou para casa para pegar uma arma. Ele foi seguido por Kate e depois por Leo. Agathi e eu estávamos sozinhos.

Isso você sabe.

O que você não sabe é o que aconteceu a seguir.

Agathi ficou em estado de choque. Ela ficou completamente pálida, como se fosse desmaiar. Lembrando-se do telefone em sua mão, ela o ergueu para chamar a polícia.

"Não." Eu a parei. "Ainda não."

"O que?" Agathi olhou para mim sem expressão.

"Espere."

Agathi parecia confusa – então olhou para o corpo de Lana.

Por uma fração de segundo, Agathi pensou na avó e desejou que ela estivesse aqui agora? E que a velha bruxa iria calá-la olhos e balançam e murmuram um encantamento; um antigo feitiço mágico para ressuscitar Lana, para fazê-la viver novamente – e retornar da morte?

*Lana, por favor* , Agathi rezou silenciosamente, *por favor* , esteja *viva — por favor, viva — viva —*

Então, como num sonho ou num pesadelo – ou sob o efeito de drogas alucinatórias – a realidade começou a distorcer-se ao comando de Agathi…

E o corpo de Lana começou a se mover.

# 15

Um dos membros de Lana se contraiu, levemente, por conta própria.

Os olhos azuis se abriram.

E seu corpo começou a sentar-se.

Agathi começou a gritar. Eu a agarrei.

“Shh,” eu sussurrei. “Sh. Tudo bem. Tudo bem."

Agathi se contorceu e me jogou no chão. Ela parecia prestes a perder o equilíbrio. Mas ela conseguiu ficar de pé, instável, respirando com dificuldade.

“Agathi”, eu disse. "Ouvir. Tudo bem. É um jogo. Isso é tudo. Um *jogo* . Estamos agindo. Ver?"

Agathi, lentamente e com medo, passou os olhos por mim. Ela olhou por cima do meu ombro, para o corpo de Lana. A morta estava agora de pé, estendendo os braços para um abraço.

“Agathi”, disse a voz que ela pensou que nunca mais ouviria. "Querido, venha aqui."

Lana não estava morta. A julgar pelo brilho em seus olhos, ela nunca se sentiu tão viva. Agathi ficou emocionado. Ela queria cair nos braços de Lana, soluçar de alegria e alívio, abraçar Lana com força. Mas ela não o fez.

Em vez disso, ela se viu olhando para Lana com uma raiva cada vez maior.

"Um *jogo* -?"

“Agathi, escute...”

"Que tipo de *jogo* ?"

“Eu posso explicar”, disse Lana.

“Agora não”, eu disse. “Não há tempo. Explicaremos mais tarde. Neste momento, precisamos que você jogue junto.”

Os olhos de Agathi se encheram de lágrimas. Ela balançou a cabeça, incapaz de aguentar mais. Ela se virou e saiu marchando, desaparecendo entre as árvores.

“Espere,” Lana gritou atrás dela. “Agathi—”

“Shh, fique quieto”, eu disse. “Eu vou lidar com isso. Eu vou conversar com ela."

Lana parecia em dúvida. Eu poderia dizer que sua determinação estava vacilando. Tentei de novo, com mais força: “Lana, por favor, não. Você vai estragar tudo. Lana...

Lana me ignorou. Ela correu atrás de Agathi até o olival.

Eu a observei partir, horrorizada.

Não sei se estou dizendo isso pensando em retrospectiva — ou se tive alguma noção disso na época — mas neste exato momento meu plano perfeito começou a desmoronar.

E tudo foi para o inferno.

# ATO IV

*Verdade ou ilusão, George: você não sabe a diferença.*

- EDWARD ALBEE, *Quem tem medo de Virginia Woolf?*

# 1

Uma boa regra, você sabe, ao contar uma história, é adiar toda a exposição até que seja absolutamente necessário.

Nada é mais suspeito, na minha opinião, do que uma explicação não solicitada. É melhor ficar quieto, abster-se de qualquer esclarecimento até que seja necessário.

Agora, ao que parece, chegamos a esse ponto crucial da narrativa.

Devo-lhe uma explicação – posso ver isso.

Lembra daquela noite no meu apartamento, o que eu disse sobre Jason e Kate?

*Tudo o que eles têm – ou pensam que têm – irá quebrar sob a menor pressão. Ele vai desmoronar.*

Qual a melhor maneira de testá-los, eu disse a Lana, do que um pequeno *assassinato* ?

“Como uma das peças que você encenava nas ruínas”, eu disse, “antigamente, lembra? Um pouco mais sangrento, só isso.

Lana parecia confusa. "O que você está falando?"

“Estou falando de uma peça. Para um público de dois – para Kate e Jason. Um assassinato, em cinco atos.

Lana ouviu quando comecei a explicar minha ideia. Eu disse que, ao fingir o assassinato de Lana e lançar suspeitas sobre Jason, veríamos seu relacionamento com Kate se desintegrar.

“Eles vão se atacar em um instante”, eu disse. “Não pense que eles não vão. Se você quiser encerrar o caso deles, basta colocar esse tipo de pressão por algumas horas.

Os dois amantes se separariam, cada um suspeitando do outro. E no momento em que cada um acusasse o outro de assassinato, Lana poderia se revelar. Ela emergiria das sombras, tendo retornado da morte. Ela estaria diante deles, gloriosamente viva, dando-lhes o maior susto de suas vidas. E não deixando dúvidas sobre o que realmente

sentiam um pelo outro — quão superficiais e espalhafatosos, quão facilmente poluídos eram seus sentimentos.

“Será o fim deles, para sempre”, eu disse.

Sem dúvida foi isso que atraiu Lana na minha ideia: a perspectiva de encerrar o caso de Jason e Kate. Talvez Lana esperasse reconquistar Jason. Mas ela também tinha outro motivo para concordar – um motivo secreto – que, como você verá, não lhe trouxe muita alegria.

A ideia tinha uma simetria poética adorável, eu disse. Foi a vingança perfeita para Lana; e o desafio artístico superlativo para mim. É claro que Lana não sabia até onde eu pretendia levar a performance.

Eu não menti para ela. Tudo o que fiz — pode-se dizer — foi não sobrecarregá-la com muitas exposições desnecessárias.

Em vez disso, concentrei-me nos aspectos práticos de encenar o nosso drama.

Enquanto conversávamos, descobrimos a história juntos.

*Afogamento?* Eu disse .

*Não, atirar* , disse Lana, com um sorriso — *seria muito melhor; poderíamos usar as armas da casa e então facilmente incriminar Jason aos olhos de Kate.*

*Sim* , eu disse, *é isso. Boa ideia.*

*E quanto aos outros? Devemos envolvê-los ou não?*

Eu sabia que precisávamos, até certo ponto. Lana e eu não conseguimos puxar isso por conta própria. Para que a ilusão funcione, Jason e Kate nunca devem chegar muito perto do corpo de Lana. Eu não conseguiria fazer isso sozinho. Eu precisava de ajuda.

E Leo — histérico, gritando — exigindo que eles se mantivessem longe de Lana... serviria muito bem.

Eu me preocupava com a pouca experiência de atuação de Leo – e se ele não estivesse à altura do desafio? E se ele morresse - sem trocadilhos - e entregasse o jogo?

Lana prometeu que iria ensaiá-lo diligentemente até que ele estivesse perfeito. Parecia uma questão de orgulho paterno para ela que ele recebesse o papel. Irônico, considerando o quanto ela desaprovava que ele se tornasse ator.

Concordei com suas exigências, embora tivesse dúvidas sobre Leo. Como fiz para manter Agathi no escuro. Mas Lana me ignorou em ambos os aspectos.

*E Nikos?* ela disse. *Devemos contar a ele ou não?*

*Vamos mantê-lo fora disso* , eu disse. *Muitos cozinheiros e tudo mais.*

Lana assentiu. *OK. Você provavelmente está certo.*

E assim foi acordado.

Quatro dias depois, na ilha, poucos minutos antes da meia-noite, fui encontrar Lana nas ruínas. Eu estava armado com uma espingarda.

Lana estava me esperando, sentada em uma das colunas quebradas. Sorri ao me aproximar. Ela não sorriu de volta.

“Eu não tinha certeza se você estaria aqui”, eu disse.

"Nem eu estava."

"Bem?"

Lana assentiu. "Estou pronto."

"OK." Levantei a arma e apontei para o céu.

Atirei três vezes.

Observei Lana aplicar o sangue falso e a maquiagem de palco em si mesma. Os ferimentos de bala eram de látex, sangrentos e eficazes — pelo menos à noite. Eu não tinha certeza de quão bem eles tocariam à luz do dia.

Os efeitos especiais eram da própria modelo, adquiridos para ela por uma maquiadora com quem já havia trabalhado em vários filmes. Ela disse que precisava deles para uma apresentação privada — *uma descrição adequada da nossa pequena produção* , pensei.

Lana estava deitada no chão, na poça de sangue falso. Então tirei o xale vermelho de Kate do bolso de trás e coloquei-o nos ombros dela.

"Para que é isso?" Lana perguntou.

“Apenas um toque final. Agora tente não se mover. Fique completamente imóvel. Deixe seus membros ficarem moles.”

“Eu sei como se fingir de morto, Elliot. Já fiz isso antes.

Ao ouvir os outros se aproximando, fui me esconder atrás da coluna. Enfiei a espingarda num arbusto de alecrim.

Então saí, alguns minutos depois – agindo como se tivesse acabado de chegar; sem fôlego e confuso.

A partir daí, segui meu instinto dramático. Vendo Lana ali deitada, em uma poça de sangue, com Leo, histérico ao seu lado, achei fácil me envolver no drama. Parecia surpreendentemente real, na verdade.

Vejo agora que foi exatamente aí que tomei o rumo errado em meu pensamento. Eu não previ o quão real seria. Fiquei tão envolvido com as reviravoltas da trama que não pensei em como isso afetaria emocionalmente a todos – e que, portanto, as pessoas poderiam reagir de maneiras altamente imprevisíveis.

Você pode dizer que esqueci minha regra mais fundamental: *personagem é enredo.*

E eu paguei o preço por isso.

# 2

Lana correu pelo olival em busca de Agathi.

Ela precisava encontrá-la. Lana teve que acalmá-la antes que estragasse tudo.

Foi um erro não contar a Agathi, manter o plano em segredo dela. Mas Lana sentiu que não tinha escolha. Agathi certamente teria se recusado a participar e teria feito o possível para convencer Lana a desistir. Agora Lana preferia ter feito isso.

Uma pequena figura estava ao longe, por entre as árvores, no final do caminho... Era Agathi, entrando correndo na casa.

Lana o seguiu rapidamente. Na porta dos fundos, ela tirou os sapatos, deixando-os do lado de fora. Ela entrou sorrateiramente, descalça, silenciosa e furtivamente. Ela olhou em volta.

Não havia sinal de Agathi na passagem. Ela tinha ido para o quarto dela? Ou a cozinha?

Lana decidiu em que direção seguir – quando passos pesados vindo pelo corredor a fizeram decidir por ela.

Lana se virou e subiu rapidamente as escadas.

Alguns segundos depois, Jason apareceu ao pé da escada. Ele quase colidiu com Kate, que entrou pela porta dos fundos.

Eles não tinham ideia de que Lana estava ali, no topo da escada, observando-os.

“Eles se foram”, disse Jason.

Kate olhou para ele. "O que?"

"As armas. Eles não estão lá.

Do lado de fora da porta dos fundos — dos bastidores — cutuquei Leo no palco. “Vá em frente,” eu sussurrei. “Agora é a sua deixa.”

Leo correu para dentro e disse a Kate e Jason que havia escondido as armas.

O fato de as armas não estarem no baú onde Leo as havia escondido foi uma surpresa para ele. Decidi não contar a Leo que os havia transferido; Achei que ajudaria em seu desempenho se ele ignorasse isso.

Do jeito que estava, pude ver que Leo não precisava de ajuda como ator. *O garoto é natural* , pensei. *Um pedaço do bloco antigo.* Seu desempenho foi assustadoramente real em sua histeria e tristeza. Um tour de force.

" *Ela está morta!* — Leo gritou. *“Você nem se importa?”*

Lana, observando da galeria, esticou o pescoço, tentando ver a reação de Jason.

Isso era o que ela estava esperando. Esse foi o verdadeiro motivo de Lana concordar com meu plano. Ela queria observar a reação de Jason à sua morte – para testar seu amor. Ela queria ver se o coração de Jason iria quebrar; ou pelo menos vislumbrar alguma prova de que ele possuía uma. Ela queria vê-lo chorar; vê-lo chorar por sua amada Lana.

Bem, ela viu. Jason não derramou uma única lágrima. Enquanto Lana o observava do alto da escada, ela viu que ele estava com raiva e com medo, tentando não perder o controle. Mas ele não estava com o coração partido ou angustiado. Ele estava totalmente impassível.

*Ele não se importa* , ela pensou. *Ele não dá a mínima.*

E naquele momento, Lana sentiu-se morrer pela segunda vez.

Lágrimas encheram seus olhos; mas não as lágrimas dela — não, elas pertenciam a uma garotinha de muito tempo atrás, que um dia se sentiu tão mal amada. Uma menina que costumava ficar agachada exatamente nesta mesma posição, no topo da escada, agarrada ao corrimão, observando a mãe entreter seus “homens”. amigos” abaixo - sentindo-se indesejado e ignorado. Isto é, até que as amigas de sua mãe começaram a notar sua beleza precoce; e seus problemas realmente começaram.

Lana passou por muita coisa desde então — desde aqueles dias sombrios e assustadores — para garantir que ela se tornasse segura, respeitada, inexpugnável — e amada. Mas, agora, observando Jason do alto da escada, toda aquela magia da Cinderela desapareceu. Lana se viu

de volta ao ponto de partida: uma garotinha sofredora, sozinha no escuro.

Lana percebeu que ficaria doente. Ela se levantou. Ela correu para o quarto, para o banheiro.

Ela caiu de joelhos na frente do banheiro e vomitou.

# 3

Quando Lana saiu do banheiro, descobriu que Agathi estava em seu quarto, esperando por ela.

Houve silêncio por um momento. As duas mulheres se entreolharam.

Lana percebeu que não precisava se preocupar com a possibilidade de Agathi perder o controle. Não havia perigo de uma explosão emocional. Agathi parecia totalmente calmo. Apenas seus olhos vermelhos mostravam que ela havia chorado recentemente.

“Agathi. Por favor, deixe-me explicar.

Agathi falou em voz baixa e monótona. "O que é isso? Uma piada? Um jogo?"

"Não." Lana hesitou. “É mais complicado do que isso.”

"Então o que?"

“Eu posso te dizer, se você me deixar...”

“Como você pôde fazer isso, Lana?” Agathi olhou nos olhos, incrédula. “Como você pôde ser tão cruel? Você me deixou pensar que você *morreu* . Você quebrou meu coração-"

"Desculpe-"

"Não. Não aceito suas desculpas. Deixa eu te contar uma coisa, Lana. Você é uma pessoa muito egoísta e auto-iludida. Eu vejo tudo isso – e eu amo você. Porque pensei que você me amava.

"Eu amo você."

"Não." Agathi revirou os olhos com um desprezo irado. Lágrimas escorreram por seu rosto. “Você não é capaz. Você não sabe amar.

Lana olhou para ela, profundamente magoada. “Egoísta e auto-iludido? É isso que você acha? Talvez... você esteja certo. Mas sou capaz de amar. Eu te amo."

Eles se entreolharam por um instante. Então Lana continuou, calmamente. “Preciso da sua ajuda, Agathi. Deixe-me tentar explicar. Por favor."

Agathi não respondeu. Ela apenas olhou para ela.

# 4

Enquanto isso, concordei relutantemente em acompanhar Jason e Nikos em sua busca pela ilha — em busca de um intruso inexistente.

Fiquei cada vez mais ressentido à medida que avançávamos ao longo da costa, castigados pelo vento. Eu estava exausto; e meus sapatos novos estavam arruinados por ter atravessado a vegetação rasteira, a lama e a areia. Eu também estava ansioso para voltar para Lana — e para Agathi.

Mas Jason estava se mostrando irritantemente metódico em sua busca, com a intenção de examinar cada metro quadrado da ilha. Mesmo quando chegamos aos penhascos – e finalmente ficou óbvio que nenhum barco estava atracado na ilha – Jason recusou-se a aceitar a derrota. Acho que de alguma forma perversa ele estava se divertindo; agindo como um herói em um filme ruim.

“Vamos continuar”, gritou ele, para ser ouvido acima do vento.

"Onde?" Eu gritei. “Não há ninguém aqui. Vamos voltar."

Jason balançou a cabeça. “Temos que revistar os edifícios primeiro.” Ele apontou a lanterna para o rosto de Nikos. “Começando pela casa dele.”

Nikos olhou para ele, piscando por causa da luz. Ele não respondeu.

Jasão sorriu. “Isso é um problema?”

Nikos balançou a cabeça, franzindo a testa. Ele não tirou os olhos de Jason.

“Bom”, disse Jason. "Vamos."

“Eu não”, eu disse. “Vejo você em casa.”

"Onde você está indo?"

“Para verificar os outros.”

Antes que Jason pudesse objetar, eu marchei.

Enquanto eu corria pelo caminho de volta para casa, me perguntei se Lana teria conseguido aplacar Agathi.

Esperamos que Lana tenha acalmado as coisas e a persuadido a jogar bola.

Mas, conhecendo Agathi, não estava nada confiante de que Lana teria sucesso.

Ao entrar na casa pelas janelas francesas, olhei em volta. Não havia sinal de ninguém. Aproveitei a oportunidade para me agachar junto ao sofá comprido e, estendendo a mão por baixo, procurei as armas que havia escondido ali antes.

Peguei um revólver.

Olhei para ele por um momento, sentindo seu peso em minha mão. Eu verifiquei o cano. Estava vazio. Tirei as balas dos bolsos — havia roubado algumas da caixa na sala de armas. Eu carreguei-o cuidadosamente.

Eu não sabia muito sobre armas. Apenas o básico – ensinado por Lana, quando Jason os adquiriu. Ela aprendeu a filmar no set de um faroeste que fez - e tivemos uma sessão de treinos, ela e eu, uma tarde, na ilha. Eu não era um mau atirador.

Mesmo assim, eu estava com medo dessa arma que segurava. Meus dedos tremiam levemente quando coloquei a arma no bolso. Mantive uma mão sobre ele, cautelosamente, através das calças.

Verifiquei meu reflexo no espelho.

E ali, refletido no espelho, bem atrás de mim, estava o cadáver ensanguentado de Lana — olhando para mim com olhos vermelhos.

Eu pulei e me virei.

Lana parecia assustadora – coberta de ferimentos de bala, sangue seco e sujeira. Uma visão incongruente nesta elegante sala de estar. Eu ri.

“Cristo, você me assustou. O que você está fazendo aqui? Volte para a ruína antes que Jason veja você.”

Lana não respondeu. Ela entrou e se serviu de uma bebida.

“Você saiu um pouco da pista lá atrás, amor. Correndo atrás de Agathi daquele jeito. Acredite em mim: nada é mais catastrófico do que quando uma atriz começa a escrever seu próprio roteiro. Sempre termina em lágrimas.”

Eu estava brincando, tentando fazê-la rir. Mas não funcionou. Lana nem sequer abriu um sorriso.

"Onde está todo mundo?" Eu disse. “Onde está Kate?”

“Na casa de verão. Com Leão.”

"Bom. Aliás, ele fez uma atuação maravilhosa. Ele herdou seu talento. Ele irá longe.”

Lana não respondeu. Ela pegou um dos cigarros de Kate da mesa e acendeu-o. Observei-a fumar, sentindo-me desconfortável.

“Você falou com Agathi?”

Lana assentiu e soltou uma longa coluna de fumaça.

Eu fiz uma careta. "E? Você acertou as contas com ela? Ela lhe deu sua bênção?

"Não, ela não tem. Ela está muito chateada.

Eu ri. "Você deveria ter dito a ela que foi ideia minha."

"Eu fiz."

"E? O que ela disse?"

“Que você é mau.”

“Isso é um pouco dramático. Algo mais?"

“Que Deus vai punir você.”

“Acho que ele já fez isso.”

“Acabou, Elliot.” Lana apagou o cigarro. “Ela disse que isso deve parar. Agora."

Ah, pensei. Então foi isso. Tentei não parecer muito irritado.

“Ainda não terminou. Ainda temos o ato final. Agathi terá que esperar até a cortina.”

“É a cortina agora. Acabou."

“E quanto a Jason?”

Lana encolheu os ombros. Ela sussurrou, mais para si mesma do que para mim: “Jason não se importa. Ele pensa que estou morto – e ele não se importa.”

Ela parecia miserável ao dizer isso.

Finalmente, pensei. Finalmente, Lana acordou. Finalmente ela viu a luz. Eu estava esperando por esse momento. Agora poderíamos começar de novo, ela e eu – desta vez em pé de igualdade. Poderíamos começar de novo – com honestidade e verdade.

"Muito bem. Acabou. E agora?"

Lana encolheu os ombros. "Eu não faço ideia."

“Eu tenho uma ideia, se você quiser ouvir.”

Apesar de tudo, Lana olhou para mim com uma leve curiosidade. "Bem?"

Parecia o momento da verdade. Então eu fui em frente.

“Lembra daquela noite em que você conheceu Jason? Na Margem Sul? Nunca conversamos sobre aquela noite.

“E daí?”

"Eu tinha um anel comigo... eu ia pedir você em casamento."

Lana olhou para mim. Eu pude ver a surpresa em seus olhos.

Eu sorri. “Mas Jason chegou primeiro, infelizmente. Muitas vezes me perguntei o que teria acontecido se você não o tivesse conhecido naquela noite.

Lana desviou o olhar. “Nada teria acontecido.”

Agora foi a minha vez de parecer surpreso. "Nada?"

Ela encolheu os ombros. “Você e eu éramos amigos, só isso.”

"Eram?" Eu sorri. “Tive a impressão de que ainda estamos. E muito mais do que isso... e você sabe disso. De repente, senti muita raiva. “Por que você não pode ser honesto consigo mesmo, pelo menos uma vez? Eu te amo, Lana. Deixe-o. *Case comigo.* ”

Lana olhou para mim, em silêncio, como se não tivesse me ouvido.

"Quero dizer. Case comigo e seja feliz.

Foi preciso toda a minha coragem para dizer isso. Prendi a respiração.

Houve uma pausa. A resposta de Lana, quando veio, foi brutal. Ela riu. Uma risada fria e dura, como um tapa na cara.

“E depois?” ela disse. “Caiu da escada, como Barbara West?”

Eu senti como se tivesse levado um soco. Eu olhei para ela, atordoado. Eu senti... bem, você já me conhece tão bem quanto qualquer pessoa — pode imaginar como me senti. Eu não confiava em mim mesmo para falar. Tive medo de dizer algo imperdoável, algo que ultrapassasse uma linha intransponível.

Então, eu não disse nada. Eu me virei e saí.

# 5

Saí da mesma forma que entrei. Saí pelas janelas francesas, para a varanda.

Desci os degraus, fustigado pelo vento — e pelos meus pensamentos. Eu não conseguia acreditar no que Lana tinha me dito. Aquela piada maldosa sobre Barbara West — era tão incomum nela. Eu não entendi.

Mesmo agora, enquanto escrevo isto, luto para compreender a crueldade dela naquele momento. Estava tão fora do personagem; Eu não conseguia acreditar naquilo da minha amiga, da Lana. Mas talvez eu pudesse acreditar nisso daquela outra pessoa oculta; aquela garota assustada escondida sob a pele, tão cheia de dor e querendo atacar.

Eu a perdoaria, é claro. Eu precisei. Eu a amava. Mesmo que, às vezes, ela pudesse ser cruel.

Eu estava perdido em uma nuvem de pensamentos e não vi Jason chegando. Colidi com ele no final da escada.

Jason me empurrou de volta. "Que porra é essa?"

"Desculpe. Eu estava procurando por você. Você revistou a casa de Nikos?

Jason assentiu. "Nada ali."

“Onde está Nikos agora?”

“Na casa dele. Eu disse a ele para esperar lá até a polícia chegar.”

"OK, bom."

Jason tentou passar por mim e subir os degraus. Eu o parei.

“Espere um minuto”, eu disse. "Tenho boas notícias. Agathi acabou de falar com a polícia.”

"E?"

“O vento diminuiu. Eles estão vindo agora mesmo.”

Uma expressão de alívio apareceu no rosto de Jason. “Oh, graças a Cristo por isso.”

“Vamos esperar por eles no cais?”

Jason assentiu. "Boa ideia."

“Encontro você lá.”

"Espere um segundo." Ele me lançou um olhar desconfiado. "Onde você está indo?"

“Para contar a Kate.” Incapaz de resistir, acrescentei: “A menos que você prefira?”

"Não." Jason balançou a cabeça. "Faz você."

Jason girou nos calcanhares, indo em direção à praia – e ao cais.

Eu o observei ir, sorrindo para mim mesma.

Então, segurando firmemente o revólver no bolso, fui procurar Kate – para terminar isso.

Ao me dirigir para a casa de veraneio, senti-me severamente determinado a continuar com meu plano — custe o que custar.

Não vou mentir e dizer que minha raiva por Lana naquele momento não me estimulou. Mas não havia como impedir isso agora, apesar das objeções de Lana. Não mais do que você pode parar uma pedra que você enviou rolando colina abaixo. Era maior do que todos nós agora; ele assumiu seu próprio impulso. Não tivemos escolha a não ser deixar esse drama acontecer. Como atriz, Lana deveria ter entendido isso.

Aproximei-me da casa de veraneio e vi a porta aberta. Leão saiu. Eu rapidamente me escondi atrás de uma árvore. Esperei até ele passar. Então fui até a janela da casa de veraneio e espiei lá dentro.

Kate estava sozinha lá dentro. Ela parecia uma bagunça. Assustado, paranóico, chateado. Foi uma noite difícil para ela.

Infelizmente, estava prestes a piorar.

Fui até a porta. Estendi a mão para abri-lo – então, inexplicavelmente, congelei.

Fiquei imóvel, paralisado por um ataque repentino e inesperado de medo do palco. Fazia muitos anos que eu não atuava — e nunca antes havia desempenhado um papel tão importante. Tudo dependia da minha atuação nessa cena com Kate. Este foi o último truque de mágica que tive que realizar. Eu precisava ser 100% convincente – tudo que eu

dissesse e fizesse tinha que parecer totalmente inocente e verossímil.

Em outras palavras, eu tive que dar o desempenho da minha vida.

Eu me preparei e bati com força na porta.

“Kate? Sou eu. Nós precisamos conversar."

# 6

Vendo que era eu, Kate destrancou a porta. Empurrei-a e entrei na casa de veraneio.

“Tranque.” Ela apontou para a porta.

Fiz o que ela pediu, deslizando o ferrolho. “Acabei de ver Leo lá fora. Eu disse a ele para nos encontrar no cais.

“O cais?”

“A polícia está a caminho. Nós vamos lá, esperar. Todos nós."

Kate não respondeu por um momento. Eu a observei de perto. Havia uma leve oscilação em seus movimentos, uma indiferença em suas palavras; mas espero que ela esteja sóbria o suficiente para entender o que eu tenho a dizer.

“Kate, você me ouviu? A polícia está chegando.

"Ouvi. Onde está Jasão? Você encontrou algo? O que aconteceu?"

Eu balancei minha cabeça. “Nós vasculhamos a ilha de cima a baixo.”

"E?"

"Nada."

“Sem barco?”

“Sem barco. Nenhum intruso. Ninguém está aqui além de nós.

Isso claramente não foi uma surpresa para ela. Ela assentiu para si mesma. "É *ele.* Ele a matou.

"De quem você está falando?"

“Nikos, é claro.”

"Não." Eu balancei minha cabeça. “Não é Nikos.”

"É sim. Ele é *louco* . Você apenas tem que olhar para ele. Ele é...

"Ele está morto."

Kate olhou para mim, boquiaberta. "O que?"

“Nikos está morto”, repeti baixinho.

"O que aconteceu?"

“Não sei, eu não estava lá.” Evitei contato visual ao dizer isso. Senti Kate olhando para mim, tentando febrilmente me entender. “Eles estavam vasculhando o lado norte da ilha, onde ficam os penhascos, e Nikos caiu... Foi o que Jason disse. Isso é o que ele me disse. Mas eu não estava lá.”

“O que você está tentando...?” Kate parecia assustada. “Onde está Jason?”

“Ele está no cais, com os outros.”

Kate apagou o cigarro. “Eu vou encontrá-lo.”

"Espere. Há algo que preciso lhe contar.

"Isso pode esperar."

“Não, não pode.”

Kate me ignorou e caminhou até a porta. Era agora ou nunca.

“Ele a matou”, eu disse.

Kat parou. Ela olhou para mim. "O que?"

“Jason matou Lana.”

Kate riu um pouco, mas o riso se transformou em um engasgo. "Você está louco."

“Kate, ouça. Eu sei que nem sempre estamos de acordo. Mas você é um velho amigo — e não quero que você sofra nenhum mal. Preciso avisar você.

"Avise-me? Sobre o que?"

“Isso não vai ser fácil.” Apontei para uma cadeira. "Você quer se sentar?"

“Foda-se.”

Suspirei e falei pacientemente. “Ok, quanto Jason lhe contou sobre suas finanças?”

Kate ficou confusa com a pergunta. “Seu *o quê* ?”

“Então você não sabe. Ele está com sérios problemas. Lana descobriu que ele abriu cerca de dezessete contas empresariais diferentes, todas em nome dela, em bancos privados em todo o mundo. Ele está movimentando o dinheiro de seus clientes, usando-a como uma máquina de lavar, como uma porra de uma lavanderia.

Fiquei indignado ao dizer isso. Pude ver Kate absorvendo tudo, avaliando, avaliando-me, decidindo se deveria acreditar em alguma palavra que eu dissesse. Devo dizer que meu desempenho foi muito bom — provavelmente porque a maior parte do que eu disse era verdade. Jason

*era* um bandido. E não pensei nem por um segundo que Kate não soubesse disso.

“Isso é besteira,” ela disse, fracamente.

Mas ela não se opôs mais, então continuei, encorajado.

“Jason está prestes a ser pego, se é que já não foi. Ele vai ficar longe por muito tempo, imagino. A menos que alguém o salve. Ele precisa muito de dinheiro...

Kate riu. “Você acha que ele matou Lana por *dinheiro* ? Você está *errado* – Jason não faria isso. Ele não a mataria.

“Eu sei que ele não faria isso.”

Kate olhou para mim, irritada. "Então o que você está dizendo?"

Falei devagar, pacientemente, como se fosse uma criança. “Ela estava usando *seu* xale, Kate.”

Uma pequena pausa. Ela olhou para mim. "O que?"

“É por isso que Jason a seguiu até a ruína. Porque ele pensou que ela era *você* .

Kate olhou para mim, em silêncio. Ela de repente ficou pálida.

"É verdade. Jason não queria atirar em Lana. Ele pretendia atirar em *você* .

Kate balançou a cabeça violentamente. "Você está doente... você está doente."

“Você não entende? Ele vai incriminar Nikos – agora ele garantiu que Nikos não possa se defender. Eu te avisei para não fazer Jason escolher entre vocês. Lana era valiosa demais para ele desistir. Considerando que você... é *dispensável* .

Ao dizer isso, pude ver a mudança nos olhos de Kate. Uma espécie de reconhecimento doloroso — aquela palavra, *dispensável* , combinava com algo profundo dentro dela, um sentimento antigo, de muito tempo atrás — um sentimento de que ela não era importante; não é especial de forma alguma; não amado.

Ela agarrou as costas da cadeira, como se fosse jogá-la em mim. Mas ela precisava disso para se firmar. Ela segurou-o, parecendo que ia desmaiar.

“Eu preciso encontrar Jason,” ela sussurrou.

"O que? Você não ouviu uma única palavra do que eu disse?

“Eu preciso encontrá-lo.”

De repente determinada, ela foi até a porta.

Eu bloqueei o caminho dela. “Kate, pare...”

"Saia do meu caminho. Eu preciso encontrá-lo.

*"Espere."* Enfiei a mão no bolso. "Aqui-"

Eu puxei o revólver. Eu estendi para ela.

"Pegue."

Os olhos de Kat se arregalaram. “Onde você conseguiu isso?”

“Eu encontrei no escritório de Jason, onde ele escondeu todas as armas.” Coloquei a arma em suas mãos. "Pegue."

"Não."

" *Pegue.* Aja como um idiota se for preciso, mas leve isso com você. Por favor."

Kate olhou para mim por um segundo. Então ela tomou uma decisão.

Ela pegou o revólver.

Eu sorri. Fiquei de lado e a deixei passar.

# 7

Segurando a arma, Kate saiu da casa de veraneio. Ela seguiu pelo caminho em direção à costa – em direção à praia e ao cais – em busca de Jason.

Esperei um momento. Então eu segui.

Fiquei nervoso enquanto caminhava pelo caminho. Senti um frio na barriga, como acontece na primeira noite. Foi emocionante ter feito tudo isto: escrito este drama, não com papel e caneta, para personagens fictícios num palco – mas para pessoas *reais* , num lugar *real* . Todos eles atuando em uma peça em que não tinham ideia de que participavam.

De certa forma, foi o Art. Eu realmente acreditei nisso.

Ao me aproximar da praia, pude perceber que o vento estava se acalmando. Em breve a fúria teria se extinguido, deixando a destruição em seu rastro. Procurei por Kate. Com certeza, ela estava à frente, atravessando a areia em direção ao cais – onde Jason estava esperando.

O que aconteceria agora? Eu sabia a resposta para isso. Eu poderia prever o futuro com tanta certeza como se o tivesse escrito em meu caderno. O que, na verdade, eu tinha.

Kate subia os degraus de pedra até o cais. Jason veria a arma em sua mão. E sendo Jason, ele exigiria que Kate entregasse a ele.

A questão era: dado o que eu acabara de contar a Kate — todas as dúvidas sobre ele que eu havia plantado em sua mente — ela daria a arma a Jason?

Mais importante, agora que coloquei uma arma carregada na mão de Kate... ela a usaria?

Em breve saberíamos a resposta à pergunta que fiz naquela noite em que Lana apareceu e fiquei escrevendo até o amanhecer. Eu seria capaz de planejar a morte de Jason sem puxar o gatilho?

Eu me sentia confiante de que meu plano tinha todas as chances de funcionar. Principalmente porque Kate fez o meu favor. Ela era volátil na melhor das hipóteses; e agora, ela também estava apavorada, altamente emocionada e embriagada. Havia todas as possibilidades de Kate permitir que seus sentimentos a dominassem. Se eu fosse um apostador, diria que as probabilidades eram muito boas.

Posicionei-me junto aos altos pinheiros, no final da praia. Perto o suficiente para ter uma boa visão, mas não o suficiente para ser visto; escondido com segurança nas sombras. Meu próprio teatro particular.

De repente, tive um ataque de nervosismo de última hora. Todo dramaturgo passa por isso em algum momento, você sabe; um pânico de última hora. Um medo de que a história não dê certo. *Eu fiz o suficiente? A estrutura aguentará?*

É imperativo evitar mexer nesta fase tardia. Muitas grandes obras de arte foram arruinadas pela incapacidade do artista de parar de alterá-las. Muitos empreendimentos criminosos também, sem dúvida.

Tive que confiar no trabalho que já havia feito. O que aconteceu a seguir estava além do meu controle. Estava agora nas mãos dos atores; Eu era apenas um espectador.

Então, me acomodei para assistir ao show.

# 8

Kate atravessou a praia e foi até o cais. Ela subiu lentamente os degraus de pedra. Jason estava sozinho na plataforma. Eles ficaram cara a cara.

Houve silêncio por um segundo. Jason falou primeiro, lançando-lhe um olhar cauteloso.

"Você está sozinho? Onde estão os outros?"

Kate não respondeu. Ela apenas olhou para ele, lágrimas brotando de seus olhos.

Jason a observou. Ele parecia inquieto, sem dúvida sentindo que algo estava errado. “Kate. Você está bem?"

Kate balançou a cabeça. Ela não falou por um segundo. Ela apontou para a lancha, ancorada abaixo deles. “Podemos simplesmente ir? Dê o fora daqui...”

"Não. A polícia estará aqui em breve. Tudo bem."

"Não, não é. Por favor, vamos agora...

"O que é isso?" Jason estava olhando para a arma na mão dela. Ele falou em um tom mais agudo. “Onde diabos você conseguiu isso?”

"Eu encontrei."

"Onde? Me dê isto."

Jason deu um passo em direção a ela, estendendo a mão. Kate deu um ligeiro passo para trás – um movimento involuntário; mas abriu um abismo entre eles.

Jason franziu a testa. “Dê-me a arma. Eu sei como usá-lo, você não. E então: “Katie, vamos lá. Sou eu."

Por um segundo, Kate acreditou na autoridade dele, mas então ela viu que a mão dele tremia. Ela percebeu que Jason estava tão assustado quanto ela.

Jason tinha todos os motivos para estar com medo. Kate estava claramente fora de controle; ele tinha que lidar com ela de alguma forma. Ele teve que acalmá-la e levá-la a um estado mais racional. Ele precisava tranquilizá-la; persuadi-la a dar-lhe a arma. Então ele assumiu um risco calculado.

“Eu te amo”, disse ele.

Era óbvio, pela expressão em seu rosto, que essa aposta falhou. A expressão de Kate endureceu. *"Mentiroso."*

E aquele instante pelo qual eu estava orando chegou. Uma suspensão de descrença; uma espécie de alquimia teatral – chame como quiser. A ilusão tornou-se verdade na mente de Kate. Em sua imaginação, a ideia de que Jason não era confiável se consolidou. Pela primeira vez desde que o conheceu, ela sentiu medo dele.

A situação piorou quando Jason tentou novamente, com mais força.

“Dê-me a arma, Kate.”

"Não."

“Kate—”

"Você a matou?"

"O que?" Jason olhou para ela, incrédulo. *"O que?"*

“Você matou Lana?” Kate continuou, rapidamente. “Elliot disse que você a matou... por engano. Ele disse... você pretendia me matar.

"O que?" Jason gemeu. “Ele é *louco* . Isso é uma *mentira* ."

"É isso?"

"Claro que é!" Ele fez um movimento em direção a ela. “Dê-me a arma.”

"Não." Kate levantou a arma. "Parar."

Ela apontou a arma para ele. Ela estava tremendo tanto que foram necessárias as duas mãos para mantê-la firme.

Jason deu outro passo em direção a ela. "Escute-me. Elliot é um *mentiroso* . Você sabe o quanto ela o deixou? *Milhões.* Pense nisso: em quem você confia, Kate? Eu ou ele?"

Jason parecia tão chateado, tão apaixonado, tão genuíno, que Kate começou a querer confiar nele. Mas era tarde demais. Ela não confiava nele.

“Fique longe de mim, Jason. Quero dizer. Mantem-te afastado."

“Dê-me a arma. Agora."

"Parar. Não chegue mais perto.”

Mas ele continuou avançando em direção a ela, passo a passo.

"Jason, *pare* ."

Ele continuou se aproximando.

"Parar."

Ele continuou andando. Ele estendeu a mão. "Me dê isto. Sou *eu* , pelo amor de Deus. É Jasão.

Mas não foi ele. Não era Jason, não mais — não era a pessoa que ela conhecia e amava. Como se fosse um pesadelo, ele se transformou de amante em monstro.

Então ele deu um salto repentino em direção a ela...

E o dedo de Kate apertou o gatilho. Ela disparou.

Mas ela errou. E Jason continuou vindo... Kate disparou novamente...

E de novo ...

E de novo.

Finalmente, ela atingiu seu alvo. Jason desmaiou e caiu nos degraus do cais. Ele ficou ali, imóvel... sangrando até a morte na areia.

Eu gostaria de poder terminar a história aí.

Final sensacional, não é? Tem tudo que você precisa: um homem, uma mulher, uma arma, uma praia, o luar. Hollywood adoraria.

Mas não posso terminar a história assim.

Por que não? Porque não é verdade, infelizmente. Não foi isso que aconteceu. É apenas uma invenção da minha imaginação. É o que eu esperava que acontecesse – é a cena que esbocei em meu caderno.

Mas receio que seja apenas ficção.

A vida real acabou sendo um pouco diferente.

# 9

Enquanto eu estava ali, nas sombras, observando Kate subir os degraus do cais, tive a primeira sensação desagradável de que a realidade estava divergindo dos meus planos para ela.

Senti um golpe pequeno e forte nas costas. Eu rapidamente me virei.

Nikos estava lá, atrás de mim. Ele estava apontando uma arma para mim, com a qual me cutucou novamente. Mais difícil desta vez.

Quando vi que era ele, fiquei mais irritado do que preocupado.

"Para trás. Não aponte essa merda para mim. Achei que Jason tivesse dito para você ficar em sua casa.

Nikos ignorou minhas palavras. Ele olhou para mim, desconfiado. “Encontramos os outros.” Ele gesticulou para que eu andasse. "Ir."

Ele acenou com a cabeça na direção da praia – na direção do cais, e de Jason e Kate. Imediatamente me senti alarmado.

“Não”, eu disse rapidamente. "Não dessa maneira. Não é uma boa ideia."

"Ir." Nikos me atingiu novamente com a arma. "Agora."

“Não, ouça. A polícia está chegando. Precisamos encontrar Leo e Agathi.” Continuei, lenta e enfaticamente, para que ele entendesse: “Você e eu voltamos para casa. E nós os encontramos. OK?"

Fui apontar a direção certa para ele. Mas assim que meu mão se moveu, sua arma foi enfiada profundamente em meu peito. Ele pressionou com força entre minhas costelas. Eu podia sentir meu coração batendo forte contra ele. Nikos não estava brincando.

Ele acenou novamente para o cais. "Ir. Agora-"

"Está bem, está bem. Acalmar."

Vendo que não tinha escolha, aceitei meu destino com um suspiro. Como uma criança mal-humorada, desci até a praia.

Enquanto atravessávamos a areia, Nikos ficou atrás de mim, enfiando a arma nas minhas costas. Ele suspeitava de mim, e com razão. Que estúpido da minha parte deixá-lo me pegar, escondido nos arbustos, espionando Kate e Jason. Não parecia bom; e agora eu teria que me livrar disso – e não seria fácil. Eu teria que improvisar, o que não era meu forte.

*Maldito seja* , pensei. *Ele está estragando tudo.*

Chegamos aos degraus do cais. Parei, sem vontade de continuar. Senti a arma pressionando minhas costas, forçando-me a subir, passo a passo... até ficar ali, na plataforma de pedra. Fiquei cara a cara com Kate e Jason.

Notei que Kate ainda segurava a arma — e Jason não pareceu se opor, então talvez eu estivesse errado sobre isso. Kate olhou de mim para Nikos, com uma expressão de descrença misturada com repulsa.

Ela se virou para Jason. “Ele disse que Nikos estava *morto.* Ele disse que você o matou.

"O que?" Jason parecia atordoado. *"O que?"*

“Elliot disse que você o matou, assim como matou Lana.”

Jason engasgou. “Que *porra é essa* ?”

“Que cobra você é, Elliot.” Kate se virou para mim. “Que maldita cobra. Continuo esperando que você sibile. Por que você não *sibila* ? *Sssssssssss— ”*

“Kate, por favor, pare. Eu posso explicar-"

Eu estava prestes a começar a me convencer do contrário quando, por cima do ombro de Jason, vi alguém na praia. Meu coração afundou. Era Agathi. Ela estava correndo em nossa direção.

Agora, tudo acabou. Todo o meu castelo de cartas estava prestes a desabar ao meu redor. Nada que eu pudesse fazer agora a não ser me resignar a isso.

Enquanto esperava que Agathi nos alcançasse, voltei minha atenção para Kate e Jason — que falavam de mim como se eu não estivesse ali. O que era desconcertante, para dizer o mínimo.

Muitas vezes ouvi outros escritores descreverem seus personagens como “fugindo deles”, comportando-se de

forma independente, com “vida própria”. Eu costumava desprezar essa ideia, revirar os olhos diante da pretensão dela. Mas agora, para minha surpresa, eu mesmo estava experimentando isso. Fiquei com vontade de interrompê-los – para dizer: *Não, não, você não deveria estar dizendo isso* e *Isso não deveria estar acontecendo.* Mas *estava* acontecendo. Isso era realidade, não uma peça. E não estava indo como eu havia planejado.

“Ele está tentando incriminar você”, disse Kate. “Lana deixou milhões de libras para ele. Você sabia disso?"

"Não." Jason parecia furioso. "Eu não."

Agathi apareceu no topo da escada. Ela lançou a todos nós um olhar assustado. "O que está acontecendo?"

“Nós sabemos quem atirou em Lana”, disse Kate.

"Quem?" Agathi parecia confusa.

Kate apontou para mim com a arma. *“Elliot.”*

# 10

Ficamos ali no cais, olhando um para o outro. Permanecemos em silêncio por um segundo. Os únicos sons eram o lamento do vento e as ondas quebrando ao nosso redor.

Por trás dos olhos de Agathi, pude vê-la pensando muito, pensando no próximo passo. Ela falou com cautela.

“Por que Elliot faria isso?”

“Dinheiro”, disse Kate. “Ele está falido, Lana me disse. Ela disse que deixou uma fortuna para ele.

Esta era a única possibilidade que nunca considerei: *acabar* sendo o principal suspeito.

A ironia não passou despercebida por mim. Foi preciso um esforço para manter uma cara séria. Eu me recompus e apresentei-lhes uma expressão grave.

“Lamento desapontá-lo. Sou culpado de muitas coisas, mas assassinar Lana não é uma delas.”

Lancei a Agathi um olhar desafiador. *Vá em frente* , pensei. *Conte tudo, aposto que você está morrendo de vontade de dizer a eles que é tudo uma farsa.*

Mas Agathi permaneceu em silêncio. E um pensamento esperançoso de repente me ocorreu. Seria possível que Lana tivesse conseguido vencer ela acabou? Será que Agathi vai concordar, afinal? Ela poderia me ajudar a reverter isso?

Enquanto isso Kate falava, em voz baixa e animada:

“Elliot a matou. Ele não pode escapar impune. Ele não pode, ele não pode...

“Ele não vai”, disse Jason. "A polícia-"

“Foda-se a polícia. Ele vai sair dessa. Ele *não pode* escapar impune, Jason. *Não podemos* deixá -lo.”

"O que você está falando?"

“Estou falando de justiça. *Ele matou Lana.* ”

“Você quer atirar nele? Vá em frente. Seja meu maldito convidado.

"Quero dizer."

"Eu também."

Houve uma pequena pausa. Isso já tinha ido longe o suficiente, decidi. Não gostei do rumo que isso estava tomando; especialmente porque Kate estava balançando uma arma carregada. As coisas podem facilmente sair do controle. Então, com muita relutância, me senti compelido a terminar.

"Senhoras e senhores." Eu levantei minhas mãos. “Odeio estragar a surpresa. Mas temo que isso não seja real. Esta noite toda é uma farsa. Lana não está morta. É só uma brincadeira."

Jason olhou para mim com desgosto. “Você está fodido da cabeça, cara.”

Então ele não acreditou em mim – o que foi, de certa forma, um tremendo elogio.

Eu sorri. "Multar. Pergunte a Agathi, se você não acredita em mim. Ela vai te contar. Olhei para ela. "Prossiga. Diga a eles.

Agathi encontrou meu olhar sem piscar. “Dizer a eles o quê?”

Eu fiz uma careta. “Diga-lhes a verdade. Diga a eles que Lana está viva...

Agathi cuspiu na minha cara. *"Assassino."*

Eu engasguei, atordoado. “Agathi—”

*"Você a matou."* Agathi fez o sinal da cruz. “Que Deus te perdoe.”

Fiquei incrédulo – e furioso. Limpei meu rosto. “Que porra você está brincando? Pare com isso agora. Diga-lhes a verdade!

Mas Agathi apenas olhou para mim com um olhar insolente.

Então controlei minha raiva e me virei para Jason. "Vamos. Vamos voltar para casa. Você encontrará Lana, viva e bem, bebendo vodca, fumando cigarro de Kate e...

Jason me deu um soco na cara. Seu punho acertou meu queixo. O golpe me fez cambalear para trás.

Levei um momento para me firmar. Minha mão foi para minha mandíbula latejante e dolorida. A dor foi intensa. Doeu falar.

“Acho que você quebrou meu maxilar... *Porra.* ”

“Estou apenas começando, cara”, disse ele, severamente.

"Pelo amor de Deus." Olhei para Agathi. "Feliz agora? *Satisfeito?* Agora você vai dizer a esse idiota que é só uma piada...?

Jason me deu um soco novamente. Desta vez, o golpe atingiu a lateral da minha cabeça, desequilibrando-me. Eu tropecei, caindo sobre minhas mãos e joelhos. O sangue jorrou do meu nariz para o chão de pedra arenosa.

Eu engasguei, tentando recuperar o fôlego. Fiquei desequilibrado psicologicamente, bem como fisicamente. Eu precisava me ajustar a esta situação que estava ficando rapidamente fora de controle. Eu podia ouvi-los conversando acima da minha cabeça – e o que ouvi foi perturbador, para dizer o mínimo. Eles pareciam estranhamente animados, quase chapados.

“Bem”, disse Jason. “Estamos fazendo isso? Sim ou não?"

“Não temos escolha”, disse Kate. “Ele a matou. É *justiça* .”

“E o que dizemos à polícia?”

“A verdade: Elliot atirou em Lana... depois atirou em si mesmo.”

Eles haviam perdido temporariamente a cabeça — e eu não acreditei nem por um segundo que eles realmente iriam até o fim. Mas apesar de me tranquilizar, comecei a ficar com medo. Eu tinha que sair disso.

Eu me levantei. Forcei um sorriso, apesar da minha mandíbula dolorida.

"Bravo. Que performance, pessoal. Você quase me pegou... Mas essa farsa já dura demais. Deixe-me dar uma dica. Você não deve deixar o ato final se arrastar para sempre – você perde seu público.”

Com isso, me virei para ir—

E ouvi um baque surdo. Então senti uma dor incapacitante e espalhada na parte inferior das costas. Nikos me bateu por trás com o cabo da arma. Caí de joelhos com um gemido.

“Segure-o”, disse Jason. “Não o deixe ir.”

Nikos agarrou meus ombros, me segurando de joelhos. Eu lutei para me libertar.

“Sai de cima de mim! Isso é uma loucura! *Eu não fiz nada de errado— ”*

Eles me cercaram. Eu podia ouvi-los acima da minha cabeça, conversando em sussurros.

"Justiça?" disse Jasão.

“Justiça”, repetiu Kate.

Começando a entrar em pânico, me contorci, lutando para virar a cabeça para Agathi. Eu apelei para ela. "Por que você está fazendo isso? Você provou seu ponto, ok? Sinto *muito* , agora pare!

Mas Agathi não olhou para mim. *"Justiça."* Ela traduziu a palavra para Nikos para o grego: *“Dikaiosyni”.*

*“Dikaiosyni.”* Nikos assentiu. *"Justiça."*

Jason acenou com a cabeça para a arma nas mãos de Kate. “Ele precisa estar segurando a arma. Me dê isto."

"Aqui." Kate entregou a ele. "Pegue."

" *Me deixar ir!* Lana está viva...

Lutei para fugir, mas Nikos me segurou ali como um torno. Senti o pânico crescendo dentro de mim.

Jason colocou a arma na minha mão, mantendo a mão sobre a minha. Ele levantou a arma para o lado da minha cabeça. Eu podia senti-lo cavando profundamente em minha têmpora.

“Puxe o gatilho, Elliot”, disse ele. “Este é o seu castigo. Puxe o gatilho."

Eu estava lutando contra as lágrimas. *“Não, não, eu não fiz nada de errado. Por favor-"*

“Shh.” Jason estava sendo estranhamente gentil agora, até mesmo terno. “Pare de fingir agora,” ele sussurrou em meu ouvido. "Faça isso. Puxe o gatilho."

*"Não não-"*

“Puxe o gatilho, Elliot.”

"Não." Eu estava chorando agora. " *Por favor* pare-"

“Então eu farei isso.”

“Não”, disse Kate. " *Eu* vou."

De repente, me vi olhando nos olhos de Kate. Eles eram enormes, selvagens, aterrorizantes.

“Isto é para Lana,” ela sibilou.

"Não não-"

E então, em terror absoluto, comecei a gritar.

Eu estava gritando por Lana, é claro. Eu não tinha ideia se ela estava fora do alcance da voz, mas ela tinha que me ouvir. Ela tinha que me salvar.

*“LANA! LANA!”*

Senti os dedos de Kate na arma, deslizando sobre os meus, forçando meu dedo no gatilho. Percebi, com absoluta certeza, que a sensação dos dedos de Kate nos meus, a arma contra minha cabeça, o vento contra meu rosto... seriam as últimas coisas que sentiria.

*“LAAANA—”*

Kate empurrou meu dedo para baixo no gatilho.

*“LAN—”*

Meu grito foi interrompido. Ouvi um clique — e um estrondo enorme. Tudo ficou escuro.

E meu mundo desapareceu.

# ATO V

*Eu sei que isso está errado. Mas mais forte que a minha consciência é a minha fúria.*

- E URIPIDES , *Medeia*

# 1

Lana acordou no escuro.

Ela não tinha certeza de onde estava — ou que horas eram. Ela se sentiu tonta e confusa.

Seus olhos se acostumaram lentamente à escuridão e ela divisou o formato de uma grande janela, com as cortinas fechadas. Tons de luz apareciam nas bordas, surgindo de fora.

*Já é de manhã* , ela pensou. *E estou no sofá do Elliot.*

Ao observar os escombros que a cercavam, desde a carnificina da noite passada — a mesa de centro, repleta de garrafas vazias de vinho, garrafas de vodca, vários copos, botões de maconha soltos, cinzeiros transbordando de baseados e pontas de cigarro —, sua memória retornou. Ela veio aqui ontem à noite. O motivo de sua visita também voltou à sua mente – a descoberta do caso de Kate e Jason – e ela foi inundada de dor.

Lana ficou imóvel por um momento. Ela se sentia tão triste, cansada, completamente quebrada. Foi preciso um esforço para reunir forças para se levantar. Ela conseguiu se apoiar no braço do sofá e se levantou. Ela se levantou. Um pouco instável, ela começou a juntar suas coisas.

Então, do outro lado da sala, ela viu a figura de um homem – dormindo profundamente, de bruços na mesa.

*É Elliot* , ela pensou.

Ela cautelosamente abriu caminho entre os destroços. Ela ficou acima da mesa. Ela me observou dormir por um momento.

As lembranças da noite passada voltaram para ela — e ela se lembrou, quando mais precisava de um amigo, quando estava desesperada, perdida... Elliot Chase estava lá — apoiando-a, sustentando-a, mantendo sua cabeça acima da água.

*Ele é minha rocha* , ela pensou. *Sem ele eu me afogaria.*

Apesar de tudo, Lana sorriu de repente, lembrando-se daquele plano maluco de vingança que havíamos arquitetado juntas, no auge de sua loucura.

*Nós nos empolgamos. Mas fomos levados juntos — parceiros no crime. Parceiros.*

Enquanto ela estava ali, olhando para mim, ela sentiu muito amor naquele momento. Na mente de Lana, era como se eu estivesse emergindo de uma névoa — saindo de uma névoa. Ela sentiu que estava me vendo claramente pela primeira vez.

*Ele parece uma criança.*

Ela estudou meu rosto, carinhosamente. Ela conhecia o rosto tão bem, mas nunca o tinha olhado de perto antes.

Era um rosto pálido, de aparência cansada. Um rosto triste. Mal amada.

*Não. Isso não é verdade* , ela pensou. *Ele é amado. Eu amo ele.*

E então, olhando para mim na penumbra, Lana experimentou um momento de clareza que mudou sua vida. Ela entendeu que não apenas me amava; mas ela sempre me amou. Não com a paixão louca que Jason inspirava nela, talvez; mas com algo mais silencioso, mais duradouro – e mais profundo. Um grande amor, um amor verdadeiro, nascido do respeito mútuo e de repetidos atos de bondade.

Aqui, finalmente, estava um homem em quem ela podia confiar. Um homem em quem ela podia confiar. Um homem que nunca a abandonaria, ou a trairia, ou mentir para ela. Ele só daria a ela o que ela mais precisava. Ele lhe daria companheirismo, bondade e amor.

Lana sentiu uma vontade repentina de me acordar, de me dizer o quanto ela me amava.

*Vou deixar Jason* , ela estava prestes a dizer. *E você e eu podemos ficar juntos, meu amor – e podemos ser felizes. Para todo o sempre e—*

Lana estendeu a mão para tocar meu ombro, mas algo a fez parar.

Meu caderno estava na mesa, embaixo da minha mão direita.

Estava aberto e suas páginas estavam cobertas de letras rabiscadas. Parecia o rascunho de um roteiro, talvez — ou uma cena de uma peça.

Uma palavra saltou para ela: *Lana* .

Ela olhou mais de perto. Outras palavras surgiram para ela: *Kate* ... *Jason* ... e *arma* .

Tinha que ser aquela ideia maluca da noite passada. *Homem bobo* , ela pensou, *ele deve ter começado a escrever antes de desmaiar. Vou fazê-lo destruí-lo quando acordar.* Lana presumiu que, assim como ela, eu acordaria sóbrio e mais sábio.

Ela hesitou por um momento – então a curiosidade tomou conta dela. Com cuidado, para não me acordar, ela tirou o caderno da minha mão. Ela foi e ficou perto da janela. Ela segurou-o contra as frestas de luz e começou a ler.

Enquanto lia o caderno, Lana franziu a testa, confusa. Ela não entendia o que estava lendo. Não fazia sentido. Então ela voltou algumas páginas. Depois mais alguns... então ela voltou até a primeira página – e leu desde o início.

Enquanto Lana estava ali, ela começou a entender o que estava olhando e seus dedos tremiam. Seus dentes batiam. Ela se sentiu fora de controle – ela sentiu vontade de gritar.

*Saia* , uivava a voz dentro dela, *saia, saia, saia, saia....*

Ela tomou uma decisão. Ela estava prestes a enfiar o caderno sua bolsa - mas pensei melhor. Ela recolocou o caderno aberto na mesa, colocando-o sob meus dedos.

Quando eu estava começando a me mexer, Lana saiu do meu apartamento.

Ela saiu sem fazer barulho.

# 2

Era de manhã cedo quando Lana saiu cambaleando do meu prédio.

A luz do dia parecia opressora para ela, cegando-a, e ela protegeu os olhos dela, mantendo a cabeça baixa enquanto caminhava. Seu coração batia forte no peito, sua respiração era pesada e rápida. Ela sentiu que suas pernas poderiam ceder. Mas ela conseguiu continuar.

Ela não sabia para onde estava indo. Tudo o que ela sabia era que precisava se afastar o máximo possível das palavras que lera e do homem que as escrevera.

Enquanto caminhava, ela tentava entender o que vira no caderno. Parecia horrível – e demais para absorver. Olhar aquelas páginas era como perscrutar a mente fragmentada de um louco; um vislumbre do inferno.

A princípio, ela teve a impressão desconcertante de que estava lendo seu próprio diário: havia muito dela nele – estava cheio de suas palavras, suas ideias, seus ditos, suas observações sobre o mundo, até mesmo seus sonhos. Tudo registrado fielmente — e escrito na *primeira pessoa* , como se ela mesma estivesse escrevendo. Parecia uma atuação exercício, quase — como se ela estivesse sendo estudada, como se ela fosse um personagem de uma peça, e não uma pessoa real.

Pior ainda, e mais doloroso de ler, era o longo catálogo de encontros entre Jason e Kate, que se estendia por várias páginas. Cada entrada estava bem datada, sua localização anotada, com um resumo do que havia acontecido.

Havia uma lista intitulada *Lana* — com uma coluna de possíveis pistas a serem plantadas em sua casa, para fazê-la suspeitar da infidelidade de Jason.

Outra lista, *Jason* , esboçou uma variedade de métodos alternativos pelos quais ele poderia ser eliminado. Mas essa lista estava riscada. Evidentemente, nenhum dos métodos propostos se mostrou satisfatório.

Finalmente, nas últimas páginas do caderno, escrita e depois reescrita, estava uma conspiração bizarra para levar Kate a assassinar Jason na ilha. Ainda mais perturbador, foi escrito como uma peça – incluindo diálogos e direções de palco. Lana estremeceu ao pensar nisso. Ela sentiu como se ela também tivesse enlouquecido. A última vez que sentiu esse tipo de irrealidade foi quando descobriu o brinco.

O *brinco* — que, segundo o caderno, havia sido plantado para ela encontrar. Isso foi possível? Ela lutou para conciliar as palavras que leu com o homem que as escreveu. Um homem que ela pensava conhecer e amar.

Foi isso que tornou tudo tão doloroso: o amor que ela tinha. Essa traição parecia tão profunda, tão visceral, que parecia uma ferida física; um buraco enorme. Não poderia ser verdade. Será que sua melhor amiga realmente mentiu para ela? Se ele a tivesse manipulado; isolou-a; planejou terminar seu casamento? E agora, planejou um assassinato de verdade?

Lana sabia que tinha que ir à polícia com isso — agora mesmo, neste segundo. Ela não teve escolha. Encorajada por esta decisão, ela começou a andar mais rápido. Ela iria direto para a delegacia e diria a eles...

Diga a eles o que? Sobre os discursos rabiscados de um louco? Ela também não pareceria louca - aparecendo com acusações distorcidas de iluminação a gás, casos amorosos, conspirações de assassinato? Seu ritmo diminuiu enquanto ela repetia isso em sua mente. A história seria divulgada quase imediatamente — ela estaria na primeira página de todos os tablóides do mundo amanhã. Havia material suficiente para manter os jornais ocupados durante semanas, meses. Não, ela não podia permitir isso – pelo bem de Leo, assim como pelo seu próprio. Ir à polícia não era uma possibilidade.

Então o que? O que mais ela poderia fazer? Ela não tinha mais opções.

Seus passos vacilaram e pararam. Ela ficou parada, no meio da calçada. Ela não sabia o que fazer ou para onde ir.

A rua não estava movimentada; era muito cedo. Um punhado de pessoas passou, a maioria ignorando-a; além de um homem impaciente que suspirou pesadamente.

“Vamos, amor,” ele disse, passando por ela. “Saia do caminho sangrento.”

Isso levou Lana a se mover — a colocar um pé na frente do outro e seguir em frente. Ela não sabia para onde ir, então continuou andando.

Eventualmente, ela se encontrou em Euston. Ela entrou na estação de trem e, sentindo-se cansada, sentou-se num banco. Ela estava exausta.

Este foi o segundo ataque psicológico brutal que ela sofreu em poucos dias. A primeira foi a descoberta do caso entre Jason e Kate – que provocou uma onda de emoções, lágrimas e histeria. Mas Lana havia esgotado todas as suas lágrimas – ela não tinha mais nenhuma para esta segunda traição. Ela se sentiu incapaz de chorar ou sentir. Ela apenas se sentia cansada e confusa. Ela estava achando difícil até pensar.

Lana ficou ali sentada no banco por cerca de uma hora. Sua cabeça permaneceu baixa enquanto a estação ganhava vida ao seu redor. Ninguém a notou – ela era invisível, outra alma perdida, ignorada pelo fluxo constante de passageiros.

Eventualmente, alguém a viu. Um velho que, como Lana, não tinha para onde ir. Ele se aproximou dela. Ele fedia a bebida.

“Anime-se, querido. As coisas não podem ser tão ruins.” Depois, olhando mais de perto: “Diga, você me parece familiar... Não te conheço?”

Lana não ergueu os olhos, não respondeu, apenas balançou a cabeça. Eventualmente, o velho desistiu. Ele se afastou.

Lana se forçou a levantar. Ela saiu da estação no momento em que o pub do outro lado da rua estava abrindo as portas. Ela hesitou e considerou entrar. Mas ela decidiu não fazer isso. Ela não precisava ficar bêbada. Ela precisava que sua mente estivesse absolutamente clara.

Ao passar pelo pub, ela se pegou pensando em Barbara West.

De repente, Lana foi inundada com lembranças que ela tanto trabalhou para esquecer. Ela se lembrou de todas as coisas que Bárbara lhe dissera sobre Elliot. Que ele era perigoso, que ele era louco. Lana se recusou a acreditar

nela. Ela insistiu que Elliot era um homem bom, amoroso e gentil.

Mas ela estava errada. Bárbara estava dizendo a verdade.

Agora, enquanto Lana caminhava, ela sentiu que estava entrando em foco. Ela se viu pensando com mais facilidade, com mais fluidez. Ela sabia seu propósito agora. Ela sabia o que deveria ser feito.

Ela temia fazer isso, mas não tinha escolha: precisava saber a verdade. Então ela caminhou de Euston até Maida Vale. Ela foi até a porta da frente de uma casa vitoriana com terraço em Little Venice. Ela ficou na soleira da porta, mantendo o dedo pressionado na campainha - até que ouviram passos furiosos no corredor e a porta foi aberta pelo proprietário, furioso.

"Que diabos-?" Kate parecia um susto. Ela só havia conseguido dormir recentemente, depois de uma noite pesada. Seu cabelo estava bagunçado e sua maquiagem borrada. Sua raiva evaporou quando ela viu que era Lana. "O que você está fazendo aqui? O que está errado?"

Lana olhou para ela. Ela disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

"Você está transando com meu marido?"

Kate respirou fundo, praticamente um suspiro. Então, ao mesmo tempo, ela soltou um suspiro longo, lento e audível.

"Ai *Jesus* . Lana... acabou. Eu terminei. Sinto muito... sinto muito.

Isto não era muito, mas de alguma forma esta troca verdadeira forneceu uma pequena base, um trampolim, a partir do qual prosseguir. A verdade os libertou – ou pelo menos abriu uma fresta da porta. Finalmente, as duas mulheres puderam conversar honestamente.

Lana entrou e sentou-se à mesa da cozinha de Kate. Eles ficaram ali por horas, conversando e chorando. Eles foram mais honestos um com o outro do que haviam sido há anos. Todos os mal-entendidos, fios cruzados, sentimentos feridos, mentiras, suspeitas – tudo isso veio à tona. Kate confessou seus sentimentos por Jason, desde o primeiro dia em que o conheceu. Ela enterrou a cabeça nas mãos e chorou.

“Eu o amava”, Kate disse calmamente. “E você o tirou de mim, Lana. Doeu muito. Tentei deixar ir, tentei esquecer, mas não consegui.”

“Então você tentou aceitá-lo de volta? É isso?"

"Tentei." Kat encolheu os ombros. “Ele não me quer. É você que ele quer.

“Meu dinheiro, você quer dizer.”

"Não sei. Eu sei que você e eu – isso é real. Isso é amor. Você poderá um dia me perdoar?"

"Eu posso tentar." Lana sorriu levemente.

Talvez esta comovente reconciliação não seja tão surpreendente – Lana e Kate estavam mais próximas do que nunca agora. Eles estavam unidos.

Afinal, eles tinham um inimigo comum agora.

*Meu.*

# 3

Kate fumava furiosamente cigarros enquanto ouvia, incrédula, a história de Lana.

“Puta que pariu”, disse ela, com os olhos arregalados de espanto. “Elliot é *mau* .”

"Eu sei."

"O que nós vamos fazer?"

Lana encolheu os ombros. "Não sei. Eu não consigo pensar. Não acredito que isso está acontecendo.”

"Eu posso." Kate riu severamente. "Confie em mim."

Apesar do seu espanto inicial, Kate achou a notícia do meu engano muito mais fácil de aceitar do que Lana. Kate tinha uma desconfiança instintiva de mim há anos. Agora, finalmente, ela se sentia justificada – até mesmo triunfante – e justificada em buscar vingança.

“Não podemos deixar aquele bastardo escapar impune”, disse Kate enquanto apagava o cigarro. "Nós temos que fazer alguma coisa."

“Não podemos ir à polícia, não com uma história como esta.”

"Não eu sei. Honestamente, não sei até que ponto eles nos levariam a sério. Para entender o quão doentio isso é, você precisa *conhecê* -lo. Você precisa *saber* que psicopata ele é.

“Kate. Você acha que ele é louco? Eu faço."

“Claro que ele é. Louco como um chapeleiro." Kate serviu-lhes alguns uísques. “Eu avisei você, anos atrás, lembra? Eu disse para você não confiar nele. Eu sabia que havia algo estranho nele. Você nunca deveria ter deixado ele se aproximar de você. Esse foi o seu erro.

Lana não disse nada por um momento, depois disse baixinho: “Acho que tenho um pouco de medo dele”.

Kate franziu a testa. “É exatamente por isso que não podemos deixá-lo vencer. Você entende? Temos que agir. Você contou a Jason?

"Não. Eu apenas contei a você.

"Você deve contar a ele."

"Ainda não."

“E quanto a Elliot?” Kate lançou-lhe um olhar curioso. "Você vai confrontá-lo?"

"Não." Lana balançou a cabeça. “Ele não deve descobrir que sabemos. Não o subestime, Kate. Ele é perigoso.

“Eu sei que ele é. Então o que vamos fazer?"

“Só há uma coisa que podemos fazer.”

"E o que é isso?"

Lana fixou os olhos em Kate e não falou por um segundo. Quando o fez, sua voz não tinha emoção, simplesmente afirmando um fato.

“Devemos destruí-lo.” Lana disse. “Ou ele matará Jason.”

Eles se encararam.

Kate assentiu lentamente. "Mas como?"

Eles ficaram sentados em silêncio por um momento, refletindo sobre o assunto, enquanto bebiam seus uísques.

De repente, Kate olhou para cima, com os olhos brilhando. “Eu entendi. Nós o vencemos em seu próprio jogo.”

"Significado?"

“Nós jogamos junto. Seguimos seu roteiro. Então, assim que ele achar que tudo está indo conforme o planejado... nós viramos o jogo contra ele. Escrevemos para ele um final diferente. Um que ele não esperava. Um que será o fim dele.

Lana pensou sobre isso. Então ela assentiu. "OK."

Kate ergueu o copo para fazer um brinde. “Para vingança.”

"Não." Lana ergueu o copo. “À *justiça* .”

"Sim. Justiça."

As duas mulheres beberam solenemente pelo sucesso de sua produção.

A cortina subiu imediatamente. Naquela tarde, aliás, quando, cansado e de ressaca, fui até a casa de Lana.

“Amor”, eu disse, “vim ver como você está. Fiquei preocupado quando acordei e você tinha ido embora. E você não tem atendido o telefone. Você está bem?"

“Estou bem”, disse Lana. “Eu ia te acordar, mas você parecia tão em paz.”

“Eu me sinto duro como o inferno agora. Bebemos demais ontem à noite... Falando nisso, que tal o pelo do cachorro?

Lana assentiu. "Por que não?"

Fomos para a cozinha e abri uma garrafa de champanhe. Então comecei gentilmente a lembrar a Lana o que havíamos conversado na noite passada. Eu a encorajei a seguir em frente com nosso plano, atrair Kate e Jason para a ilha.

“Isso se você ainda quiser prosseguir”, eu disse, casualmente.

Eu esperei. Percebi que Lana estava achando difícil olhar para mim. Mas atribuí isso à ressaca dela.

Ela forçou um sorriso em minha direção. “Nada poderia me impedir.”

"Bom."

Então, por sugestão minha, Lana pegou o telefone. Ela ligou para Kate, que estava no Old Vic.

Kate atendeu o telefone rapidamente. "Ei. Você está bem?"

"Eu vou ser. Eu descobri que o que todos nós precisamos é de um pouco de sol. Você virá?"

"O que?" Kate parecia perplexa.

“Para a ilha... na Páscoa?”

Lana continuou, num tom alegre, antes que Kate pudesse responder: “Não diga não. Seremos só nós. Você, eu, Jason e Leo. E Agathi, é claro... Não tenho certeza se vou perguntar a Elliot, ele tem me irritado ultimamente.

Isso alertou Kate de que Lana não estava sozinha; que eu estava no quarto com ela.

Kat entendeu. Ela sorriu e tocou junto. Ela assentiu.

“Estou reservando meu voo agora.”

# 4

Eles não contaram aos outros sobre o plano até chegarem à ilha.

Lana adiava contar a Agathi — ela tinha certeza de que Agathi se recusaria a participar. No final, Lana estava errada sobre isso – Agathi provou ser uma participante muito disposta nas festividades da noite.

Lana contou a Leo no segundo dia, no piquenique na praia. Ela sugeriu que eles dessem um passeio juntos.

“Querido”, disse Lana em voz baixa enquanto caminhavam pela beira da água, de braços dados. “Há algo que você deveria saber. Haverá um assassinato esta noite.

Leo ouviu, surpreso, enquanto sua mãe explicava os aspectos práticos da trama. Para seu crédito, Leo sentiu uma ponta de incerteza – uma sensação desconfortável de que o que Lana estava sugerindo era moralmente errado; e que haveria um preço terrível a pagar. Mas ele rapidamente baniu o pensamento. Como ator iniciante, ele sabia que não poderia recusá-la. Ele nunca mais receberia uma oferta como essa. O fato de Leo me detestar o ajudou a superar seus escrúpulos. Ele percebeu que eu merecia. Talvez ele estivesse certo.

Contar a Jason, entretanto, foi um pouco mais complicado.

Lana tentou falar com ele naquela tarde, depois da praia. Ela escapou para encontrar Jason nas ruínas, onde ele estava caçando. Mas Jason não estava sozinho. Kate estava com ele.

Enquanto Lana os observava se beijando, ela ficou furiosa. Demorou um pouco para se acalmar. Então ela confrontou Kate — na lancha, a caminho de Yialos.

“Você disse que estava tudo acabado”, disse Lana em voz baixa. "Tu e ele."

"O que? Acabou."

"Por que você o beijou?"

“Na ruína? Elliot estava nos observando – eu podia vê-lo ali, escondido. Eu tive que jogar junto. Eu não tive escolha."

“Bem, você foi muito convincente. Parabéns."

Kate aceitou a repreensão encolhendo os ombros. “Tudo bem, eu mereço isso.” Ela lançou a Lana um olhar cauteloso. “Quando você vai contar para Jason? Você precisa avisá-lo.

Lana balançou a cabeça. "Eu não vou contar a ele."

"O que?" Kate olhou para ela, surpresa. “Se ele não souber, não vai funcionar. Nunca serei capaz de convencê-lo a fazer isso.

“Oh, você pode ser muito persuasivo quando quiser. Pense nisso como um desafio de atuação.”

“Você não pode fazer isso com Jason. Você não pode fazê-lo passar por isso.

“Essa é a punição dele.”

“Isso é tão fodido.” Kate fez uma careta. “E *eu* tenho que assistir?”

"Sim." Lana assentiu. "Isso é seu."

Algumas horas depois, Lana estava do lado de fora da janela da casa de veraneio. Ela assistiu Kate se apresentar lá dentro - tudo para uma audiência de uma pessoa.

“Jason não queria atirar em Lana”, eu disse. "Ele pretendia atirar em *você* ."

Kate balançou a cabeça. "Você está doente... você está doente."

Kate percorreu toda a gama de emoções nesta cena - paranóica, com medo, com raiva. Foi uma atuação corajosa – embora um pouco exagerada, na opinião de Lana.

*Kate está exagerando* , ela pensou. *Mas ele parece convencido – como ele é presunçoso. Que vão. Se ele tivesse alguma autoconsciência, ele veria através dela. Mas ele se acha tão inteligente que se acha uma espécie de deus. Mas ele aprenderá. Ele ficará humilhado.*

Dentro da casa de veraneio, tirei a arma e coloquei-a nas mãos de Kate. Então mandei-a encontrar Jason no cais.

Lana espreitou na escuridão, esperando. Ela pisou no caminho na frente de Kate. Seus olhos se encontraram e eles trocaram armas.

“Quebre uma perna”, disse Lana.

Kate não disse nada. Ela olhou para Lana por um segundo. Então ela se virou e foi embora.

Lana me seguiu até a praia. Ela se posicionou no escuro – um pouco atrás de onde eu estava. Ela enviou Nikos para me abordar — para me levar, sob a mira de uma arma, até o cais; onde fui humilhado, brutalizado e espancado.

Lana observava tudo isso, seus olhos azuis brilhando no escuro, como uma deusa vingativa, cruel, impiedosa. Enquanto eu, sua vítima, fui forçado a ficar de joelhos; implorando por misericórdia, gritando o nome dela... até que um tiro me silenciou.

E a vingança de Lana foi completa.

# 5

Eu prometi a você um assassinato, não foi? Aposto que você nunca pensou que seria meu.

Bem, desculpe desapontá-lo – eu não estava morto. Eu apenas pensei que estava. Eu realmente acreditei que meu último momento na terra havia chegado. Aquele tiro me fez desmaiar. Morrendo de medo, você poderia dizer.

Fui acordado por um pé que me cutucou.

“Acorde-o”, disse Kate.

O pé de Nikos me cutucou novamente, desta vez com mais força. Abri os olhos e o mundo entrou em foco. Eu estava deitado no chão, de lado. Sentei-me e toquei cuidadosamente a lateral da cabeça, procurando qualquer sinal de ferimento a bala.

“Relaxe”, disse Kate. “Eles estão em branco.” Ela jogou a arma no chão. “É uma arma de hélice.”

*Ah* , pensei. *Claro.*

Kate era uma atriz, não uma assassina. Eu deveria saber.

A julgar pela expressão em seu rosto, Jason ficou ainda mais surpreso do que eu por eu ainda estar respirando.

*"Que porra é essa?"* Jason olhou para Kate, incrédulo. "O que está acontecendo?"

"Desculpe. Queria dizer-te. Ela não me deixou.

"Quem? O que você está falando?"

Kate estava prestes a responder, mas ficou em silêncio ao avistar Lana na praia. Jason seguiu o olhar de Kate e ficou olhando, boquiaberto e horrorizado, enquanto Lana caminhava pela areia até o cais. Ela estava segurando a mão de Leo. Atrás deles, o sol estava nascendo e o céu estava listrado de vermelho.

Lana e Leo subiram os degraus do cais. Eles se juntaram aos outros.

“Lana?” Jasão disse. “Que porra é essa? *O que é isso-?* ”

Lana ignorou Jason, como se ele não tivesse falado. Ela pegou a mão de Kate e apertou-a. Eles se encararam por

um segundo.

Então eles se viraram e me encararam.

Eles estavam em fila – todos eles – como atores em uma chamada ao palco. Lana, Kate, Agathi, Nikos, Leo. Apenas Jason ficou de lado, fora do lugar, confuso. Até eu entendia melhor o que havia acontecido do que ele.

Na verdade, eu entendi muito bem.

Levantei-me, com alguma dificuldade. Bati palmas, sarcasticamente, três vezes. Tentei falar, mas minha boca se encheu de sangue. Cuspi o sangue no chão. Tentei de novo — não foi fácil com o maxilar quebrado. Tudo que consegui dizer foi uma palavra:

*"Por que?"*

Em resposta, Lana mostrou meu caderno. “Você não deveria deixar isso por aí.” Ela jogou em mim, com força, me acertando no peito.

“Achei que você fosse diferente”, disse ela. "Eu pensei que você era meu amigo. Você não é amigo de ninguém. Você não é *nada* ."

Não reconheci Lana. Ela parecia uma pessoa diferente. Difícil, implacável. Ela olhou para mim com ódio – não há outra palavra para descrever esse olhar.

“Lana, por favor...”

“Fique longe de mim”, disse ela. “Fique longe da minha família. Se eu te ver de novo, algum dia, você vai para a cadeia.”

Ela se virou para Agathi: “Tire-o da ilha”.

Então Lana se virou para ir embora. E Jason estendeu a mão para tocá-la. Ela afastou a mão dele, como se isso a revoltasse. Sem olhar para trás, ela desceu as escadas. Ela caminhou sozinha pela areia.

Houve uma pausa momentânea. Então o clima mudou abruptamente. Leo quebrou o silêncio com uma súbita gargalhada — uma risada estridente e infantil.

Ele estava apontando para mim e rindo. "Olhar. Ele se *irritou* . Que *aberração* .”

Kate riu e pegou o braço de Leo. Ela deu um aperto. “Vamos, amor. Vamos."

Eles caminharam até a escada. “Sua atuação foi incrível”, disse Leo. “Você era tão real. Eu também quero ser ator.”

"Eu sei. Sua mãe me contou. Acho que é uma ideia maravilhosa."

"Você vai me ensinar?"

"Certamente posso lhe dar algumas dicas." Kate sorriu. "Claro que o mais importante é ter um bom público."

Ela me lançou um último olhar de triunfo. Então ela se virou e desceu as escadas. Leão o seguiu. E os outros também.

Eles caminharam, em procissão, pela areia. Kate e Leo foram os primeiros e, um pouco atrás deles, Nikos apoiou Agathi com o braço. Jason seguiu atrás deles, a cabeça inclinada para a frente, os punhos cerrados de raiva.

Eu podia ouvir Kate e Leo conversando enquanto se afastavam.

"Não sei quanto a você", Kate estava dizendo, "mas acho que isso exige uma bebida comemorativa. Que tal uma garrafa de espumante caríssima?

"Boa ideia. Talvez eu até tome um copo.

"Ah, Leão." Kate beijou sua bochecha. "Afinal, há esperança para você."

À medida que se afastavam, suas vozes diminuíam — mas eu ainda conseguia ouvir a risada infantil de Leo.

Isso ecoou na minha cabeça.

Se eu tivesse algum bom senso, pararia agora. Eu pagaria por suas bebidas e sairia cambaleante deste bar - deixando você com uma história de advertência; e nenhum endereço de encaminhamento. Eu sairia da cidade rapidamente – antes de dizer algo que não deveria.

Mas devo continuar – não tenho escolha. Isso tem pairado sobre mim desde o início, lançando sua sombra sobre mim, desde que me sentei para contar essa história.

Veja, meu retrato não está completo. Ainda não. Precisa de alguns detalhes preenchidos. Algumas pinceladas finais aqui e ali, para finalizar.

Estranho, usei essa palavra — *retrato* .

Suponho que seja um retrato. Mas de quem?

Inicialmente pensei que fosse um retrato da Lana. Mas agora estou começando a suspeitar que seja minha culpa. O

que é um pensamento assustador. Não é algo que eu queira ver, esta horrível representação de mim mesmo.

Mas devemos enfrentá-lo juntos uma última vez, você e eu, para terminar esta história.

Estou avisando, não é uma visão bonita.

# 6

Amanheceu. Eu estava sozinho no cais.

Eu estava com muita dor. Eu não sabia o que doía mais: a dor na parte inferior das costas, onde Nikos me bateu com a arma; minhas costelas quebradas; ou minha mandíbula latejante. Estremeci enquanto descia os degraus até a praia.

Eu não sabia para onde estava indo – não tinha para onde ir. Então eu apenas manquei pela areia, ao lado das ondas.

Enquanto caminhava, tentei entender o que havia acontecido.

Basta dizer que meu plano não funcionou como eu esperava. Na minha versão, Lana e eu estaríamos juntos agora, em casa, esperando a chegada da polícia. Eu a consolaria, explicando que a morte de Jason foi um acidente infeliz e até trágico.

*Eu não tinha ideia de que as coisas iriam ficar tão fora de controle* , eu dizia para Lana, lutando contra as lágrimas. *Que Kate realmente pegaria uma arma e a usaria.* Eu diria a Lana que nunca superaria a visão terrível que testemunhei: Kate atirando repetidamente em Jason na praia, num estado de fúria bêbada.

Essa seria a minha história, e eu a manteria.

Kate poderia contar uma história diferente da minha, mas seria a minha palavra contra a dela. Isso seria tudo o que restaria agora: palavras, lembranças, acusações, sugestões, tudo ao vento. Nada real. Nada tangível. A polícia e, mais importante, Lana acreditariam em mim e não em Kate — que, afinal de contas, acabara de assassinar o marido de Lana a sangue frio.

“Eu me sinto tão culpado”, eu diria. "É tudo culpa minha-"

“Não”, Lana responderia. "É meu. Eu nunca deveria ter concordado com essa ideia maluca.”

“Eu falei com você sobre isso – eu nunca vou me perdoar, nunca...”

E assim por diante — confortávamos um ao outro, cada um assumindo a culpa. Ficaríamos perturbados; mas nos recuperaríamos. Estaríamos unidos, ela e eu — unidos em nossa culpa. Viveríamos felizes para sempre.

Era assim que deveria terminar.

Exceto que Lana viu meu caderno.

O que foi lamentável – a leitura foi ruim, posso ver isso. Palavras escritas com raiva, ideias tiradas do contexto, fantasias privadas que não foram feitas para serem vistas – certamente não por Lana.

Se ao menos ela tivesse me acordado naquele momento, quando o encontrou. Se ela tivesse me confrontado, eu poderia ter explicado tudo. Eu poderia tê-la feito entender. Mas ela não me deu essa chance.

Por que não? Certamente ela havia descoberto coisas igualmente terríveis sobre Kate nos últimos dias? No entanto, Lana encontrou dentro de si a capacidade de perdoá-la. Por que não eu?

Imagino que tenha sido Kate quem teve a ideia. Assim como eu, ela sempre teve ideias brilhantes. Como eles devem ter gostado de escrever o roteiro e depois ensaiar suas performances. Como eles devem ter rido de mim o tempo todo, vendo-me fazer papel de bobo na ilha. Permitindo-me presumir que fui o autor desta peça – quando era apenas o seu público.

Como Lana pôde fazer isso comigo? Eu não entendia como ela podia ser tão cruel. Essa punição excedeu em muito o meu crime. Eu tive foi humilhado, aterrorizado, despojado de toda dignidade, de toda humanidade - reduzido a nada além de ranho e lágrimas: a uma criança choramingando na terra.

Tanta coisa para amizade. Tanto por amor.

Enquanto caminhava, sentia cada vez mais raiva. Eu senti como se estivesse de volta à escola. Intimidado. Abusado. Só que desta vez não havia esperança de fuga. Nenhuma felicidade futura com Lana pela frente. Fiquei preso aqui, por toda a eternidade.

Sem perceber, encontrei-me de volta à ruína. Eu estava no círculo de colunas quebradas.

A ruína era sinistra e desolada à luz do amanhecer. Junto com o amanhecer vieram as vespas.

As vespas estavam por toda parte, de repente, pululando no ar ao meu redor, como uma névoa negra. Vespas rastejando pelas colunas de mármore, rastejando pelo chão. Eles estavam rastejando sobre minha mão enquanto eu a enfiava no arbusto de alecrim. Vespas rastejaram sobre a arma quando eu a puxei.

Eu estava prestes a ir embora quando vi algo que me fez congelar.

Dizem que o vento te deixa louco. E deve ter sido isso que aconteceu comigo: devo ter ficado momentaneamente louco. Pois eu estava testemunhando algo que não poderia ser real.

Ali, na minha frente, rajadas de vento sopravam juntas de todas as direções – girando juntas, formando uma espiral gigante de vento.

Um redemoinho - girando e girando no ar.

Ao redor, o ar estava perfeitamente parado. Nenhum indício de brisa. Nem uma folha se movendo. Toda a violência e raiva do vendaval estavam concentradas aqui, nesta massa rodopiante.

Eu olhei para ele, pasmo. Pois eu entendi o que era isso.

Eu sabia, com absoluta certeza, que aquela era a própria Aura. Esta era a deusa, aterrorizante, vingativa e cheia de raiva. Ela era o vento.

E ela veio atrás de mim.

Assim que pensei isso, o vento soprou em minha direção. Entrou minha boca aberta, desceu pela minha garganta e encheu meu corpo. Isso me fez expandir, crescer e inchar. Meus pulmões quase explodiram com isso. Correu em minhas veias; girou em torno do meu coração.

O vento me consumiu; e eu me tornei isso.

Eu me tornei a fúria.

# 7

Lana entrou na cozinha. Ela foi seguida pelos outros. Mas ela mal registrou a presença deles.

Ela olhou pela janela para o céu claro.

Ela estava imersa em pensamentos, mas sem confusão ou angústia. Ela se sentia estranhamente calma, como se tivesse tido uma noite tranquila e tivesse acabado de acordar de um sono profundo. Ela se sentiu clara, de uma forma que não sentia há muito tempo.

Você pode supor que a mente dela estaria em mim, mas você estaria errado. Eu havia desaparecido quase inteiramente de seus pensamentos, como se nunca tivesse existido.

Com a minha partida, uma nova clareza apareceu. Tudo o que Lana tinha tanto medo – toda a solidão, perda, remorso – não significava nada para ela agora. Todas as relações humanas que ela considerava tão necessárias para a sua felicidade não significavam nada. Ela finalmente viu a verdade, que estava sozinha e sempre estivera.

Por que isso foi tão assustador? Ela não precisava de Kate, nem de Jason. Ela libertaria todos eles, todos eles. Ela libertaria seus reféns. Ela compraria para Agathi algumas terras na Grécia, uma casa e uma vida, em vez de exigir que ela se sacrificasse ao medo de Lana. Lana não tinha mais medo. Ela deixaria Leo viver sua própria vida, perseguir seus próprios sonhos. Quem era ela para segurá-lo, para se agarrar a ele?

E Jasão? Ela o jogaria na rua. Deixe-o ir para a cadeia, deixe-o ir para o inferno, ele não significava nada para ela agora.

Ela mal podia esperar para ir embora. Ela queria ficar o mais longe possível desta ilha. Ela nunca quis voltar. Ela também deixaria Londres. Ela sabia disso.

Mas ir para onde? Vagar pelo mundo sem rumo, perdido para sempre? Não. Ela não estava mais perdida. A neblina

se dissipou, a estrada foi revelada. A jornada pela frente estava clara.

Ela iria para casa.

*Lar.* Ao pensar nisso, ela sentiu um brilho caloroso em seu coração.

Ela voltaria para a Califórnia, de volta para Los Angeles. Todos esses anos ela esteve fugindo – fugindo de quem ela era, fugindo da única coisa que lhe dava sentido. Agora, finalmente, ela iria confrontar o seu destino, abraçá-lo. Ela voltaria para Hollywood, onde ela pertencia. E volte ao trabalho.

Lana se sentia tão poderosa agora, ressurgindo como uma fênix das cinzas. Forte e destemido. Sozinho, mas sem medo. Não havia nada a temer. Ela sentiu... o que... que sentimento era esse? Alegre? Sim, alegria. Ela se sentiu cheia de alegria.

Lana não me ouviu entrar na cozinha. Eu havia entrado em casa pela porta dos fundos. Caminhando silenciosamente pelo corredor, ouvi-os, na cozinha, parabenizando-se pelo sucesso da produção. Houve risadas e o som de rolhas de champanhe estourando.

Quando entrei, Agathi estava servindo champanhe em uma fileira de taças. Ela não me viu a princípio, mas depois notou algumas vespas no balcão. Ela olhou para cima.

Ela me viu parada perto da porta. Ela me lançou um olhar estranho. Devem ter sido as vespas em mim que a fizeram olhar para mim daquele jeito.

“Um táxi aquático estará aqui em vinte minutos”, disse Agathi. “Vá pegar suas coisas.”

Eu não respondi. Fiquei ali, olhando para Lana.

Lana estava afastada das outras, perto da janela, olhando para fora. Pensei em como ela estava linda, naquela luz da manhã. O sol lá fora fazia a janela brilhar atrás dela, criando um halo em volta de sua cabeça. Ela parecia um anjo.

“Lana?” Eu disse, em voz baixa.

Eu parecia calmo. Eu parecia calmo na superfície. Mas na cela trancada em minha mente, onde o mantive prisioneiro, pude ouvir o garoto se levantando como um golem, chorando, gritando — batendo na porta da cela com os punhos, uivando de raiva.

Mais uma vez, abusado; mais uma vez, humilhado. E pior, muito pior: todos os seus medos mais sombrios, todas as coisas terríveis que eu prometi a ele que não eram verdade, tinham acabado de ser confirmados; pela única pessoa que ele amou. Lana finalmente expôs o garoto pelo que ele era: indesejado, não amado, uma fraude. *Uma aberração.*

Eu podia ouvi-lo se libertando, saindo de sua cela – uivando como um demônio. Ele não parava de gritar – era um grito horrível, aterrorizante.

Eu queria que ele parasse de gritar.

E então percebi que não era o garoto que estava gritando.

Fui eu.

Lana se virou e ficou olhando para mim, alarmada. Seus olhos se arregalaram quando eu tirei a espingarda das costas.

Eu apontei para ela.

Antes que alguém pudesse me impedir, puxei o gatilho.

Atirei três vezes.

E isso, meu amigo, conclui a triste história de como matei Lana Farrar.

# Epílogo

Recebi uma visita outro dia.

Não recebo muitos visitantes, você sabe. Então foi bom ver um rosto familiar.

Era meu antigo terapeuta. Mariana.

Ela tinha vindo visitar um colega aqui - mas pensou em matar dois coelhos com uma cajadada só; e ela apareceu para me ver também. O que diminuiu um pouco o elogio - mas pronto. Hoje em dia, devo aceitar o que puder.

Mariana parecia bem, considerando. Seu marido morreu há alguns anos e ela ficou com o coração partido. Aparentemente, ela desmoronou completamente. Eu sei como é isso.

"Como vai você?" Eu disse.

"Estou bem." Mariana sorriu com cautela. “Sobrevivendo. E você? Como você está achando isso aqui?

Dei de ombros e respondi com as banalidades habituais sobre tirar o melhor proveito das coisas, que nada dura para sempre. “Muito tempo para pensar. Demais, talvez.

Mariana assentiu. “E como você está lidando com tudo isso?”

Eu sorri, mas não respondi. O que eu poderia dizer? Como eu poderia começar a contar a verdade a ela?

Como se lesse meus pensamentos, Mariana disse: “Você já pensou em anotar? Tudo o que aconteceu na ilha?

"Não. Eu não posso fazer isso.”

"Por que não? Isso pode ajudar. Para contar a história.”

"Vou pensar sobre isso."

“Você não parece muito entusiasmado.”

“Mariana” – sorri – “Sou uma escritora profissional, você sabe.”

"Significado?"

“Ou seja, eu só escrevo para um público. Caso contrário, não há sentido.”

Mariana parecia divertida. “Você realmente acredita nisso, Elliot? Não faz sentido sem audiência? Ela sorriu, quando algo lhe ocorreu. “Isso me lembra algo que Winnicott disse – sobre o 'verdadeiro eu'. Ele disse que só é acessado através *do jogo* .”

Não entendi o que Mariana quis dizer e fiquei com os ouvidos em pé.

"Um *jogo* ? Realmente?"

“Não é *uma* peça.” Mariana balançou a cabeça. " *Jogar* . O verbo."

“Ah, entendo”, eu disse, perdendo o interesse.

“Ele quis dizer que nosso verdadeiro eu só aparece quando não há ninguém para quem se apresentar – sem público, sem aplausos. Nenhuma expectativa a ser atendida. Brincar não tem nenhum propósito prático, suponho, e não requer recompensa. É a sua própria recompensa.”

"Eu vejo."

“Não escreva sua história para um público, Elliot. Escreva para você mesmo. Mariana me lançou um olhar encorajador. “Escreva para a criança.”

Eu sorri educadamente. "Vou pensar sobre isso."

Antes de partir, Mariana sugeriu que talvez eu achasse útil conversar com sua colega, a quem ela veio visitar. “Você deveria dizer olá para ele, pelo menos. Você vai gostar dele, tenho certeza. Ele é muito fácil de conversar. Pode ajudar.

“Talvez eu vá.” Eu sorri. “Eu certamente poderia usar alguém para conversar.”

"Bom." Ela parecia satisfeita. “O nome dele é Theo.”

“Téo. Ele é terapeuta aqui?

"Não." Mariana hesitou. Por uma fração de segundo, ela pareceu envergonhada. “Ele é um presidiário, como você.”

Como escritor, tenho habitualmente tendência a fugir da realidade. Para inventar coisas e contar histórias.

Mariana uma vez me perguntou sobre isso, numa sessão de terapia. Ela perguntou por que passei minha vida inventando coisas. Por que escrever? Por que ser criativo?

Fiquei surpreso por ela precisar perguntar. Para mim, a resposta era dolorosamente óbvia. Fui criativo porque, quando criança, estava insatisfeito com a realidade que era obrigado a suportar. Então, na minha imaginação, criei um novo.

Acredito que é aí que nasce toda a criatividade – no desejo de escapar.

Pensando nisso, segui o conselho da Mariana. Se eu escrevesse minha história, isso poderia me libertar. Como ela aconselhou, não escrevi para publicação – ou performance. Eu escrevi para mim mesmo.

Bem, talvez isso não seja bem verdade.

Veja, quando me sentei pela primeira vez na mesa estreita da minha cela para escrever, senti uma ansiedade estranha e dissociada. Antigamente, eu teria ignorado – acendido um cigarro ou tomado outro café ou uma bebida para me distrair.

Mas agora eu sabia que era o garoto que estava ansioso, não eu. Sua mente estava acelerada; ele estava com medo deste documento. Quem poderia lê-lo e descobrir a verdade sobre ele, e quais seriam as consequências? Eu disse a ele para não se preocupar – eu não o abandonaria. Estávamos nisso juntos, ele e eu, até o amargo fim.

Peguei o garoto e coloquei-o delicadamente na cama de solteiro ao meu lado. Eu disse a ele para se acalmar - e contei-lhe uma história para dormir.

*Esta é uma história para quem já amou* , eu disse.

Talvez fosse uma história bastante incomum para dormir, mas cheia de incidentes e aventuras, com bonzinhos e vilões, heroínas e bruxas malvadas.

Devo dizer que estou bastante orgulhoso disso. É uma das melhores coisas que escrevi. É certamente o mais honesto.

E no espírito dessa honestidade, permita-me, antes de nos separarmos, contar-lhe uma última história. Sobre mim, e Barbara West, e a noite em que ela morreu.

Acho que você achará isso esclarecedor.

Depois que Bárbara caiu da escada, desci correndo atrás dela.

Examinei o corpo no chão, ao pé da escada. Depois de ter certeza de que ela estava morta, entrei em seu escritório. Antes de chamar a ambulância, queria ter certeza de que ela não havia deixado nada incriminatório para trás. Talvez ela tivesse provas escritas ou fotográficas de todas as coisas de que me acusou? Eu não duvidaria que Barbara mantivesse um diário secreto, detalhando meus delitos.

Examinei metodicamente as gavetas da escrivaninha – até que finalmente, no fundo da gaveta de baixo, encontrei algo inesperado. Sete cadernos finos, amarrados com elástico.

Um diário, pensei, enquanto os abria. Mas rapidamente percebi que o que tinha nas mãos não era um diário.

Era uma peça escrita à mão — por Barbara West.

Era sobre mim e ela, e nossa vida juntos. Foi a coisa mais cruel, mais devastadora e mais brilhante que já li na minha vida.

Então o que eu fiz?

Rasguei a página de título e fiz a minha.

Eu não sou realmente um escritor, você vê. Não tenho talento real para nada; exceto mentir. Certamente não sou bom em escrever histórias.

Vamos ser sinceros: eu não conseguiria nem planejar um assassinato.

Eu só tive uma história para contar. E agora que contei, não consigo destruí-lo. Em vez disso, vou trancá-lo até que eu estou morto. Depois, se tudo correr conforme o planejado, isso poderá ser publicado postumamente. A intriga que o rodeia deverá torná-lo um best-seller – o que me dará muita satisfação; mesmo do além-túmulo.

Brincadeiras à parte – se você está lendo isso, então estas são as palavras de um homem morto. Essa é a reviravolta final. Eu também não saí vivo. Ninguém faz isso, afinal.

Mas não vamos insistir nisso.

Em vez disso, terminemos como começamos: com Lana.

Ela ainda está aqui, você sabe. Eu não a perdi totalmente. Ela vive em minha mente.

Quando estou sozinho, ou com medo, ou sinto falta dela - o que acontece o tempo todo - tudo que preciso fazer é

fechar os olhos.

Então, estou ali atrás — um garotinho no cinema, na décima quinta fila.

E eu olho para ela, sorrindo, no escuro.

# Agradecimentos

É impossível para alguém escrever um livro como este sem se apoiar nos ombros de gigantes que o fizeram primeiro e muito melhor, por isso sinto que devo começar por reconhecer a dívida de gratidão que tenho com escritores como Agatha Christie, Anthony Shaffer, Patricia Highsmith e Ford Madox Ford, por inspirarem a mim e *ao The Fury* . Dizem que é preciso uma aldeia – o que nunca foi mais verdadeiro do que neste livro. Tantas pessoas me ajudaram ao longo do caminho. Eu me diverti muito escrevendo essa história e explorando esse mundo, mas algumas vezes me perdi seriamente na floresta. Meus brilhantes editores, Ryan Doherty da Celadon e Joel Richardson da Michael Joseph, e o extraordinário agente Sam Copeland sempre me ajudaram a encontrar o caminho novamente. Obrigado, meus amigos - vocês foram além do dever.

Gostaria de agradecer aos meus editores dos EUA e do Reino Unido por fazerem um trabalho tão incrível. Sua dedicação incansável e seu talento me surpreendem. Na Celadon, devo um enorme agradecimento a Deb Futter, Jamie Raab, Rachel Chou, Christine Mykityshyn e Anne Twomey. Também gostaria de agradecer a Jennifer Jackson, Jaime Noven, Sandra Moore, Rebecca Ritchey, Cecily van Buren-Freedman, Liza Buell, Randi Kramer e Julia Sikora. Obrigado, Will Staehle e Erin Cahill, para a capa fabulosa. E na produção, obrigado, Jeremy Pink, Vincent Stanley, Emily Walters e Steve Boldt. E um grande obrigado à equipe de vendas da Macmillan.

Na Michael Joseph, gostaria de agradecer imensamente a Louise Moore, Maxine Hitchcock, Grace Long e Sarah Bance. Além disso, Ellie Hughes, Sriya Varadharajan, Vicky Photiou, Hattie Evans e Lee Motley.

Na Rogers, Coleridge & White, devo um grande agradecimento a Peter Straus, Honor Spreckley, David Dunn, Nelka Bell e Chris Bentley-Smith. E agradecimentos

ainda mais especiais aos agentes de direitos humanos estrangeiros, que são simplesmente os melhores no ramo – Tristan Kendrick, Katharina Volckmer, Stephen Edwards e Sam Coates.

Gostaria também de agradecer a Nedie Antoniades, por contar comigo a história em sua forma embrionária e por sugerir o personagem Nikos. E pelas suas notas incrivelmente úteis, que elevaram consideravelmente os rascunhos finais, obrigado a Sophie Hannah, Hannah Beckerman, Hal Jensen, David Fraser, Emily Holt e Uma Thurman.

Obrigado, Ivan Fernandez Soto, pela sua ajuda e bons conselhos. Obrigada, Katie Haines, por ser uma estrela e sempre tornar tudo tão divertido. Obrigado, Olga Mavropoulou, por me emprestar seu maravilhoso nome.

E, finalmente, obrigado aos meus pais, George e Christine Michaelides, e às minhas irmãs, Emily Holt e Vicky Holt, por todo o seu apoio.



CELADON
BOOKS

Fundada em 2017, a Celadon Books, uma divisão da Macmillan Publishers, publica uma lista altamente selecionada
de vinte a vinte e cinco novos títulos por ano. A lista de
tanto a ficção quanto a não-ficção são ecléticas e focam
na publicação de livros comerciais e literários e descobrir e cultivar talentos.

**TAMBEM POR ALEX MICHAELIDES**

*As donzelas*

*O paciente silencioso*

# Sobre o autor



© Wolf Marloh

**Alex Michaelides** nasceu e cresceu em Chipre. Ele tem mestrado em literatura inglesa pelo Trinity College, Universidade de Cambridge, e mestrado em roteiro pelo American Film Institute em Los Angeles. Seu primeiro romance, *O Paciente Silencioso,* estreou em #1 no *New York Times* lista dos mais vendidos e vendeu mais de 6,5 milhões de cópias em todo o mundo. Os direitos foram vendidos em um número recorde de cinquenta e dois países, e o livro foi escolhido para filme pela Plan B. Seu segundo romance, *The Maidens* , foi um best-seller instantâneo do *New York Times* e foi escolhido para televisão pela Miramax Television. e Vila de Pedra. Você pode se inscrever para atualizações de e-books aqui .


CELADON
BOOKS
CELADON BOOKS
Subscribe to receive a monthly newsletter that includes book sweepstakes, recommended reading lists, cover reveals, and other exclusives.
CLICK TO SIGN UP
Learn more
www.celadonbooks.com

# Conteúdo


Folha de rosto
Aviso de direitos autorais
Dedicação
Epígrafe

Prólogo

**Ato I**
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21

**Ato II**
Capítulo 1
Capítulo 2

Capítulo 3
Capítulo 4
capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22

**Ato III**
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15

**Ato IV**
Capítulo 1
Capítulo 2

Capítulo 3
Capítulo 4
capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10

**Ato V**
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7

Epílogo

Agradecimentos
Também por Alex Michaelides
Sobre o autor
direito autoral

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e eventos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia.

A FÚRIA. Copyright © 2023 da Astramare Limited . Todos os direitos reservados.
Para obter informações, dirija-se à Celadon Books, uma divisão da Macmillan Publishers, 120 Broadway, New York, NY 10271.

www.celadonbooks.com

Design da capa por Will Staehle
Fotografias da capa: ondas © damerau/Shutterstock; praia da ilha © Aygul Sarvarova / Shutterstock; mulher © Volodymyr TVERDOKHLIB / Shutterstock

A Biblioteca do Congresso catalogou a edição impressa da seguinte forma:

Nomes: Michaelides, Alex, 1977– autor.
Título: A fúria / Alex Michaelides.
Descrição: Primeira edição. | Nova York: Celadon Books, 2024.
Identificadores: LCCN 2023024107 | ISBN 9781250758989 (capa dura) | ISBN 9781250345585 (assinado) | ISBN 9781250342768 (internacional, vendido fora dos EUA, sujeito à disponibilidade de direitos) | ISBN 9781250759009 (e-book)
Assuntos: LCGFT: Thrillers (Ficção) | Romances.
Classificação: LCC PR6113.I2645 F87 2024 | DDC 823/.92—dc23/eng/20230605
Registro LC disponível em https://lccn.loc.gov/2023024107

eISBN 9781250759009

Nossos e-books podem ser adquiridos em grandes quantidades para uso promocional, educacional ou comercial. Entre em contato com o Departamento de Vendas Corporativas e Premium da Macmillan pelo telefone 1-800-221-7945, ramal 5442, ou por e-mail para MacmillanSpecialMarkets@macmillan.com .

Primeira edição nos EUA: 2024

Primeira Edição Internacional: 2024